Os Conquistadores do Mundo

CONTEÚDO

OS CONQUISTADORES DO MUNDO

LOUIS MARSCHALKO

LOUIS MARSCHALKO

OS CONQUISTADORES DO MUNDO

4.ª edição

Os Verdadeiros Criminosos de Guerra

LEIA!

BRASIL: COLÔNIA DE BANQUEIROS

de Gustavo Barroso

Livro nº 1 da Coleção Comemorativa do Centenário de Gustavo Barroso

OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO

Atualizados e Comentados por
Gustavo Barroso
com observações finais de
S. E. CASTAN

Livro nº 2 da Coleção Comemorativa do Centenário de Gustavo Barroso

●

Após a leitura dos livros da **Revisão - Editora Ltda.**, você não será mais a mesma pessoa: terá crescido e se tornará mais Adulto ao que se passou e passa no mundo.

LEIA!

HOLOCAUSTO: Judeu ou Alemão?

Nos Bastidores da Mentira do Século

De S. E. Castan
em 27ª edição

Considerado o mais completo livro revisionista existente no mundo!

ACABOU O GÁS!... O fim de um mito

em 2ª edição ampliada

Onde S. E. Castan apresenta o 1º exame técnico feito nas alegadas Câmaras de Gás de Auschwitz, Birkenau e Majdanek. O exame foi efetuado pelo fabricante das câmaras de gás nos E.U.A., Engº Fred A. Leuchter Jr.

O MASSACRE DE KATYN

do pesquisador gaúcho
Sérgio Oliveira

restituindo a verdade sobre o assassinato de milhares de militares de poloneses pela URSS, crime que havia sido atribuído aos alemães no "Tribunal" de Nuremberg.

OS CONQUISTADORES DO MUNDO

PELO MESMO AUTOR

O Caso de Tiszaeszlár
Tempestade Vermelha
O Trabalho de Gyula Gombos
além de várias Peças Teatrais e Poemas.

Direitos adquiridos por:
REVISÃO EDITORA LTDA.
Cx. Postal, 10.466
Porto Alegre - RS
CEP 90001

Capa: S. Miguel

LOUIS MARSCHALKO

OS CONQUISTADORES DO MUNDO

4ª edição

Os Verdadeiros Criminosos de Guerra

CONTEÚDO

DEDICATÓRIA

À memória dos Mártires
Nacionalistas e às vítimas
do Bolchevismo

NOTA DOS EDITORES

Em inúmeros casos, o Tradutor pôde conferir as citações de livros e jornais com os originais. Onde isso não foi possível, os Editores pedem a indulgência do leitor por eventuais diferenças decorrentes da tradução.

Prefácio

Durante mais de um século, sob vários pretextos, tem sido travada uma batalha pelo poder sobre as nações. O exercício do poder tornou-se o objetivo supremo de muita gente. Banqueiros, políticos, clérigos, líderes sindicais e secretários do Partido Comunista estão todos empenhados na caçada ao poder. As tropas de assalto das ditaduras já não estão vociferando os velhos lemas socialistas. Eles declaram abertamente e trombeteiam brutalmente: "O que nós queremos é poder". E os pseudos partidos democráticos, embora tentando manter isso em segredo, adotaram também, no fundo dos seus corações, o grito de guerra ditatorial: "O que nós queremos é poder". O poder, como a posse da varinha mágica, tornou-se uma obsessão para eles na vida, e eles o querem, seja lá como for, pelos partidos Conservadores, Liberais, ou por meio de Igrejas cristãs.

A estrutura da sociedade moderna, com a sua superpopulação, desenvolveu, como conseqüência, a idolatria do poder. O bezerro de ouro foi tirado do seu pedestal, e nesta altura tornou-se apenas um símbolo secundário. O ouro, a riqueza e todas as partes do animal simbólico sagrado do Capitalismo podem ser rateados, distribuidos ou vendidos por qualquer um que tenha o poder para fazê-lo, como se fossem carne num açougue. A Igreja visa alcançar o poder pelo controle da alma humana, o marxista através da autocracia e da onipotência dos meios materiais, o banqueiro por meio do seu ouro ou pelo controle da Imprensa, os bolchevistas pela pura e simples brutalidade da metralhadora. Mas todos os partidos, grupos,seitas, democracias, ditaduras e Igrejas têm uma coisa em comum: todos eles querem o poder. E isso é perfeitamente compreensível, já que muitas vezes o poder parece ser absoluto, até mesmo mais do que todo o ouro armazenado no Forte Knox. Pois se aquele ouro fosse distribuído em partes iguais entre os povos da Terra, a quota de cada pessoa seria tão pequena, que dificilmente valeria alguma coisa.

Mas o poder sobre impérios, Estados, sociedades e continentes é infinito. Pode ser distribuído como os cinco pães e os dois peixes distribuídos por Cristo. Ele proporciona cargos ministeriais, posições e benefícios episcopais, altos postos na força policial, secretariados de partidos e também cargos mais importantes ou menos im-

portantes. Mas somente para aqueles que são secretários do poder ou que pertençam à organização dos chefões que detêm o poder. Acham-se incluídos aqueles que pertencem ao rebanho que segue o líder do partido, dos sindicatos, o chefão , o ditador ou os banqueiros; aqueles que são membros de alguma associação democrática. Ou os de sociedades religiosas, ou, naturalmente, os que pertencem a quaisquer lojas maçônicas.

Portanto, é perfeitamente compreensível que nos tempos atuais praticamente todo lema e toda escola de pensamento sejam dirigidos para um único objetivo: alcançar o poder. "Vamos orar" — dizem as igrejas; mas, por trás de suas palavras, o que se visa nem sempre é erigir o reino de Cristo, mas sim alcançar o poder temporal de alguns clérigos de cúpula empenhados numa contabilidade que serve a dois senhores. "Liberdade" — gritam os comunistas aos mistificados membros e adeptos do seu partido, mas como pano de fundo para esse lema vazio podemos ver a câmara de tortura, as masmorras, os campos de concentração e os lúgubres casebres dos trabalhadores escravos da Sibéria. Aqui deparamos, lado a lado, com a miséria e a exploração de seres humanos e com o poder e a riqueza das priveligiadas classes governantes comunistas. "Democracia" é o slogan proclamado por todo o Mundo Ocidental; no entanto, é bem sabido que o sistema de votação aqui não representa o poder do povo, mas apenas assinala a influência misteriosa e o controle que as "panelinhas" secretas exercem por debaixo do pano.

Por detrás dessas fachadas falsas oculta-se a essência do sonho mais satânico dos conquistadores do mundo: eles querem tornar-se senhores do mundo inteiro! Mas como pode ser alcançado esse objetivo difícil de ser atingido, que tem sido o sonho e o alvo de Césares, de ditadores, de banqueiros e de líderes sindicais dos mais poderosos, desde os tempos de Esdras e de Moisés, passando por Alexandre, o Grande, e por Stálin? Os exércitos convencionais tornaram-se obsoletos para alcançar esse objetivo. A bomba de hidrogênio oferecia o risco de aniquilar as duas partes. Ambos os lados podem ser atacados por foguetes. E como hoje em dia a conquista pela violência é impraticável, então o plano é conquistar o mundo por meios "pacíficos", tais como o talão de cheques, a Unesco, pela reeducação, por um novo código moral e pela propaganda da paz. Foi a partir dessa idéia que Lenin engendrou e ampliou o seu diabólico sistema estratégico para ocupar e ampliar o poder; e esse sistema sob nome de bolchevismo, tem provado, até agora, que é irresistível, por toda parte onde as pessoas não conheciam as minúcias dessa técnica de tomada de exploração do poder.

Entretanto, o mundo supostamente culto não compreendeu que o bolchevismo de Lenin era apenas um componente, tais como o eram, também, o marxismo, a maçonaria e o próprio capitalismo. E isto, porque existia uma trama mais completa, universal, gigantesca, que estivera sendo desenvolvida durante mais de um século e meio, e que nesta altura está quase acabando de alcançar o seu objetivo. Com base em velhas doutrinas, esse plano não visava conquistar o poder global apenas para um dos "ismos", nem para partidos, nem para seitas, igrejas, organizações profissionais ou classes sociais, mas exclusivamente para uma única nação.

Até certo ponto, os planos do sistema de Lenin eram rudimentares e superficiais. O ponto mais fraco deles era parecido com um general que deixa o inimigo saber, com antecedência, o ponto onde ele vai atacar, a força das suas tropas e a tática que ele pretende usar. Ao passo que o outro, o grande plano fundamental, provou ser muito mais efetivo, porque, a exemplo das operações militares historicamente bem-

sucedidas, ele tem guardado muito cuidadosamente os seus segredos, tanto de pessoas de fora como até, realmente, dos próprios iniciados. A sua maior qualidade positiva estava em que ele parecia muito mais geral do que, por exemplo, os planos dos líderes sindicais, limitados à luta de classe, ou as táticas dos líderes eclesiásticos, restritas apenas ao plano espiritual.

Era o Totalitarismo perfeito e absoluto.

Esse plano, ainda hoje, não tenta apossar-se do poder global por meio de nenhum movimento particular ou sistema político, mas sim através da utilização simultânea de todos os credos, igrejas, materialismo, doutrinas e formas de poder. Ele deseja ser estabelecido em todos os cargos, movimentos, igrejas, lojas maçônicas e sindicatos. Ele quer ter nas mãos tanto o bolchevismo como o capitalismo, o materialismo e o idealismo, dominar ou assalariar espiritualmente todos os escritores, artistas, políticos e a turba. Seu objetivo é não ser visto em nenhum lugar, mas estar presente em toda parte, e dirigir e controlar tudo. Dividir para governar! Marchar separados, mas em dado momento, atacar unidos.

Qualquer pessoa que esteja de olho no mundo e nos negócios deste, poderá compreender perfeitamente esse plano, que já tomou forma. A divisão atômica da sociedade humana já alcançou sucesso total. A humanidade está dividida não apenas pelas raças naturais, criadas por Deus, e pelas nações. Hoje em dia, até as nações estão divididas. A Alemanha está dividida em Oriental e Ocidental, o mesmo acontecendo com a Coréia: do Sul e do Norte. A China e a Indochina estão divididas ou separadas, enquanto que a Europa está dividida pela Cortina de Ferro. As populações são separadas e divididas em pessoas brancas e de cor, capitalistas e bolchevistas, empregadores e empregados, gente rica e classes operárias, católicos e protestantes, supressores e suprimidos, vencedores e vencidos. Mas, como veremos mais adiante, toda essa divisão, toda essa desordem, todo esse caos, é dirigida pela mesma vontade férrea, pela mesma força secreta que age segundo o interesse dos líderes de uma única raça de 15 milhões de pessoas. Elas podem ser encontradas tanto por trás das portas bem estofadas e luxuosas do mundo capitalista como também atrás das espessas paredes do Kremlin. São elas que instigam multidões furiosas a fazerem greves e passeatas, enquanto ao mesmo tempo elas dão aumento de salários e promovem a inflação. Essas pessoas atacam a Cristandade, enquanto atuam, simultaneamente, como fiduciárias do ouro e de outros valores que representam o poder temporal das igrejas, "cujo reino não é deste mundo". Eles são os cientistas atômicos e os humanistas "verdes"; eles são, a um tempo, os senhores e os assassinos da polícia secreta comunista, enquanto que, ao mesmo tempo, elas condenam os homicídios das nações, na ONU. Elas são as arqui-inimigas dos ideais patrióticos; pregam contra a soberania dos Estados e contra a discriminação racial, enquanto que durante todo esse tempo elas representam um nacionalismo racial de uma veemência até hoje sem paralelo na história de todos os países do globo terrestre.

Nosso mundo, com todos os seus Continentes — quer abertamente, quer secretamente — já é dominado pelo nacionalismo judeu. Se usarmos certos métodos, esse fato pode ser provado como a presença da radiação atômica pode ser demonstrada com a ajuda de um contador Geiger. Por exemplo, se algum país, Estado, imprensa ou político, parlamento ou qualquer outra pessoa, praticar algum ato não proibido por lei ou pelo código moral contra outro Estado, classe ou pessoa, então nesta sublime era da democracia tudo é livre e permitido, sem nenhum risco. Mas se alguém praticasse o mesmo ato contra o judaísmo ou mesmo contra um único judeu, os judeus varre-

riam a parte ofensora da face da Terra, quer aquela seja um indivíduo ou uma grande nação. Isso seria feito, se necessário, pelo vitorioso Exército Vermelho ou com a ajuda de qualquer das constituições "democráticas", talvez pelo uso de prisões de terror, do talão de cheques ou da metralhadora.

Entre muitas outras coisas, essa invisível tomada de poder deveu o seu sucesso a mal-entendidos e a omissões por parte dos anti-semitas durante o século passado. Eles consideravam o judeu como um internacionalista, o que não é o motivo real para se opor a ele. Por outro lado, não se poderia justificar que um povo destrua o seu semelhante por motivos de raça, credo, ou nascimento, pois ao que parece só os conquistadores do mundo detém e proclamam esses motivos. Portanto, estamos convencidos de que é um direito que nos foi dado por Deus, e um dever humano, lutar contra o reinado do terror exercido a nível super-nacional por uma pequena minoria fanática que subjugou o mundo e que empurrou a humanidade mais para diante, na estrada rumo à extinção total.

Pelo clarão da bomba atômica nós deveríamos ver, finalmente, que estamos vivendo numa ordem mundial falsa, desonesta, enganosa, numa sociedade desorganizada que está às vésperas de uma catástrofe universal. Esse diabólico nacionalismo tribal tem o poder mundial na mão. Ele tem a bomba de hidrogênio, e na sua cegueira louca poderia destruir o globo terrestre inteiro, e com ele, a humanidade. Mas não será tudo isso apenas um pesadelo? Para responder a essa pergunta, precisamos conhecer mais a respeito desse nacionalismo tribal e das suas táticas. E então, verificaremos que esse pesadelo se transformará em fatos e na realidade.

Capítulo I

O "Nazismo" mais antigo do mundo

"... e vós as possuireis, sendo que elas são maiores e mais poderosas do que vós."
– Deut., XI, 23.

Sem um minucioso estudo do Velho Testamento, isto é, do Torah, jamais poderemos encontrar a solução para aquelas aspirações judaicas que visam assenhorear-se do poder mundial, nem tampouco compreender os acontecimentos dos tempos atuais. Aqueles que não estão familiarizados com os cinco primeiros livros do Velho Testamento, isto é, o Pentateuco, poderiam prontamente conceber dúvidas de que tais intenções judaicas realmente existam, e geralmente se inclinarão a rejeitar quaisquer referências a esse respeito como farsas anti-semíticas. Tais pessoas são incapazes de conscientizar-se de que o povo judeu está prestes a transpor o limiar do domínio mundial total.

Desde o término da Segunda Guerra Mundial e a derrota do Socialismo Nacional Alemão, eles rotulam de nazista todo aquele que se referir a esses fatos espantosos; ele será acusado de estar preparando uma nova ditadura e, talvez, de planejar outro massacre. Transformando a palavra "judeu" num tabu, eles estão suprimindo a liberdade de expressar opiniões e pensamentos, e ao mesmo tempo certificando-se de que as pessoas em todo o mundo não sejam capazes de ver claramente no momento do perigo. A acusação de nazismo é cômoda, barata e popular! O assim chamado homem da rua sabe tanto sobre Socialismo Nacional quanto os poderosos órgãos judaicos de imprensa acham que ele deve saber; e, portanto, na sua ignorância, ele considera o povo judeu uma "raça perseguida", e para ele o simples ato de pronunciar a palavra "judeu" já representa um "anti-semitismo".

Portanto, estando com a mente envenenada pela propaganda, o homem comum sente-se avesso a compreender que tudo que ele agora amaldiçoa e condena no Socialismo Nacional Alemão, os princípios pelos quais os líderes desse partido foram enforcados em Nuremberg em nome da "consciência mundial", já vêm existindo nos últimos três ou quatro mil anos. Durante a ditadura do "Führer" Moisés tudo era

exatamente igual ao regime totalitário de Jeová. As leis judaicas de proteção racial daqueles tempos e o nacionalismo judaico têm sobrevivido ao próprio líder do Socialismo Nacional Alemão. Pois a concepção da superioridade racial, juntamente com os seus cultos religiosos e políticos, não foram invenções de Hitler.

Quando Hitler, Goebbels e Rosenberg fizeram uso do conceito racial, eles não estavam fazendo nada mais do que usar as armas do povo judeu contra os próprios judeus. Tudo aquilo que o judaísmo mundial condenou, sob o disfarce da bandeira das Potências Aliadas, foi na verdade engendrado e maquinado por ele próprio. Na realidade, o povo judeu enforcou a si mesmo em Nuremberg. E isto porque as leis referentes à segregação racial e estabelecendo a mesma, foram publicadas pela primeira vez nos livros dos profetas Esdras e Neemias, e não no Rassenschutz-Gesetz (Lei de Proteção Racial) de Nuremberg. Os primeiros campos de concentração foram inventados não por Heinrich Himmler, mas sim pelo rei Salomão. O lema do "extermínio" total e da "aniquilação" total do inimigo derrotado apareceu pela primeira vez nas ordens de Moisés, o ditador judeu.

Hitler apenas proclamou que os alemães são uma raça superior aos judeus. Neste particular, Moisés foi a extremos muito maiores, ao anunciar que o povo judeu é de origem divina e que é o povo escolhido por Deus e, portanto, sagrado. Cada judeu, de per si é pessoalmente sagrado, e aquele que ofende um judeu, ofende o próprio Deus! Ainda nos tempos atuais, isto continua sendo tacitamente mantido no seio do povo judeu.

E o que é isto, senão a forma chauvinista mais exagerada de totalitarismo racial? Está bem claro que essa antiga e altiva consciência de excelência e de santidade racial continua muito viva mesmo nos tempos de hoje, quando nós vemos o povo judeu protestando contra o julgamento de um judeu acusado diante de qualquer corte cristã, pois quando eles consideram e tratam uma afronta contra um judeu ela é tratada como uma afronta contra todo o povo judeu. Segundo as normas dos velhos padrões do nacionalismo judaico, qualquer insulto contra um judeu é um insulto direto contra Deus e um crime contra a semente sagrada de Abraão.

O primeiro e mais importante mandamento de Moisés, o grande administrador de Estado, é destinado a salvaguardar a pureza racial. O motivo sempre repetido do Velho Testamento é esta ordem de Moisés, que, antes de conquistar a terra prometida, aponta para os povos vizinhos e depois diz aos filhos de Israel:

"Não celebrarás concerto algum com elas, nem as tratarás com compaixão, nem contrairás com elas matrimônios; não darás tua filha a seu filho, nem tomarás sua filha para teu filho." (Deut., VII, 2-3).

Quatro mil anos mais tarde, o Socialismo Nacional Alemão teve o mesmo objetivo em vista quando o casamento, a amizade e as atividades comerciais com os judeus foram proibidos pelas leis de Nuremberg.

Os juízes apresentados pelos judeus nos espalhafatosos julgamentos de Nuremberg tudo fizeram para enfatizar ao máximo, em nome da "consciência mundial", que as leis raciais alemãs eram bárbaras. Mas, ao mesmo tempo, esses juízes não percebiam que pela sua sentença eram os próprios judeus que eles estavam condenando. Pois quando os judeus voltaram do cativeiro em Babilônia

"... eles separaram de Israel todos os estrangeiros" (Neemias, XIII, 3).

E o diário do profeta "nazista" continua:

"E naquele mesmo tempo vi eu judeus que se casavam com mulheres de Azot,

de Amon e de Moab. E seus filhos falavam meia língua azótica e não sabiam falar judio, e falavam conforme a linguagem destes dois povos. E eu os repreendi e amaldiçoei. E castiguei alguns deles, e lhes fiz rapar os cabelos, e os fiz jurar por Deus que não dariam suas filhas aos filhos dos estrangeiros, e não tomariam filhas estrangeiras para seus filhos, nem para si mesmos..." (Neemias, XIII, 23-25).

No entanto, Neemias, o profeta das leis de proteção racial daqueles tempos antigos, somente amaldiçoa e espanca aqueles que corrompem a pureza racial, ao passo que Esdras age com muito mais vigor e energia. Ele nos conta, no seu livro, que os judeus tomaram esposas entre as filhas dos caananitas, hititas, jebusitas, amonitas, moabitas, egípcios e amoritas, um ato considerado abominável, e que, portanto, a semente sagrada estava misturada com os povos daquelas terras. (Esdras, IX, 12). Esdras ordena aos degradadores da pureza racial judaica que venham a Jerusalém e os desmascara e os denuncia no seu livro, e citando a lei divina, exige que eles mandem embora as suas esposas não judias, embora houvesse entre elas algumas esposas que já tinham tido filhos, segundo narra o Velho Testamento. Mas isso não importa! É preciso que morram todos os que profanaram a semente sagrada, tanto as mães como os filhos de meia casta. No Estado teocrático, a divina ditadura racial não tolerará mães de origem estrangeira nem filhos mestiços. Os profetas não podiam prever que dois mil anos mais tarde, no New York Times do Senhor Sulzberger, essa mesma "falta de tolerância" seria espezinhada e condenada como um pecado mortal contra Deus, quando as leis de Esdras e de Neemias são aplicadas contra os próprios judeus. As igrejas "cristãs" que ensinam e pregam o Velho Testamento qualificam as leis hitlerianas de Nuremberg como "pavorosas", e no entanto demonstram uma total e piedosa compreensão para com o que foi disposto pelo novo parlamento de Israel, quando, em 1953, ele proibiu o casamento entre judeus e não judeus.

Talvez tal discriminação racial possa parecer uma simples superstição sombria, uma heresia. Contudo, as leis judaicas consideram a pureza racial como mandamento da máxima importância.

"O amonita ou a moabita não entrarão jamais na congregação do Senhor, ainda depois da décima geração." (Deut. XXIII, 3).

Descendentes mais recentes dos judeus levaram esse mandamento de Moisés tão à sério, que, segundo Houston Stewart Chamberlain, moças judias que evidentemente tinham engravidado em contato com gentios, foram mandadas embora para outras comunidades, onde as mães aflitas foram mortas, juntamente com as crianças que iam nascer. Ainda recentemente, em 1949, rabinos judeus americanos emitiram decretos proibindo o casamento de judeus com gentios.

A magia da santidade da "semente sagrada" e a consciência de que eles são uma raça superior arde no Velho Testamento com o brilho feroz do nacionalismo mais fanático de todos os tempos. Os judeus mataram e aniquilaram povos não judeus da antigüidade em obediência as leis religiosas e nacionais da ditadura divina. E quando nós pensamos nos julgamentos de Nuremberg dos modernos "criminosos de guerra", isso nos faz compreender que os reis e profetas judeus dos velhos tempos mereciam muito mais a condenação pelos mesmos crimes. Mas as assim chamadas igrejas cristãs não condenam nada, e no entanto continuam a ensinar às crianças não judias aquele livro altamente pornográfico e sanguissedento que se chama Velho Testamento. Por outro lado, os livros santos judeus se gabam claramente da vingança, fazendo os relatos mais macabros da matança e do extermínio de países inteiros. Eles proclamam o massacre de inocentes, inclusive até de bebês de colo, se eles não são judeus,

como o cumprimento do mais elevado dever patriótico e como uma façanha muito agradável aos olhos de Deus.

"... tu as passarás a cutelo, sem que fique uma só. Não celebrarás concerto algum com elas, nem as tratarás com compaixão." (Deut. VII, 2).

A raça judaica "superior" tem toda liberdade para cometer crimes. Segundo o Velho Testamento e os profetas, a matança e a destruição de outras raças e de outros povos é não apenas um dever religioso, mas sim um direito absoluto da nação judaica, e esse direito inclui a prerrogativa de governar os outros povos.

O profeta Isaías já pinta esse futuro poder mundial em cores resplendentes e brilhantes, como segue;

"Isto diz o Senhor Deus: Eis aqui estou eu que levantarei para as gentes a minha mão, e arvorarei para os povos o meu estandarte. E trarão a teus filhos nos braços e as tuas filhas levarão sobre os ombros. E serão os reis que te alimentem, e as rainhas as tuas amas: com o rosto inclinado até a terra te adorarão, e com a boca tocarão no pó dos teus pés..." (Isaías, XLIX, 22-23).

"E os filhos dos estrangeiros edificarão os teus muros, e os seus reis te servirão... E abrir-se-ão de contínuo as tuas portas: elas se não fecharão nem de dia nem de noite, a fim de que te seja trazida a fortaleza das nações, e te sejam conduzidos os seus reis. Porque a gente e o reino que te não servir, perecerá; na verdade, aquelas nações serão totalmente devastadas... e sugarás o leite das gentes, e serás criada ao peito de reis..." (Isaías, LX, 10-12, 16).

Não apenas na base do preconceito racial, mas também na da alegação do mandamento divino direto, os judeus sentem-se com o direito de subjugar estrangeiros e de tratar como escravos todos aqueles que caírem em seu poder.

"Fez Salomão pois tomar a rol todos o homens prosélitos, que havia na terra de Israel... e destes escolheu setenta mil, que levassem as cargas às costas, e oitenta mil que cortassem pedra nos montes..." (II, Crônicas II, 17-18).

Depois das "Leis de Nuremberg" de proteção racial de Moisés, depois da segregação racial e da mania de poderio mundial de Esdras e de Neemias, vemos agora o primeiro campo de concentração e um lugar onde imperava o trabalho escravo e onde os estrangeiros trabalhavam para a raça superior. Eles são relatados como fato consumado, sem ao menos serem condenados por um tribunal humanitário. As maquinações das câmaras de terror soviéticas e dos campos de trabalho forçado do Império Kaganovich foram concebidas na terra de Israel.

É o Velho Testamento e não o livro Mein Kampf que tem de ser estudado, a fim de ver que a câmara de gás, que a imprensa de Sulzberger celebrizou, foi realmente invenção do povo eleito. O profeta Samuel nos conta como essa raça "humanitária", na euforia e no êxtase da vitória, trata os inimigos derrotados:

"E trazendo os seus moradores os mandou serrar, e que passassem por cima deles carroças ferradas; e que os fizessem em pedaços com cutelos, e os botassem em fornos de cozer tijolo. E assim fez ele em todas as cidades dos amonitas. E voltou Davi e todo o exército para Jerusalém. (II, Samuel XII, 31).

O primeiro campo de concentração e também a primeira câmara de gás (um forno de cozer tijolos) estavam na terra de Israel. E o primeiro bairro judeu foi estabelecido em Jerusalém, e não na Europa.

"Os judeus plasmaram o seu próprio destino!" — escreveu Houston Stewart Chamberlain, referindo-se a essas coisas.

Mas esse nacionalismo tribal judeu que criou as leis de proteção racial, os guetos,

os campos de concentração e as câmaras de gás dos tempos antigos, jamais se extinguiu. Continuou matando e chacinando povos e raças. Sempre que era derrotado, ele se levantava novamente! Entrou o cântico melancólico do seu irredentismo junto às águas de Babilônia, durante o cativeiro, e depois da libertação começou a construir a Nova Jerusalém com a veemência do nacionalismo ressuscitado e fortalecido. Esse nacionalismo sofrera, mas estava aguardando o novo Messias, o libertador nacionalista judeu e líder político, o novo Führer, que colocaria nas mãos dos judeus o domínio de todas as nações do mundo.

O povo judeu jamais abandonou esse grandioso sonho nacional! Durante o Congreso Sionista de 1898 em Basiléia, o Dr. Mandelstein, Professor da Universidade de Kiev, no seu discurso de abertura da conferência, em 29 de agosto, declarou enfaticamente que "os judeus usarão toda a sua influência e todo o seu poder para impedir a ascensão e a prosperidade de todas as outras nações e estão resolvidos a manterem as suas esperanças históricas, isto é, a de conquistarem o poder mundial". (Le Temps, 2 de setembro de 1898). Por esse nacionalismo fanático foi estabelecido em Jerusalém o primeiro bairro judeu, e teve início a separação total dos judeus dos não judeus. (Joel, Capítulo III, 17). Foi prometido que Jeová, o ditador celestial, habitaria para sempre em Jerusalém e que todos os povos não judeus seriam excluídos da presença de Deus. E ensinado pelos rabinos judeus que todos os povos não judeus devem ser excluídos de partilharem do novo mundo ou de tomarem parte dele; eles só podem ser tolerados como um rebanho desprezado. (Traktat, Gittin, Fol. 57, Talmude Babilônico).

O nacionalismo tribal judeu enfrentou os tempos mais perigosos da sua história logo depois do nascimento de Cristo. Esse foi, ou podia ter sido, um momento fatal na história do povo judeu. Foi também uma amarga decepção. Os judeus ficaram chocados ao descobrirem que Ele não era o Messias que eles estavam esperando. Ele não era nenhum libertador nacionalista, para livrá-los dos soldados romanos. Ele era antinacionalista, ou, como Ele seria chamado hoje, um rebelde internacional. Um homem que, no templo, se atreveu a dar pontapés nas mercadorias dos vendilhões, a virar as mesas dos trocadores de dinheiro e a expulsar os representantes e agentes das autoridades financeiras locais. Foi exatamente como se um McCarthysta resoluto invadisse a Bolsa de Valores de Nova Iorque com um chicote em punho. Esse novo Profeta não acreditava na superioridade racial do povo judeu, mas sim na fraternidade de toda a humanidade. Segundo os padrões do povo judeu, a Sua origem racial é altamente duvidosa e sujeita a desconfiança, uma vez que Ele viera da Galiléia, e em Jerusalém todos podiam reconhecer os Seus discípulos pelo dialeto galileu dos mesmos. Nas ruas de Jerusalém, esse Mestre e Seus discípulos pregavam contra as doutrinas difundidas pelas mais poderosas autoridades do sistema chauvinista de vida judaico e do nacionalismo judeu, isto é, eles pregavam contra o Sinédrio (Conselho) e contra os fariseus, os escribas e os saduceus. Esse Mestre e Seus discípulos não acreditavam numa aliança tribal separada entre Deus e os judeus. Em contradição com os dogmas ensinados pelos rabinos superiores, Pedro, o pescador da Galiléia, diz a Cornélio, o capitão e centurião do Império romano, que "todas as nações" que forem tementes a Deus e que agirem de acordo com Suas leis serão agradáveis a Deus. Esses discípulos ensinam, em nome do Senhor Jesus, que romanos, judeus e gregos são todos seres humanos e que não existe nenhuma libertação exclusiva reservada apenas para um povo, que não existe nenhum Messias especial apenas para os judeus, que não existe nenhuma superioridade racial para os adeptos de Jeová, já que todos

são seres humanos, filhos de Deus único.

Ele lhes disse que Ele era o libertador não apenas dos judeus, mas de toda a humanidade, e que Ele não estava disposto a aceitar a supremacia nem o domínio de nenhuma raça superior. Portanto, Ele tinha de ser crucificado.

'Crucificai-o!'' — gritaram eles ao governador romano, que — uma oportunista autoridade governamental que era, semelhante à eternamente vergonhosa figura do promotor público de Nuremberg — enfrentou o ódio concentrado da turba sob uma confusão espiritual. ''Crucificai-o!'' Afinal de contas, talvez até fique provado que esse Messias não é descendente da Semente Sagrada de Abraão.

Houston Stewart Chamberlain, no seu livro intitulado Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts (Os Alicerces do Século Dezenove) deduz claramente as conseqüências fatais decorrentes da entrada dos judeus na história universal e é o autor mais antigo a descobrir que Cristo, no tocante à descendência racial, não era judeu. Chamberlain foi o primeiro autor a chegar à conclusão de que o próprio nome Galiléia é, na verdade, ''Gelil haggoym'', significando ''Terra Pagã'' ou ''Terra Gentia'', onde viviam os colonos não judeus. Era fácil distingui-los pelo dialeto deles. ''A possibilidade de que Cristo não tenha sido judeu e de que não tenha havido sequer uma gota de sangue judeu nas suas veias é tão grande, que é praticamente uma certeza'' — escreve ele, no seu livro supra-citado, Volume I, página 256.

A questão ''Era Cristo Judeu?'' é minuciosamente estudada por Ferenc Zajthy, historiador húngaro, no seu monumental livro História Milenar Húngara, no qual ele prova que os próprios judeus duvidavam de que Cristo fosse descendente de judeus. Zajthy observa que no Século VII A.C. Shalmaneser mandou acorrentar todos os habitantes da Galiléia e levou-os todos para longe da Galiléia, e que não ficou um único judeu lá. As tribos de pastores citas que depois se estabeleceram nos lugares onde antes habitavam os judeus expulsos adotaram o credo judeu e os ensinamentos desse credo, mas, conforme os próprios judeus definiram, eles estavam apenas ''sob as leis judaicas''. Os judeus jamais os aceitaram como legítimos descendentes da Semente Sagrada de Abraão.

''... Examina as Escrituras e verás que da Galiléia não se levanta nenhum profeta'' (João, VII, 52), disseram os judeus aos apóstolos. Os profetas só podem ser oriundos de comunidades raciais judaicas.

As antigas leis judaicas protegiam ao máximo os indivíduos judeus, e a sentença de morte só podia ser pronunciada contra uma ''mestih'', isto é, uma pessoa que tentasse abrir uma brecha na unidade racial deles. Ferenc Zajthy descreveu como, segundo as velhas leis judaicas e os velhos costumes, o caminho da fuga estava sempre mantido aberto até para uma pessoa que já tivesse sido condenada à morte. Havia observadores postados de cem em cem passos, no caminho que levava ao local de execução. O dever dos observadores era o de avisar se alguma nova testemunha levantasse o braço, sinal de que estava disposta a avançar e a depor para salvar a vida do condenado. No caso de aparecerem novas testemunhas, as leis ordenavam que fossem feitos novos julgamentos ou que fosse concedido o perdão para o réu.

É estranho, embora perfeitamente natural, dadas as circunstâncias, que na procissão que acompanhou Jesus até o Calvário nenhuma testemunha se tenha apresentado como voluntário para salvá-lo. Entre aqueles que o receberam na Quinta-Feira Santa com tantas festas jubilosas, nenhum levantou a mão em Seu favor. Também se omitiram todos aqueles que ouviram os Seus ensinamentos ou viram os Seus milagres. Nenhuma testemunha se ofereceu como voluntária para salvá-lo. E aqui

temos nós a prova decisiva de que Ele não era judeu, uma vez que ninguém teve permissão para se adiantar e salvá-lo pelo testemunho. Porque, segundo as leis do Estado judeu, só se permitia um segundo julgamento para os descendentes da semente de Abraão. Eram excluídos desse direito os Goyim, os gentios, os estrangeiros, os descendentes das pessoas de sangue não judeu, o mesmo acontecendo com os que caíam sob a jurisdição das leis judaicas, sem no entanto serem racialmente judeus. Dessa forma, estavam excluídos os odiados galileus, os cuchianos e os huvilianos, que, segundo as leis judaicas, deviam ser afogados por qualquer viajante que casualmente passasse por um lugar e os visse debatendo-se na água, prestes a se afogarem.

Nós os cristãos, aceitamos a teoria da Imaculada Conceição, isto é, o dogma de que Cristo foi, realmente, filho de Deus, e que portanto não tinha racialidade. Mas nesse caso, é ainda mais certo que a divina origem de Cristo, Sua personalidade íntegra e Seus ensinamentos convictos e fervorosos representavam uma revolução de poder contra o chauvinismo tribal dos judeus.

A Idade Média Cristã (rotulada de Era Negra pela propaganda dos intelectuais judeus) estava perfeitamente ciente da importância da resistência de Cristo contra o nacionalismo tribal judaico. Mais adiante, teremos oportunidade de mostrar como essa perspicácia cristã se tornou mais confusa depois da Revolução Francesa e da emancipação dos judeus. Daquela época até os tempos atuais, a empanação e o obscurecimento de todos os ideais cristãos não tem parado de avançar, e nesta altura a escuridão é tão impenetrável que muitos movimentos e linhas de pensamento confundem o Cristianismo e o Judaísmo. E até pior do que isso, alguns sacerdotes cristãos, nas suas cerimônias litúrgicas estão adotando aquele ódio fanático que é um traço característico dos rabinos judeus (por exemplo, a prece dos pastores protestantes americanos, lida antes de serem jogadas as bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki).

O nacionalismo condenado em Nuremberg viveu apenas vinte anos, mas a Mein Kampf (Minha Luta) de Moisés, com o seu dogma e com o seu nacionalismo, foi preservada e diligentemente estudada pelo povo judeu durante vários milênios. A intensidade desse velho nacionalismo jamais diminuiu, nem mesmo nos tempos do "Galuch", isto é, na época em que os judeus estiveram sem pátria e sem lar.

Após o cativeiro de Babilônia, os judeus e membros da Disseminação do Império Romano fixaram-se nos arredores de Alexandria. Eles eram todos cidadãos romanos livres e gente de mente liberal, e continuavam mandando consideráveis somas anuais de dinheiro para o templo de Jerusalém. Depois da Disseminação (Diáspora) a chama desse nacionalismo tornou-se mais intensa e mais veemente. Há setecentos anos passados, Moseban Majemon, um dos mais brilhantes autores da escritura judaica, nos dá ainda outra descrição, em Mischneh Torah, em cores resplandescentes, das possibilidades da chegada do Messias e da obtenção, por parte do seu povo, do poder mundial.

"O mundo familiarizou-se com as coisas referentes ao Messias e ao Torah" — escreveu ele, e prosseguiu: "Essas coisas tornaram-se conhecidas em países distantes e entre muitas pessoas não circuncidadas. Os cristãos estavam familiarizados com muitas coisas, embora antigamente o Messias só fosse conhecido por Israel".

Maimônides também admite que o Cristianismo fez o mundo familiarizar-se com o Velho Testamento, isto é, com o Torah, mas acrescenta que a sua interpretação foi errônea e que os erros se tornarão evidentes com a chegada do Messias político do povo judeu. Messias esse que, como líder do poder armado judaico, subjugará as na-

ções não judaicas do mundo e exterminará, juntamente com suas mulheres e com seus filhos, todos aqueles que se recusarem a aceitar as leis de Noé. (Judaísmo e Cristianismo, por Canon Lipot Huber, pág. 141).

Durante o Galuth, o nacionalismo judaico ficou transformado num irredentismo religioso, com o Torah e Talmude atuando como a sua Mein Kampf. A Mein Kampf de Moisés é preservada em toda parte e guardada no armário do templo até mesmo das menores aldeias. Esse credo nacional foi copiado inúmeras vezes por escribas em papiros, com os olhos cansados e inchados por esse trabalho, e através desses escritos a língua da terra perdida foi aprendida pelas crianças e praticada pelos adultos. O templo foi destruído, mas o estilo nacional de vida jamais deixou de existir. Esse nacionalismo religioso que juntamente com o Torah, nos velhos tempos, difundiu-se pela Terra, espalhou-se por toda parte onde os judeus estavam vivendo neste planeta. E esses ensinamentos nacionalistas prescreviam não apenas as regras da vida, a forma das orações, a qualidade das roupas, os métodos de higiêne geral e o regulamento dietético, mas também plasmava e desenvolvia a ideologia nacionalista. O Torah permanecia o mesmo em Belz, em Frankfurt ou em Nova Iorque, como em qualquer outro lugar. O povo judeu, dispersado, refugiou-se do mundo nos seus próprios guetos judeus, fortalecendo o seu espírito pelo estudo do Torah e do Talmude.

Um dos maiores erros dos "anti-semitas" foi considerarem o judeu como um internacionalista. O judeu jamais foi um internacionalista; ele foi, isto sim, o representante consciente de um nacionalismo tribal que visava dominar todos os outros países deste mundo. Ele vivia em países diversos, ocupava posições de diferentes níveis sociais, mas no fundo continuava sendo judeu.

Durante as conversações preparatórias do Sinédrio, isto é, o supremo tribunal dos antigos judeus, convocado por Napoleão, em 1806, o rabino Solomon Lippman-Cerfberr disse: "Nós nos esquecemos de quem nós somos descendentes. Não somos nem judeus "alemães" nem judeus "portugueses". Por mais dispersados que possamos estar por todo o mundo, ainda assim continuamos sendo a mesma nação".

O doutor Leopold Kahn resumiu esses sentimentos quando falou sobre o Sionismo, num colégio judeu, em Pozsony (Bratislava) em 1901. "Os judeus jamais serão absorvidos e jamais adotarão os costumes ou a moral dos estrangeiros. O judeu continuará sendo judeu em quaisquer circunstâncias.".

Esse venerável rabino tinha razão. Os judeus viviam em países diferentes, ocupando diferentes níveis sociais, mas continuavam sendo judeus, onde quer que estivessem. Mesmo quando um judeu tirava o seu kaftan e saboreava comidas proibidas, trajando uma casaca ou envergando um traje de jantar, ele continuava sendo um representante do mesmo credo, da mesma relação sangüínea e do mesmo nacionalismo. Talvez ele não estivesse observando literlamente as palavras dos seus ritos religiosos, mas a sua consciência e sua percepção de obrigações raciais continuavam intactas, quer ele estivesse no trono papal, no Politburo Soviético ou no Departamento de Estado, em Washington. O escritor judeu David Mocata escreve no seu livro. Os Judeus na Espanha e em Portugal, que durante gerações os judeus viveram na Espanha disfarçados, misturando-se com todas as classes sociais, mas ocupando todas as posições-chave do Estado, principalmente as da igreja.

Os judeus podem sempre alegar que a assimilação é uma coisa que realmente existe. Eles apontam o exemplo de judeus que adotaram a língua e os costumes dos seus países adotivos, que se casaram com mulheres cristãs e se tornaram estadistas de países cristãos. Mas eles não podem negar o fato de que o judeu que aparentemente

se torna um verdadeiro inglês ou um legítimo alemão ou um patriota polonês exemplar, ainda permanece, no fundo, conscientemente, um judeu (e o atual estado do mundo, hoje, apresenta provas desse fato), e, portanto, a sua fidelidade só dura enquanto não se choca com a sua origem judaica.

Outra arma extremamente eficiente do judeu é a sua capacidade, como o camaleão, de assumir as cores do ambiente que o cerca. Na França, ele se mistura ao fundo do meio local, como faz na Hungria, na Inglaterra ou em qualquer outro lugar do mundo. Mas, embora ele tente parecer um inglês na Inglaterra e um iânque nos Estados Unidos, isso é apenas um disfarce, calculado tanto para a defesa como para a conquista. Em Nova Iorque e no Brooklyn, onde — fora da própria Rússia — vivem os maiores contingentes de judeus russos e de judeus poloneses, raramente se vê um judeu usando um kaftan ou uma barba. Os parentes não perdem tempo em escanhoar cuidadosamente o novo imigrante: eles sabem muito bem que barbas e suíças provocam "anti-semitismo". Eles sentem que qualquer demonstração aberta de nacionalismo judaico despertaria oposição entre os seus anfitriões. Os Protocolos dos Sábios do Sião os previnem contra isso. "O sigilo é o alicerce do nosso poder..." Portanto, na União Soviética o judeu ou é um revolucionário bolchevista, em absoluta adesão à linha do partido, ou é um oficial da polícia secreta, com uma submetralhadora. Nos Estados Unidos, ele é um banqueiro iânque, e na França um patriota radical. Naturalmente, ele tem também de ser um membro do partido na União Soviética, e talvez um eleitor democrata em Nova Iorque.

Mas, quaisquer que sejam as convicções políticas que eles professem, seja qual for a nacionalidade que eles tiverem assumido, eles sempre continuam sendo judeus no íntimo, seguindo o apelo ardente do seu nacionalismo judaico. Algumas vezes, e de forma muito cômoda, acontece que os objetivos judeus coincidem com as aspirações do seu país adotivo. Mas, na verdade, eles jamais aceitam autoridade de nenhum "estrangeiro", obedecendo à lei mosaica: "... não poderás fazer rei a homem doutra nação, que não seja teu irmão." (Deut., XVII, 15), isto é, que não seja membro da raça judaica.

Com a evolução da civilização, essa adaptação tornou-se ainda mais completa. Pode-se notar isso melhor nas profissões como o palco, por exemplo, no cinema e no jornalismo. A indústria cinematográfica de Hollywood chegou em certa época ser considerada como a indústria nacional dos Estados Unidos. De vez em quando, aqueles que dirigiam chegavam até a fazer bons filmes americanos. Mas sob a capa do "estrelas e listas para sempre", eles tentavam incutir uma mentalidade judaica e um espírito de falsos valores nas massas americanas, e, como veremos mais adiante, foi dessa camuflagem hollywodiana que surgiram os cem astros bolchevistas antiamericanos. O judeu bolchevista, na tentativa de conquistar o poder mundial, jogou fora a sua máscara.

Era coerente com a natureza de um nacionalismo de quatro mil anos que os judeus deveriam sofrer perseguições, zombarias e desprezo. No entanto, quanto mais eles sofriam, mais forte se tornava a sua crença de que tempo viria em que eles se tornariam senhores de todos os povos. E assim, os judeus toleravam até o antijudaísmo. Muitas vezes, nem eles próprios podiam compreender por que eles eram perseguidos, ridicularizados e até assassinados. Porque os judeus sentiam que eles também eram filhos de Deus, como quaisquer outros seres humanos, muito embora os "anti-semitas" pudessem duvidar desse fato. Por isso, muitas vezes eles eram humilhados, chamados de vigaristas e ridicularizados em caricaturas. Ao que parece, a maioria das pes-

soas continuava sem notar que as condenáveis atividades dos judeus serviam a um nacionalismo mais elevado, aquele tipo característico de nacionalismo do Velho Testamento, que é implacável para com todos os povos e que visa apenas a subjugar todas as nações do mundo. A relação que havia entre o nacionalismo do Velho Testamento e o Nacionalismo Social Alemão pode ser comparada com a que existe entre a terra e o céu.

O Socialismo Nacional Alemão estava sempre disposto a cooperar com outros povos. Só era hostil para com uma raça: os judeus. Ao passo que o tipo de "nazismo" judeu hostiliza todas as raças e todas as classes sociais e governantes não-judaicas.

Várias gerações vividas nos bairros judeus ensinaram a estes que as mesmas leis raciais que serviam para mantê-los unidos como uma nação poderiam também possibilitar que se tornassem senhores do mundo inteiro. Acrescentava-se a isso, além da natural evolução da situação mundial, o fato de haver outra característica racial: os elevados talentos e a alta inteligência do povo judeu. Os escritores judeus, pintores, homens de negócio e banqueiros — sem levar em conta os métodos empregados para alcançar os fins — estavam colhendo as mais altas recompensas da civilização ocidental. Para os judeus de menor importância, deixados para trás nessa corrida, todos os sucessos eram êxitos judaicos, todas as realizações eram proezas judaicas. Não somente e imprensa mas até o judeu mais insignificante reverenciaram Disraeli, o grande estadista "inglês", juntamente com Heine, o grande poeta "alemão", e Marx, o revolucionário internacional mais extravagante. O que é isto, senão o apogeu consciente de um nacionalismo inigualável de extremo "nazismo"? Um nacionalismo que tolera a apostasia bem-sucedida e que está disposto a perdoar até um criminoso, se sabe que esse criminoso é, também, um descendente da semente de Abraão; um nacionalismo que estimula o apóstata bem-sucedido a voltar à congregação que ele rejeitara.

E assim, quase sempre deparamos com judeus fazendo progressos no mundo inteiro, quer seja como poetas, banqueiros, conservadores ingleses ou revolucionários portugueses, todos eles acreditando que estão predestinados a reinar sobre todos os povos da Terra. E até agora, eles tem obtido êxito em tudo. Portanto, está claro que os dogmas vazados no Torah, os princípios do Talmude e as instituições secretas judaicas na Idade Média ainda continuam sendo instrumentos efetivos que servem na luta pela obtenção do poder mundial.

"Nós nascemos para governar o mundo" — proclama essa minoria agressiva. "Seja como um banqueiro americano ou como um comissário soviético, nós formamos uma única nação".

A principal finalidade deste livro é mostrar que o capitalismo e o bolchevismo, os dois grandes sistemas dominantes da nossa época moderna, não são dois movimentos opostos, mas sim duas formas de expressão diferentes da mesma ambição judaica de conquistar o poder mundial. Talvez um deles seja mais cauteloso do que o outro, mas no fundo ambos são iguais. Portanto, a tentativa de provocar um conflito entre o capitalismo e o bolchevismo não passa de uma farsa. A inimizade dirigida entre os cristãos e os árabes procede desses dois sistemas políticos. O "homem do povo", como símbolo das massas sem instrução e mal informado, pode pensar que o mundo capitalista poderá "dar um jeito" no bolchevismo, mas a crua verdade é que o bolchevismo não passa de uma extensão do capitalismo. O bolchevismo é uma cria do capitalismo, ou talvez, o resultado dos erros crassos do capitalismo. O bolchevismo é o filho adotivo do sistema capitalista liberal judaico. Aqueles que tentam

encontrar alguma diferença ou alguma contradição entre os dois sistemas jamais deverão esquecer-se de que o Socialismo Nacional Hitleriano, os grandes capitalistas alemães mantinham as melhores relações de amizade com os trabalhadores socialistas alemães. Portanto, por que o judeu Bernard Baruch não poderia ter estado no melhor relacionamento possível com Lazar Kaganovich ou mesmo com o pequeno líder comunista do Brooklyn?

''Nós somos uma única nação'' — declarou Theodore Herzl, o fundador do Sionismo. ''Nós não somos judeus americanos nem judeus soviéticos, nós somos apenas judeus!''.

Na virada do século passado, examinando os resultados alcançados, parecia que a unidade da semente sagrada e a sua luta pela obtenção do poder mundial começaram a se transformar em realidade. Isso foi visualizado na imaginação dos escritores judeus, poetas, banqueiros, revolucionários socialistas e apóstolos comunistas. Chegara uma nação conquistadora do mundo. Os próprios ''anti-semitas'' não notaram e não chegaram a constatar esse estado de coisas, e foi preciso que os acontecimentos de 1945 transpirassem para que se chegasse à conscientização de que havia uma indiscutível uniformidade na união racial da ''democracia capitalista'', de um lado, e na ''democracia do povo'' soviética, do outro. Parece desnecessário frisar que a compreensão desse importante fato foi alcançada apenas por uma minoria. Os ''anti-semitas'' viram e compreenderam a ''solidariedade racial'' judaica, os ''métodos comerciais desonestos'' e a ''judaização'' dos seus próprios países apenas. Enquanto isso, o que era considerado por alguns como um ''crime judeu'', era uma virtude, aos olhos do nacionalismo judaico. A consciência racial da raça superior, isto é, o nacionalismo hebraico, alcançou a sua atual forma por volta do fim do Século dezenove. A sua bandeira, forjada tanto pelos bolchevistas como pelos banqueiros, era: ''Vamos marchar separadamente, para sermos vitoriosos juntos!''. E assim, os conquistadores do mundo iniciaram a sua marcha e partiram para subjugar o globo terrestre e para se tornarem senhores de todas as nações.

Capítulo II

O Significado da Resistência de Cristo

Na Idade Média, os homens ainda reconheciam o abismo que havia entre o espírito do Novo Testamento e o "nazismo" judaico do Velho Testamento contra o qual Cristo se rebelou. O ideal da fraternidade humana foi completamente alcançado na pessoa do Cristo. O Velho Testamento continha o pacto materialista de uma única raça com o seu Jeová. Cristo trouxe a libertação para toda a humanidade. Ele fez o pacto no Novo Testamento para todos nós. A idéia do amor universal e do íntimo significado total do Novo Testamento foi a antítese do judaísmo materialista, com a sua obsessão de poder pré-determinado. A maior mentira da história é a declaração que alega que o Cristianismo nasceu da religião judaica. Pelo contrário: o Cristianismo começou a existir como a própria negação do nacionalismo judeu e da predestinação racial. Os próprios apóstolos ensinaram isto:

"Vós sabeis" — disse Pedro — "como é coisa abominável para um homem judeu o juntar-se ou unir-se a um estrangeiro: mas Deus me mostrou que a nenhum homem chamasse comum ou imundo". (Atos X, 28).

Os judeus ficaram espantados ao lhes ser dito que os Goyims também podem partilhar e usufruir da graça divina do Espírito Santo. Eles se queixavam do fato de que os apóstolos sentavam-se à mesma mesa com pessoas não circuncidadas. Eles encenaram um protesto em Atenas contra Paulo, o Apóstolo, porque este levara gregos para a sinagoga e profanara o Lugar Santo.

As declarações de Pedro, já transcritas, durante sua visita a Cornélio, o centurião, juntamente com a citação abaixo, parecem um desafio contra a arrogância tribal judaica dominante na época:

"... Tenho na verdade alcançado que Deus não faz acepção de pessoas. Mas que em toda nação, aquele que O teme e que obra o que é justo, esse lhE é aceito". (Atos X, 34-35).

Mas o ensinamento de Paulo e Barnabé, em Antióquia, soa num tom de maior desafio ainda:

"Então, Paulo e Barnabé lhes disseram resolutamente: Vós éreis os primeiros a

quem se devia anunciar a palavra de Deus; mas porque vós a rejeitais, e vos julgais indignos da vida eterna, desde já nos vamos daqui para os gentios". (Atos XIII, 46).

Por gentios, eles quiseram dizer os goyims, isto é, os povos não judeus. "E Deus de um só fez todo o gênero humano..." (Atos XVII, 26) diz Paulo, em Atenas. E ele diz isso porque de todas as raças criadas por Deus, uma irmandade de sangue, uma nação, uma raça — os judeus — se excluíram pelo seu próprio e feroz nacionalismo tribal.

"E o apóstolo que confiava no saber", Paulo, escreve, com referência aos judeus: "Tu mesmo, que presumes ser o guia dos cegos, o farol daqueles que estão em trevas: tu, o doutor dos ignorantes, o mestre das crianças, que tens a regra da ciência e da verdade na lei... Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei. Porque o nome de Deus por vós é blasfemado entre as gentes assim como está escrito." (Paulo aos Romanos, II, 18-20, 23-24).

Os apóstolos pregam por toda parte e ensinam as idéias revolucionárias de Cristo, que são a própria negação do Judaísmo, daquele exclusivismo tribal e daquele "nazismo" judaico.

"Porque o coração deste povo se endureceu, e dos ouvidos ouviram pesadamente, e apertaram os seus olhos, para que não vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e entendam no coração, e se convertam e eu os sare. Seja-vos pois notório que aos gentios é enviada esta salvação de Deus, e eles a ouvirão." (Atos, XXVIII, 27-28).

Mas os judeus crucificaram o apóstolo dessa fé e até os dias de hoje ainda não abandonaram a sua crença de que eles são o povo eleito e de que, portanto, são os senhores de todos os povos da Terra. A disseminação dos judeus começou com a diáspora, depois do cativeiro de Babilônia, e foi completada com a destruição de Jerusalém. Como resultado disso, a força diabólica, contida durante muito tempo, foi espalhada no seio de muitos povos: a ambição que visava dominar todas as nações do mundo, acompanhada por um racismo exclusivo, penetrou na confusão étnica e religiosa daqueles tempos antigos. É desnecessário discutir aqui minuciosamente como foi possível que o povo judeu, embora não fosse de linhagem pura como raça, já que composta do cruzamento de vários povos e dos remanescentes de diferentes raças, sendo apenas um conglomerado racial, pudesse ter sido plasmado por Esdras e moldado por Neemias na única raça pura e homogênea do mundo. Já no fim do século dezenove várias investigações antropológicas americanas chegaram à conclusão de que "a raça judaica manteve a sua pureza étnica durante todo o tempo." (Revista Político-Antropológica, março de 1904, página 1003).

Houston Stewart Chamberlain escreve que de Teodósio até o ano 1800 havia apenas 300 pessoas de origem não judaica realmente adotadas pelo povo judeu no sentido racial. Desse racismo extremo originou-se uma mentalidade que odiava e desprezava todos os outros povos, enquanto que ao mesmo tempo ambicionava conquistar outras nações. Na Europa surgiu o espírito materialista e intransigente do Velho Testamento, que jamais abandonou o seu sonho messiânico daquela época esperada por eles, quando se tornariam realidade a destruição dos povos e o domínio sobre países maiores e mais poderosos do que eles próprios.

Portanto, é fácil compreender que o mundo antigo, bem como a Idade Média, tirou a conclusão lógica disso, e se separou deles, não apenas ideologicamente, mas também fisicamente. A narrativa bíblica da descida do Espírito Santo e do sermão de Pedro naquela primeira manhã de Pentecostes ainda exercia uma considerável influência sobre os povos daqueles tempos:

"... salvai-vos desta geração depravada." (Atos II, 40).

A Idade Média criou os guetos ou bairros judeus, mas por esse ato, ao mesmo tempo, preservou a raça judaica. Em linhas gerais, o povo judeu conseguiu manter a sua diretriz de pureza racial porque isso foi reconhecido pelo mundo cristão na forma do bairro judeu. Mas, infelizmente, isso não impediu os judeus de se infiltrarem na vida e nos sistemas econômicos dos países cristãos.

Nós podemos aprender a história dessa influência judaica com o mundo antigo. Quase um milhão de judeus foram estabelecidos na Alexandria e nos seus subúrbios depois do cativeiro da Babilônia, onde eles representavam o mesmo papel e exerceram o mesmo poder que o povo judeu exerce hoje em Nova Iorque. No Império Romano, notadamente em Roma, o poder e a influência dessa minoria tribal nacionalista alcançou dimensões gigantescas. Cícero, o grande estadista romano, durante uma sessão de tribunal, falou a este numa voz tão baixa, que mal podia ser ouvido pelos juízes. E explicou a sabedoria de agir dessa maneira, declarando que a solidariedade judaica constituía uma força tão grande, que seria capaz de arruinar qualquer pessoa que depusesse contra os judeus. Durante toda a diáspora e desde os primeiros tempos, os judeus já possuíam organizações semelhantes às que nós conhecemos hoje como maçonaria. Eles admitiam certos gentios influentes, que estavam dispostos a se declararem meio-judeus, e por meio dos quais eles podiam estabelecer sua influência nos cargos mais altos da vida pública. É fácil provar que por trás da perseguição movida por Nero aos cristãos havia membros da diáspora. Poppea Sabina, a esposa do imperador, era judia e membro da diáspora, e ela conseguiu convencer o imperador, com a ajuda de um cortesão favorito, um ator judeu chamado Alitirus, a exterminar os cristãos. E por toda a extensão dos tempos históricos, os Alitirus e as Poppeas deste mundo têm estado por trás dos seus Neros e dos seus Roosevelts!

A influência judaica teve um papel tão importante na determinação da queda do Império Romano como na ruína do Império Espanhol. Conforme Heman escreve no Império Espanhol os judeus tinham o controle de todas as forças espirituais e materiais, desde a posse da terra até os mais elevados cargos eclesiásticos, e por meio da sua agiotagem eles exerceram muita influência sobre as esferas da corte e de toda a nobreza. No fim, eles conseguiram extorquir para si mesmos privilégios tão fantásticos, que num tribunal de justiça o juramento de um judeu era aceito como tendo mais valor do que o juramento de dois gentios. Mais tarde, eles repetiram essa mesma forma de tomada do poder na Alemanha e no Império dos Habsburgos. No século XVI, um judeu chamado Imre Fortunatus e seus comparsas representaram um papel tremendo na preparação da queda do Império Húngaro, fomentando a corrupção nos negócios públicos a tal ponto, que o Império se tornou incapaz de resistir aos ataques do poderio turco em expansão, na Batalha de Mohács, em 1526.

Os líderes espirituais e os estadistas do mundo antigo e da Idade Média estavam totalmente conscientes dessa influência judaica. Desde Tibério, o Imperador Romano, até Goethe, todos os homens de visão sempre consideraram o povo judeu como um perigo nacional. "Um ministério do qual os judeus obtém tudo que desejam, um lar, o guarda-roupa e as finanças do qual estejam sob o controle de um judeu, precisa, realmente, ser dotado inexauríveis qualidades dos pantanais de Pontine" — escreve Goethe.

Talvez Napoleão tenha sido o mais esclarecido de todos, quando exclamou: "Esses judeus são como gafanhotos e lagartas, e devorarão toda a minha França!"

Já no distante século XVIII, ficou claramente demonstrado que a influência ju-

daica não tinha nada a ver com o tão decantado humanitarismo, já que era um movimento de minoria que se tornava um "país dentro de um país". Embora alguns países não tivessem reconhecido o perigo, assim mesmo a conquista judaica era geralmente contida no último instante. Fernado e Isabel, os Católicos, expulsaram os judeus da Espanha, e em outros países foram adotadas medidas restritivas para contê-los, mas o ponto mais importante foi que em nenhum lugar se permitiu que o "nazismo" judeu fincasse pé nos negócios públicos. Pelo menos, o gueto serviu para que fosse mantida uma barreira intelectual e ideológica contra os judeus, de modo a que as religiões e culturas cristãs não ficassem tão expostas a um perigo mortífero, ou ao de serem visivelmente engolidas, como acontece hoje em dia. É importante notar que até a Revolução Francesa os judeus não tiveram influência direta alguma sobre as massas. No máximo, eles conseguiram aumentar a influência sobre alguns círculos da corte, graças ao seu dinheiro, mas eles nunca tiveram oportunidade de estabelecer nenhum controle direto sobre o povo nem de explorar os povos, promovendo os interesses do seu próprio nacionalismo.

Só um ponto do assim chamado problema judeu passou despercebido na Idade Média. Esse ponto consiste em que a crescente influência do nacionalismo judeu e dos seus abusos não eram uma atividade decorrente de ambição, de egoísmo ou de qualquer outra "característica judaica", conforme diziam os "anti-semitas". O diabólico anseio já estava em andamento, de maneira consciente, e o nacionalismo do Velho Testamento e do Talmude já estava compelindo os judeus a empreenderem uma caçada não ao dinheiro, nem tampouco a uma vida de fartura, nem à riqueza, mas ao poder mundial. O dinheiro servia apenas como um meio para atingir este fim almejado, enquanto que alcançar o domínio do mundo inteiro continuava sendo o supremo objetivo. Para isso, nem mesmo era preciso um governo judaico central, embora de tempos em tempos o mesmo existisse. O Talmude e o Torah eram totalmente suficientes. Esses livros, que davam instruções muito melhor do que qualquer governo quanto à conduta do povo judeu podiam ser encontrados em todas as sinagogas e em todas as casas de judeus.

Os vários países e impérios conseguiram, com certa dificuldade, controlar esse sonho de conquista mundial, embora a sua execução ainda continuasse a ser coordenada em várias partes do mundo. O perigo cresceu de maneira considerável com a expansão do mundo conhecido, e quando, por meio da imprensa, do rádio e de outros meios de propaganda, os diferentes países e povos se aproximaram mais uns dos outros. Então, o esforço desse nacionalismo minoritário judeu para dominar passou a atuar efetivamente não apenas contra países isolados, mas sim contra todos os países e povos simultaneamente, e com força total. Ao mesmo tempo, com o advento do Protestantismo, uma certa mentalidade judaica começou a obter um ponto de apoio dentro do próprio Cristianismo.

Lutero viu claramente que a diferença entre a humanidade universal e o "nazismo" tribal judeu era incompatível. O seu grande tratado escrito sobre a questão dos judeus é uma prova da sua clarividência. Mas, afora o surgimento do Protestantismo, o Velho Testamento obteve uma influência maior por meio do ensino da Bíblia nos sermões da igreja e por meio da instrução religiosa nos colégios. Os pastores protestantes suíços, ingleses, holandeses e alemães passaram a recorrer cada vez mais ao Velho Testamento para tirarem parábolas e citações. Durante as guerras religiosas, todas as mais terríveis maldições do Velho Testamento foram invocadas sobre a cabeça dos inimigos. Dessa maneira, a mentalidade do Velho Testamento penetrou na fé

cristã através da fraseologia vazia da retórica. O Cristianismo começou a se considerar como uma extensão ou uma religião subsidiária da religião judaica, ao invés de enfatizar as suas verdadeiras características, que eram exatamente o contrário da religião judaica. Como conseqüência desse erro, estabeleceu-se no mundo civilizado cristão uma mentalidade judaica de intolerância, acompanhada por um espírito de ódio, e uma geração após a outra cresceram imbuídas dos ensinamentos materialistas e sem imaginação do Velho Testamento.

O Protestantismo Inglês tornou-se especialmente sujeito à influência do Velho Testamento. A mentalidade dos principais comerciantes ingleses e a atitude espiritual dos puritanos tornaram-se identificadas com os princípios judeus do Velho Testamento, e encontraram nele a justificativa para certo tipo de conduta comercial. No século XIX alguns letrados ingleses desavisados tentaram provar que os habitantes da Grã-Bretanha eram, na verdade, descendentes da décima tribo perdida de Israel. Werner Sombart, o famoso especialista sobre capitalismo, demonstrou sem sombra de dúvidas que as raízes do capitalismo são tanto judaicas quanto protestantes.

No entanto, uma coisa se pode declarar como certa. Com o advento do Protestantismo, a antiga unidade do reino cristão foi quebrada. A igreja de Cristo separou-se, dividindo-se em Catolicismo e Protestantismo. E através dessa brecha, o nacionalismo judeu penetrou ousadamente no mundo cristão e na vida espiritual cristã. Sob o pretexto do esclarecimento e do progresso, os habitantes dos guetos começaram a clamar em voz alta por emancipação, a única coisa que até Voltaire, o maior defensor do progresso, tinha considerado como um perigo mortífero. Sob o disfarce da filantropia e do esclarecimento, a própria Cristandade lutou pela emancipação judaica. Ela parecia incapaz de ver que isso podia significar, um dia, a morte da Cristandade, do Catolicismo, do Protestantismo, da ortodoxia e da não ortodoxia.

A desprezada Idade Média estava bem ciente de que essa possibilidade estava sempre presente, em virtude da fanática força do ''nazismo'' religioso judeu dirigido contra a Cristandade, a fonte de cuja maior parte deve ser encontrada no Talmude. Em 1888, a Minerva Press publicou um espantoso relato, que jamais foi refutado, sobre as conclusões de um comitê de investigação formado em 1240 por São Luís, o rei da França. O rei queria saber por que os judeus eram tão odiados na França. Convocou uma Corte Real, presidida por ele. O Talmude foi apresentado e comentado perante a corte por um judeu convertido ao cristianismo e que falava bem o hebraico. Para afiançar a autenticidade do texto talmúdico, o tribunal convidou Jechiel, o rabino de Paris, junto com os rabinos Juda, Samuel e Jacob, o último dos quais um famoso orador, bem conhecido na França e na Espanha. O bem intencionado rei fez tudo que pôde para que os rabinos tivessem toda oportunidade possível de defender o Talmude, bem como para confirmar a autenticidade do texto talmúdico. Apesar de tudo isso, o tribunal foi forçado a concluir que as leis talmúdicas são contrárias e até repugnantes à lei social, não somente de toda comunidade cristã, mas também de toda comunidade não judaica. Como resultado das pesquisas, o tribunal descobriu que o Talmude não apenas insulta várias vezes a Virgem Maria, mas também lança dúvidas sobre o fato de Cristo ter nascido de uma Virgem e até declara que Ele era filho de um soldado chamado Pandara e de uma prostituta. Os cristãos ficaram atônitos quando essas traduções do Talmude foram confirmadas como sendo legítimas pelos rabinos convidados. Como resultado das conclusões finais desse tribunal de investigação, São Luís ordenou que o Talmude fosse jogado às chamas. (O Império Oculto, 1945, pág. 27).

Nos tempos mais recentes, o mundo cristão prestou pouca atenção ao livro santo judeu, embora, para eles, ele se tivesse tornado quase tão importante quanto o Torah. Era do Talmude que brotava o ódio contra os cristãos, e também dele é que emanava uma certa moralidade dupla. É digno de nota o fato de que até o século XX não existia nenhuma tradução autêntica do Talmude disponível. É verdade que ele foi traduzido por Graetz, um professor universitário de ascendência judaico-alemã, mas todas as partes comprometedoras foram excluídas. O escritor húngaro Alfonz Luzsénszky também traduziu certas partes do Talmude. Uma das principais preocupações da atual ditadura bolchevista foi jogar Alfonz Luzsénszky na cadeia, onde ele deve, provavelmente, ter morrido numa câmara de tortura comunista judaica.

Mas o Talmude continuou a sustentar aquele nacionalismo judaico que viveu ainda mais acesamente nos sonhos de Maimônides e dos profetas judeus da Idade Média, bem como no coração do povo judeu. Muito antes do estouro da Revolução Francesa, o povo judeu já estava ativamente empenhado em realizar o que fora estipulado nos dogmas de Moisés. A brecha aberta na unidade cristã, juntamente com o pseudo esclarecimento e o progresso social, foram favoráveis a esse objetivo: apossar-se do poder mundial. E agora, com o plano já levemente esboçado, voltaremos a examiná-lo mais minuciosamente mais adiante, sob o título "guerra biológica de classe", ou a destruição física e o extermínio das nações não judaicas, isto é, o acontecimento conhecido como "revolução".

Depois da Primeira Guerra Mundial, o mundo civilizado ocidental ficou chocado com uma série de artigos publicados no London Morning Post, intitulada "Os Conspiradores Secretos". H. A. Gwynn, o editor daquele jornal, no seu livro, A Causa da Inquietação Mundial, citando livros contemporâneos idôneos até então ignorados pelos historiadores liberais, observa que a Revolução Francesa, ao contrário do que geralmente se pensa, não foi causada pela disposição revolucionária das classes menos favorecidas do país. Nessa época, tanto os poderes maçônicos como os judeus já estavam agindo, e pela retenção dos estoques de cereais eles criaram uma onda artificial de fome, e através dessa fome provocaram a revolução de 14 de julho. Já no distante ano de 1776, o movimento Espártaco, criado por Adam Weishaupt, fora estabelecido na Bavária, e esse movimento de repente reapareceu novamente com muitos disfarces diferentes, incitando perigosos levantes durante as várias revoluções depois da Primeira Guerra Mundial. O tratado de Gwynn prova que todos os movimentos revolucionários do século XIX tinham infiltrações judaicas e que em grande parte eram controlados pelos judeus. Gwynn estabeleceu o papel do povo judeu na maçonaria com a ajuda de dados contidos no livro do judeu convertido Abade Lémann (A Entrada dos Israelitas na Sociedade Francesa), e também com as provas coligidas pelo escritor americano e também maçom, Albert Pike. Ele provou que o povo judeu tinha instilado o ódio contra a Cristandade no seio das sociedades secretas, de modo que, sob a capa do liberalismo, eles pudessem realmente trabalhar tranqüilamente para minar a ordem social cristã. E assim, o "nazismo" judeu do Velho Testamento, além do seu poderio econômico-financeiro, ganhou uma arma nova e terrível para a destruição do povo cristão. O nome dessa nova arma era Revolução.

A organização socialista internacional começou em 1864, com a fundação da sua primeira Internacional, e os seus dois líderes, Marx e Lassale, eram judeus. Ambos eram profetas do ódio e queriam vingança para a humilhação sofrida pela sua raça. Disraeli, no seu livro Conningsby, prevê um movimento de operários alemães sob a direção e liderança judias. Com tudo isso, um novo fator apareceu na cultura euro-

péia: o ódio e a inveja organizados, como uma força controlada de forma sistemática para criar classes e sociedades e também para destruí-las. A intolerância dominante na Europa tinha suas raízes no espírito do Velho Testamento, mas o que mais cheirava a Velho Testamento e mais talmúdico era esse ódio forjado, cujos profetas pregavam exatamente os mesmos lemas e promessas do Velho Testamento, quando este prometia ao povo eleito que Jeová derramaria sobre eles todas as riquezas e todas as benesses do mundo, e que eles só precisariam trabalhar duas ou três horas por dia para se manterem. O ''nazismo'' do Velho Testamento encontrou um aliado colossal nas classes operárias européias, e mais tarde no proletariado americano, que tinham todos os direitos de se sentirem amargurados e hostis contra o sistema capitalista de exploração do homem pelo homem. Mas o proletariado demorou a compreender que os criadores, os operadores e os beneficiários desse capitalismo eram, ao mesmo tempo, os representantes tanto do nacionalismo judeu quanto da Internacional.

Não há dúvida alguma de que as sementes dos diabólicos planos judeus estavam bem incluídas nos ensinamentos de Marx. Eles visavam destruir a elite intelectual, a aristocracia, as classes médias, o clero e os executivos de todos os países não judeus, por meio do uso da falsa doutrina da igualdade e despertando a inveja das massas proletárias. Eles tramavam privar as nações dos seus chefes e condenar a humanidade a viver como um rebanho de gado sem líder. Isso não era mais um planejamento de socialismo. Era a estratégia global judaica. Cada homem sem líder do rebanho torna-se um instrumento cego e um escravo daquele ''nazismo'' tribal judeu, voltado unicamente para a conquista do mundo.

Embora realmente Marx tenha defendido o internacionalismo, o povo judeu jamais foi internacional. Ele queria apenas internacionalizar o proletariado. Ao proletariado foi designado o papel de destruir os seus respectivos países, juntamente com a religião dos mesmos, de modo tal que o estado mundial internacional pudesse ser estabelecido tendo apenas uma elite, uma classe governante: exclusivamente o povo judeu!

Havia judeus em todos os países. Eles falavam a língua dos seus países adotivos; no entanto, continuavam sendo judeus, orgulhosos e conscientes representantes de uma concepção racial exclusiva, de um ''nazismo'' supranacional. As forças abaladas da rebelião de Cristo refugiaram-se dos barulhentos slogans de ''esclarecimento'' nas naves frias das igrejas. A fé cristã fora gradualmente sendo despida da sua inspiração espiritual inata e da sua influência, e agora ficara transformada na Cristandade Judaica. Ela agarrava-se e colocava-se de uma forma materialista à influência temporal e à sua riqueza mundana, ao invés de seguir o seu apelo e de se conscientizar de que a época era propícia para pregar os ensinamentos de Cristo com inquebrantável vigor. Ao mesmo tempo, o judaísmo, tendo preservado sua unidade racial e religiosa, agora podia penetrar nas enfraquecidas comunidades cristãs com muita efetividade. Enquanto a chama do nacionalismo judaico estava ardendo cada vez mais viva, a ''rebelião'' cristã estava perdendo a sua fé e tornando-se tímida, indiferente e impotente. O nacionalismo religioso do Velho Testamento conseguiu incutir fé e consciência racial nos habitantes dos guetos russos. Mas a cristandade do Novo Testamento tornou-se tão pusilânime, que começou a envergonhar-se do Novo Testamento,e também da sua própria crença, a qual ela, algumas vezes, suspeitava que pudesse ser

era conhecido como "esclarecimento".

Ao ter de ser confrontada com os grandes problemas sociais da idade, a Cristandade mostrou ser inerte e impotente. Mas, ao mesmo tempo, os judeus conseguiram incutir fé na sua própria raça. Não fé em Deus, já que muitos judeus estavam aparentemente abandonando o seu credo, mas fé em um nacionalismo político fanático. Por outro lado, a "revolução" cristã fracassou na tentativa de realizar a sua missão na Terra, isto é, a de apoiar os humildes contra os seus perseguidores e assim alcançar a justiça social através do amor e não por meio do ódio.

Por volta do século XIX, o Cristianismo já se tornara mais uma formalidade do que um credo vivo. Não podia ter esperanças de igualar o conceito moderno da revolução de Cristo contra a idéia da revolução marxista. As encíclicas papais Rerum Novarum e Quadragesimo Anno eram apenas interpretações teóricas da atitude adotada pelo socialismo, e pelo sistema estatal liberal. A igreja militante de Cristo não lutava com tanto ardor quanto devia ter lutado. Muito comodamente, conformou-se com voltar ao lema de Cristo, bem conhecido: "O meu reino não é deste mundo", enquanto que o marxismo enfatizava o conceito de uma salvação física na Terra. Esta última idéia, é claro, era inteiramente de origem judaica. O próprio Jeová, bem como Esdras e Neemias, aqueles exaltadores da pureza racial, sem dúvida tinham prometido exatamente estas coisas: a redenção nesta Terra, a riqueza do mundo, através dos portões de Jerusalém, a semana de trabalho de dezoito horas e o país do bem-estar. A promessa marxista era também a redenção na Terra, mas por trás do pano das promessas estava o nacionalismo judaico, pois os líderes marxistas sabiam que alcançar o que eles chamavam de redenção significava também estabelecer o reino mundial judeu.

A Cristandade era incapaz de unir-se e assim de seguir o conceito social da revolução de Cristo. Por outro lado, o povo judeu continuava coeso na sua unidade racial e espiritual, no seu "nazismo" de quatro mil anos.

Depois da Revolução Francesa, as sociedades secretas, bem como também certos governos dominados pela influência judaica, gradualmente expulsaram o Cristianismo da vida pública, até que o papel do mesmo passou a ser simplesmente o de incentivar o comparecimento às igrejas. Com a Cristandade tão fraca e tão dividida, que poder poderia ter-se oposto com êxito a essas pressões? A Igreja Ortodoxa Grega, com o seu formalismo vazio, ou o Catolicismo Romano, com os seus bispos sentados de forma complacente sobre várias centenas de milhares de acres de terras da igreja (latifúndios) e pregando a pobreza e a justiça às massas, ou o Protestantismo, que foi tornando-se cada vez mais saturado do espírito do Velho Testamento? Nessas circunstâncias, poderia haver algum poder capaz de influenciar as massas e de levá-las para o lado da revolução cristã? O Cristianismo começou a levar uma vida isolada, abstendo-se de criticar acontecimentos públicos, de influenciar a opinião pública ou de colocar conceitos socialistas em prática. Esses papéis foram sendo ocupados pela Imprensa, que estava nas mãos do nacionalismo judeu, pelos membros das lojas maçônicas ou pelos agitadores marxistas. Confrontando com esse "céu na Terra" marxista, o Cristianismo foi incapaz de defender o significado social dos ensinamentos de Cristo. Além disso, abandonou a sua liderança e passou a não mais defender as massas. Com a retirada do Cristianismo da vida pública, ergueu-se no seu lugar uma resolução fanática de destruir todas as instituições dos gentios, tanto humanas como

divinas. Sua finalidade era a de privá-los dos seus líderes e assim estabelecer o domínio final do governo mundial do povo judeu.

Já na virada do século XIX o grande pensador que foi Chamberlain prevenia o mundo cristão, como segue:

"O problema de os judeus viverem entre nós faz parte das questões mais fatais e mais difíceis dos nossos tempos." (H. S. Chamberlain, I, p. 163).

Já no início do século XX, todas as dúvidas relativas ao sucesso do grande plano judaico podiam ser postas de lado. Os líderes do judaísmo mundial tinham só uma coisa a resolver, isto é, os meios reais a serem empregados para garantir o poder mundial. Deveria isso ser alcançado por meio do ouro ou da metralhadora? Pela plutocracia ou pelo terror comunista, dirigido pelos chefões judeus da polícia secreta? Deveria a nova sinagoga ser o local freqüentado pelos trocadores de dinheiro e escribas ou pelos saduceus terroristas?

Ou deveria, quem sabe, ser aberta às duas facções, trabalhando lado a lado?

Um certo documento, que os judeus alegam ser uma falsificação, dá uma resposta clara a esse grande dilema.

Capítulo III

O Domínio do Mundo em Três Etapas

O povo judeu fez tudo que pôde para anular as provas da autenticidade dos Protocolos dos Sábios do Sião. Hoje em dia, qualquer pessoa que fizer sequer a mínima referência aos Protocolos é logo rotulada de bárbara e sem civilização pelos judeus.

Em 26 de junho de 1933 a Federação das Comunidades Judaicas da Suíça e a Comunidade de Berna, também naquele país, promoveram um julgamento, visando provar que os Protocolos eram uma falsificação e proibir a sua publicação. O procedimento daquele tribunal foi simplesmente espantoso, e todos os dispositivos do Código Civil Suíço foram deliberadamente postos de lado. Foram ouvidas dezesseis testemunhas chamadas arroladas pelos queixosos, mas só uma das quarenta testemunhas chamadas pelos acusados teve permissão para falar. O juíz autorizou os queixosos a indicarem duas estenógrafas particulares para tomarem notas do andamento do julgamento durante o depoimento das duas testemunhas, ao invés de confiar essa tarefa a funcionários do tribunal.

Em vista dessa e de outras irregularidades semelhantes, não foi de surpreender que, depois do julgamento do caso, que durou apenas dois anos, o tribunal deu o seu veredito, declarando que os Protocolos eram na realidade uma falsificação e na verdade um escrito desmoralizante. A decisão foi dada em 14 de maio de 1935, mas ela foi anunciada na Imprensa Judaica antes de ter sido passada pelo tribunal!

Em 1 de novembro de 1937, o Tribunal Suíço de Apelação Criminal anulou completamente esse julgamento. Os propagandistas judaicos, no entanto, continuam declarando que os Protocolos são uma falsificação comprovada.

Todavia, é ponto pacífico que o texto original dos Protocolos dos Sábios do Sião já estava nas mãos dos judeus de Odessa desde o distante ano de 1890. Os Protocolos foram publicados em 1905 pelo russo Nilus. Segundo certas versões, o autor deles foi um oriental chamado Asher Ginsberg, sob o pseudônimo de Achad Haam, que significa "do mesmo povo", e a sua finalidade foi a de tentar despertar a consciência nacional judaica. Um exemplar desse livro publicado por Nilus foi comprado pelo Mu-

seu Britânico, em 1906, onde ainda hoje ele pode ser encontrado, catalogado no acervo do museu.

Muito embora tivesse continuado a controvérsia mundial a respeito da autenticidade dos Protocolos, a sua legitimidade foi estabelecida por uma autoridade mais alta do que qualquer tribunal: a própria História Universal. Desde então, o programa judaico esboçado em 1906 tem sido literal e realisticamente executado ao pé da letra. Portanto, nós podemos considerar os Protocolos sob vários aspectos: ou como o plano mundial traçado pelos Sábios do Sião do 33º grau da maçonaria, ou como os registros secretos do Congresso Sionista de Basiléia, ou simplesmente como um panfleto escrito por um judaísmo extremista — tudo isto não tem nenhuma importância. O único fato relevante e indiscutível é que esse programa já foi quase executado no seu todo. Eles já conseguiram fazer até mais do que fora previsto pelos Sábios do Sião. Os conquistadores do mundo já subjugaram o globo terrestre. E ao invés de acompanhar as contravérsias sem objetivo que discutem a autenticidade ou a falsidade dos Protocolos, queremos provar uma coisa, isto é, que os Sábios do Sião já executaram o seu programa. Agora, falta só um passo para o Judaísmo dar antes de anunciar abertamente que o poderio mundial está nas garras deles. Nos tempos atuais, o Judaísmo parece estar um tanto obscurecido por trás dos poderes políticos, econômicos e espirituais que governam a humanidade, mas está pronto para entrar em ação, de um salto, a qualquer momento. Está preparando-se para dar esse único passo, depois do qual a sexta ponta será acrescentada à estrela de cinco pontas, bem como ao Pentáculo branco americano, e assim se tornará o símbolo aberto do reino mundial já concretizado, isto é, a estrela de seis pontas de Davi.

Resta ainda outra pergunta, relacionada com os Protocolos: será que existiu, algum dia, alguma organização judaica aberta ou secreta para traçar planos para um programa de âmbito mundial? Existia um "Governo" secreto judeu, para dirigir o judaísmo global, segundo os ensinamentos do Torah e do Talmude ou, talvez, dos Protocolos?

Não há a mínima dúvida de que dentro da comunidade judaica, antes mesmo do nascimento de Cristo, já existia uma organização conhecida como Kahal ou Cahilla, que atuava como órgão executivo político do teocrático estado judeu. Portanto, podemos supor que a nação judaica que está no exílio, preservou alguma coisa da sua organização.

Já observamos, linhas atrás, que antes mesmo da dispersão, tanto da diáspora de Alexandria como a de Roma já tinham adquirido reais poderes governamentais e políticos. Depois da dispersão, cada comunidade judaica possuía a sua própria Cahilla em miniatura, cuja finalidade era servir de árbitro nas disputas legais entre judeus, principalmente em casos em que era indesejável submeter o assunto a tribunais cristãos e expô-lo a publicidade. Em países superpovoados pelos judeus, a existência dessa Cahillas era um fato bem conhecido de todos. Mas, sem dúvida, devia ter existido, também, um órgão administrativo judaico superior, que seria o que poderíamos chamar, hoje, de "Comitê de Imigração", o qual mantinha os judeus juntos e coordenava-lhes as ambições políticas. Existem provas documentais de que essa suprema Kahal judaica esteve sempre aparecendo no curso de toda a História, sob vários nomes. Outrora, podia ser encontrada em Constantinopla, sob o nome de Sinedrim ou Sinédrio e o "Grande Sátrapa" era o chefe do judaísmo. Mais tarde, ela foi vista em vários movimentos, tanto na maçonaria francesa como entre os supremos comandos das Grandes Potências, na Primeira Guerra Mundial. Podem ser encontrados sinais

em toda parte desse governo mundial secreto. Em 1920, voltando da fracassada conferência de paz realizada em Versalhes, o presidente Wilson, dos Estados Unidos, anunciou abertamente:

"Havia uma força secreta em ação na Europa, cujo paradeiro nós não conseguimos localizar."

Afirma Disraeli, em 1844, no seu livro Conningsby, francamente:

"O mundo é governado por personagens muito diferentes do que é imaginado por aqueles que não estão nos bastidores".

Em 24 de dezembro de 1921, no Wiener Freie Presse, o judeu Walter Rathenau escreveu exatamente a mesma coisa, ao dizer:

"Trezentos homens, cada um dos quais conhece todos os outros, governam o destino do continente europeu, e eles elegem os seus sucessores dentre aqueles que os cercam."

As funções da Cahilla (Kahal) são bem conhecidas em Nova Iorque, porque os judeus dão festas da Cahilla com freqüência. Revelações muito interessantes sobre tudo isso são feitas no livro O Império Oculto (1946), no qual, na página 35, nós encontramos:

"Os judeus do mundo dividem a Terra em dois hemisférios: o Oriental e o Ocidental. Como os Estados Unidos estão no Hemisfério Ocidental, vamos limitar-nos àquele."

"Compreende-se que a Cahal seja erguida no Símbolo dos Sete. Portanto, o responsável pelo Hemisfério Oriental não está aqui; no entanto, ambos os responsáveis pelos dois hemisférios, ao que se alega, só podem se reportar a AKA'DHAM, o Desconhecido e Não Coroado Rei do judaísmo por toda a Terra, cuja identidade é mantida em sigilo."

Portanto, é indiscutível que algum tipo de organização central ou de governo judeu existiu o tempo todo, o qual executava metodicamente o programa mundial dos Sábios do Sião. Mas, quer tal governo tenha ou não existido, é preciso frisar o fato de que o próprio programa já foi cumprido e isso, em si mesmo, já é prova suficiente da sua organização. É preciso enfatizar o fato de que o mundo judeu já executou completamente o segundo estágio planejado pelos Sábios do Sião, e de que tudo está totalmente preparado para concluir breve o resto, e assim alcançar o terceiro e último estágio.

Há cinqüenta anos passados, ou durante o processo de Berna, a autenticidade dos Protocolos poderia ter sido contestada. Mas a execução do programa dos Protocolos, com o seu ardente nacionalismo do Velho Testamento, esteve em eterna evidência. A existência dos Protocolos talvez fosse discutível, mas não o seu nacionalismo.

Nos protocolos, que muito provavelmente não passam de extratos do verdadeiro programa, aparecem os métodos pelos quais os judeus esperam alcançar o domínio do mundo. Do texto um tanto misterioso, o leitor superficial notará que algumas vezes os Protocolos falam em ditadura, de outras fala em liberalismo, e que eles planejam alcançar o poder mundial algumas vezes através do capitalismo, e também pelo poder da Imprensa, e de outras vezes pela prática do que são inconfundivelmente métodos bolchevistas. Quando os Protocolos estavam nas mãos dos judeus de Odessa, os ensinamentos de Lenin eram desconhecidos. No entanto, podem ser encontradas nos Protocolos toda a teoria de Lenin, juntamente com as táticas de luta usadas pela minoria dominante. O leitor talvez se serpreenda ao tomar conhecimento de que,

afinal de contas, o Capitalismo é o sistema político preferido pelos judeus a fim de alcançar o domínio final sobre o mundo.

Após um estudo analítico dos Protocolos, chega-se à conclusão, com surpresa, de que a diferença entre o Bolchevismo e o Capitalismo é apenas imaginária. Os Sábios do Sião estavam claramente cientes de que o bolchevismo nada mais é do que o produto final do Liberal-Capitalismo, isto é: ambos são apenas duas formas diferentes do mesmo governo totalitário, e a ideologia dos dois consiste essencialmente de elementos contidos no materialismo, governo da minoria, no copioso uso do talão de cheques e no terrorismo de metralhadora.

Uma reavaliação dos acontecimentos históricos nos fornecerá a solução das partes obscuras dos Protocolos. Os Sábios do Sião planejaram três etapas para estabelecer o trono do rei Salomão.

O primeiro estágio consistia em obter para o Judaísmo o controle do dinheiro e do capitalismo, estabelecer o controle exclusivo do povo judeu sobre a imprensa e aumentar sua influência, enquanto ao mesmo tempo destruir e fazer naufragar a elite da sociedade não judaica. Ao mesmo tempo, usar o ideal do liberalismo como um aríete para destruir os países não judaicos, para provocar a perversão da lei romana, bem como de todos os outros sistemas legais, fomentar a inveja e o descontentamento entre as classes trabalhadoras e perpetuar os ódios entre as sociedades e os Estados.

O primeiro estágio incluía, também, espalhar dissenções entre países cristãos, desencadear guerras e provocar revoluções, mas todas essas atividades deveriam ser desenvolvidas sob o disfarce do liberalismo.

"Nós temos de estar em condições de responder a cada ato de oposição pela guerra com os vizinhos daquele país que ousar se opor a nós: mas se esses vizinhos ousarem se erguer coletivamente contra nós, então temos de oferecer resistência por meio de uma guerra universal."

Para os combatentes do primeiro estágio, os Protocolos prescrevem a intromissão na família cristã, uma luta incessante contra a religião, a monopolização da imprensa, a instigação dos trabalhadores à revolução e a lenta destruição das sociedades cristãs. Em primeiro lugar, todos os reinados têm de ser suprimidos, depois do que a aristocracia tem de ser destruída, os donos e arrendatários de terras têm de ser reduzidos à pobreza extrema, e o espírito da revolução tem de ser despertado nas massas.

"Sobre as ruínas da aristocracia natural e genealógica dos Goyim nós erigimos a aristocracia da nossa classe erudita chefiada pela aristocracia do dinheiro. Nós estabelecemos em forma de riqueza as qualificações para essa aristocracia, que depende de nós, e em conhecimentos, para os quais os nossos Sábios eruditos fornecem a força motivadora" (Protocolo I)

A última frase do Protocolo nos faz pensar no papel representado pelos cientistas judeus na Comissão de Energia Atômica.

Os autores dos Protocolos vêem claramente que na era do capitalismo liberal, a livre concorrência é o caminho mais seguro para executar a segunda etapa.

"Nós fingiremos que somos salvadores dos trabalhadores, visando livrá-los da opressão" — prosseguem os Protocolos — "ao convidá-los para entrarem para as fileiras das nossas forças combatentes — Socialistas, Anarquistas, Comunistas — às quais nós sempre damos apoio, de acordo com a alegação de regra fraternal da nossa maçonaria social" (Protocolo III).

Não nos esqueçamos de que esses Protocolos vieram à luz, pela primeira vez, no

distante ano de 1906, e que desde então os programas traçados por eles têm sido totalmente executados.

Durante o primeiro estágio, tanto as táticas como as armas empregadas são diferentes. "Nossa contra-senha é: Força e Fingimento" — pregam esses "fariseus" nos Protocolos, acrescentando, ao mesmo tempo: "Só a força vence nas questões políticas, principalmente se ela estiver oculta nos talentos indispensáveis aos estadistas" (Protocolo I).

Os autores dos Protocolos não eram afetados por nenhuma inibição ideológica. Eles previram claramente tudo que tem sido realizado desde então, isto é, que a exploração do capitalismo financeiro prepararia o caminho para o bolchevismo.

"O povo, acreditando cegamente nas coisas escritas, acalenta — graças a instigações visando a enganá-lo e a levá-lo à ignorância — um ódio cego para com as suas condições de vida, que ele considera acima das suas próprias forças já que não tem compreensão alguma do significado de classe e de condições."

"Esse ódio será depois ampliado pelos efeitos de uma crise econômica, que paralisará os negócios nas Bolsas de Valores e também as atividades das indústrias. Lançando mão de todos os métodos subterrâneos que estiverem ao nosso alcance, e com a ajuda do ouro, que está em nossas mãos, nós criaremos uma crise econômica universal, mediante a qual nós lançaremos nas ruas multidões inteiras de trabalhadores, simultaneamente, em todos os países da Europa. Essas turbas irão correndo, deliciadas, para derramar o sangue daqueles que, na simplicidade da sua ignorância, passaram a vida invejando, desde o berço, e cujas propriedades eles agora poderão saquear. Nas nossas propriedades eles não tocarão, porque nós saberemos quando será o momento do ataque, e tomaremos providências para proteger aquilo que nos pertence" (Protocolo III).

Basta relembrar os últimos quarenta ou cinqüenta anos de História européia e Universal para chegar à conclusão de que estamos realmente no início da segunda etapa.

Porque isso é realmente o próprio bolchevismo. O rebelde isolado, ou as massas proletárias cheias de ódio e de inveja, chefiados pelos mesmos comissários e agitadores que atualmente controlam os sistemas bancários, os parlamentos e a imprensa dos países capitalistas. Todos eles são, naturalmente, crias de mesma aliança tribal. Todos eles são representantes do mesmo nacionalismo de cara dupla. A verdadeira face oculta do Talmude se desmascara aqui, as feições distorcidas dos sangüinários saduceus, tramando para destruir todas as outras nações, mesmo pelo massacre, se necessário for; aqueles que chefiaram os grandes massacres de cristãos em 1945 com tanto zelo quanto os guerreiros de Bar-cochba, em 131 D.C., durante a grande revolta judaica no Mediterrâneo.

O Protocolo III prossegue:

"A aristocracia, que lucrava, pela lei, com o trabalho dos operários, estava interessada em ver que estes fossem bem alimentados, sadios e fortes. Nós estamos interessados justamente no oposto disso: na diminuição, no extermínio do goyim. O nosso poder reside na escassez crônica de víveres e na fraqueza física do operário, porque com tudo isso conseguiremos que ele continue sendo escravo dos nossos desejos e ele não encontrará, nas suas próprias autoridades, nem a força nem a energia para ir contra a nossa vontade."

O que mais é tudo isso, senão uma visão de pesadelo do bolchevismo? Faltam

três décadas para a sua eclosão! O que é isso, senão o programa dos antigos iluminados, com as suas características: "Fome e persuasão!" Isto nada mais é do que uma vívida descrição da Rússia de Stalin e de Kaganovich, na qual — segundo os Protocolos — devem ser encontradas a polícia secreta e uma instituição chamada Tribunal do Povo, que aplica a absoluta supressão e a completa exploração dos trabalhadores.

E nós já estamos na segunda etapa! Na Rússia é fato sabido que o trabalhador escravo do Kolkhoz tem de ajoelhar-se perante o comissário. Nas repúblicas soviéticas, o diretor da fábrica ou o capataz tem autoridade para retirar cartões de ração daqueles operários que não forem capazes de cumprir a norma, isto é, a quota determinada de trabalho. Os seis milhões de pessoas que morreram de fome na penúria ucraniana, os prisioneiros húngaros, alemães, romenos e italianos sacrificados, que morreram de fome, causada pela retirada dos seus cartões de rações, provam que esta parte do programa é executada onde quer que "Israel seja o Rei".

Mas os àutores dos Protocolos viram claramente que isto não era suficiente. Compreenderam que o bolchevismo é só o meio de domar, degenerar e animalizar as massas, reduzindo-as a um rebanho humano. Que o capitalismo e o bolchevismo, juntos com a luta de classes, são apenas instrumentos. Tudo isso ainda não é suficiente para alcançar a segurança absoluta e uma posição inexpugnável a ser ocupada pelos judeus.

"Lembrem-se da Revolução Francesa, a qual fomos nós que denominamos de "Grande"; nós conhecemos bem os segredos da sua preparação, pois ela foi toda trabalho das nossas mãos. Desde aquela época, nós não temos cessado de levar os povos de desencanto em desencanto, de forma a que no fim eles se virem também para o outro lado de nós, em favor do rei despótico do sangue de Sião, para o qual nós estamos preparando o mundo." (Protocolo III).

Esta é a terceira etapa. A última e a mais importante! Os autores dos Protocolos nos dizem que, quando isso for alcançado, no último instante os judeus anularão, com um único golpe de pena, todos os princípios que eles pregaram aos gentios. O Liberalismo e o Socialismo serão sucedidos por um despotismo absoluto e completo. Por um reinado judaico mundial, que por fora parecerá patriarcal, mas que é essencialmente cruel e terrorista, governado exclusivamene pelos judeus.

O Protocolo III explica que é absolutamente necessário que as pessoas vejam a encarnação do poder e da autoridade na pessoa do seu soberano. Ele é o monarca escolhido por Deus, cuja missão é a de esmagar as forças destrutivas cuja origem não está no intelecto nem no espírito humano, mas sim nos instintos animalescos da humanidade. Atualmente, essas forças são predominantes, e elas assumirão várias formas de violência e de roubo perpetrados em nome da lei e da ordem. Eles despedaçarão o atual sistema social a fim de estabelecer o trono do rei de Israel. Mas, logo que esse poder seja alcançado, o papel dessas forças terminará. "E então, será necessário varrê-las do caminho no qual não deve ser deixado nenhum nó, nenhum estilhaço.".

Mais adiante, veremos como se tornaram realidade profecias que em 1890 ou em 1906 pareciam estar longe de serem realizadas; elas foram executadas com espantosa precisão.

No Ocidente, na virada do século, as "tropas de assalto" dos conquistadores mundiais, que eram compostas de camadas sociais capitalistas judaicas da classe média, ficaram prontas para a ação, chefiadas pela elite intelectual progressista "assimilada", isto é, por escritores e jornalistas. Pois o judeu ocidental já era um pupilo do Talmude. Enquanto isso, no Oriente, mais de cinco milhões de membros do judaísmo

espalhados por toda a região entre o Volga e o Danúbio, as massas tanto de judeus russos como de judeus da Polônia oriental, ainda estavam acalentando sonhos do reinado judaico, curvados sobre os seus Talmudes e Torahs, nas sinagogas de Belz, Brest-Litovsk e Máramarossziget.

O erudito judeu Lajos Fehér, nascido em Budapeste, não disse nada mais do que a verdade, quando observou na sua grande obra, intitulada O Mundo Judeu, que o Talmude, na verdade, reduziu o povo judeu a uma escravidão ritual. As severas e minuciosas regras rituais judaicas prescrevem algum tipo de obrigação religiosa para todas as horas o dia. Rubens, em sua obra "Der alte und der neue Glaube" (A Antiga e a Nova Fé), chega à conclusão de que um judeu tem de passar a metade do dia cumprindo obrigações rituais. Somente para comemorar a morte de Moisés, existem mais de 3.000 cerimônias religiosas prescritas pelo Talmude. Tudo isso impossibilitava um judeu ortodoxo de desenvolver alguma atividade produtiva. Em tais circunstâncias, ele era incapaz de cumprir a jornada diária de quatorze horas de um camponês russo, polonês ou húngaro. Mas o fato de não ter ligações com os camponios tinha as suas vantagens. Foi fácil para os judeus, num tempo relativamente pequeno, transformarem-se numa classe média e ocupar o seu lugar no seio da camada social intelectual. Como os judeus não estavam ligados ao serviço da terra, ficaram livres para participarem totalmente de atividades tais como a leitura dos livros sagrados. Se levarmos em conta o significado disso durante os últimos 2000 anos, compreenderemos melhor por que esse povo tem produzido tantos intelectuais, escritores, poetas, jornalistas, políticos e cientistas atômicos.

E assim, o judaísmo aumentou rapidamente de estatura. Bastava a um judeu aprender a língua de um país para poder tornar-se parte da sua classe média, da sua burguesia ou da aristocracia rica daquele país. Assim, os judeus conseguiram ocupar mais posições-chave do que os elementos de qualquer outra nação, e nisso incluíamse tanto classes operárias como de camponeses. Daí a desenvolver uma grandiosa concepção messiânica, foi só um passo.

E por que não deveria essa raça, de apenas quinze milhões de pessoas, constituir as classes governantes de cada país da Terra, adotando o verniz superficial do inglês, as maneiras russas, os modos barulhentos dos americanos ou a polidez francesa, enquanto permanecia, o tempo todo, imbuída da mesma consciência uniforme do nacionalismo judaico?

O Purim é o único dia de júbilo nacional, quando o povo judeu pode embriagarse para comemorar o massacre do primeiro anti-semita, Haman, junto com os seus dez filhos, e a chacina de 75.000 gentios na cidade de Shushan e províncias. Jan e Jerome Tharaud, no seu livro em prol do judaísmo, A Sombra do Crucifixo, ficam em dificuldades para fazer a observação de que a nação judaica jamais conheceu o significado da palavra "amor". Embora as palavras "Ama o teu próximo como a ti mesmo" fossem um mandamento mosaico, no entanto isso era restrito apenas aos membros das tribos judaicas, e mais ainda, aos "parentes próximos". Nesse ínterim, o judaísmo oriental transformou-se numa comunidade que constituía uma espécie de reservatório de ódio e de hostilidade que eram dirigidos contra todos os que a cercavam.

Os judeus ocidentais, os fiéis marxistas, a princípio esperavam que a revolução proletária, conforme profetizado por Marx, se materializasse em alguma parte do Ocidente.

E enquanto isso, no Ocidente, realmente, ou mais exatamente, em Bruxelas, há

oitenta anos, quase em circunstâncias românticas, o partido bolchevista russo foi fundado. Entre os fundadores do partido encontramos um ex-membro da nobreza inferior "russa", um seminarista de Georgia, expulso do seminário, a filha de um magnata industrial russo e um jornalista progressista. Com exceção de um ou dois, eles eram todos judeus.

Quinze anos mais tarde, a Santa Rússia foi pulverizada pelo nacionalismo judaico, que neste ponto começou diretamente da segunda etapa para executar os planos dos Sábios do Sião para o estabelecimento do reino mundial judaico.

Capítulo IV

Banqueiros Milionários Apóiam os Bolchevistas

Antes da Primeira Guerra Mundial, determinado cartão postal em forma de caricatura era livremente vendido nas lojas judias da Rússia, da Lituânia e da Polônia. Nesse cartão, um rabino aparecia segurando o Torah numa das mãos, e na outra Nicholas II, o Tzar da Rússia, caricaturado como uma franguinha branca, com a coroa dos Romanoff na cabeça.

Sob o desenho, aparecia o seguinte texto, em hebraico: "Sä chaliphati, sä temurati, sä kaporati".

Isto significa: "Este animal a ser sacrificado será minha absolvição: ele será a minha oferenda expiatória, a ser sacrificada em meu lugar.".

Na verdade, esse texto hebraico faz parte da oração chamada "Kaporah". Os rituais referentes a esse sacrifício estão contidos em Levítico (cap. XVI, 15):

"E depois de ter imolado o bode do pecado do povo, levará o seu sangue para dentro do véu, conforme o que lhe foi ordenado tocante ao sangue do novilho, para fazer com ele as aspersões diante do oráculo."

Alguns rabinos opuseram-se a essa doutrina. Mas, onde quer que os cabalistas estivessem vivendo entre os judeus orientais, no dia da expiação uma franga e um frango brancos eram sacrificados em lugar do bode.

Assim, esse cartão postal era um convite aberto ao povo judeu para matar o Tzar. O ódio contra o tzarismo já estava latente, em conseqüência dos movimentos populares de violências contra os judeus, mas foi mantido no ponto de ebulição pelo mandamento de Moisés: "... não colocarás um estranho acima de ti (como rei) que não seja teu irmão".

Quando o bolchevismo eclodiu, o tzar foi assassinado em Ekaterinburg. Os assassinos do tzar foram Jacob Swerdlow, que mais tarde se tornou presidente da União Soviética, Jacob Jurovszkij, Chajim Golocsikin e Peter Jernakow, todos judeus.

Mas todos aqueles que durante cinqüenta anos conspiraram para provocar a desintegração e a subjugação da Rússia também eram judeus. Cinqüenta por cento dos membros do primeiro Partido Democrático Social da Rússia, do qual mais tarde se

formou o Partido Bolchevista, eram judeus. No início, o Partido Social Democrático Polonês foi organizado como o Partido Democrata Judeu, e a situação era semelhante na Lituânia. O próprio Kerenski, que se tornou Primeiro Ministro da Primeira República, também era judeu de nascimento.

O maior romancista russo, Dostoiévsky, cujo tratado sobre os judeus é, ainda hoje, mantido cuidadosamente oculto pelas pseudas "livres" casas editoriais ocidentais notou, já no distante ano de 1887, que o flagelo de Judá já estava erguido sobre a cabeça do povo russo, e que a sombra vermelha do bolchevismo desceria sobre a Santa Rússia.

"O reinado e a tirania deles está chegando" — escreveu o grande autor. "O despotismo sem limites da ideologia deles está agora apenas começando. A bondade humana, a fraternidade e a ânsia de justiça vão desaparecer sob a tirania que se avizinha; todos os ideais cristãos e patrióticos morrerão para sempre!"

O bolchevismo venceu. E no momento da sua vitória, os intelectuais russos, os jovens revolucionários e os judeus pobres situados no primeiro degrau da escada capitalista voltaram o rosto para a Rússia. Fossem bolchevistas ou não, eles eram, contudo, judeus compreendendo que os que iam suceder o regime tzarista também eram judeus.

Um membro da classe média húngara judaica, László Lakatos-Kellner, saudara Lenin num poema, escrevendo:

O NOVO CRISTO CHEGOU,
LENIN! LENIN!

A gazeta oficial dos judeus húngaros a Egyenlöség (Igualdade), lida principalmente pelos cidadãos abastados, publicou o seguinte, num artigo elogiando Trotsky (nascido Bronstein):

"O intelecto e o conhecimento judaicos, a coragem e o amor da paz dos judeus salvaram a Rússia e talvez o mundo inteiro. Jamais a missão histórica mundial dos judeus brilhou tão intensamente como na Rússia. As palavras de Trotsky provam que o espírito bíblico profético de Isaías e de Miquéias, os grandes pacificadores, juntamente com os Sábios do Talmude, está inspirando os líderes da Rússia nos nossos dias".

O banqueiro americano Jacob Schiff, a casa bancária Kuhn & Loeb e financistas americanos apoiaram os bolchevistas, desde o começo, com vultosos empréstimos e inúmeros donativos grandes. Esses banqueiros conheciam os líderes da Rússia tão bem quanto conheciam a profecia de Amschel Mayer, o fundador da Casa dos Rothschild. Uma bandeira era exibida na casa dos Rothschild, em Frankfurt, num escudo. Jean Drault, o escritor francês, lembrava-se de que o velho Amschel Mayer dizia aos fregueses da sua loja:

"Um dia, esta bandeira governará o mundo"

Karl Marx, neto do rabino Trier, também devia ter conhecido muito bem essa bandeira. Ele, tão bem quanto todas as pessoas, compreendia bem que o capitalismo judeu e o marxismo judaico não passam de duas formas diferentes do mesmo judaísmo, daquele mesmo nacionalismo resolvido a conquistar o mundo. A bandeira vermelha de Rothschild é um espetáculo tão alegre e tão estimulante para Morgenthau quanto o era para Kaganovich.

Embora seja interessante tomar conhecimento de que o bolchevismo adotou a

sua bandeira vermelha de um banqueiro judeu, é também digno de nota o fato de que a saudação revolucionária do bolchevismo, o punho fechado erguido, é também um símbolo de origem judaica. No exemplar de 7 de agosto de 1939, na página 21, o jornal denominado A Chave do Mistério relata que na festa do Purim, dada em comemoração do massacre de 75.000 gentios, os judeus ainda se saudavam com o punho fechado erguido.

Mas o mundo cristão ainda pergunta a si mesmo como seria possível um entendimento entre o bolchevismo e o capitalismo, dois inimigos mortíferos.

Essa pergunta foi respondida de forma definitiva em 1918 pelo relatório do Serviço Secreto Unido (Departamento do Segundo Exército), que revelou os nomes das pessoas que financiaram a revolução bolchevista a partir de 1916. Por pressão judaica, esse relatório foi destruído pelo Departamento de Estado, mas nessa altura já era tarde demais. O Reverendo Denis Fahey, Professor de Teologia, no seu livro O Corpo Místico de Cristo no Mundo Moderno, e Monsenhor Jouin, na sua obra O Perigo Judaico Maçônico, citam ambos o referido relatório. Vamos fazer aqui uma breve referência a ele, mas o texto integral pode ser ainda encontrado. Segundo o serviço americano de contra-espionagem e imprensa, os seguintes e importantes banqueiros americanos deram dinheiro a Lenin e aos seus camaradas para a revolução bolchevista: Jacob Schiff, Guggenheim, Max Breitung, a casa bancária de Kuhn, Loeb & Cia., cujos diretores eram, ao mesmo tempo, Jacob Schiff, Felix Warburg, Otto Kahn, Mortimer Schiff e S. H. Hanauer. E, conforme observa o relatório: "todos judeus".

O relatório cita artigos no Daily Forward, o jornal bolchevista judeu de Nova Iorque, descrevendo de forma minuciosa como quantias vultosas de dinheiro, em dólares, foram transferidas para os bolchevistas, a partir de contas do Sindicato Westphalian-Rhineland, uma importante firma comercial judaica. E como a casa bancária de Lazare Brothers, em Paris, o Banco Gunsbourg, de São Petersburgo, com filiais em Tóquio e Paris, a casa bancária londrina de Speyer & Co., e o Nya Banken de Estocolmo, Suécia, todos mandaram dinheiro para os bolchevistas.

O relatório do Serviço de Espionagem e de Contra-Espionagem americano assinalou como certo que Jacob Schiff deu doze milhões de dólares para o financiamento da revolução bolchevista. Quanto a casa bancária parisiense de Lazare, eles não apenas representaram um papel importante no desencadeamento da Segunda Guerra Mundial, mas o ex-diretor da empresa, o Senhor Altschul, fazia parte do quadro de executivos da Free Europe Inc. e cuidou da reorganização da Europa.

Esse trabalho conjunto característico, essa conspiração entre bolchevistas e banqueiros, só pode ser explicada de maneira plausível pelo nacionalismo judaico. Embora a derrubada da Rússia, a terra dos massacres, bem como o extermínio da família do tzar, fossem todos atos criminosos, no entanto, aos olhos do nacionalismo judaico, eles pareceram ser apenas atos de judeus, o triunfo do judaísmo, a gloriosa luta de libertação do irredentismo. O poder político absoluto na Rússia caíra abertamente nas mãos dos judeus.

Talvez no início os ensinamentos de Lenin não tivessem sido totalmente compreendidos pelas massas judaicas. Contudo, eles viram que quase todos os líderes e governantes do novo sistema estatal russo eram descendentes de Abraão. O próprio Lenin era só formalmente Ulianov. Seu pai era membro da nobreza russa inferior. Mas sua mãe era filha de um médico judeu alemão chamado Blank. Foi da mãe que Lenin herdou a mania de destruição e a ânsia desesperada do poder; ambas são características judaicas. Victor Marsden, o jornalista inglês que esteve atuando como corres-

pondente durante a Primeira Guerra Mundial na Rússia, descreve Lenin como segue:
"Lenin, um judeu calmuco, casado com uma judia, e cujos filhos falavam ídiche".
Herbert Fitsch, um detetive da Scotland Yard, que, disfarçado de criado, penetrou no meio daqueles que cercavam Lenin e informou que ele era um "judeu típico".
Ao mesmo tempo, o Morning Post publicou uma lista dos nomes, pseudônimos e origem racial dos fundadores do Governo Secreto, juntamente com os seus cinqüenta funcionários-chave mais importantes. Cerca de noventa e oito por cento dos mesmos eram judeus.
O jornal Crônica Judaica, de Londres, declara ousadamente, em 4 de abril de 1919:
"Na maioria dos pontos, os conceitos de bolchevismo estão em harmonia com as idéias do judaísmo".
Victor Marsden, o repórter do Morning Post na Rússia, declara que entre os 545 principais oficiais bolchevistas, havia 477 judeus, no nascimento do bolchevismo.
Mas a opinião do nacionalismo judaico era consideravelmente diferente. Os judeus não deram atenção nenhuma ao massacre de bispos, à matança de padres, nem à chacina de centenas de milhares de russos. Eles só se importavam com o lado do sucesso judaico.
Os medonhos acontecimentos que se passaram na Rússia superam toda e qualquer imaginação. Dados estatísticos compilados nos primeiros dias do bolchevismo e também citados nos Registros do Congresso Americano revelam que durante os primeiros anos

28	bispos e arcebispos
6.776	sacerdotes
6.575	professores
8.500	médicos
54.850	oficiais do exército
260.000	soldados
150.000	oficiais da polícia
48.000	gendarmes
355.000	intelectuais
198.000	trabalhadores
915.000	camponeses

foram assassinados juntamente com o imperador (tzar) e com a família deste.
Seria de esperar-se que, depois de examinar esses dados estatísticos hediondos, o povo judeu, que tem cansado de trombetear pelos quatro cantos do mundo, que é um povo humanitário, expulsasse esses judeus bolchevistas das suas fileiras, tomado de nojo e de desprezo. Mas, na melhor das hipóteses, o mundo judeu e sua grande organização ficou em completo silêncio a respeito. E nesse ínterim, talvez não exista em todo o mundo um único país em que o Partido Comunista não esteja sob a exclusiva direção de judeus.
Na Argentina, já no distante ano de 1918. Salomon Haselman e sua esposa, Julia Fitz, começaram a organizar o comunismo. A revolução argentina estourou em janeiro de 1919, e só em Buenos Aires fez 800 mortos e 4.000 feridos. O líder da revolução foi Pedro Wald, aliás Naleskovsky, e o seu Ministro da Guerra era Macaro Ziazin, ambos judeus orientais. Após a supressão do levante, outros movimentos foram organizados pelos judeus. Havia inúmeros judeus e comunistas entre os professores de

colégios e entre os professores de universidades. Siskin Aisenberg iniciou a educação bolchevista no seio da juventude argentina. Entre os jornais ídiches, Roiter Stern, Roiter Hilfe, Der Poer e Chivolt estavam todos empenhados em divulgar uma perigosa propaganda bolchevista.

O levante bolchevista chileno de 1931 e a rebelião bolchevista uruguaia de 1932 foram planejados e chefiados quase exclusivamente por descendentes da semente de Abraão.

Quando a passageira revolução feita no Brasil foi suprimida, em 1935, ficou revelado que os verdadeiros líderes eram todos judeus, com exceção de Luís Carlos Prestes. A Braccor, uma associação judaica oriental, organizou os trabalhadores das docas, e o líder dessa revolta, conhecido como Ewert, se chamava, na verdade, Harry Berger. Essa revolução foi dirigida da Embaixada Soviética em Montevidéu por um comerciante judeu de couros, chamado Minikin. Entre os líderes da revolução brasileira havia inúmeros membros da Organização Revolucionária Israelita Brazor, e entre outros podemos mencionar Baruch Zell, Zatis Janovisai, Rubens Goldberg, Moysés Kava, Waldemar Roterburg, Abrahão Rosemberg, Nicolau Martinoff, Jayme Gandelsman, Moisi Lipes, Carlos Garfunkel, Waldemar Gutinik, Henrique Jvilaski, José Weiss, Armando Gusiman, Joseph Friedman e assim por diante. Ver nota pág. 49.

Das revoluções sul-americanas e centro-americanas, talvez a do México seja particularmente interessante, pois aqui novamente um milionário judeu chefiou os bolchevistas. O ditador da revolução bolchevista mexicana, Plutarco Elias Calles, era filho de um judeu sírio e de uma mulher índia. Calles era maçom do 33º grau e sua fortuna pessoal se elevava a oitenta milhões de pesos. Seu amigo, Aron Saez, que representou um importante papel como seu lugar-tenente, e que possuía uma fortuna calculada em quarenta milhões de pesos, era também judeu. A perseguição que eles moveram contra a Igreja resultou na morte de 20.000 mártires católicos. Entre esses havia 300 sacerdotes da Igreja Católica Romana e 200 jovens devotos católicos.

Mas o movimento bolchevista dos Estados Unidos foi o mais típico e o mais característico de todos. Nos E.U.A., o Partido Comunista foi fundado em 1 de setembro de 1919. O seu primeiro secretário geral foi Willian Z. Foster. E foi na mesma época que o jornal Daily Worker, um diário comunista de Nova Iorque, começou a ser publicado. A maior quantidade dos adeptos do Partido Comunista Americano era constituída na sua quase totalidade, de judeus que tinham emigrado da Rússia para os Estados Unidos, e também da Polônia e de outros países que até hoje ainda estão sob o jugo da Cortina de Ferro. Os E.U.A. lhes ofereceram tudo que uma grande e livre democracia pode oferecer: inexistência de massacres, prosperidade, muitas vezes até a riqueza, um novo lar e salários dignos de um ser humano. No entanto, na primeira oportunidade, eles começaram a tramar para derrubar a liberdade americana e para subjugar completamente o governo de Washington.

O movimento comunista teve origem na união formada pelos empregados na indústria de roupas feitas. Até hoje, esse sindicato ainda continua quase totalmente nas mãos de judeus, e a primeira pergunta que eles fazem quando alguém se candidata a entrar para o sindicato, é: "Você fala ídiche?" É digno de nota o fato de que, a exemplo do que acontecia na Rússia e na Polônia, onde os partidos marxistas eram organizados pelos judeus, também nos Estados Unidos as organizações judaicas tornaram-se as defensoras dos princípios comunistas. O Clube dos Operários Judeus, o Sindicato dos Trabalhadores Judeus, a ICOR (uma companhia para colonos), a ARTEV (Arbeiter Theater Verband) e o John Reed Club para escritores judaicos, foram

todas organizações judaicas e comunistas. Por volta de 1936, o número de jornais radicais e comunistas, bem como de número de periódicos judeus publicados nos E.U.A., chegou a 600, e já em 1933 o número total de membros do Partido Comunista chegava a 1.200.000 estimativa feita por Earl Browder. Nos trabalhos preparatórios para organizar o bolchevismo americano, o Sindicato Nacional dos Operários Têxteis e o Amparo Internacional aos Trabalhadores representaram importante papel. Os líderes dessas duas grandes organizações eram judeus: Charles Steinmetz, Upton Sinclair, Helen Keller, Albert Einstein, Bishop William M. Brown. A Defesa Internacional do Operário era uma organização muito poderosa, chefiada por milionários ou então por advogados muito ricos, apesar do fato de ser tipicamente comunista.

Todos esses grupos, sindicatos e associações tinham esperanças de conquistar os Estados Unidos para o bolchevismo durante a grande crise econômica. Em 1930, quando os comunistas de Nova Iorque tentaram sitiar a prefeitura, os jornais comunistas relataram cheios de entusiasmo:

"As mulheres judias estavam lutando como tigresas" (Der Weltbolschevismus, página 265).

Todas as associações citadas acima pertenciam as sociedades não secretas ou exotéricas da América. Nenhuma dessas associações bolchevistas do tipo aberto apresentava nenhum perigo verdadeiro. Certamente, o operário americano — quer seja ele um descendente de um colono antigo do Mayflower ou de um refugiado oriental — jamais se transformaria em comunista. Por isto, logo depois que o seu partido foi fundado, os bolchevistas americanos tentaram convencer a mocidade americana a juntar-se a eles e a servir como o cerne duro das tropas de assalto dos conquistadores do mundo. Eles sabiam muito bem que seria extremamente difícil repetir na América os truques usados na Rússia. Eles sabiam muito bem que o operário americano não era bolchevista nem marxista. Portanto, eles dispararam suas baterias contra a juventude americana: fizeram tudo para conquistar o apoio de uma segunda geração desiludida. Para isso, muito antes de Roosevelt subir ao poder, eles organizaram a Liga da Juventude Comunista (formada de universitários), e os Jovens Pioneiros, para crianças entre oito e nove anos de idade. O trabalho de minar os Estados Unidos, naturalmente, não foi realizado apenas pelos comunistas.

Existiam, também associações mais pacíficas, com a finalidade de disfarçar, e sindicatos operários, que, sob o pretexto do Marxismo ou do Socialismo, realmente serviam aos objetivos supranacionais tribais dos judeus. Mas as posições-chave, até mesmo dessas organizações, que não eram ocupadas por judeus, eram dominadas pelos judeus. A C.I.O., a maior organização trabalhista, estava sob a liderança de Sidney Hillman, enquanto que a Federação Americana do Trabalho foi fundada por Samuel Gompers, um imigrante judeu vindo da Inglaterra.

Depois de todos esses fatos, o leitor não se surpreenderá ao saber que, quando Eugen Dennis foi preso, em 16 de maio de 1950, o famoso escritor judeu Albert Kahan comentou como segue, em Vida Judaica, o suplemento mensal do jornal Nova-iorquino sionista Freiheit:

"Quando, em 15 de maio, Eugen Dennis, o líder do Partido Comunista, foi mandado para a prisão, uma sombra caiu sobre a vida de todo cidadão judeu americano, homem e mulher".

Agora, vamos dar uma olhada na Europa (exceto a Rússia), o velho continente,

onde cantos corais e salmos foram compostos e escritos, e onde durante a Idade Média Cristã, o mundo judeu era confinado aos guetos.

Na Inglaterra, o Partido Comunista, embora seja de força desprezível, é dirigido por judeus, como também o são as organizações chamadas Ligas Antifascistas ou Movimentos Contra a Guerra, onde podemos encontrar nomes tais como Lord Marley, Ivor Montagu, Hannen Swaffer, Gerald Barry, Bernhard Baron, Nathan Birch, Morris Isaacs e Harold Laski. Os descendentes dos nobres lordes, barões e fidalgos judeus de repente passaram todos para o lado do bolchevismo, que segundo se diz, na Rússia, pretende destruir o capitalismo.

Na Inglaterra, em certa época o Partido Comunista era representado no Parlamento por um judeu chamado Piratin.

Na França, o controle do marxismo esteve e ainda está quase totalmente nas mãos de judeus. Zay, Leon Blum, Denains, Zyrowszky, Mandel-Bloch e o resto, chefiaram o mesmo nacionalismo revolucionário que arruinou a Santa Rússia.

Entre os principais nomes dos que se preocuparam principalmente em organizar o Partido Comunista Francês, podemos citar Henri Barbusse, André Gide, Romain Roland e André Malraux. Na França, os judeus gozam dos benefícios da baixa burguesia francesa, e ficando deslumbrados com a ótima situação dos judeus na Rússia Soviética, apressaram-se a entrar para as organizações comunistas francesas. Essas executaram suas atividades, disfarçadas sob vários nomes, tais como "Liga Internacional Contra o Anti-Semitismo", ou "Associação Cultural dos Proletários Judaicos", etc. A organização judaico-comunista chamada Gezerd pode também ser citada aqui.

O Congresso Internacional de Escritores realizado em Paris, em 1935, foi inteiramente comunista. Nessa ocasião, ficou evidente que os escritores que eram os maiores expoentes do espírito "humanitário" judaico também apoiavam fervorosamente os senhores do bolchevismo russo. A placa desse congresso exibia a palavra "Internacional", mas na verdade não passou de uma reunião tribal de nacionalistas deslumbrados com os sucessos alcançados na Rússia, e cujos participantes vieram de vários países e falavam idiomas diferentes, mas pertenciam à mesma raça.

Na Bélgica, um judeu chamado Charles Balthasar foi o organizador do Partido Bolchevista, cujo principal suporte ainda é a associação chamada Gezerd.

Na Suécia, forças semelhantes estão trabalhando para o bolchevismo. O Partido Comunista Sueco era apoiado por um dos maiores capitalistas, Ivar Krueger, o rei do fósforo, segundo o jornal Der Weltbolschevismus, segundo informações recebidas de fontes suecas. As várias casas editoras e bibliotecas que emprestam livros e que estão nas mãos dos judeus também ajudaram muito a promover o bolchevismo.

A situação também não é muito diferente na Noruega, onde o Major Quisling, à luz da experiência acumulada na Rússia Soviética, começou a organizar o Partido Nacional Anti-Bolchevista, pois compreendeu que o mesmo povo que destruíra a Rússia estava agora se preparando para aniqüilar a Noruega.

Na década de 50, na Dinamarca, estudantes judeus, bem como os professores judeus Georg Brandese Davidson, da Universidade de Copenhague, dirigiram atividades comunistas. A principal organização deles é a associação cultural judaica, a I.K.O.R. Axel Larsen, o líder administrativo judeu, anunciou em tom confiante, perante uma multidão: "O Partido Comunista Dinamarquês não descansará enquanto não tiver conseguido enforcar todos os padres e todos os policiais".

Em 1932, os bolchevistas que viviam na Suíça se intitulavam Socialistas Esquer-

distas. Leon Nicole era o chefe deles, e o seu assistente, um judeu russo chamado Dicker, instigou a revolução de 9 de novembro de 1932, que resultou em treze mortos e cem feridos.

Na Áustria, o marxismo austríaco está em andamento, e seria difícil distinguir entre seus matizes democráticos e comunistas de pensamento, embora ambos sejam inspirados pelos judeus. Friedrich Adler foi o principal organizador desde o início. Ele foi o primeiro secretário da Segunda Internacional e também o assassino de Stürgh, o ex-primeiro ministro austríaco.

Na Romênia, Anna Pauker-Rabinovich e outros judeus foram os paladinos do bolchevismo. Foram eles que forçaram os operários a fazerem uma sangrenta greve ferroviária. A influência deles foi apavorante, num governo liberal e corrupto como era o da Romênia. O jornal Der Weltbolschevismus conclui, num artigo como segue:

"É digno de nota com que força os judeus estão participando do movimento comunista. As atividades mais perigosas são observadas naqueles setores onde vivem as grandes massas de judeus" (Página 435).

A Tchecoslováquia, o porta-aviões da União Soviética, foi completamente minada pelas organizações comunistas desde o começo da sua independência nacional. Um dos líderes comunistas foi Slansky-Salzman. A literatura comunista e o controle de todas as atividades de organização estão nas mãos dos judeus.

Na Bulgária, os movimentos comunistas também foram liderados pelos judeus. Quando duzentos oficiais e civis tombaram, vítimas da trama contra Sveta Nedelja, foi revelado que a conspiração, organizada por Dimitrov, foi executada pelos judeus Jack e Prima Friedman.

Na Grécia, os jornais Avanti e El Tsoweno eram os órgãos oficiais do Partido Comunista, sendo que El Tsoweno era também o porta-voz da sociedade judaico-comunista em Salônica.

E se olharmos também para o Extremo Oriente, ficará claro que também lá as mesmas mãos estão ateando as chamas do bolchevismo. Os antigos líderes do Partido Comunista Chinês, Borodin e Crusenberg, também eram filhos de Abraão.

Deixamos de propósito a Espanha para o fim, já que se podem reconhecer distintamente organizações judaicas na Guerra Civil Espanhola. Quando estourou a revolução, os líderes Zamorra, Azara, Rosenberg e a famosa La Passionaria, cujo nome verdadeiro era Dolores Ibauri, eram também todos judeus. E aqueles que inundaram a Espanha, vindos de todos os lados, para tornar mais insuportável o conflito sangrento do povo espanhol, eram mensageiros do mesmo nacionalismo racial já vitorioso na Rússia. Ilja Ehrenburg, Béla Kun, Ernö Berö, Máté Zalka, os líderes e membros da famosa brigada Rákosi-Roth, pertenciam todos, sem nenhuma exceção, às falanges desse tresloucado "nazismo" racial.

Quando soa a hora, cai a máscara! Igrejas cristãs e tesouros de arte seculares são devorados pelas chamas, terroristas bêbedos crivam a cruz de Cristo de balas, e os mesmos "peritos" novamente crucificaram sacerdotes, como fizeram antes na Rússia. Eles torpedeiam e afundam navios-prisões com anti-revolucionários agrilhoados no porão, fuzilam dezenas de milhares de reféns cristãos capturados, usando para isso a arena de touradas. Os cadáveres de um milhão e meio de vítimas e de mártires cobrem os campos de batalha de uma Espanha abatida pela dor e pela desgraça. Mas por trás de toda a miséria maciça e por trás dos mineiros de Astúrias ergue-se o mesmo poder místico que instigou os marujos russos à rebelião, em Kronstadt. Enquanto os intelectuais "cor de rosa" começam a contemplar essa trilha sangrenta à luz de

um espetáculo parecido com uma Peça da Paixão, banqueiros ricos fornecem ao espetáculo ouro e armas. E foi assim que o "nazismo" milenar se vingou de Fernando, da Espanha Católica, por ter expulso os judeus do país, e vinte anos depois o Congresso Judaico Americano ainda teve o descaramento de declarar: "Até os dias de hoje, os judeus ainda não se esqueceram da Espanha, pela expulsão feita".

Ainda bem que naquela época crítica havia espanhóis heróicos no lugar e também países europeus dispostos a mandarem uma ajuda efetiva. Com a ajuda da Legião Condor Alemã e da Divisão Flecha Azul italiana, o povo espanhol derrotou esses fanáticos, provando, assim, de maneira enfática, que a revolução soviética poderia ter igualmente sido dominada, se a Rússia não tivesse sido abandonada na sua hora de necessidade pelas potências européias.

Os massacres perpetrados pelos comunistas na Rússia causaram um efeito de terror no mundo cristão. Mas tais crimes, aos olhos dos judeus, foram apreciados como feitos heróicos e encantadores. Aos olhos deles, só uma coisa importava: que os membros da sua raça tinham conseguido dominar um vasto império, praticamente mais de um quinto do globo terrestre.

Durante a guerra de intervenção, os sindicatos de trabalhadores ingleses foram postos em ação por uma mão "oculta", para barrar a campanha contra o bolchevismo. Quando a Polônia foi atacada pelo bolchevismo, a Maçonaria Grande Oriente, com a ajuda dos maçons tchecoslovacos, impedira a entrega de munição aos poloneses. Com o tempo, as últimas reservas de munição da Hungria foram mandadas para o Vístula, e com essa ajuda o marechal Pilsudski venceu a Batalha de Varsóvia.

Mas qual o interesse do mundo capitalista ocidental judeu na sobrevivência e na difusão do bolchevismo? Afinal de contas, o judeu ocidental é um capitalista, e o bolchevismo prega a abolição do capitalismo. Os judeus ocidentais propagaram de maneira consistente todos os vários lemas humanitários, aparentemente ignorando que todo o sistema do bolchevismo era um ultraje contra a humanidade. O judeu ocidental parecia permanecer fiel à sua própria religião, ao passo que o bolchevismo estava proclamando o ateísmo. Portanto, o que o bolchevismo tem em comum com o capitalismo ocidental? Como foi possível que as organizações sionistas de Nova Iorque dessem vivas ao bolchevismo, e que Jacob H. Schiff lhe desse dinheiro?

Desde então, a História nos tem dado a resposta a essas perguntas.

O que o Bolchevismo e o Capitalismo têm em comum é o medonho fato de que AMBOS SÃO IGUALMENTE JUDEUS.

Os judeus capitalistas ocidentais não viram nenhum inimigo do capitalismo nos líderes soviéticos: viram apenas judeus. Eles podiam justificar as barbaridades bolchevistas, pois elas foram cometidas principalmente por judeus. Segundo as estranhíssimas crenças do nacionalismo judaico, o judeu é um super-homem! O Judaísmo é uma supernação. Os judeus têm liberdade de agir como quiserem contra outras raças. É esse o ensinamento do Torah e do Talmude. A posição do judeu está "acima do bem e do mal". No início, alguns judeus condenaram o bolchevismo por motivos convencionais; mais tarde, porém, eles compreenderam que a única coisa a fazer era silenciar a respeito do assunto, já que o bolchevismo também era liderado por judeus.

Os altos círculos financeiros do Ocidente estavam resolvidos a manterem a liderança judaica na União Soviética, a qualquer preço. O livro de Henry Ford (The International Jew) foi publicado naquela época, revelando, em chocantes exposições, que o judaização da vida americana já progredira até um ponto incrível. Embora o boicote judaico tivesse obrigado Henry Ford a pedir desculpas pelo seu livro, ele ja-

mais negou a verdade contida na sua obra. Depois da Primeira Guerra Mundial, a questão judaica nos Estados Unidos tornou-se cada vez mais crítica. Através do monopólio do comércio e dos bancos, do controle da produção dos bens de consumo, do controle tirânico dos judeus sobre a imprensa e do envenenamento da educação pública, o poderio judaico passou a constituir uma usurpação de direitos e a ameaçar o estilo de vida americano.

O perigo foi previsto em tempos já remotos por grandes americanos, tais como Benjamin Franklin, que, em certa ocasião, declarou:

''Existe um grande perigo para os Estados Unidos da América: esse perigo são os judeus''.

''Se eles não forem excluídos dos Estados Unidos pela Constituição, em menos de 100 anos eles entrarão neste país em número tão grande, que nos dominarão, e nos destruirão e mudarão nossa forma de governo, pela qual nós, os americanos, derramamos o nosso sangue e sacrificamos nossas vidas, nossas propriedades e nossa liberdade pessoal. Se os judeus não forem excluídos, dentro de 200 anos nossos filhos estarão trabalhando para eles, nos campos, para alimentar os judeus, enquanto estes ficarão nos escritórios, contentes da vida, esfregando as mãos''.

Poderia ser escrito um best-seller muito interessante, contando como foi que certas mãos misteriosas deram sumiço no Diário de Benjamin Franklin. Pode-se afirmar, sem sombra de erro, que na época em que a revolução bolchevista estourou na Rússia, o judaísmo americano já estava no primeiro estágio do grande plano. Durante o ataque operacional para garantir a primeira etapa, o controle sobre as finanças e a imprensa foi alcançado, e a influência sobre a vida pública foi estabelecida de maneira firme. O nacionalismo judeu no Mundo Ocidental compreendeu claramente que, apesar da sua ideologia ostensivamente hostil, o bolchevismo tinha de ser mantido vivo, porque o caminho para a segunda etapa nos Estados Unidos passava pelo caminho do bolchevismo — o grande aliado Oriental — que a judaria a conquistar os Estados Unidos e a estabelecer o poder mundial judaico. Portanto, é compreensível que, depois da revolução russa, os líderes das 217 organizações sionistas americanas resolvessem dar toda a ajuda financeira possível ao bolchevismo.

O bolchevismo será devorado pelos vermes!'' — exclama Trotsky, angustiado. Mas o capitalismo judeu americano tomou todas as providências para sustentar, criar e industrializar essa ameaça mundial. Portanto, em breve o bolchevismo ''anti-capitalista'' estava sendo apoiado por empréstimos de Loeb, bem como de outros créditos a longo prazo, apoiado pelo fornecimento de cientistas, por meio de contribuições e pela entrega de armas. Os que estavam dando o dinheiro não eram bolchevistas, mas eram judeus! Eles eram representantes de uma solidariedade racial supranacional. Eles deram uma ajuda substancial ao bolchevismo porque eles tiveram a visão de compreender que se por algum acaso o bolchevismo entrasse em colapso, isso desacreditaria a confiabilidade do planejamento e da liderança judaicos. Além do mais, esse fracasso traria à luz os massacres perpetrados pelos judeus em nome do bolchevismo. Portanto, para não perderem as terras conquistadas da Rússia, consideradas agora como parte realmente estabelecida do planejado futuro império mundial judaico, os judeus deram ao bolchevismo toda ajuda possível. O bolchevismo representava uma ideologia para os países cristãos. Mas para o judaísmo, ele era um problema nacional judaico de suprema importância.

Mas o firme estabelecimento do bolchevismo na Rússia não era suficiente, em si só. Para garantir-lhe a sobrevivência e o desenvolvimento como potência, era ne-

cessário enfraquecer os povos da Europa cristã, para que mais tarde eles não pudessem eliminar o monstro bolchevista. Para o nacionalismo tribal judaico, o período das conferências de paz que se seguiram à Primeira Guerra Mundial significava ainda mais uma vitória para os sonhos do domínio mundial dos judeus.

O próprio Wilson declarou, ao voltar para os Estados Unidos, depois da Conferência de Versalhes:

"Havia uma força secreta em ação na Europa, a qual não conseguimos identificar".

Na Conferência de Paz de Versalhes, a delegação alemã tinha dois judeus. Entre os seus conselheiros incluíam-se Max Warburg, o Dr. von Strauss, Oscar Oppenheimer, Dr. Jaffe, Deutsch, Brentano, Struck, Wassermann e Berthold Mendelsohn.

Durante esse período, o mundo cristão deixou de notar que as brechas que separavam as nações, artificialmente aprofundadas, juntamente com as injustiças promovidas pelos tratados de paz, serviam apenas para fortalecer as aspirações dos judeus ao poder mundial. Na Alemanha faminta, grupos rebeldes de operários, juntamente com revolucionários socialistas e bolchevistas, estavam dividindo a sociedade. Do outro lado do Reno, surgem novos nacionalismos, para se atacarem mutuamente. No lugar da Monarquia dos Habsburgos e do ex-Império Austro-Húngaro, muitos pequenos nacionalismos opostos se preparam a fim de ajustar velhas contas. Enquanto as labaredas da revolução bolchevista ainda fumegam, na Itália, as novas chamas da revolução fascista começam a brilhar intensamente.

Enquanto isso, mais para leste, em virtude do apoio das finanças judaicas, o bolchevismo vai ficando cada vez mais forte, e por isso os judeus do Kremlin, tanto quanto os da diretoria da Loeb, podem entoar o credo do seu nacionalismo sobre a Europa tresloucada.

"Nossos homens estão fazendo rápidos progressos em Paris, em Nova Iorque e em Moscou. Nós estamos avançando na direção da segunda etapa da luta. Dividimos a Europa cristã, e do solo da injustiça semeada por nós brotarão as sementes de uma nova guerra. Vocês verão que nos próximos vinte anos essas sementes darão frutos". E como disse o grande Lenin:

"A Primeira Guerra Mundial nos deu a Rússia, enquanto que a Segunda Guerra Mundial nos entrega a Europa!"

Oh, Europa, berço da civilização, será que você ainda não entendeu? Não pode perceber para onde vão levar a unidade nacional judaica, juntamente com os seus próprios conflitos internos? Não consegue ver o abismo para o qual está sendo impelida pelas forças impregnadas da crueldade e do fanatismo de um povo supranacional? Ai de nós! São pouquíssimos os que são capazes de ver isso, mesmo agora.

Um frade desconhecido, Gyula Sziliczei-Várady, um dia escreveu profecias que foram logo esquecidas, num livro chamado Do Gueto ao Trono, e aqui está o Nêmesis:

"Os judeus ocidentais formarão e equiparão um exército de vinte milhões de homens, no Oriente, para destruir o Cristianismo e a cultura humana e para estabelecer o reino mundial judaico!"

*** NOTA DOS EDITORES:**

O autor possivelmente não sabia que Luiz Carlos Prestes, por ocasião desta revolução, estava casado com **Olga** Benário, uma judia alemã, comunista ativa, procurada por assaltos, desde 1928, pelo governo alemão.

Capítulo V

Um Movimento Deturpado

Como conseqüência da supressão da liberdade espiritual em todo o mundo, nós vivemos hoje em dia num clima de fingimento. Ninguém mais pode dizer livremente o que pensa, sendo obrigado a usar uma série de slogans hipócritas no lugar da fala livre. Existem alguns problemas que são tabus e aos quais não vamos nos referir aqui. Há certas pessoas que não devemos citar. Existem também certos assuntos que não devem ser mencionados na língua do homem ocidental civilizado. O preço de dizer a verdade pode ser a forca em Nuremberg ou a perda do pão nosso de cada dia.

No entanto, temos de dizer algumas palavras sobre o Socialismo Nacionalista (nazismo).

A resistência cristã devia ter-se feito sentir logo depois que o bolchevismo estourou na Rússia e quando o trabalho feito pelos judeus se tornou evidente através do Tratado de Versalhes. A mensagem do Cristianismo devia ter sido a restauração da unidade da Europa desorganizada, a orientação dos países e a elevação do conceito cristão de hierarquia, o que impediria que o indivíduo fosse reduzido ao nível de simples membro de um rebanho. O bolchevismo, bem como o capitalismo liberal desalmado, deveriam ter sido efetivamente dominados pelos seu único adversário verdadeiro: a resistência cristã, o tempo todo apontanto para os céus. Talvez o próprio Cristo pudesse ter vindo com o Seu chicote para expulsar da casa de Deus os vendilhões de dinheiro, assim restaurando a justiça, a boa vontade e a paz social, e uma vez mais Ele poderia ter falado ao Seu povo cristão com as palavras resolutas de Pedro: "... Salvai-vos dessa geração depravada!" (Atos II, 40).

Mas a Cristandade hesitou em adotar medidas revolucionárias a fim de arrancar o poder mundial das mãos daqueles que Cristo, o fundador da Cristandade, atacou na Quinta-Feira Santa. O espírito do Cristianismo deveria ter-se impresso na vida pública, nos governos, na imprensa e nos sindicatos trabalhistas, mas deixou lamentavelmente de cumprir a sua missão. A Alemanha transformou-se num palco para o "companheiro de viagem" ou simpatizante da democracia Weimar. Os líderes do catolicismo húngaro e polonês tentaram pregar o Cristianismo às massas atormentadas

pela pobreza, ao abrigo de suas grandes propriedades latifundiárias. O clero italiano e espanhol continuaram gozando a sua riqueza temporal. O Protestantismo, conforme diz Axel Munthe, foi incapaz de testemunhar sua fé ou de seguir as pegadas de Lutero, que, sem arredar pé ao lado do seu povo, exclamou: "Aqui estou eu, e não posso fazer outra coisa!"

Mas a História não costuma tolerar deveres negligenciados nem problemas deixados sem solução. No Oriente, o bolchevismo já lançara raízes firmes, enquanto que no Ocidente o que reinava era o poder ateísta especulativo do ouro. O Socialismo do Cristo foi incapaz de encontrar asas para alçar seu vôo glorioso. Portanto, era inevitável que viesse o Socialismo Nacionalista.

As opiniões podem divergir quanto a saber se o Socialismo Nacionalista era um movimento "neopagão" desde o começo ou se mais tarde certos erros penetraram sorrateiramente nele. Mas o que é indiscutível é que o Socialismo Nacionalista, depois de chegar ao poder, tomou a seu cargo executar, sob diversos slogans, as tarefas que deviam ter sido executadas pelo Cristianismo. E fora de dúvida que teria sido muito melhor se as Igrejas Cristãs, nas horas turbulentas do levante de 1919, tivessem declarado guerra contra o ateísmo bolchevista, contra a imoralidade que assolava as sociedades européias, e contra a corrupção, o derrotismo, as explorações capitalistas e a libertação marxista de classes. Mas as Igrejas Cristãs desenvolveram um Cristianismo medroso. Totalmente divorciadas do exemplo de Cristo, o qual, embora desarmado e apenas "montado num asno", imediatamente fez a sua presença ser sentida por todo o mundo, quando deu entrada em Jerusalém; um Cristianismo anêmico e encapacitado, restrito apenas a preces vazias, provou que não passava de uma vítima passiva dos acontecimentos históricos. O erro fatal das Igrejas foi o de não apoiarem as aspirações sociais das massas, mas sim apoiarem, em todas as ocasiões os verdadeiros detentores do poder governante. Assim, na Inglaterra, eles rezavam pelo rei, na França pela república, na Hungria pelo regente, por Mussolini na Itália, e mais tarde, na Áustria, por Hitler, exatamente como os sacerdotes "pacifistas" estão dispostos a rezarem, hoje, até mesmo por Gorbachev.
Em todo caso, uma acusação tem de ser apagada da lista, quer tenha sido acertadamente ou erradamente imputada ao Socialismo Nacionalista. Apesar do que aconteceu mais tarde, nos tempos antigos ele não era um movimento das "massas". Ele agitava as massas, mas não com alguma intenção de satisfazer as necessidades das massas. A nata dos intelectuais alemães, que não era necessariamente a mesma coisa que os verdadeiros líderes do Socialismo Nacionalista, chegou a reconhecer que o ponto mais perigoso na trama tanto de bolchevistas como de judeus para se apossarem do poder, consistia na intenção deles de reduzirem os homens livres e inteligentes à condição de simples componentes de um rebanho, transformá-los numa informe e maleável massa, que pudesse ser facilmente mantida sob controle pela força das armas. Contra isso, os primeiros anos do Socialismo Nacionalista viram o desenvolvimento de aspirações grandiosas, bem como o crescimento do conceito de elite. Fazia campanha não pela luta de classes, mas sim por uma moralidade nacional mais elevada, pela liberdade, pela ordem e pela justiça sociais, e pela cultura nacional que não fosse ofensiva a outrem. O Socialismo Nacionalista jamais poderia ter-se firmado, não fosse o fato, por exemplo, de que os eruditos professores universitários judeus na Alemanha fundaram bordéis experimentais para produzirem filhos, usando para isso meninos e meninas de doze a treze anos de idade. Poderia tal vergonha na-

cional jamais ter sido perpetrada, não tivesse o caminho sido preparado por um série de falcatruas financeiras com os fundos públicos e pelas tramas comunistas?

Hans Grimm, o maior defensor do espírito alemão na Europa, o grande escritor alemão que se retirou do cenário literário na época de Hitler, mesmo depois de 1945 descreveu as condições que geraram a revolução Socialista Nacionalista da seguinte maneira:

''Uma preferência inabalável por uma comunidade étnica e uma luta titânica para alcançar a integridade nacional, juntamente com uma apaixonada ansiedade de que houvesse um cooperação anglo-germânica. Havia uma ansiedade geral de promover uma reforma num mundo em transformação; esse movimento de massas reconhecia novos valores, tanto espirituais como físicos, como ficou provado pelo fato de que o valor da moeda nacional era baseado na produção, e não no ouro existente no país. Além disso, foi também defendido o ponto de vista de que a qualidade tem prioridade sobre a quantidade, e toda essa experiência começou a ser posta em movimento para provar que o espírito de Versalhes tinha de ser abolido, em benefícios de todos''.

O Socialismo Nacional Alemão não apenas proclamou certos princípios mas, no seu estágio inicial, em todo caso, se esforçou por pô-los em prática. A promoção da elite intelectual, à supressão das lutas de classe, o estabelecimento da paz entre o capital e o trabalho, a construção de casas, a elevação do padrão de vida das classes trabalhadoras, o cultivo dos laços familiares, o estabelecimento bem planejado das massas proletárias e a garantia de uma velhice tranqüila, através da criação de seguro social, foram todos forças construtivas de indiscutível valor. Sem dúvida nenhuma, essas coisas ainda desempenham um papel básico na vida alemã da atualidade e tornam possível a reconstrução de uma Alemanha Ocidental ''democrática'', em que pese o fato de que, uma vez que no momento o sistema econômico-financeiro da Alemanha está intimamente ligado à rede bancária do Banco da Reserva Federal dos Estados Unidos, e portanto o poder do ouro e da usura, essas forças construtivas estão, até certo ponto, distorcidas por uma estrutura inadequada. Porque foi uma realização sem igual por parte do Socialismo Nacionalista ter estabelecido um sistema monetário coberto pelo valor do trabalho do país e pelo volume da produção nacional alemã, o que, ao mesmo tempo, provocou a queda da onipotência do dinheiro como mercadoria, e também o domínio do ouro.

Muito embora os seus líderes não fossem freqüentadores assíduos de igrejas, o Estado Socialista Nacionalista acatava e executava princípios cristãos, estabelecendo a ordem e a justiça social. É evidente que para que isso fosse feito, necessário foi eliminar forças sociais destrutivas. Portanto, foi inevitável que o Socialismo Nacionalista tivesse de enfrentar a relíquia do derrotismo em 1918'', e também as atividades subversivas do espírito judaico. Teve de combater o bolchevista judaico e o capitalismo judaico, por saber muito bem que a autocracia ilimitada do Bezerro de Ouro gera descontentamento, inveja e luta de classes.

Pouca diferença faz o fato de que a questão judaica tenha sido ''super-enfatizada'' pelo Socialismo Nacionalista. Também não tem a mínima importância a circunstância de que o Socialismo Nacional Alemão tivesse adotado realmente a teoria racial do Velho Testamento como um dos seus recursos instrumentais; pois mesmo que o regime tivesse repudiado a teoria racial, ainda assim teria entrado em choque com o mundo judaico, uma vez que o mesmo não toleraria a existência de nenhum outro nacionalismo na face da Terra. Os socialistas nacionalistas poderiam até ter tratado os judeus o mais humanamente possível, mas isso não teria alterado o fato de que

o poder secreto exercido pelos judeus sobre o Reich alemão lhes estava sendo tirado das mãos, o que era absolutamente intolerável para eles. Além disso, os judeus não poderiam suportar a contemplação de uma energia criativa tão grande, de uma tão ferrenha luta pela união nacional, de uma influência tão grande manejada por uma elite, uma vez que todas essas coisas traziam em si uma irreconciliável hostilidade para com as aspirações de poder do mundo judeu. Eles não podiam suportar o fato de que, pela eliminação do poder do ouro, não só lhes estava sendo arrancado o instrumento de influenciarem os negócios públicos, mas também lhes tiravam das mãos o poder secreto. Seja como for, a partir do momento em que o mundo judaico percebesse que a Alemanha estava sendo governada por uma elite consciente, ter-se-ia virado prontamente contra o Socialismo Nacionalista com tanto ódio quanto efetivamente se virou, tão logo o "anti-semitismo" lhe deu um pretexto para fazer isso.

Ao perder a Alemanha, o mundo judaico deixara escapar uma região da qual ele emitira poder. E, portanto os judeus estavam resolvidos a reconquistá-lo.

Durante um século, o judaísmo, o marxismo e o capitalismo liberal estiveram adotando métodos de produção em massa, para transformar o povo em massas incapazes de pensar, para fazer o indivíduo livre virar um proletário. Naturalmente, eles estavam conscientizados de que só as boiadas que não pensam aceitam e suportam a carga de Judá.

Na Alemanha, o Socialismo Nacionalista pelo menos fez esse processo parar. Apesar do seu liberalismo, o escritor espanhol Ortega y Gasset, na sua obra A Rebelião das Massas, há muito tempo chamou a atenção para o perigo que existe no fato de o povo ser reduzido a massas semelhantes a boiadas. Lothrop Stoddard, professor da Universidade de Harvard, também frisou a necessidade de impedir o levante das massas. Pelas suas realizações, o Socialismo Nacional Alemão chocou-se de forma violenta com os planos judaicos, uma vez que o papel da turba é claramente estabelecido nos Protocolos, que falam de: "... aquele mesmo escravo cego nosso, a maioria da turba" (Protocolo X). E novamente: "De tudo isso, se verá que controlando a opinião da turba, estamos apenas facilitando o trabalho do nosso maquinismo..." (Protocolo XIII).

É preciso ter tropas auxiliares para alcançar o poder mundial. E essas consistem, primeiro e principalmente, nas próprias massas. Para garantir a independência de uma nação, é necessário que existam homens de invulgares qualidades. Enquanto que a destruição é a base do domínio do mundo pelos judeus, o trabalho construtivo é o alicerce da verdadeira liberdade.

Portanto, não vem ao caso perguntar se o regime hitlerista estava ou não resolvido a ir à guerra. Não há cabimento em supor que Hitler e os líderes alemães eram loucos. Para sermos justos, é preciso reconhecer que a guerra já fora declarada ao Socialismo Nacional Alemão no próprio momento do seu nascimento. Nasceu condenado à guerra, por ser um sistema que inevitavelmente faria inimigos no seio do bolchevismo e do capitalismo, isto é, as duas forças que atuavam no plano de fundo! Mesmo que não tivesse feito nenhuma manifestação "anti-semita", nem o mínimo pronunciamento inamistoso, ainda assim o Socialismo Nacional Alemão teria feito inimigos no seio do povo judaico, por causa da realização bem-sucedida do processo de "nivelamento".

Com relação a isto, citaremos novamente Hans Grimm, que declara de maneira clara e precisa no seu livro, A Resposta de um Alemão:

"No período de 1933 a 1939, mais foi feito pela saúde pública, pela mãe e pela

criança, bem como pela promoção do bem-estar social, do que antes, e, talvez, possamos confessar, mais do que nunca antes!''

Nessa época, até mesmo Winston Churchill tinha uma opinião diferente do Socialismo Nacional Alemão, daquela que ele externou mais tarde. Churchill escreveu sobre Hitler em Passo a Passo (Step by Step):

''Se nosso país fosse derrotado, espero que encontrássemos um defensor tão indomável quanto ele, para restaurar nossa coragem e para nos levar de volta ao nosso lugar entre as nações''.

E foi exatamente por esse motivo que o Socialismo Nacional Alemão estava condenado à guerra. No momento em que Hitler assumiu o poder com a disposição de abolir o sistema de Versalhes e de erguer o seu próprio povo, então em alguma parte, no sigilo velado das lojas maçônicas e nos templos místicos do nacionalismo judaico, foi decidida imediatamente uma declaração de guerra. Restava apenas resolver um problema: quem teria os nervos mais fortes? Quem poderia assumir a melhor aparência de intenções pacíficas, e quem seria mais tarde enforcado como criminoso de guerra?

''Podemos ter certeza de que os Estados Unidos também lutarão ao nosso lado?'' — era a pergunta que os judeus deviam estar fazendo a si próprios naquela época. ''Podemos ter certeza de que a União Soviética estará do nosso lado quando estourar a guerra. Podemos também confiar na França de Leon Blum, de Reynaud-Mandel, do Banco de Lazarus e do Grande Oriente e dos Rothschilds. Podemos ter certeza de que, quando soar a hora, a Inglaterra dos Sassoons, dos Isaac Rufus, dos Hore-Belisha, dos Gallachers, dos Stracheys e dos Laskis lutará para defender ao nossas finalidades. Mas e se a democracia americana tomar decisões baseadas nos resultados das experiências adquiridas na Primeira Guerra Mundial? O que acontecerá? O que acontecerá se um momento crítico de isolacionismo, representado pelos ianques do Mayflower, levar a melhor, dizendo que os Estados Unidos da América não têm nada a ver com uma guerra entre a Alemanha e o nacionalismo judeu?

''Talvez os americanos não tenham interesse em lutar por Danzig. Mas os judeus lutarão! Pois Hitler está de pé na escada da sua Chancelaria, apoiado por oito milhões de pessoas que entoam a marcha de Horst Wessel:

''Die Fahne hoch!'' (Icem a bandeira!)

''O povo está marchando e atravessando o Arco de Brandenburgo em cerradas fileiras de oito pessoas, depois de se libertar do nosso domínio. O punho do trabalhador alemão, antes cerrado de ódio e de inveja agora se abre na saudação amigável da palma aberta. Um desses dois nacionalismos tem de perecer!

''...nós responderemos com as armas da América, da China ou do Japão!'' — está escrito no Protocolo VII. ''Portanto, primeiro temos de vencer os Estados Unidos para garantir a conquista do mundo. Temos de bolchevizar ou de socializar os Estados Unidos, de alto para baixo, sem que isso seja notado''.

A forma da constituição dos E.U.A. é a democracia. Esse é o melhor sistema constitucional, quando a verdadeira vontade do povo prevalece, e o pior, quando mãos secretas deturpam a vontade nacional. O povo dos E.U.A. se orgulha da sua liberdade e da sua formação democrática. O operário americano se orgulha tanto da revolução industrial quanto o próprio capitalista. Nos Estados Unidos da América, todos são iguais perante a lei. Tanto os descendentes dos antigos pioneiros cujos pais vieram no Mayflower como os do pequeno judeu de Galícia, podem declarar, com igual dose de orgulho: ''Sou um cidadão americano!'' A Democracia é a forma de vida ideal,

contanto que não haja nenhum grupo setorial, partido, raça nem seita que esteja conseguindo, com êxito, executar aspirações secretas em detrimento do resto do país. Tão logo uma dessas forças parasitárias se desenvolve dentro da democracia, esta fica reduzida a zero. Fica transformada numa boiada governada por uma minoria. O direito de voto transforma-se numa balela, uma vez que a opinião pública está sendo manipulada ao bel prazer desse nacionalismo alienígena, por meio da imprensa. O sistema parlamentar fica sem fundamento e transforma-se numa peça teatral, uma vez que os senadores serão influenciados por uma opinião pública criada artificialmente, e portanto, falsa. O governo deixará de governar segundo as diretrizes traçadas no início, de acordo com o que foi estabelecido pela legislatura, porque o próprio governo será manipulado pelos membros dessa força secreta, fazendo obedecer a vontade de uma minoria, ditando ordens pelo "poder da bolsa deles" e dirigido pelos conselhos do monopólio deles.

"Nós, os judeus" — conforme poderia expor o porta-voz desse nacionalismo tribal — "estamos bem conscientes de que, estando onde estivermos: nos Estados Unidos da América, na Inglaterra, na França ou na União Soviética, ou em qualquer outra parte do mundo, a regra é: Judá deve vir sempre em primeiro lugar! Enquanto os interesses dos Estados Unidos estiverem sendo idênticos aos interesses do "nazismo" do Velho Testamento, seremos bons americanos; mas, a partir do momento em que os nossos interesses começarem a entrar em conflito com os dos Estados Unidos, nós trairemos também os Estados Unidos. Falando em geral, a democracia nos serve quando ela for chefiada pelo maior número possível de judeus. A assim chamada liberdade de imprensa nos convém enquanto os descendentes da semente de Abraão puderem valer-se dela, acima de todos. Sim! Essa liberdade é uma coisa valiosa, mas só quando nós, os judeus, temos liberdade de fazermos o que quisermos!

"Oh, vós, homens de coração fraco, que ouvis, tomados de terror, as tropas da S.S. e da S.A. em marcha; não tenhais medo! Nesta altura, já somos peritos em minar e em capturar democracias. Estamos familiarizados com os métodos de impor nossos interesses específicos às massas. Os Estados Unidos da América, o país mais rico do mundo não-judeu, estão sendo abalados por uma crise econômica fatal. Chegou a hora de darmos início para iniciar uma ofensiva geral, que também nos dará poder político. E quando tomarmos aquele grande país, será uma ocupação mais permanente do que a de Hitler. Não vamos conquistar os Estados Unidos nem pelas armas nem por doutrinas políticas. Nós temos uma receita mais confiável para fazer o Nêmesis se abater sobre os Estados Unidos. O destino dos E.U.A. estava previsto pelo nosso próprio Führer: Moisés! O Torah é o nosso Mein Kampf!"

Segundo o Levítico (o Terceiro Livro de Moisés), capítulo 25, todas as propriedades e terras de Israel deveriam ser redistribuídas de cinqüenta em cinqüenta anos. Todas as terras hipotecadas e todos os escravos deveriam ser redimidos. De meio em meio século, deveria haver uma grande reforma social em Israel. As dívidas antigas deveriam ser canceladas e deveria ser dada aos pobres uma parte dos bens das pessoas ricas, ou, como poderíamos dizer hoje em dia, a "prosperidade" deveria ser restaurada, isto é, o dinheiro, as terras e as propriedades deveriam ser distribuídos em partes iguais. De cinqüenta em cinqüenta anos, isso deveria ser anunciado por trombetas.

"Essa reforma social" — poderia continuar o porta-voz dos judeus — "foi chamada de nova distribuição! Nos Estados Unidos, ela será chamada de New Deal (No-

vo Negócio)! Essas palavras, trocadas em miúdos, significariam a nossa grande reforma social, a nova distribuição. Mas desta vez, não estaremos distribuindo os haveres de israelitas, mas sim dos americanos, e, naturalmente, de maneira tal que garanta que os americanos ficarão com o mínimo possível, e o nosso próprio povo com o máximo possível''.

''Este será o ano em que as trombetas soarão nos Estados Unidos, onde, na época de Washington, o número total de judeus no país era de apenas quatro mil. Mas agora, nossos banqueiros, nossos jornalistas e nossos socialistas executarão o Novo Negócio, à custa da população pioneira americana, Depois disso, a única questão remanescente será: quem nós colocaremos no cargo de Presidente da República em, Washington?

''Aqueles dentre vocês que estiverem vivendo de forma desesperada nas suas residências suntuosas em Wall Street ou na Rua Treze, bem como nos guetos imundos do Brooklyn e do Bronx, não devem ter dúvida de que encontraremos o nosso homem ideal, um homem realmente à altura de Hitler, que, ao mesmo tempo, colocará o poder político dos Estados Unidos nas nossas mãos. Basta que vocês leiam nossas instruções nos Protocolos ''falsificados''.

''O liberalismo produziu um estado de coisas constitucional, que ocupou o lugar do que era apenas a salvaguarda dos povos não judeus, isto é, o despotismo, a autocracia. E foi então que nós substituimos o governante por uma caricatura de governo — por um presidente, tirado do seio da turba, do meio do nosso prelúdio de marionetes, nossos escravos. Num futuro próximo, nós determinaremos o que os presidentes devem ou não fazer!'' (Protocolo X). ''... nós manipularemos as eleições'' — prossegue o Protocolo — ''em favor de presidentes que tenham tido algum tipo de dificuldade séria que leve a tensões, e então eles serão agentes dignos de confiança para a execução dos nossos planos, temendo que façamos revelações comprometedoras...''

''Portanto, quem será o novo presidente, que colocará os Estados Unidos nas nossas mãos, e que executará nossas ordens?

''O nome dele é Franklin Delano Roosevelt!''

Mas quem é esse Franklin D. Roosevelt?

Robert Edward Edmondson, sob o título Filhos Famosos de Pais Famosos — os Roosevelts, responde a essa pergunta, no seu livro, Eu Deponho.

Em 7 de março de 1935, o Instituto Carnegie investigou a árvore genealógica dos Roosevelts, da qual ficou evidenciado que o presidente dos Estados Unidos era de descendência judaica. Seus antepassados foram para os Estados Unidos por volta de 1682; eram Claes Martenszen van Rosenvelt, e do lado materno se chamava Janette Samuel. Originalmente, eles eram judeus serafarditas espanhóis que tinham escapado da perseguição de Fernando, o diabólico, em 1492, e que tinham ido para a Inglaterra. Desde a época da sua chegada aos Estados Unidos, a árvore genealógica da família está repleta de Jacobs, de Isaac e de Samuels.

A edição de 14 de março de 1935 do New York Times cita estas palavras do presidente: ''No passado distante, meus antepassados podem ter sido judeus. Tudo que sei sobre a origem da família Roosevelt é que ao que parece eles são descendentes de Claes Martenszen van Rosenvelt, que veio da Holanda''.

Mas, segundo o Instituto Carnegie, o Senhor Claes Martenszen van Rosenvelt era judeu. Além disso, a famosa esposa de Franklin Delano Roosevelt era também judia.

A Europa, ou para ser mais exato, a Alemanha, fica entre as duas lâminas cor-

tantes do tesourão. Ali, do ponto de vista judaico, acontecimentos medonhos estavam sucedendo. A colaboração de capitalistas e operários alemães, bem como a solidariedade das classes médias e dos fazendeiros, provaram que a luta de classes está longe de ser inevitável. A teoria da destruição, de Marx, estava sendo desmentida, enquanto que o bezerro de ouro perdera seu prestígio da noite para o dia, quando ficou constatado que é a produção e não o ouro que tem de ser a base do novo mundo. Tudo que tivera sido sempre elogiado e ensinado durante mais de um século como progresso mundial estava agora sendo destruído. Não, naturalmente, por um cabo alemão, mas sim pela era moderna. A bandeira simbólica da cruz gamada, a suástica, estava agora sendo erguida contra a maré de domínio mundial vinda do Hemisfério Leste. E o mundo judaico não podia tolerar tal coisa.

"Mas não temais!" — declara o porta-voz, "Ao redor da marionete, Roosevelt, nossos conselheiros já estão agora reunidos em conferência: Felix Frankfurter, de Viena, Morgenthau, de Mannheim, Bernard Baruch, de Königsberg, e Albert Einstein, de Berlim. Samuel Roseman, que escreve os discursos presidenciais de Roosevelt, também está presente. Igualmente presentes estão os nossos líderes trabalhistas; entre eles, nosso compatriota Sidney Hillman, que controla a mão-de-obra da administração do nosso boneco, F.D.R. Lá está também o Sr. David Dubinsky, outro imigrante vindo da Rússia, que transformará os operários cristãos americanos em pagadores de impostos para o sionismo. Os homens que cercam o NOSSO presidente serão exclusivamente pessoas de confiança, como La Guardia, o prefeito de Nova Iorque, um judeu de Fiume, e Alger Hiss, o protegido de Frankfurter e do senador Lehman, etc. Bernard Baruch controlará as 351 mais importantes ramificações da indústria americana, e equipará os rapazes americanos que vão lutar contra Hitler. Alger Hiss conduzirá os entendimentos com Stálin, em nome dos Estados Unidos. Einstein, Oppenheimer e David Lilienthal produzirão a bomba atômica. Como gerentes da U.N.R.R.A., La Guardia e Herbert H. Lehman ajudarão as futuras vítimas judaicas da guerra que se aproxima. Henry Morgenthau Jr., o Secretário do Tesouro, preparará um esplêndido plano para o extermínio do povo alemão. Nosso Moritz Gomberg providenciará para que dezoito milhões de pessoas oriundas de países dos nossos inimigos se tornem cidadãos apátridas na Europa. Nossos homens irão distribuir cheques de onze milhões de dólares para fornecer armas aos soviéticos.

"Que sonho magnífico. Os americanos atravessarão os mares para castigar os NOSSOS inimigos. Nas lojas maçônicas de B'nai-B'rith, o eixo Moscou—Nova Iorque já está pronto para entrar em ação.

"Não se preocupem! Roosevelt fornecerá armamentos à Rússia!"

E vale repetir aqui, o que um profeta pouco ouvido escreveu, entre as duas Grandes Guerras:

"Os judeus ocidentais formarão e equiparão um exército de vinte milhões de homens, no Oriente, para destruir o Cristianismo e a cultura humana e para estabelecer o reino mundial judaico!"

Capítulo VI

Os Verdadeiros Criminosos de Guerra

O Hitlerismo não era a única coisa que o mundo judaico odiava. Mais ainda, eles temiam os movimentos que pavimentavam o caminho para uma nova compreensão entre as nações da Europa. O principal objetivo dos judeus era lançar essas novas tendências no descrédito e também fazer que o resto do mundo as visse com maus olhos. Enquanto de um lado faziam campanha visando uma colaboração total, do outro eles tudo faziam para estrangular todos aqueles que estavam colaborando com os inimigos deles: os alemães.

"Sem nenhuma hesitação, eles se opunham até ao pensamento mais leve de fazer a paz!" — escreve Maurice Bardéche.

Mas hoje em dia nós temos provas definitivas de que os alemães tentaram por todos os meios estabelecer a cooperação e a parceria no seio da elite européia. Eles não estavam à procura de "Quislings", mas sim daqueles que eram considerados bons patriotas nos seus próprios países, pessoas dedicadas à causa da sua própria terra natal. A elite da revolução Socialista Nacional Alemã estava impregnada de um idealismo quase exagerado. No seu próprio país, eles afirmavam o que acreditavam ser a verdade. Eles reconheciam que o indivíduo tem direitos sociais. Eles provaram que essa é a única solução satisfatória de âmbito nacional, caso se queira evitar o bolchevismo.

Com um fervor revolucionário, eles acreditavam que se conseguissem êxito em libertar as massas européias da exploração capitalista, então talvez fosse possível garantir a paz mundial por muito tempo. Eles tinham visto como o "nazismo" judaico se intrometera a fim de dissolver a união do povo alemão, por meio do poder do seu dinheiro e pelo seu controle da imprensa, a fim de garantir domínio exclusivo sobre todo o país. Depois de terem conseguido afastar essa ameaça, por meio da sua revolução Socialista Nacional, eles agora tinham altas esperanças de garantir a paz e também a cooperação de povos vizinhos, uma vez que a influência daquele "nazismo" supranacional estivesse eliminada também daqueles países.

Essa era a "Nova Europa" que estava sendo forjada. E era exatamente isso que

o judaísmo mundial tinha de evitar, custasse o que custasse, mesmo que para isso fosse necessário pulverizar a cultura cristã da Europa. Porque se o plano alemão tivesse êxito, um número cada vez maior de países seria libertado das garras do domínio judeu.

Portanto, a idéia de união européia, por mínima que fosse, ou de qualquer cooperação, tinha de ser totalmente desacreditada. E, uma vez que mais de sessenta por cento da imprensa do mundo ocidental está nas mãos dos judeus, e porque, segundo estatísticas americanas, oitenta e cinco por cento da imprensa americana e cem por cento dos filmes americanos estão nas mãos dos judeus, essa campanha foi executada numa escala maior do que qualquer outra operação de propaganda em toda a história do mundo.

Usando uma interpretação erronêa do conceito racial, os judeus fingiram que os alemães estavam alegando supremacia única para a Alemanha sobre todos os outros países. Assim, eles conseguiram isolar os outros países da Alemanha. Eles distorceram a teoria racial, insinuando que a Alemanha queria conquistar o mundo, e com base nessa teoria estava reivindicando a supremacia mundial. A revista Nineteenth Century, no seu número de setembro de 1943, no auge da guerra, reconhecia, ao contrário, que:

"A crença geral de que a Alemanha provocou esta guerra para alcançar o poder mundial é, a nosso ver, errônea. A Alemanha queria tornar-se uma potência de primeira linha, mas entre ser uma potência de primeira grandeza e querer conquistar o mundo existe uma diferença muito grande. A Grã-Bretanha também é uma potência de primeira grandeza, mas não quer dominar o mundo".

Os judeus deram também um interpretação falsa à teoria do "Blut und Boden" (sangue e solo), isto é, a teoria que diz que um homem pertence ao solo onde nasceu; o conceito de uma unidade entre um país e os seus habitantes foi tão distorcido, que deu a entender que os alemães reclamavam para si todas as terras nas quais por acaso quaisquer habitantes de origem alemã tivessem estado vivendo. Com esse recurso, eles despertaram a hostilidade de todos os países onde havia minorias de alemães. A Polônia, a Lituânia, a Hungria, a Tchecoslováquia, a Iugoslávia, a Boêmia, a Romênia e outros países circunvizinhos começaram a olhar o Reich alemão com desconfiança.

Os judeus tentaram dar a entender que o crescente comércio de exportação alemão era um preparativo de guerra, e tentaram fazer o mundo esquecer que o lema de Goering de "armas ou manteiga" tinha um precedente no boicote feito pelos judeus americanos. Eles procuraram ridicularizar as partes sinceramente pró-britânicas de Mein Kampf (Minha Luta), o livro escrito por Hitler, enquanto que ao mesmo tempo trabalhavam em cima dos temores do Oriente e do Ocidente, citando certas passagens desse livro, isoladas do seu contexto.

E assim, esse envenenamento da mente foi estimulado, numa escala gigantesca, por todo o mundo. Quando a cúpula alemã tentou impedir esse trabalho de minar e desacreditar dentro da própria Alemanha, ela foi logo taxada de ditatorial, de tirânica. Como plano de fundo para todas essas formas de propaganda antigermânica havia, naturalmente, o inegável fato de que a abolição do reinado do ouro, juntamente com o estabelecimento da cooperação entre o capital e o trabalho, constituíam um verdadeiro golpe para os judeus. A opinião mundial foi levada a crer que o padrão de vida do trabalhador alemão estava subindo apenas em função do esforço de rearmamento. Mas, na verdade, eles sabiam muito bem que estavam sendo construídos grandes canteiros de obras em toda parte, e que a existência de famílias de ope-

rários contentes com o resultado do seu trabalho era uma refutação viva de tudo que os judeus ensinaram durante mais de um século.

''O que terá acontecido?'' — perguntaram eles uns aos outros, atemorizados. ''Será que esses malditos nazistas realmente conseguiram destruir a esplêndida teoria marxista de luta de classes que tão bem estava servindo aos nossos objetivos?'' Como Bettauer exprimiu essa preocupação. Será que cidades grandes como Berlim, Viena e Budapeste podem viver sem judeus? Poderá realmente uma nação viver sem exploração, sem uma imprensa nacionalista judaica, sem os filmes, sem o teatro e sem o ''espírito mercenário judaico''? Afinal de contas, nós temos mantido todo o mundo sob nossa influência durante séculos, sugerindo que sem nossas atividades culturais, nosso senso comercial e nosso intelecto superior, todos os países pereceriam e todo ''progresso'' cessaria. E agora, a Alemanha está prosperando sem nós. Com uma prosperidade que é a negação viva do nosso arrogante nacionalismo. Qualquer pessoa que contemplar essas cidades-jardins que crescem sem cessar, o povo satisfeito e feliz e as prósperas atividades intelectuais e econômicas, pode ver que o nosso grande escritor nacionalista, Bettauer, estava enganado ao prever que a civilização mundial pereceria sem os judeus. Até agora, esses cristãos estão ficando cada vez mais satisfeitos, enquanto que os judeus estão perdendo cada vez mais terreno. Se o resto do mundo souber disso a nível internacional, e se os turistas estrangeiros e o proletariado do mundo notarem que tudo isso é possível sem nós, então, realmente, mesmo contra nós, eles compreenderão que nós mentimos a eles. Nossos políticos, jornalistas, líderes de sindicatos trabalhistas, capitalistas e líderes trabalhistas se tornarão todos mentirosos! Portanto, nós temos de destruir as provas! É preciso pois, varrer da face da Terra essas casas bonitas com seus jardins, juntamente com as novas fábricas, as creches diurnas, os acampamentos para a mocidade, e os hospitais. Pois nós temos à nossa disposição nossa arma secreta nacionalista: a mesma que foi usada com êxito no cerco de Jericó. Vamos, portanto, fazer soar as trombetas da nossa propaganda mundial.

O judaísmo mundial tem de ser encarado como o único, criminoso de guerra da Segunda Guerra Mundial, porque, em primeiro lugar, ele impediu a reconciliação entre os países e a possibilidade de cooperação, destruindo até os pré-requisitos para essas finalidades. Usando e abusando da propaganda mentirosa e de falsidades, fazendo uso do rádio e da imprensa escrita, os judeus projetaram uma imagem totalmente falsificada aos olhos da humanidade. Criaram uma atmosfera mundial geral na qual o simples fato de enunciar a verdade em ligação com a questão alemã poderia ter como conseqüência a perda da vida ou da subsistência, ou implicar em suspeita de alta traição. Todas as propostas de paz feitas pelos estadistas alemães foram rotuladas de puras mentiras. Os judeus ridicularizavam todos os planos honestos e limpos. Fizeram todas as realizações sociais alcançadas na Alemanha parecerem uma simples demagogia revolucionária. Fizeram todo progresso parecer um obstáculo ao progresso, toda manifestação ao conceito de elite parecer um barbarismo, e todas as formas de antibolchevismo parecerem antidemocráticas. O Coronel Charles Lindbergh, o herói nacional americano, tornou-se suspeito de alta traição, quando ousou exprimir a sua sincera opinião sobre o Socialismo Nacional Alemão, baseado na sua própria experiência pessoal.

Enquanto isso, em 1938, Roosevelt, que só pode ser considerado como um boneco do monopólio judeu de mentes alheias, mandou o seguinte telegrama burlesco a Churchill, para a promoção dos preparativos de guerra:

"Você e eu podemos governar o mundo!" (Gerald K. Smith).

O mundo judaico declarou guerra à Europa e à Cristandade no momento exato em que Hitler subiu ao poder, ou talvez até mesmo antes disso. O movimento de boicote contra os alemães irrompeu nos Estados Unidos já em 1932. Organizações judaicas publicaram anúncios de páginas inteiras no New York Times, dizendo: "Vamos boicotar a Alemanha Anti-Semítica". Vendo que isso não deu muito resultado, eles começaram a preparar o eixo Nova Iorque—Moscou.

Forest Davis, no seu livro O Que Realmente Aconteceu em Teerã, cujo conteúdo foi revisto e publicado no Saturday Evening Post de 13 de maio e 20 de maio de 1944, revela que já em 1933 Morgenthau estava se preparando para reatar as relações diplomáticas americano-soviéticas. E o primeiro embaixador soviético em Washington foi nada mais nada menos do que o sanguinário comissário soviético chamado Litvinov, nascido Finkelstein.

Antes que o presidente Roosevelt, o descendente direto da família Rosenvelt, subisse ao poder, tudo isso teria sido simplesmente inimaginável. O denominador comum que realmente juntou a democracia americana e a tirania soviética foi o judaísmo.

Em um de seus artigos, intitulado Sr. Roosevelt e o Comunismo, James Whiteside descreve, com cores espantosamente vivas, no St. Louis Despatch, como logo que Litvinov apareceu no cenário americano, uma temível procissão de comunistas (isto é, de judeus) começou a marchar rumo à Casa Branca. Roosevelt deu permissão especial para a instalação de uma possante cadeia de transmissão de rádio soviética do Pentágono (o Ministério de Guerra Americano), desta forma contaminando o alto comando das forças americanas com a propaganda mais perniciosa possível.

Já precocemente, no ano de 1933, o editor do New York Morning Freiheit, um jornal ídiche com uma circulação em torno de várias centenas de milhares de exemplares, conclamava os judeus americanos e do mundo inteiro e se unirem na guerra contra o nazismo. O congresso judaico americano, tendo à frente o rabino Stephen Wise, entrou avidamente no movimento.

Também já em 1933, o rabino S. Wise, quando Hitler subiu ao poder, anunciou uma "Guerra Santa" por parte de mundo judaico, assim:

"Eu sou pela guerra!" Essa memorável declaração foi feita em 8 de maio de 1933 (Edmondson, Eu Deponho, pág 195).

É evidente que naquela época nem sequer os esboços dos planos militares do alto comando alemão para 1940 estavam feitos, planos pelos quais o rabino Wise & Cia. enforcaram os líderes militares alemães.

A 11 de fevereiro de 1933, Morgenthau já fizera um discurso declarando guerra a Hitler:

"Os E.U.A. entraram na fase de uma segunda guerra!" — anunciou esse destacado líder do nazismo judaico (Portland Journal, 12 de fevereiro de 1933).

Nesse ínterim, várias organizações judaicas e comunistas de boicote estavam se espalhando pelos Estados Unidos como cogumelos, tramando arruinar a economia de Hitler. Em 1936 já estava em franca atividade um comitê de boicote anti-nazista, enquanto que Hitler, nem mesmo nos seus sonhos mais loucos, sequer podia adivinhar a hora em que o relógio soaria e em que ele teria de tentar livrar-se do abraço mortífero da serpente de várias cabeças cujos elos estavam envolvendo o mundo inteiro.

Agora, pode ser historicamente provado que o jovem Socialismo Nacional Alemão estava certo ao temer que o nacionalismo judaico criaria um círculo fatal ao re-

dor do Terceiro Reich, do qual seria impossível escapar, mesmo com a ajuda das armas. Mas seria esse temor realmente justificado? Quem tinha o poder nas mãos, nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha, na França e na União Soviética?

No tocante à culpa pela guerra, o mesmo motivo permanece para a nossa consideração, a razão que constituía o problema de princípio da lei romana, bem como de qualquer sistema legal através dos séculos: cui prodest? Isto é: quem lucrará com a guerra? De quem são os interesses nela? O único interesse do Socialismo Nacional Alemão era o de manter a paz.

A derradeira tentativa para evitar que a Segunda Guerra Mundial estourasse foi quando Ribbentrop visitou Moscou para concluir o pacto de não-agressão com Stalin. Em 23 de agosto de 1939, Hitler convocou em Godesberg 2.000 oficiais do Estado-Maior. Essa consulta "secreta" era um blefe dirigido à Grã-Gretanha. Igual finalidade tiveram a marcha de intermináveis fileiras de soldados nas estradas, e os infindáveis vôos das esquadrilhas da Força Aérea Alemã perto do ninho de águia do Führer. Até mesmo o agente de contra-espionagem mais idiota veria claramente que se tratava de um blefe.

Com referência à Grã-Bretanha, apesar do fato de que já fora resolvido que iria haver guerra, ainda era possível fazer a paz. Num discurso de quatro horas, Hitler declarou:

"Não pensem, senhores, que sou um idiota e que me forçarão a guerrear só por causa da questão do Corredor Polonês!"

Mas, nesse momento, uma invisível mão começou a agir para tomar parte ativa no desenrolar dos acontecimentos: a mesma mão misteriosa que sistematicamente complicava as coisas por debaixo do pano. Após a reunião de Godesberg com o Estado-Maior russo, a União Soviética assinou o pacto de não-agressão com a Alemanha. Logo depois, veio o massacre de Bromberg, maquinado por outra mão misteriosa.

Esse verdadeiro crime de guerra, registrado de forma minuciosa, juntamente com as provas relevantes, publicadas no outono de 1939 no Jornal Branco Alemão, foram mais tarde omitidos em Nuremberg. Embora as cenas de terror feitas artificialmente do "Todesmühle" (Moinho da Morte), para o fuzilamento das quais foram usados bonecos de cera nas várias cenas, tenham sido mostradas nos cinemas, o filme desses horrores, que realmente tinham acontecido, jamais foi exibido em nenhum cinema. Mulheres com os seios dilacerados, corpos masculinos mutilados, com os órgãos sexuais decepados, corpos de bebês alemães e de crianças de quatro e cinco anos de idade pendurados em espetos de açougues. Milhares e milhares de pessoas inocentes massacradas, sobre as quais o mundo permanece em silêncio. Havia vítimas alemãs na Polônia, cuja população estava saturada por três milhões de judeus, e onde a imprensa, dominada pelos judeus, nessa altura já desencadeara o ódio e a vontade de ir à guerra. Nessa altura dos acontecimentos, as divisões do exército da Alemanha e da Polônia já estavam frente a frente, nas fronteiras. Já não era mais uma questão do Corredor Polonês, mas sim de uma tocha em chamas que fora jogada bem em cima do barril de pólvora. Qual foi a mão e de quem era o dinheiro que provocaram esse massacre? Terá sido apenas o produto do patriotismo extremado do povo polonês, ou terá sido friamente tramado e calculado de forma diabólica? A mão teria sido soviética ou inglesa? É difícil conceber tal coisa. E no entanto, ela é uma questão decisiva na determinação da culpa da guerra.

Uma coisa que o Socialismo Nacional Alemão não podia tolerar era ver massacres muito antes que a guerra tivesse início. A situação lhe foi imposta à força,

para que a França e a Grã-Bretanha pudesse iniciar uma guerra preventiva contra a Alemanha.

E assim, em 1 de setembro, no dia seguinte, as divisões alemãs estavam realmente em marcha para a luta. "Desde hoje de madrugada nós estamos respondendo ao fogo inimigo" — disse Hitler, no Reichstag. (*)

"Naturalmente, saberemos amanhã cedo" — escreve Maurice Bardéche, um professor francês — "que Hitler atacou a Polônia. Certas pessoas têm estado esperando ansiosamente este momento. Elas têm estado esperando este ataque, têm rezado por ele. Esses homens se chamam Mandel, Churchill, Hore-Belisha e Paul Reynaud. A grande liga da reação judaica estava decidida a ter a sua própria guerra. Essa era a sua guerra santa. Eles sabiam muito bem que só um ataque assim lhes poderia dar uma oportunidade de ganhar a opinião pública. Não será muito difícil encontrar as provas necessárias, nos arquivos alemães, de que certos cavalheiros prepararam a sangue frio as condições que tornaram inevitável esse ataque. Ai deles, se um dia a verdadeira história da guerra for escrita!"

Muito embora a primeira parte do grande plano mundial tivesse sido executada com sucesso, e a Grã-Bretanha e a França tivessem declarado guerra a Hitler, no entanto os dois mais importantes parceiros, os Estados Unidos da América e a União soviética, ainda não estavam na guerra.

O maior segredo da Segunda Guerra Mundial ainda está para vir à luz e deixará o mundo chocado. Talvez ele só seja contado depois da queda do bolchevismo, quando os arquivos do Kremlin puderem ser examinados. Que promessas foram feitas pelos conquistadores ocidentais do mundo aos orientais? A União Soviética mostrou outra face ao Império Alemão. Essa face era fria, serena, e às vezes um tanto misticamente asiática ou patriótica, mas não oferecia características judaicas. A maior mancada jamais dada pelos chefes do Socialismo Nacional Alemão foi quando eles acreditaram que essa mudança era legítima. Nas suas conversas com Sven Hedin, Ribbentrop disse que o bolchevismo mudara para melhor, e que Stalin era um grande homem (Sven Hedin Sem Comissão em Berlim).

Contudo, Stalin, o astuto georgiano, não pensava assim do Socialismo Nacional Alemão. Antes de assinar o pacto com Ribbentrop, de repente, ele exigiu outro porto no Báltico. Hitler concordou com isso, mandando a sua aprovação por telegrama. Ao saber disso, Stalin observou a Molotov, matreiramente:

"A Alemanha acaba de nos declarar guerra! Meu único motivo para pedir esse porto foi o de colocar os alemães à prova. Eu sabia o tempo todo que se eles concordassem em nos dar o tal porto, é porque eles pretendem tomá-lo novamente mais tarde". (Plivier, Moscou)

Apesar disso, as duas partes estavam respeitando rigorosamente o texto do acor-

---

(*) Nota do Editor: Tarde da noite, na quinta-feira, 31 de agosto de 1939, o Editor estava ouvindo Gleiwitz, uma estação de rádio na fronteira entre a Alemanha e a Polônia, perto da fronteira, do lado alemão. De repente, depois da meia-noite, o programa musical parou e surgiram vozes alemãs, anunciando que a cidade de Gleiwitz fora invadida por falanges polonesas de soldados que marchavam na direção da estação transmissora de rádio. Depois, a estação saiu do ar. Quando voltou a transmitir, por volta de duas horas da madrugada (de sexta-feira) já estava falando polonês. A rádio de Colônia informou que a polícia alemã estava repelindo os atacantes de Gleiwitz. Às seis horas da manhã (sexta-feira, 1 de setembro) o exército alemão invadiu a Polônia.
Alguns dias depois do estouro da guerra, o Editor viu um pequeno parágrafo num jornal alemão dizendo que os alemães alegaram, entre outras coisas, que os poloneses tinham iniciado a guerra, invadindo Gleiwitz de madrugada.

do, inclusive com a divisão da Polônia e a questão das entregas de petróleo. Hitler, Ribbentrop, Goering e até Goebbels estavam tomando o máximo cuidado para não magoar o sensível Urso Russo. Stalin despede-se de Krebbs, o adido militar alemão, com um beijo. Todos os sinais parecem indicar que essa aliança entre a água e o fogo é verdadeira.

Então, um dia, Molotov, o comissário soviético, marido da linda judia bolchevista Karpovszkaya, e cunhado do Sr. Carp (Karp), um dos maiores industriais da indústria bélica nos Estados Unidos, aparece em Berlim. A data que a folhinha mostra é a de 10 de novembro de 1940. A França já caiu sob o jugo inimigo, enquanto que sobre as Ilhas Britânicas travam-se terríveis batalhas aéreas. O exército alemão está descansando um pouco. Então Molotov coloca exigências soviéticas na mesa. Elas incluem a posse dos Dardanelos, a ocupação da Finlândia e a conquista do Extremo Oriente. Tudo que faz parte dessas exigências é inaceitável por parte da Alemanha. Essas exigências só podem ter sido oriundas dos adversários anglo-americanos da Alemanha.

Agora, os líderes de Berlim estavam diante das conseqüências do seu maior erro.

Afinal de contas, o bolchevismo não mudara; ele estava apenas usando uma máscara diferente. O poder no Kremlin continuava sendo judeu, só que o seu verdadeiro caráter continuava invisível, até conseguir envolver a Alemanha na Segunda Guerra Mundial. Nessa altura dos acontecimentos, o Kremlin deve ter recebido garantias de que o "arsenal da democracia" ajudaria os soviéticos com dinheiro e com armas contra a Alemanha.

Como todos sabemos, Felix Frankfurter, um dos homens de maior influência dos E.U.A., nesta altura já havia preparado a Lei de Empréstimos e Arrendamentos (Lend-Lease Act), que até já havia sido aprovada pelo Congresso. Mas será que essa guerra favoreceria os interesses dos Estados Unidos? Não, claro que não! A guerra não será do interesse do povo americano, mas única e exclusivamente do interesse do judaísmo americano. De pessoas tais como Manuilsky, Beria, Morgenthau e Bernard Baruch, bem como dos emigrantes vindos da Alemanha e dos refugiados provenientes da França. Como as estatísticas do instituto Gallup mostram (O Gallup também pertence aos judeus) em 3 de junho de 1941, 83 por cento da população americana eram contra a entrada do país na guerra.

Que interesses verdadeiros teriam os americanos em cruzar novamente os mares? Os almirantes alemães Raeder e Dönitz tinham declarado claramente que a invasão dos Estados Unidos era tão impossível como invadir a Lua. Em 31 de março de 1941, o senador Barkley declarou que se a Alemanha tivesse intenção de atacar os Estados Unidos, as entregas de armas feitas por aquele país à Inglaterra teriam fornecido um bom motivo para isso.

O povo americano, muito sensato, não podia ver nenhum motivo para que eles fossem envolvidos na guerra. Charles Lindbergh disse: "A entrada dos Estados Unidos na guerra levaria a um caos que duraria várias gerações". O Sr. Ickes, Secretário norte-americano do Interior, que era, ele próprio, descendente de judeus, respondeu a isso acusando Charles Lindbergh de ser o "Quisling" dos Estados Unidos. Mas então, oitenta e três por cento do povo americano, Republicanos e Isolacionistas, também são outros tantos "Quislings", já que eles não queriam marchar atrás de Morgenthau!

O próprio Roosevelt, embora estivesse muito pressionado para entrar na guerra, teve de confessar que os americanos não queriam tomar parte do conflito armado.

Nem sequer se pode desconfiar de que os Estados Unidos tinham qualquer interesse comercial na guerra, no tocante a negócios de armas, pois essa era uma guerra ideológica. Portanto, o judaísmo mundial começou a gritar a ordem dos Protocolos, quando os exércitos cristãos se aproximavam de Moscou:

''Nós responderemos a vocês com armas americanas e chinesas''.

Se a humanidade fosse capaz de pensamentos sérios, teria perguntado a si mesma: ''Qual era a finalidade de os Estados Unidos entrarem na guerra, e principalmente em o fazendo do lado da União Soviética?''.

Os responsáveis líderes alemães emitiram a seguinte declaração:

''É bem certo que a paz que se seguirá às vitórias alemãs não será do tipo de Versalhes, mas será uma paz para benefício de todas as nações. Os povos dos países que estão hoje ocupados recuperarão a sua liberdade, mas no interesse comum de todos os países eles terão de se comprometerem a respeitar certas normas legais e certas condições''.

Ao mesmo tempo, Roosevelt mandou a seguinte mensagem ao Congresso;

''Um tratado de paz nesta altura daria o controle dos países ocupados a Hitler, corresponderia a reconhecer o nazismo e à probabilidade de uma nova guerra. Queremos garantir a liberdade, inclusive a liberdade religiosa, para todas as nações e para cada indivíduo''.

''Liberdade religiosa!'' — diz esse slogan bonito. Mas liberdade para praticar que religião? Nessa altura, os exércitos cristãos que invadiam a Rússia podiam ver pessoalmente as igrejas fechadas, ao lado das ruínas do Cristianismo, que tinham sido destruídas pelos judeus bolchevistas, bom como, talvez, a estátua de Judas erguida pelo bolchevismo em homenagem ao homem que traiu Cristo. Mas da catástrofe da guerra, do cataclismo de sangue e de fogo, das ruínas fumegantes de cidades destruídas, do ribombo das bombas despejadas sobre crianças inocentes, agora surge a figura de Roosevelt, a mais fatal do século XX!

''Esta guerra será a guerra de Roosevelt!'' — diziam os republicanos de ala direita. Mas pessoas como Morgenthau, Baruch, Frankfurter, Einstein e Oppenheimer diziam outra coisa:

''Esta guerra será a nossa guerra! A guerra do mundo judaico!''

Pois Roosevelt, esse antigo descendente de um serafardita espanhol, era o protótipo do político do século XX. Nele podia-se encontrar a personificação dos Protocolos, embora fosse, ao mesmo tempo, uma marionete. Por trás dele erguiam-se os verdadeiros donos dos Estados Unidos. A maçonaria e os Sábios do Sião, líderes e banqueiros sionistas e os sindicalistas bolchevistas nascidos na Galícia.

''Ele é o nosso presidente!'' — diziam eles, ''e sua guerra será a nossa guerra!''

Nós substituímos uma caricatura pelo ''governo verdadeiro'' — dizem os Protocolos, com o presidente eleito pelos nossos escravos, a plebe.

É evidente que nesta altura quase todo o poder legislativo e executivo dos Estados Unidos já estava em poder dos judeus. Os ''anti-semitas'' só podiam ver os pequenos judeus apinhados nos guetos galicianos ou na pequena mercearia do Brooklyn. Havia também judeus atrás da cadeira de Roosevelt, atrás do sucessor de Washington!

Nessa época, quando Roosevelt estava tentando envolver os Estados Unidos na guerra, contra a opinião expressa de oitenta e três por cento da população americana, o poder judaico no governo dos E.U.A. podia ser aquilatado pelas seguintes nomeações:

Bernard M. Baruch, o ''presidente extra-oficial'' dos E.U.A.

Juiz Samuel Roseman, o fundador e chefe da "Brain Trust" e conselheiro oficioso de Roosevelt.

Professor Felix Frankfurter, "Conselheiro-Chefe de Assuntos Legais" (Autor da lei de títulos de crédito).

Henry Morgenthau pai, Conselheiro Oficioso (Advogado e Escritor do Estado Judaico).

Juiz Benj. N. Cardozo, Conselheiro Oficioso.

Gerald Shwope, Conselheiro Extra-Oficial.

E. A. Filene, Conselheiro Oficioso.

Charles W. Taussig, Conselheiro da "Brain Trust".

Nathan Margold, Advogado do Depto. do Interior.

Charles E. Wyzanski Jr., Advogado do Depto. do Trabalho.

Professor Leo Wolman, Diretoria de Greve de Trabalhadores.

Rose Schneiderman, da Diretoria Conselheira do Trabalho (Operária Radical Socialista).

Isador Lubin Jr., Perito em Estatística do Departamento do Trabalho.

Sol. A. Rosenblatt, Administrador de Diversões.

E. A. Goldenweiser, Diretor da Pesquisa Federal.

Jerome Frank, Conselho Geral.

Mordechai Ezekiel, Conselheiro Econômico do Depto. de Agricultura (Co-Autor das Leis A.A.A.).

Herbert Feis, do "Brain Trust".

Henry Morgenthau Jr., Secretário do Tesouro.

David E. Lilienthal, Diretor do TVA.

Sidney Hillman, Diretoria de Conselho do Trabalho.

L. N. Landau, Advogado Geral do PWA.

L. A. Steinhardt, Ministro para a Suécia.

Professor Albert E. Taussig, Conselheiro da NRA.

Alexander Sachs, Especialista em Código NRA.

Maurice Karp, Diretor de Pessoal da NRA.

Robert Freshner, Chefe do Exército Florestal CCC.

Robert Strauss, Administrador Assistente da NRA.

Donald Richberg, Conselheiro da NRA.

J. I. Strauss, Embaixador na França.

Ferdinand Pecora, Investigador Especial.

Samuel Untermayer, Conselheiro da Bolsa de Valores.

Professor James M. Landis, Comissário do Comércio Federal.

(O Império Oculto, P. 12)

Um poder secreto, capaz de manter sob controle um país de 150 milhões de habitantes, governando de posições-chaves através do seu monopólio cerebral e de trás da cadeira presidencial, realmente é um quadro terrível. Mas Roosevelt precisava da ajuda desse poder onipotente e de garras compridas para envolver os Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial.

Conforme fontes americanas já têm informado, nenhum segredo se fizera de que, depois de tentar em vão arrastar os Estados Unidos para a guerra, mesmo contra a opinião pública expressa, Roosevelt continuou a provocar os japoneses com várias tramas e ardis, até que finalmente os japoneses não tiveram outra alternativa senão

atacar Pearl Harbour. Durante o ataque alemão contra a metade oriental do reinado mundial, o Japão, o outro inimigo em potencial do bolchevismo, tinha de ser neutralizado, mesmo que isso significasse a entrada dos Estados Unidos na guerra.

Mas, sob nenhuma hipótese, Roosevelt queria entrar na guerra sem primeiro garantir a sua reeleição para presidente, por um terceiro período de governância. Foi por esse motivo que ele prometeu de maneira categórica em Filadélfia, em 1940, num discurso da sua campanha pró-reeleição:

''Eu digo e repito a vocês, pais e mães... digo e repito... os seus filhos não serão mandados para morrer em terra estranha, a não ser que sejamos atacados''.

O Contra-Almirante Robert A. Theobald, ex-comandante da frota de torpedeiros americanos estacionada em Pearl Harbour, no seu livro publicado sob o título O Verdadeiro Segredo de Pearl Harbour, revela como Roosevelt preparou e provocou esse ataque contra os Estados Unidos. Com uma série de provas irrefutáveis, o Contra-Almirante Theobald declara que o próprio Roosevelt provocou essa catástrofe contra os Estados Unidos. Em 26 de novembro de 1941, Roosevelt mandou uma nota tão insultosa ao Japão, que esse país não teve outra alternativa senão atacar.

''Com a ajuda da nota de 26 de novembro'' — escreve o Almirante Theobald — ''o presidente Roosevelt propositadamente e irrevogavelmente desencadeou a guerra para os Estados Unidos. A tentativa japonesa de evitar a pressão para entrar na guerra fracassou. O Japão teria de entregar-se ou de lutar, e não havia dúvida quanto à escolha''.

Apesar do fato de que o Serviço de Espionagem Americano já descobrira o código secreto da esquadra naval japonesa vários meses antes, de modo que o Alto Comando americano estava a par, antecipadamente, de cada movimento da esquadra japonesa, o comandante de Pearl Harbour não recebeu nenhum comunicado, informando-o de que, em virtude dos resultados de negociações diplomáticas, era iminente um ataque japonês. Já um mês antes, os chefes do Estado-maior sabiam muito bem que os japoneses pretendiam atacar Pearl Harbour. Eles conseguiram, até, interceptar o telegrama secreto japonês contendo a declaração de guerra japonesa e ao mesmo tempo ordenando que essa declaração fosse entregue à Casa Branca no mesmo instante em que as primeiras bombas estivessem caindo sobre Pearl Harbour.

Essa catástrofe poderia ter sido facilmente evitada, mas o presidente Roosevelt queria ansiosamente esse ataque. Ele proibiu expressamente que a esquadra americana saísse de Pearl Harbour. E por isso, morreram quatro mil, quinhentos e setenta e cinco soldados americanos desprotegidos; dezoito navios foram afundados, entre eles quatro grandes naus de guerra americanas. Mas Roosevelt e os que estavam por trás dele alcançaram os seus objetivos!

''Eu digo e repito a vocês, pais e mães... digo e repito... os seus filhos não serão mandados para morrer em terra estranha, a não ser que sejamos atacados'' — trovejam as promessas do ''nosso presidente'', do meio do ribombo das bombas que caem sobre Pearl Harbour. E agora, ele está de pé no convés do Potomac, com a mesma cara hipócrita, cercado por outros fariseus, cantando cordialmente ''Avante, Soldados Cristãos'', o bem conhecido hino anglicano. Está sabendo o tempo todo que vai arranhar o recém-assinado Tratado do Atlântico, da mesma forma que quebrou a sua promessa feita aos pais e mães americanos. Ao Papa, Roosevelt escreve dizendo que a forma de ditadura russa não é tão perigosa para o Cristianismo como o tipo alemão de despotismo.

Roosevelt, que era um político bem informado, sabia muito bem que isso não era

verdade. Os conselheiros que estavam por trás dele também sabiam disso. No entanto, eles fizeram essa declaração ao Papa e a todos os países do mundo. Aqueles que o aconselharam e que o compeliam a fazer promessas mentirosas sabiam muito bem que explorando a sua vaidade poderiam levar esse ditador "democrático" a fazer as maiores barbaridades.

"F.D.R. é nosso presidente!" Sim... Presidente de homens como Litvinov, Frankfurter, Kaganovich e Baruch. Talvez ele seja o próprio Messias, cuja sombra paira sobre as ruínas bombardeadas de igrejas cristãs, sobre os destroços fumegantes de Budapeste, de Berlim, de Viena, de Sofia e de Belgrado. Hoje é fato reconhecido que, antes de morrer, Roosevelt já estava se visualizando como o primeiro presidente proclamado da república mundial, por meio das Nações Unidas ressuscitadas, e já havia planos definidos traçados relativos a esse particular.

"... e possuireis nações maiores do que vós próprios" — soa a eterna promessa. O fato de que Roosevelt "progrediu" da paz para a guerra, do New Deal (Novo Negócio) para o negócio firme de Dupont Nemours, do Tratado do Atlântico para o Acordo de Yalta, da promessa feita ao Papa de que estabeleceria e manteria uma paz justa para o princípio da rendição incondicional, do humanismo da maçonaria para o Plano de Morgenthau e da democracia para a amizade com o bolchevismo é a tragédia da humanidade. Tudo isso é um exemplo estarrecedor de um estadista corrompido pelo judaísmo. Ele é o "filântropo" que provoca o bombardeio de crianças e de mulheres, o "defensor da paz" que provoca a guerra, o "grande democrata" que é um ditador muito pior do que o próprio Hitler, e o destacado "americano" que, pelos seus atos, vira um judeu. A figura mais calamitosa do século XX não é Hitler nem Stalin: é Roosevelt.

E naqueles tempos, em que os exércitos cristãos estavam tão perto da capital soviética que podiam ver as espirais e as torres de Moscou, e quando os japoneses atacaram Pearl Harbour, Churchill deve ter ido ao telefone e dito para Roosevelt: "Agora, nós estamos no mesmo barco!"

Stalin, Roosevelt e Churchill! Por trás deles, os judeus ocidentais e orientais: Kaganovich e Baruch!

"O emblema da nossa nação, a serpente simbólica, fechou o seu círculo" — dizem os Protocolos.

Algum tempo depois desses acontecimentos, apareceu uma fotografia na revista Life. Harry Hopkins, um dos conselheiros mais ligados a Roosevelt, e administrador da Lei de Empréstimos e Arrendamentos, está no meio de um grupo. A sua direita, Litvinov dirige um sorriso untuoso a La Guardia, que está entregando, de acordo com a Lei de Empréstimos e Arrendamentos, o primeiro cheque americano à União Soviética.

É uma quantia de onze bilhões de dólares, contribuição dos sacrificados pais e mães americanos para ajudar o barbarismo soviético e para ajudar o ditador bolchevista.

Ora, um visionário não tinha escrito, na sua profecia ignorada:

"Os judeus ocidentais formarão e equiparão um exército de vinte milhões de homens no Oriente para destruir o Cristianismo e a civilização e para estabelecer o reino mundial judaico!".

A profecia de Cassandra tornou-se realidade, e também foi estabelecida a prova da identidade dos verdadeiros criminosos de guerra.

Forrestal, que se tornou Secretário da Guerra Americano durante a presidência

de Truman, e que talvez tenha sido assassinado pelo sinistro poder que domina o mundo, registra sua conversa com Joseph P. Kennedy, no seu bem conhecido Diário, com data de 7 de dezembro de 1945. Kennedy fora embaixador de Roosevelt na Grã-Bretanha, no início da última guerra. O citado registro diz:

"Joguei golfe com Joe Kennedy hoje. Perguntei-lhe a respeito das conversações mantidas por ele em 1938 com Roosevelt, e com Neville Chamberlain. Ele acha que Chamberlain estava convencido de que a Grã-Bretanha não tinha meios que lhe possibilitassem lutar contra Hitler. Portanto, Chamberlain não era a favor da idéia de lutar contra o regime de Hitler. Naquela época, a opinião do Próprio Kennedy era de que a Alemanha lutaria contra a Rússia, sem que mais tarde se envolvesse numa guerra contra a Grã-Bretanha. William C. Bullitt (também de ascendência judaica), embaixador de Roosevelt na França, em 1939, fazia constantes pressões sobre Roosevelt para que este adotasse a postura mais firme possível contra os alemães na questão polonesa. Segundo Kennedy, Bullitt afirmava de maneira enfática, que os alemães não iriam à guerra. Contrário a esse ponto de vista, Kennedy achava que os alemães iriam prontamente a guerra e que eles poderiam até dominar toda a Europa. Chamberlain chegou à conclusão — disse Kennedy — de que os Estados Unidos E O MUNDO JUDAICO tinham impelido a Grã-Bretanha a entrar na guerra!"

Vamos reconhecer, portanto, que os verdadeiros criminosos de guerra jamais foram levados a julgamento em Nuremberg.

Capítulo VII

Por Que Hitler Tinha de Cair

Não poderia tudo isso ter sido apenas um pesadelo de "anti-semitas"? Será possível, afinal de contas, que uma minoria de apenas cinco ou seis por cento possa compelir um país como os Estados Unidos a entrar numa guerra? Será possível que os soviéticos lutem lado a lado com os odiados capitalistas? Vamos fazer uma revisão da força dessa minoria racial nesses dois países gigantes. Comecemos pela União Soviética, já que sabemos, nesta altura, que os seus fundadores e líderes vieram, na maioria, das fileiras dos conquistadores do mundo.

Durante os grandes expurgos, os conquistadores do mundo sacrificaram alguns indivíduos das suas próprias fileiras. Mas os lugares que ficaram vagos foram preenchidos por outros elementos ainda mais leais à ditadura de Stálin. A esposa de Stálin, Rosa Kaganovich, era filha de Lazarus Kaganovich, ex-comissário da indústria pesada da União Soviética. Quando estourou a guerra, o poder na União Soviética estava nas mãos de seis membros da família de Kaganovich e nas mãos do chefe da polícia secreta; Beria era também descendente de judeus. Segundo informes americanos, até tempos bem recentes a conversação na casa de Stálin era geralmente feita em idioma ídiche.

Muitos dos comissários têm idéias judaicas. A esposa de Molotov é judia, enquanto que Litvinov (nascido Finkelstein), ex-auxiliar de comissário para negócios estrangeiros, tão capitalista na aparência, era o elo de ligação visível entre as metades oriental e ocidental desse nacionalismo tribal.

Em 1935, Yeats Brown publicou seu livro A Selva Européia, e na página 181 ele descreve que: "no Comitê Central do Partido Comunista, que é formado por cinqüenta e nove membros, noventa e cinco por cento eram judeus, isto é, 56 membros, enquanto que os outros três membros eram casados com judias: Stálin, Labov e Ossinsky".

Vez por outra, os judeus se arriscam a se gabarem do poder de que desfrutam, como por exemplo, na Crônica Judaica Americana, de 6 de janeiro de 1933 (página 19), onde encontramos o seguinte:

"Na União Soviética, um em cada três judeus trabalha num cargo administrativo!"

Isto significa, na realidade, que dos três milhões e meio de judeus na União Soviética, mais de um milhão trabalha em funções administrativas em várias posições-chave da ditadura bolchevista. Eles são os adeptos mais leais, mais inteligentes e mais fanáticos do regime bolchevista. Eles se tornam comissários, líderes do partido, sovietes leais, governadores de províncias e autoridades de cúpula, bem como comissários do exército e da K.G.B.

Depois do grande expurgo ordenado por Stálin, no fim de 1936, as autoridades de cúpula das quarenta repúblicas soviéticas, isto é, os secretários do partido que detinham realmente o poder executivo, eram formados por quatro russos, dois armênios, um georgiano, um buryat e quarenta e um judeus (World Service, 1936, I, 1).

Em 1941, quando os exércitos europeus atravessaram as fronteiras soviéticas, eles ficaram chocados ao descobrirem que as leis soviéticas eram mais judaicas do que tinha sido proclamado até pela propaganda de Streicher. A começar pela fronteira polonesa, em todas as províncias, até Stalingrado, os líderes das cidades eram exclusivamente judeus, que eram também os comissários encarregados das fazendas coletivas e os chefes de polícia. Todos os comissários soviéticos, todos os agentes da polícia secreta e as autoridades de cúpula capturados pelos alemães pertenciam, sem exceção, à mesma raça conquistadora do mundo.

O Alto Comando do exército soviético também continha muitos judeus, e a este respeito encontramos a seguinte citação num livro intitulado O Impacto Hebraico na Civilização Ocidental, publicado em Nova Iorque, em 1951, por Dagobert Davis Runes:

"Na guerra travada contra Hitler, havia 313 generais judeus entre os generais soviéticos".

J. Zaltzman era o encarregado da produção soviética de tanques de guerra, e Abraham Wikbosky controlava os arsenais e as fundições de armas da União Soviética. Mikoyan dirigia toda a produção de guerra e os contratos de guerra.

Portanto, é inteiramente compreensível por que esses co-racistas tentaram fugir das tropas européias quando tiveram oportunidade para isso. Mas as populações russas e ucranianas poderiam contar muitos crimes hediondos praticados por essas pessoas. Não é difícil encontrar provas. Qualquer soldado que tenha servido na frente de combate pode confirmar esses fatos pela sua própria experiência.

O temível poder exercido por mais de meio milhão de judeus mantinha assim o chamado sistema soviético em funcionamento. É simplesmente ridícula a declaração de certos propagandistas de que o sistema bolchevista não serve aos judeus porque eles se baseiam na empresa privada. Em toda parte onde o bolchevismo foi estabelecido, os judeus imediatamente trocaram seus cargos-chave industriais e comerciais pelos cargos públicos. E assim, o dono de mercearia se tornou policial e o lojista virou autoridade estatal. E dessa forma, o camponês da primeira etapa (dos Protocolos) se transformou no soldado profissional de segunda etapa.

Tudo isso era do conhecimento de um pequeno número de americanos. Hamilton Fish, um deputado de Nova Iorque, já em 1933 referia-se ao caráter judaico dos soviéticos, e certos dados e números foram publicados nos Registros do Congresso de 29 de fevereiro de 1933. Segundo esses dados, o governo soviético, inclusive os governos das províncias, consistia de 503 membros, dos quais 406 eram judeus. Dos vinte e três membros do soviete local em Moscou, dezenove pertenciam à raça dos conquistadores do mundo. Havia quarenta e um judeus entre os quarenta e dois re-

datores e editores da imprensa oficial russa, e eles eram chefiados por David Zaslavsky, redator, e Ilja Ehrenburg, o editor do Pravda.

Douglas Red, o eminente jornalista inglês, reportou em 1938 que as empresas de imprensa na Rússia estavam firmemente nas mãos dos judeus, e que um certo Epstein controlava a produção de filmes.

Sempre que se revela a existência de alguma ligação entre judeus e bolchevistas, a propaganda ocidental prontamente observa que de vez em quando existem tendências anti-semitas na Rússia. Mas a verdade é que até o fim da Segunda Guerra Mundial, a União Soviética era o único país do mundo onde o ''anti-semitismo'' era considerado crime pela lei, e na qual o ''criminoso'' muitas vezes sofria a pena de morte. Tudo isso, logicamente, decorre da doutrina de Lenin, de que: ''O anti-semitismo é o instrumento da contra-revolução''. Esse dogma, em sentido inverso, é uma confissão aberta de que o bolchevismo é, na verdade, uma forma de domínio judaica.

Louis Levine, presidente do Conselho Judaico de Assistência Russa, visitou a União Soviética depois da Segunda Guerra Mundial, e escreveu uma série de artigos sob o título A Rússia Soviética de Hoje, na qual ele afirma a grandeza e a imutabilidade desse domínio. Ele escreve, entre outras coisas:

''Desde o seu surgimento, em 1917, a União Soviética tem-se caracterizado por uma preocupação especial para com o povo judeu. Uma semana depois que o czarismo foi derrubado, o recém-nascido Governo Socialista, chefiado por Lenin, aboliu a opressão nacional, transformando-o no primeiro país do mundo a qualificar o ''anti-semitismo'' como um crime.''

Ele menciona também, com orgulho, que muitos cirurgiões famosos, generais e autoridades de cúpula da Rússia Soviética são judeus.

Esse mesmo Levine, durante um discurso em Chicago, em 30 de outubro de 1946, narrando o que vira na sua visita à União Soviética, disse:

''Muitas das autoridades de alto escalão da Rússia são judias. Muitas outras autoridades judias não pareciam judias, mas elas falaram comigo, particularmente, em hebraico ou em ídiche''.

''O povo judeu é unânime no seu amor por Stálin. Eles o consideram o maior amigo do povo judeu. Eles atribuem à sua compreensão das minorias nacionais e à sua liderança a nova posição elevada ocupada pelos judeus soviéticos''.

O domínio judaico é a herança sagrada do bolchevismo. Referindo-se aos judeus que ocupam posições de destaque no sistema bolchevista, disse o próprio Lenin:

''O papel desempenhado pelos judeus será da máxima importância na formação dos alicerces da nova ordem mundial. O povo judaico possui características adaptáveis, juntamente com alta inteligência e extrema crueldade. Um russo jamais poderia tratar contra-revolucionários russos com tanta crueldade quanto um judeu pode''. (Lenin o Deus dos Sem-Deus, por f. Ossendowski).

Numa ditadura moderna, tudo está sob o controle de um poder secreto. Mais exatamente: sob o controle da pessoa ou grupo de pessoas que empunha a metralhadora. A declaração acima, e o depoimento franco de uma destacada personalidade judaica, mostram claramente que na União Soviética esse poder absoluto, que é baseado nas atividades de um milhão de judeus que ocupam posições-chave, é realmente o poder exercido pelo judaísmo sobre a União Soviética.

Um judeu é antes de tudo um judeu, mesmo quando está ativamente empenhado em promover a causa do bolchevismo. Primeiro e principalmente, ele é um judeu,

e só depois ele é um bolchevista, exatamente ele é primeiro um judeu, antes de se tornar um defensor da democracia. Considera o estabelecimento do poder e da segurança dos judeus como um assunto de suprema importância; só depois de conseguir isso é que ele imprimirá um caráter judaico ao bolchevismo ou à democracia, conforme for o caso. Portanto, pode-se declarar, sem faltar à verdade, que na verdade a União Soviética não está sob a ditadura bolchevista, e sim sob a ditadura judaica.

O bolchevismo, como a democracia liberal, serve apenas como pretexto e como disfarce. Do ponto de vista judaico, o bolchevismo representa uma etapa mais elevada de desenvolvimento do poder judaico do que a democracia representa. Num governo democrático, existe sempre o perigo de que em alguma época estadistas esclarecidos ou demagogos habilidosos possam conseguir desmascarar o seu poder secreto ilegal e tirar a máscara dos que o detêm. Embora os judeus possam controlar quase tudo numa democracia, ainda existe, talvez, uns dois por cento de probabilidade de que possam perder tudo. Mas na União Soviética, não há sequer meio por cento de probabilidade de fracasso. Pois naquele país, o poder nas mãos dos judeus é absoluto. O povo russo está reduzido à triste condição de escravos, bala para canhão e de trabalhadores escravos para o poder judaico.

Mas agora, vamos dar uma olhada mais de perto naquela democracia liberal, que, quando entrou na guerra, tornou-se aliada da Rússia, graças aos esforços de Roosevelt e da sua maldita assessoria. Serão ainda hoje em dia, os Estados Unidos, o mesmo país dos tempos de Washington, de Lincoln e de Jefferson? Enquanto que a tomada do poder na Rússia foi feita por meio das armas, o mesmo pode ser feito no caso da democracia liberal, só que com o uso de outros recursos. Aqui, a liderança judaica pode ser materializada através do monopólio da imprensa, por meio do ouro e do controle do dinheiro e pelo recurso de influenciar secretamente a vida pública.

Como já mencionamos antes, quando os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial, cinqüenta e dois dos setenta e dois conselheiros de Roosevelt eram judeus. Segundo o livro O Império Oculto, oitenta por cento da renda nacional dos Estados Unidos eram controlados por judeus. Por trás de Roosevelt subiu ao poder, imediatamente o Departamento de Estado e as posições-chave do governo começaram a ser infiltrados. Ao mesmo tempo que essa infiltração era feita, teve início um processo de expurgo em alta escala nas fileiras dos oficiais das forças armadas, em conseqüência do qual os oficiais com tendências "nazistas" foram afastados, isto é, aqueles que provavelmente não topariam lutar a guerra de Roosevelt com entusiasmo.

Robert Edward Edmondson, no seu livro Eu Deponho (página 46) pinta um quadro original da administração de Roosevelt, descrevendo-a com a forma de Magen-David (uma estrela de seis pontas). No meio da estrela, Roosevelt pode ser visto com sua administração, cercado dos quatro lados por L. D. Brandeis, Felix Frankfurter, Bernard M. Baruch e Henry Morgenthau Jr. Nas seis pontas da estrela, podem ser encontrados os seguintes nomes, mostrando quem detém realmente o poder; aqueles que, de fato, estão governando o governo dos Estados Unidos:

1. Rabino Wise, Sidney Hillman, Samuel Dickstein, Herbert H. Lehman, James P. Warburg, Samuel I. Roseman.
2. Dave Stern, Henry Horner, Louis Kirstein, David J. Saposs, E. A. Goldenweiser, Rabino Samuel Margohes.
3. A. Cohen, Gerald Shwope, Adolf J. Sabbath, Isidor Lubin Jr., Mordechai Ezekiel, Moissaye J. Olgin.

4. Samuel Untermayer, Benjamin J. Cardoso, F. H. La Guardia, Dave Dubinsky, Jerome Frank, Robert Moses.

5. A. Goldman, W. C. Bullitt, A. J. Altenmeyer. L. A. Steinhardt, Albert Einstein, Rose Schneiderman.

6. H. Fein, Benj. Cohen, Nathan Margold, Walter Lippman, David E. Lilienthal, Willian M. Leiserson.

Trata-se de um poder terrível, se nos lembrarmos de que era apoiado por toda a imprensa, todos os editores da qual eram judeus, encabeçados por Arthur Hays Sulzberger e por toda a rede de estações de rádio sob a direção de David Sharnoff, e também pela indústria de propaganda do cinema, com uma maioria de noventa e cinco por cento de judeus, encabeçados por Adolf Zukor. Também é bom citar aqui as várias facções políticas trabalhistas, e sindicatos, dirigidos por Sidney Hillman, Dubinsky e pessoas semelhantes, e também os vários tribunais de justiça, nos quais, nessa altura, os judeus pronunciam sentenças contra os descendentes dos antigos pioneiros. Intimamente ligado a esse poder, encontramos La Guardia, o prefeito da maior cidade americana, e ao seu redor a legião de judeus comunistas, e também Herbert H. Lehman, o governador judeu do Estado de Nova Iorque. Depois vêm Eistein, Oppenheimer, Leo Szilárd e Lilienthal, os sumo-sacerdotes da nova Seita Atômica, reforçados pelas massas vingativas de refugiados da Alemanha, da Itália, da Espanha, da Hungria, da Romênia, da Tchecoslováquia e da Polônia, que vieram para ocupar posições-chave na guerra americana da produção. Eles forneceram propaganda para o Ministério de Guerra, noventa e cinco por cento da qual estava impregnada de um ódio semelhante àquele encontrado nos textos do Velho Testamento.

Dessas posições, eles prepararam uma guerra da qual estavam excluídas a clemência e a decadência, sem falar no cavalheirismo dos tempos antigos. E assim eles degradaram a guerra, fazendo-a baixar ao nível de uma série de massacres bestiais. Por intermédio da O.N.U., eles se prepararam para trocar posições-chave americanas por cargos ministeriais no gabinete do futuro governo mundial. Ben Gurion e Chaim Weizman ficaram a postos, prontos para reviver e restabelecer um dos pilares-mestres do governo mundial: o Estado de Israel. Eles emitiram suas ordens aos soldados de Washington, e substituiram o símbolo da Cruz Branca dos capacetes de aço da Sexta Divisão Americana pela Margen-David (estrela de seis pontas). Eles ordenaram que todas as manifestações de cultura, tanto da Alemanha como da Europa, fossem bombardeadas. Entregaram armas à União Soviética e lhe deram onze bilhões de dólares, tirados dos bolsos do contribuinte americano.

Esse nacionalismo judaico não tem nenhuma má vontade para com a União Soviética. Mas, se Hitler vencesse a guerra, ou se as nações cristãs fizessem a paz entre si mesmas, então isso significaria o fim do domínio mundial para os judeus. Ora, se os guerreiros das duas diferentes fases seguissem os planos dos Sábios de Sião e juntassem suas forças, certamente eles poderiam estabelecer o seu reino. E então, os líderes capitalistas e bolchevistas do mesmo nacionalismo dominariam o mundo. Isto significaria uma união gigantesca do mal-informado povo americano e dos mais de 200 milhões de soviéticos escravizados que vivem na União Soviética.

O pacto Stalin-Ribbentrop foi em si mesmo uma armadilha para atrair a Alemanha. Foi preciso afastar os escrúpulos e receios do Estado-maior alemão, treinado nas doutrinas de Clausewitz, contra uma guerra em duas frentes de batalha. Assim, foi mais fácil levar os alemães para a Segunda Guerra Mundial, que na verdade foi

declarada a eles pelo Congresso Judaico de 1933. Mais tarde, quando Hitler se viu atolado na guerra até o pescoço, de repente Molotov, o marido da linda Karpovszkaya, aparece em Berlim e coloca na mesa as exigências soviéticas. Aqueles judeus que tinham temporariamente sumido pelo alçapão do Kremlin, em agosto de 1939, reaparecem todos em cena, novamente. Agora, Hitler estava a braços com uma guerra terrível, em várias frentes.

Nesse ínterim, os novos imigrantes entravam em grandes levas nos Estados Unidos, exigindo vingança. Nessa altura, a imigração já se tornara um direito e um privilégio dos judeus. Em 1930, a Sinagoga judaica tinha um quadro social de 4.081.242. Mas, segundo o Almanaque Mundial de 1949, esse número deve ter aumentado rapidamente, já que em 1947 o quadro de membros era de 4.770.647. Agora, os judeus compunham uma considerável porcentagem dos números anuais de imigração. Em 1936, essa porcentagem era de 17,21%; em 1937, de 22,59%; em 1938, de 29,07%; de 52,35% em 1939; em 1940, de 52,21%; em 1941, de 45,83%; em 1942, de 36,86%; e em 1943, de 13,83%. Esses recém-chegados judeus, imigrantes dos países europeus orientais, não se estabeleceram no fundo da sociedade americana, nem viveram a vida inferior dos refugiados. Pelo contrário: foram colocados em empregos na imprensa americana, em escritórios, na política e na indústria do cinema.

Eles não eram mais comerciantes e homens de negócios. Agora, eram os portadores daquele ódio, da vingança e do bolchevismo que destruiu a Santa Rússia.

Toda aquela podridão que fora a causa primeira do surgimento do Socialismo Nacional Alemão e que determinara a queda da República Weimar agora se estabelecia novamente e com firmeza na América, onde, segundo o livro "A Cortina de Ferro sobre a América", as palavras "Quarto Reich" se tornaram o apelido dos bairros dominados e ocupados por imigrantes que tinham fugido de Hitler. A palavra deles podia ser ouvida pelas redes de rádio americanas; eles falavam em dez ou quinze idiomas. Seus artigos eram lidos por milhões de pessoas nos jornais do país. Para essa gente, os métodos humanitários da democracia americana não eram satisfatórios. Por isso, eles elogiavam a União Soviética nos Estados Unidos e faziam todos os esforços para ameaçar a destruição da democracia americana, se esta não ajudasse a União Soviética de forma suficiente. Para eles, a verdadeira amiga e libertadora não era a América, mas sim a União Soviética.

Na edição do New York Herald Tribune de 22 de dezembro de 1938 apareceu uma carta da Sra. Sarah Finkelstein, protestando contra um artigo anterior, no qual se alegava que dos 400.000 judeus de Chicago, pouquíssimos eram membros do Partido Comunista. Na sua carta, Sarah Finkelstein declara que tinha morado em Chicago durante treze anos, e que por isso sabia, por experiência, que 98% dos 400.000 judeus de Chicago eram todos comunistas convictos.

E agora, simultaneamente, o Nêmesis sobre a humanidade procedia tanto de Nova Iorque quanto do Kremlin. Era a guerra dos judeus, e a paz seria também deles.

"Vença esta guerra quem vencer, os verdadeiros vencedores seremos nós!"

Capítulo VIII

Os Verdadeiros Vencedores da Segunda Guerra Mundial

Quando os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial, muitas pessoas acreditaram que a maior democracia do mundo ia combater pelos princípios da Carta do Atlântico. A propaganda mentirosa enganou os oitenta e três por cento que constituíam a maioria do povo americano contra a guerra, fazendo-os crer que bolchevismo e democracia eram a mesma coisa, que o terrorismo soviético era sinônimo de liberdade, e portanto que era absolutamente imprescindível cruzar o oceano para salvar a ''humanidade''.

Certa parte da Europa em guerra também foi tapeada por essa propaganda. Aqueles que organizaram os movimentos de resistência e os relutantes que entraram na guerra do lado das potências do Eixo estavam todos com a esperança de que Roosevelt não desencadeasse a peste do bolchevismo sobre a Europa. Todos os sinais superficiais pareciam indicar que afinal de contas o Capitalismo Americano e o Bolchevismo Soviético jamais poderiam ser colocados lado a lado numa aliança duradoura. Parecia simplesmente inacreditável que a democracia americana estivesse fazendo guerra contra a ''forma alemã'' de ditadura, em aliança com a ditadura mais cruel de todas.

Mas tal aparência era enganosa. Pois a verdadeira força coerciva da aliança era o ''nazismo'' judaico, aquela força que, conforme já sabemos, representou um papel tão importante na administração Roosevelt bem como no sistema soviético de Stalin e de Kaganovich. Para aqueles que operavam por trás dos bastidores existia apenas um objetivo: a implantação do seu absoluto domínio do mundo. Caso isso não fosse possível de fazer, então, segundo o milenar princípio de ''dividir para dominar'', era preciso dividir o Globo Terrestre; o Hemisfério Oriental deveria ser dominado pela metralhadora, ao passo que o Hemisfério Ocidental seria dominado pelo ouro, mas só que a metralhadora e o ouro pertenciam a um único dono. Um Mundo Único!

Pois está claramente escrito no livro santo do "Führer" judaico:

"E devorarás todos os povos que o Senhor teu Deus está para entregar a eles..." (Deut. VII, 16).

É bom não nos esquecermos de que a guerra total não foi inventada pelos estrategistas modernos, e de que o Torah, o Mein Kampf (livro escrito por Hitler) dos judeus, aponta o caminho daqueles que lutam pelo princípio do "Mundo Único".

"Mas antes, ao contrário, vós vos havereis assim com eles: Deitai abaixo os seus altares, e quebrai as suas estátuas, e cortai os seus bosques, e queimai as suas esculturas" (Deut. VII, 5).

"... destruireis os seus altares!" A Carta do Atlântico pode ser percebida aqui com a sua propaganda de vitrina de loja, cujo texto, segundo a revista Time, de 18 de agosto de 1941, foi escrito por Samuel Roseman. Deixem os rapazes americanos acreditarem que estão lutando por ideais elevados. Porém, dizem os Protocolos, os verdadeiros planos serão conhecidos por nós, com exclusão de todos os demais! "Violência e Hipocrisia". Embora a Carta do Atlântico seja o que nós prometemos, não é a liberdade que estamos preparando para o mundo, mas sim a escravidão absoluta e total. Diremos aos alemães que queremos apenas eliminar os "nazistas", mas nossos planos estão prontos e nós vamos executá-los.

E assim, em 1941, já mesmo antes de os Estados Unidos entrarem na guerra, certos planos de autoria de Maurice Gomberg foram publicados, referindo-se a "Uma Nova Ordem Moral Mundial para a Paz e a Liberdade Permanentes". (Maurice Gomberg, Filadélfia, fevereiro de 1942) Veja página 104 de "Europa in Trümmern" (A Europa em Ruínas), de E. J. Reichenberger. Isto é mostrado num mapa impresso em Filadélfia. É a prova mais comprometedora contra aqueles que sonhavam com o extermínio de nações inteiras e de raças antes que os Estados Unidos sequer tivessem entrado na guerra.

Esse trabalho está apresentado de forma tal a dar a impressão de que era um esboço de um mapa mundial após a Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos (isto é, naquela época, o governo mundial judaico) assumiriam o controle do mundo inteiro e estabeleceriam a Nova Ordem Moral Mundial para garantir a paz duradoura, a liberdade, a justiça e a segurança e para executar a reconstrução.

Segundo esse mapa, o Canadá a Groenlândia, os Açores e as Ilhas Canárias, bem como um enorme número de ilhas entre o Japão e a Austrália, pertenceriam aos Estados Unidos, como protetorados. Sumatra, Java e Bornéu naquele mapa estão anexadas ao Império Britânico. As fronteiras da União Soviética estendem-se de Vladivostok até Colônia, e o Reno é a fronteira ocidental do bolchevismo. "Nossas fronteiras estão no Reno!" não disse Roosevelt? A Tchecoslováquia, a Hungria, a Iugoslávia e a Romênia aparecem naquele mapa como Estados da U.R.S.S.

Esse mapa é outra prova chocante de que o objetivo do mundo judaico é roubar a independência das pequenas nações e fazer o mundo inteiro cair sob o jugo do seu reinado de terror. A Áustria e a Alemanha, coloridas de vermelho nesse mapa, são colocadas de "quarentena". Pelo mapa, a China parece ficar como país independente, mas o Irã aparece nele como parte da União Soviética. A Itália, a França, a Bélgica, a Holanda, o Luxemburgo, a Suíça, a Espanha e Portugal aparecem no mapa como membros dos novos Estados Unidos da Europa. Mas as notas explicativas que acompanham o mapa são até mais interessantes do que o próprio mapa, à medida que vamos tomando conhecimento, por meio delas, de que é preciso construir uma nova "ordem moral mundial". Nessa nova ordem moral, a moral que prevalecerá será a

do Talmude, o livro que contém as leis e as tradições judaicas. Simplesmente o despotismo do estado mundial judaico. "É de nós que emana o terror que avassalará tudo" dizem os Protocolos, e os organizadores da nova ordem mundial estão aqui evidentemente fazendo uma citação, em forma de lista, de tudo com que eles sonharam e que desejam colocar em prática. Será suficiente expor aqui apenas os pontos mais importantes desses planos.

A União Soviética, colaborando com os Estados Unidos da América, para preservar a liberdade(!) e a paz, assumirá o controle exclusivo da Áustria e da Alemanha, para "reeducar" esses países e mais tarde anexá-los à U.R.S.S. como membros iguais.

Depois da guerra, a Terra Santa, atualmente conhecida como Palestina, deverá ser juntada à Transjordânia e aos territórios circunvizinhos por "direito histórico", bem como sob a justificativa de que é preciso ter uma república judaica desmilitarizada e independente para facilitar a solução do problema de refugiados. Esse território judaico está marcado no mapa como "Hebreulândia".

Quanto a criminosos de guerra, ainda não havia, na época, nenhuma declaração de Moscou, uma vez que afora os massacres de Bromberg, não havia conhecimento algum de crimes de guerra. No entanto, o mundo judaico americano já estava proclamando Nuremberg antecipadamente. A cláusula número 30 da Carta do Atlântico declara: "Os criminosos de guerra e os seus comparsas desta guerra hedionda serão levados à justiça e será aplicado a eles um castigo inesquecível.

Os planos para o assassinato e deportação de países inteiros já estavam prontos e foram executados em Potsdam, onde as tramas elaboradas pelo mundo judaico, já desde o distante ano de 1940, foram obedientemente endossadas pelos países Aliados.

Das notas existentes na Carta, nós sabemos que os súditos japoneses, bem como pessoas de origem japonesa, e, portanto, de fidelidade duvidosa, deverão ser expulsos para sempre do Hemisfério Ocidental. Igualmente, eles deverão ser expulsos das ilhas sob a proteção dos Estados Unidos. Suas propriedades deverão ser confiscadas e servirão para custear a reconstrução de após guerra. Todos os cidadãos alemães e italianos, bem como pessoas intimamente ligadas a eles, que difundiram o nazismo e o fascismo, deverão ser tratados da mesma forma. (É revelador o fato de que o governo dos Estados Unidos seja incapaz ainda hoje, de reembolsar as propriedades alemãs tomadas, no valor de 300 milhões de dólares). A imigração alemã, italiana e japonesa para o Hemisfério Ocidental, bem como para as ilhas sob o protetorado dos Estados Unidos, deverá cessar indefinidamente.

Aqui, o mundo judaico volta aos velhos mandamentos do Torah, que visa garantir o domínio exclusivo sobre o Hemisfério Ocidental.

"... tu as passarás a cutelo, sem que fique uma só; não celebrarás concerto algum com elas, nem as tratarás com compaixão" (Deut., VII, 2).

Para a finalidade de extirpar dos agressores do Eixo o chauvinismo militar, para o fim de lhes esmagar o poderio militar, para a finalidade de se apossar de despojos de guerra e de reeducá-los de forma a que possam voltar ao círculo familiar das nações, declara a Cláusula 36 do plano mundial, que os territórios alemães, japoneses e italianos deverão ser colocados em isolamento por um tempo indeterminado e que deverão ser administrados por governadores sob a supervisão das Nações Unidas.

É estranho que vejamos aqui, delineados já antes do início da guerra, fatos que realmente só iriam acontecer depois de 1945! E não foi à toa que vimos o pagamento de indenizações de guerra feito pela Alemanha Ocidental a Israel, juntamente com a ocupação de boa parte da Europa pelos reeducadores, agentes da C.I.C. e pelos des-

manteladores do tentado, mas fracassado, plano Morgenthau, e finalmente o governo, em bebefício do judaísmo, de territórios europeus pelos testas-de-ferro russos e americanos.

A enormidade da conquista mundial pelos judeus é demonstrada pelo fato de que de todas as promessas e ojetivos da guerra, inclusive a Carta do Atlântico, os únicos planos executados foram os mencionados acima, juntamente com alguns pequenos ajustes.

Todas as matérias-primas e toda a produção industrial dos países sob isolamento — prossegue a Cláusula 37 da ordem mundial — serão usadas para a reconstrução de após guerra.

Outras cláusulas estabelecem que todas as pessoas da Prússia Oriental ou da Renânia serão expulsas dos territórios ocupados e suas terras serão confiscadas como indenização de guerra. Por motivos militares em potencial, deverá ser elaborado um plano para controlar o índice de natalidade dos países em quarentena e assim reduzir a força numérica das nações agressoras.

Esse é o primeiríssimo exemplo na história da humanidade em que uma minoria nacionalista subverteu as leis da natureza e proclamou sua intenção de destruir outros países.

''E aniquilarás todos os povos que o Senhor teu Deus colocar nas tuas mãos...'' ordena o Torah.

Portanto, ali estava a oportunidade de expatriar os povos do Leste da Prússia, da Renânia e de outros países orientais. Vinte e cinco milhões de cristãos deslocados deveriam ser expulsos das suas terras nativas, seria introduzido o controle de natalidade e o plano Morgenthau, que poderia trazer a inanição de quarenta por cento do povo alemão, deveria ser posto em execução.

O judaísmo mundial jamais poderá apagar essas terríveis acusações de assassinato. Tanto mais que ele não apenas preparou os planos, mas também os executou, como veremos mais adiante.

O plano do Massacre Gomberg, apoiado pelas organizações judaico-americanas mais poderosas, e os seus métodos, já não são mais novidade. Há vários milhares de anos passados, Moisés prescreveu para esse ''nazismo'' tribal como uma guerra deve ser feita, bem como se deveria negociar a paz:

''E quando o Senhor teu Deus t'a (a cidade) houver entregado às mãos, passarás ao fio da espada todos os varões que nela haja, reservando as mulheres e os meninos, os animais e tudo o mais que se achar na cidade, e ficarás com todo o espólio...'' (Deut., XX, 13-14).

A Carta do Atlântico ainda continua em exibição na vitrina da loja das promessas.

Samuel Fried, o famoso sionista e pacifista, durante a primeira parte dos anos 30, enquanto ainda no auge da vitória da Primeira Guerra Mundial, não oculta a psicose de assassinato em massa que deveria ser encontrada nas linhas dos últimos tratados de paz.

''Aqueles que temem o ressurgimento do poder alemão jamais irão ver novamente a restauração do poderio militar germânico. Nós cortaremos no nascedouro todo esforço para restaurá-lo, e finalmente, se o perigo ainda persistir, nós distruiremos essa nação odiada por todos, tanto dividindo-a como desmembrando o país, e também por meio de cruéis assassinatos em massa''.

Em 1934, Samuel Roth caracterizou o intenso ódio mais tarde manifestado na propaganda e nos planos de paz da Segunda Guerra Mundial. No seu livro, intitulado

Os Judeus Precisam Viver, editado pela Golden Press Inc., ele escreve:

"Nós ainda somos a semente de Abraão, Isaac e Jacó. Nós nos misturamos com as nações, sob o pretexto de que estamos fugindo de perseguições, nós, os mais cruéis perseguidores, cuja crueldade não tem paralelo nos anais da história da humanidade".

Antes de 1945, havia uma crença, amplamente difundida, de que o assim chamado "judeu bolchevista", sendo um indivíduo cheio de ressentimentos e de amargura, não tinha nenhuma oportunidade de tornar-se culto, e por esse motivo transformava-se num sádico no primeiro instante em que tinha uma metralhadora nas mãos. "Mas os judeus cultos ocidentais são diferentes" — prosseguia o ditado popular. Eles eram humanitaristas e filântropos que contribuíam generosamente para a Cruz Vermelha e para os fundos de socorro da comida grátis. Somente o terror sangrento de Mandel-Rothschild, o Secretário do Interior da França, previu, em 1940, o destino que a Europa poderia esperar uma vez que esses humanitaristas voltassem ao Continente como vencedores.

Esse Mandel-Rothschild executou várias centenas de franceses em nome da unidade nacional, exigindo resistência de cada francês contra o perigo germânico. Mais tarde, quando o front francês entrou em colapso, Mandel-Rothschild foi o primeiro a fugir da França. Mas nesssa altura suas mãos já estavam encharcadas no sangue de centenas de franceses.

Sua conduta política foi a primeira revelação da intensa paixão e animosidade oculta sob o manto de cultura e de humanidade do judeu ocidental.

Quando, no início da Segunda Guerra Mundial, a voz da imprensa ocidental e o rádio se tornaram selvagemente distorcidos e slogans de um mundo "humanitário" foram irradiados, (tais como: "Façam os alemães comerem arsênico!" por um colunista americano), as provas foram multiplicando-se, o que prova que não se tratava mais de um espírito belicoso, e muito menos, ainda, do espírito da convenção de Genebra, mas sim do espírito de puro assassinato. É inacreditável ouvir homens de alta capacidade intelectual, tais como escritores, professores universitários e publicitários, todos de repente falando, em pleno século vinte, a linguagem dos profetas do Velho Testamento, incitando ao assassinato. É um choque compreender que na segurança das lojas da maçonaria, nas "redações editoriais democráticas" e nas sociedades sionistas livros, artigos, ensaios e discursos políticos são concebidos e escritos, todos proclamando o assassinato. Essas não são as baixas inevitáveis da guerra, mas sim homicídios e crueldades planejados para que a paz sobrevenha.

Th. Nathan Kaufman, no seu livro A Alemanha Tem de Perecer (editado em Newark, p. 104), escreveu, já no distante anos de 1941, que depois da guerra a Alemanha teria de ser totalmente desmembrada. Kaufman exigiu que a população alemã, tanto homens quanto mulheres, que sobrevivessem aos bombardeios aéreos, fossem esterilizados a fim de garantir a total extinção da raça germânica.

O mesmo ódio arde no livro de Maurice Leon Dodd, Quantas Guerras Mundiais (New York, 1942), no qual o autor proclama que nenhuma Alemanha e nenhuma raça alemã deve ser deixada depois dessa guerra. Charles G. Haertman, no seu livro Não Deve Haver Nenhuma Alemanha Depois da Guerra (New York, 1942), também exige o extermínio físico do povo alemão. Einzig Palil, um escritor judeu canadense, no seu livro Podemos Nós Ganhar a Paz? (Londres, 1942), assume uma posição semelhante, exigindo o desmembramento da Alemanha e a demolição total da indústria alemã. Ivon Duncan, outro escritor judeu, no seu artigo Die Quelle des Pan-Germanismus, que apareceu no número de março de 1942 do Central Europe Obser-

ver, exigiu a esterilização de quarenta milhões de alemães. Ele calculava que o custo total desse plano seria de cinco milhões de libras esterlinas.

Douglas Miller, escrevendo no New York Times, em 1942, acha que setenta milhões de alemães são gente demais. Portanto as importações e exportações têm de ser controladas, para que quarenta milhões de alemães morram de fome.

Na biblioteca da American House, em Munique, na página 456 de um livro americano intitulado "Joy Street" (por Keyes), para maior glória da propaganda no além-mar, lê-se:

"Como disse o major David Salamon:

"Se eu pudesse ter tido a chance de escolher o que iria fazer nesta guerra eu teria escolhido a mesma tarefa para a qual fui realmente indicado. Através de toda a França, penetrando na Alemanha, para destruir tudo. Nunca houve uma guerra assim, em toda a História. Será um prazer contar aos meus netos que estive lá e tomei parte na vingança. Agradeço a Deus por isto.

"Quando finalmente chegamos à Alemanha, começamos a destruir e a devastar tudo. Depois, compreendi que era exatamente isso que eu estivera esperando, era para isso que eu estava vivendo. Eu lamentava apenas que não pudesse destruir e matar mais, já que nos restava muito tempo para fazê-lo. Quando chegamos a Wiesbaden, nosso ritmo tornou-se mais lento, pois não restava mais nada para nós atacarmos, bombardear ou matar. Fizemos um trabalho tão perfeito, que tivemos de parar por algum tempo".

Existem as "Cartas do Atlântico" de homens ambiciosos que estão procurando bolchevizar o mundo e destruir as nações, e até certo ponto, isso já foi feito. Assim, a grande visão dos Protocolos varou a guerra. As vezes, isso pode parecer pura propaganda. Mas o barbarismo é contagioso, e eventualmente autoridades responsáveis são contagiadas por ele.

Por trás de Morgenthau, Harry Dexter White e outros luminares da cultura traçaram planos para a destruição total da Alemanha. A Carta do Atlântico pode prometer liberdade, mas as propostas dos federalistas mundiais também estão prontas. Esses são sonhos do mesmo e único "nazismo" supranacional. Abolir todas as fronteiras nacionais, juntamente com a liberdade e com a independência das nações e estabelecer o governo mundial — exatamente como prescrito pelos Protocolos.

"Em vez dos governantes da atualidade, estabeleceremos um governo fictício, que será chamado de Super Administração de Governo. Suas mãos lançarão tentáculos em todas as direções, como pinças, e sua organização será de dimensões tão colossais, que ele não poderá deixar de subjugar todos os países do mundo" (Protocolo V).

É fora de qualquer dúvida que as ordens dos Protocolos foram obedecidas pelos Federalistas do Mundo Unido durante a guerra, quando eles apresentaram propostas para um governo mundial. Essas propostas foram exatamente o oposto dos princípios estabelecidos na Carta do Atlântico.

"Os países têm de ceder sua soberania a um governo mundial, porque a era das nações independentes já terminou" — frisava Robert Hutchins, reitor da Universidade de Chicago. "Todos os exércitos, esquadras, forças aéreas e bombas atômicas têm de estar sob o comando do governo mundial. O Canal do Panamá, Gilbraltar, Okinawa, os Dardanelos, Aden, Singapura e o Canal de Kiel têm de estar todos sob a administração do novo governo. As leis de imigração e de cidadania têm de ser abolidas. É preciso estabelecer um tribunal mundial e um banco mundial. É preciso formar o governo mundial.

"A coisa mais importante é destruir essa perigosa perversão chamada patriotismo".

Um mundo! Um governo mundial, constituído de cinqüenta e dois conselheiros judeus do monopólio cerebral de Roosevelt. Em lugar dos países patrióticos e independentes, ficará só um país, uma nação pertencente aos conquistadores do mundo. Só haverá um patriotismo: o do nacionalismo judaico.

Não são só os judeus que tomam parte neste planejamentpo febril. Por trás deles estão socialistas fabianos, as lojas maçônicas, e até certas seitas da Igreja Protestante.

Foi só algum tempo depois que viemos a saber, depois de efetuar investigações sobre a comissão McCarthy e também sobre o livro de John T. Flynn, A Estrada Adiante, quão poderosa se tornara certa seita de Protestantismo Americano durante a Segunda Guerra Mundial, que viu no sistema bolchevista o cumprimento dos ideais de Cristo. Esse foi o mesmo tipo de aberração que deixou o mundo cristão estupefato, há cerca de setecentos anos passados, quando veio a tomar conhecimento das conquistas de Genghis Khan. Mas espalhou-se o boato de que surgira um grande império cristão no Oriente; não o império dos mongóis, mas sim o do "Priest John". Consta que ele governou o reino terreno de Cristo, que logo seria estabelecido na Europa, cumprindo assim os ideais da Cristandade.

Essa era uma das superstições da Idade Média, ao passo que os boatos relacionados com os soviéticos nada mais era do que uma propaganda cuidadosamente planejada, oriunda das lojas maçônicas e dos círculos judaicos. Os marxistas infiltraram-se nas fileiras dos Conselhos de Igrejas nos Estados Unidos e começaram a difundir a notável teoria do "Reino de Deus". Segundo o Dr. Jones, os Estados Unidos representam a "melhor qualidade" em individualismo, enquanto que a Rússia representa a "melhor qualidade" em termos de coletivismo.

Mas esse "Reino do Deus" não é o Reino de Cristo, que "não é deste mundo". É o Reino de Jeová, o império do "nazismo" do Velho Testamento. Esse é o Reino de Davi previsto pelos Protocolos, e representa o domínio absoluto e inconteste sobre todo o globo terrestre.

Mas são necessários muitas batalhas, muito derramamento de sangue, muita trama e muitos bombardeios aéreos para alcançar esse objetivo. Pois muito embora banhada em sangue e bombardeada, a Europa ainda se ergue entre o homem "cooperativo", entre o judeu ocidental e oriental.

"... Deitais abaixo os seus altares, e quebrai as suas estátuas, e cortai os seus bosques, e queimai as suas esculturas" (Deut., VII, 5).

O alvo dos bombardeios já não era mais o Socialismo Nacional Alemão, mas sim a Pinacoteca de Munique, as casas dos operários e o Mosteiro de Monte Cassino, onde nasceu a cultura cristã da Europa. Os dois mil anos de Cristianismo eram agora o alvo, juntamente com o seu símbolo — o Crucifixo Cristão — sobre o qual cuspiram os avós de Morgenthau, ao passarem pelas planícies polonesas. (Jan & Jerome Tharraud: A Sombra do Crucifixo).

Pode-se provar que os judeus fizeram malograr todos os esforços, durante a Segunda Guerra Mundial, para chegar a um armistício e estabelecer a paz e a compreensão. Os homens que dominavam Roosevelt estavam por trás da exigência de rendição incondicional, e com isso e com a sua apresentação pessoal em Casablanca, Morgenthau forçou Roosevelt a ser intransigente nessa exigência básica. Com essa jogada, o mundo judeu conseguiu prolongar a guerra durante mais dois anos.

Mesmo que não houvesse provas das aspirações judaicas, o famoso plano Morgenthau ainda permaneceria como um documento eternamente incriminador. Não

pôde ser provado, mesmo em Nuremberg, que fosse intenção de Hitler e seu regime aniquilarem o mundo judaico. No entanto, os judeus, na sua sede cega de vingança, queriam destruir quarenta por cento de noventa milhões de alemães.

O plano Morgenthau é uma prova grandiosa e inegável desse fato. Com uma premeditação a sangue frio, os judeus queriam assassinar toda uma nação. É sintomático o fato de que esse plano não tenha sido publicado nos Estados Unidos em todos os seus pormenores. Talvez isso tivesse sido demais para a opinião pública americana. Mas os planos do Sr. Morgenthau, Secretário do tesouro na administrção Roosevelt, visava privar a Alemanha da sua indústria e de todos os meios de sobrevivência; até mesmo o plantio da beterraba para fazer açúcar foi proibido!

"Nós transformaremos a Alemanha num país pastoril!" — apregoava o serviço radiofônico de Morgenthau.

O Acordo de Quebec é outra prova inegável desta asserção:

"A finalidade deste programa é transformar a Alemanha num país eminentemente agrícola e nômade" (William L. Newman, Fazendo a Paz, 1941-1945, pág 73).

Quem é Morgenthau? McFadden, um deputado americano, disse o seguinte no Congresso, em 24 de janeiro de 1934:

"Pelo casamento, ele é ligado com Herbert Lehman, o governador judeu do Estado de Nova Iorque, e pelo casamento ou de outra maneira ele é relacionado com Seligman, dono da grande firma bancária internacional de J. & W. Seligman, que durante uma investigação do Senado ficou provado que tentou subornar um governo estrangeiro. Morgenthau é relacionado com Lewinsohn, o banqueiro internacional judeu, e também com os Warburgs, que juntos controlam Kuhn, Loeb & Co., o Banco Internacional de Descontos, de Manhattan, e tem, além disso, muitas outras firmas e interesses tanto no país como no estrangeiro. Esses banqueiros provocaram um desfalque de três bilhões de dólares no Tesouro dos Estados Unidos e eles ainda devem esta quantia ao Departamento do Tesouro e aos contribuintes de impostos dos Estados Unidos. Morgenthau é também ligado a vários outros membros do mundo bancário judeu em Nova Iorque, Londres, Amsterdam e outros grandes centros financeiros".

Durante a grande crise financeira, Morgenthau era Sub-Secretário do Tesouro. Quando Roosevelt lhe ordenou que aumentasse o preço do ouro para US$ 35 a onça, ele obedeceu sem pestanejar. E na noite do mesmo dia, ele escreveu o seguinte registro no seu diário:

"Se o público soubesse como nós fixamos o preço do ouro, teria tido um choque enorme".

Morgenthau sugeriu a Roosevelt que comprasse 100 milhões de onças de prata 19 cents acima do preço do dia, a fim de captar as boas graças de senadores que representavam os "Estados da prata" dos E.U.A. e assim reeleger-se presidente nas eleições presidenciais seguintes. Embora que esse uso abusivo do dinheiro do contribuinte de impostos significasse um excelente negócio para o grupo familiar das casas bancárias de Morgenthau e também promovia a reeleição de Roosevelt, isso lançou 350 milhões de indianos e 450 milhões de chineses numa situação desesperadora. Na China, bem como na Índia, a prata era o único metal do qual as moedas eram cunhadas, e o preço da prata, em virtude das compras citadas acima, elevou-se cada vez mais. Depois da transação de compra da prata por Roosevelt, a China conseguiu exportar apenas vendendo os seus produtos por um preço um terço mais barato do que antes, e em conseqüência disso o seu povo sofreu mais fome e privações do que

antes. Naquela época, províncias inteiras entraram para o acampamento de Mao-Tsé-Tung, o líder comunista.

Portanto, Morgenthau só vem depois de Bernard Baruch como o mais poderoso chefe do mundo judeu. Ele é apoiado pela imprensa, pelo mundo bancário e pelas massas nacionalistas dos conquistadores do mundo, que têm uma admiração unânime e fervorosa por ele. O que Morgenthau faz é feito com plena aprovação de todo o mundo judaico ocidental, e ele é apoiado também pelo mundo judaico oriental. Algum tempo depois no Clube de Imprensa de Hamburgo, Christopher Ennel, o famoso comentarista de rádio americano, fez algumas revelações muito interessantes sobre a origem do plano Morgenthau. Durante os julgamentos de Alger Hiss, ficou provado que o Plano de Morgenthau foi elaborado pelos comunistas com a ajuda da União Soviética.

Foi só depois das investigações de McCarthy que foi possível esclarecer os verdadeiros fatos.

Por trás do Sr. Morgenthau, o banqueiro judeu ocidental, havia outra figura sombria, Harry Dexter White, Sub-Secretário Assistente do Departamento de Tesouro Americano. White nasceu nos Estados Unidos, mas os seus pais vieram da Rússia, a terra dos massacres, e assim trouxeram com eles todo o fanatismo e o ódio dos judeus orientais. Mais tarde, como um dos diretores do Fundo Monetário Internacional, nomeado pelo Presidente Truman para representar os E.U.A., tornou-se um dos principais membros da cadeia de espionagem que trabalhava para os soviéticos sob a direção de Nathan Gregory Selvermaster, uma autoridade governamental na qualidade de executivo,nomeado por Roosevelt. Ele foi o autor do famoso plano Morgenthau. Este, que era então Secretário do Tesouro, levou-o com ele para a famosa Conferência de Quebec.

As memórias de Cordell Hull (Secretário Americano de Estado, 1933-44) revelam o que esse nacionalismo tribal de face dupla pretendia fazer. Segundo Cordell Hull, "o plano Morgenthau visava o massacre, a escravização e o extermínio do povo alemão".

"Pouco depois da volta do presidente" — escreve Cordell Hull — "eu lhe disse, zangado, que o plano de Morgenthau é contrário ao bom senso e que jamais poderia ser adotado pelo governo dos E.U.A. Disse-lhe que o plano varreria para sempre a Alemanha da face da Terra, enquanto que quarenta por cento da população do país morreria de fome, já que a Terra pode alimentar apenas sessenta por cento da sua população".

A propaganda de guerra foi concentrada, primeiro, na necessidade de derrotar os "nazistas". Mas quando os judeus pensaram que haviam vencido a guerra, eles quiseram exterminar todo o país.

Naquela época, nenhum judeu fez a observação de que o princípio do castigo coletivo poderia, como o proverbial bumerangue, voltar e atingir quem o jogou.

Quando o plano Morgenthau ficou pronto, o mundo judeu foi capaz de repetir:

"O emblema do nosso povo, a serpente simbólica, fechou novamente os seus elos! Nós somos o país que comanda o poder de um 'nazismo' vitorioso". Winston Churchill, o Primeiro Ministro do vitorioso Império Britânico, ainda está em Quebec. Talvez ele represente a verdadeira Inglaterra, e, em todo caso, foi ele quem, em 1920, escreveu um espirituoso artigo "anti-semita", e cuja melhor consciência ainda está em luta para impedir que a paz que se segue à guerra seja transformada em vingança.

"Este Churchill não tem idéia alguma de como é sentir ódio eterno. Ele ainda

crê piamente que a Inglaterra venceu a guerra, portanto nós lhe mostraremos que não existe poder real nem vitória legítima mais no mundo cristão que tem sido arruinado nessa guerra fratricida, exceto nós mesmos, o povo de Morgenthau! e se ele ainda relutar em acreditar nisso, então ele também tem de tomar conhecimento do poder de Judá''.

Na Conferência de Quebec, Morgenthau apontou a faca de Shylock para o peito de Churchill.

Ele poderia aceitar o plano Morgenthau ou deixar a Grã-Bretanha ir à falência. Ele teria de apoiar a vingança do mundo judaico, caso em que a Grã-Bretanha receberia um empréstimo de 6,5 bilhões de dólares, ou então teria de anunciar a bancarrota nacional — e isso, ainda antes do término da guerra.

''O que eles querem de mim? Esperam que eu me sente e que implore como um cão?'' — pergunta o velho e valoroso bretão, indignado.

Mas ao seu lado está sentado o físico atômico, Lord Cherwell, um bom amigo dele, cujo nome original era Lindemann e que é do mesmo sangue de Morgenthau. E ele explica a Churchill que este não tem alternativa, que tem de aceitar as condições, tão grande, nesta altura, é a vitória do país de Morgenthau: o mundo judaico.

Mas serão essas coisas simples pesadelos de saduceus, ou serão planos de escritores, publicistas e estadistas do século vinte? Essas pessoas que confabulam serão políticos ou sádicos? Como a ''paz'' foi preparada é contado por Richard B. Scandrette, um dos membros da Comissão Americana de Reparações de Guerra. Sua narrativa foi registrada nos Registros do Congreso (7 de junho de 1945):

''A Alemanha não existirá mais: apenas províncias alemãs sob o governo colonial russo, americano ou britânico. Nessas províncias, os padrões de vida serão baixados até o nível dos campos de concentração e dos territórios de exílio da Sibéria. Todas as classes de alemães serão inflexivelmente forçados a baixarem ao mesmo nível. Como solução final, esses territórios serão governados por uma Comissão de Reparações de Guerra das Nações Unidas, e essa comissão decidirá quantos alemães são necessários em cada uma das províncias para garantir o padrão de produção agrícola mínima. Todos os homens alemães que não forem necessários para esse plano deverão ser presos em batalhões de trabalho compulsório e mandados para os Estados Unidos ou para a Rússia Soviética, principalmente para as regiões destruídas durante a guerra.

''Não se terá nenhuma consideração, na escravização para a educação, de laços familiares, ou dependentes, esposas ou filhos, dos deportados alemães.

''Também não será feita nenhuma exceção quanto aos clérigos. Os Estados Unidos e a União Soviética já chegaram a um pleno entendimento no tocante à questão da religião na Europa Oriental. A Igreja Ortodoxa Russa, depois de recuperar os favores do Kremlin, será a religião ''oficial'' nas Repúblicas Bálticas, na Polônia, na Alemanha Oriental, na Romênia, na Bulgária e na Hungria. Os Católicos Romanos serão desligados de Roma''.

A ''Sociedade de Prevenção da III Guerra Mundial'', a organização de Morgenthau mais fanática em termos de Velho Testamento, exigiu especialmente que a vingativa cláusula relativa ao desmembramento da Alemanha seja executada. Todos os alemães deverão ser expulsos de países neutros. Os homens de negócio americanos não deverão receber vistos para visitarem a Alemanha. Durante os próximos vinte e cinco anos, nenhum alemão pode receber nenhum visto em passaporte para visitar os Estados Unidos. O casamento com mulheres alemãs deverá ser proibido, e as mu-

lheres alemãs não poderão entrar nos EUA. Não deverá ser restaurada a comunicação postal com a Alemanha.

Todas essas exigências e estipulações foram assinadas não por ditadores, mas sim por valorosos "defensores da liberdade", tais como F. W. Foerster, Julius Goldstein, Isidor Lipschütz, Emil Ludwig, Erich Mann, Cedrik-Forster, E. Amsel Mowre, Guy Emery, Shipler, W. E. Shirer e Louis Nizer... todos judeus.

Mas eles não eram bolchevistas. Eles eram todos homens civilizados do Mundo Ocidental. Que tudo isso foi tramado pelo mundo judeu, é coisa provada, não somente pelas citações acima, mas também pelos próprios povos alemães que viram isso também e lutaram tão fanaticamente contra isso.

"É por meu intermédio que os reis reinam" — proclama o Protocolo V. E em Quebec o subjugado Churchill se curva diante do poder mundial ocidental e oriental, ante o deus da Terra, o poder do ouro.

"Agora, o novo estado mundial pode vir. Agora, aproxima-se o glórioso dia do "Reino de Deus".

"Vêde! Do Leste, os nossos vitoriosos exércitos bolchevistas estão atacando uma Europa que se encolhe rapidamente. Lá estão elas: Viena, Budapeste, Berlim e Breslau em chamas. Numa única noite, mais de 300.000 refugiados civis orientais perecem sob uma chuva de bombas lançadas pelos nossos "libertadores". Na nossa "humanidade", nós espalhamos pó de grafite no ar. O ar está queimando. Mães e seus filhos estão inertes. Nós executamos o mandamento de Jeová.

"Queimarás com fogo as imagens esculpidas dos deuses deles... Derrubarás seus bosques... e os destruirás com uma destruição terrível, até que eles estejam destruídos".

"Nossos soldados estão atacando sob um firmamento em chamas. Eles são os mongóis de olhos amendoados e os povos semi-selvagens do Turquistão e da Ásia Central, com metralhadoras americanas em punho e botas de borracha americanas nos pés. Atrás deles vêm os tanques Sherman americanos. Eles estão chegando para libertar nossos futuros governantes dos campos de concentração, para libertar nossos irmãos!"

E judeus, saindo de entre as cercas de arame farpado dos campos de concentração, abraçam os soldados soviéticos, de maneira muito compreensiva e com uma alegria delirante:

"Estes são os nossos libertadores!"

E a Europa, reduzida em parte a ruínas fumegantes, espia de sob os escombros e dos porões, para ver os comissários soviéticos e a chegada dos soldados de Morgenthau na esteira do exército americano.

A Europa mal se atreve a soltar um suspiro, enquanto contempla os verdadeiros vencedores da Segunda Guerra Mundial.

Capítulo Nove

A Vingança é Nossa

No dia 9 de maio de 1945 a vingança de Jeová desencadeou-se sobre a Europa. Os aviões da Força Aérea Britânica e da Força Aérea Americana ainda eram chamados de "libertadores", mas Eisenhower anunciou:

"Nós não viemos aqui como libertadores, mas sim como conquistadores".

Mas foram os americanos, na verdade, os verdadeiros vencedores? Na esteira das forças americanas que avançavam, seguia uma quinta coluna sinistra, cujos membros, em noventa e nove por cento dos casos, não eram americanos. Esse exército vingativo era constituído de emigrantes de países da Europa Oriental, de operadores do mercado negro dos guetos de Brooklyn, de judeus tchecos e poloneses, que se tinham refugiado em Londres, e de colegas criminosos dos libertados campos de concentração. Eles ocupavam todos os postos mais altos e mais baixos, no C.I.C., organizado segundo o plano Morgenthau; eles eram um enxame na O.S.S., nas várias comissões à procura de criminosos de guerra, bem como nas organizações americanas de segurança. Eles se tornaram prefeitos de cidades germânicas e comandantes dos campos da P.O.W. Eles administravam a U.N.R.R.A. de La Guardia. Eles ocupavam posições-chave nas forças americanas e assim exerciam controle sobre elas.

Havia apenas 2.524 criminosos de guerra alemães na lista original da ONU, mas logo a C.I.C. e os conquistadores americanos estavam fazendo uma busca de um milhão de "criminosos de guerra" germânicos. A princípio, os soviéticos queriam fuzilar sumariamente 50.000, depois eles propuseram levar 200.000 "criminosos de guerra" a julgamento em Nuremberg.

Simultaneamente, a onda conquistadora começou a mover-se para leste. Uma massa de várias centenas de milhares de pessoas libertadas dos campos de concentração dirigiram-se para a Polônia, a Hungria, a Romênia, e a Iugoslávia, para se tornarem soldados das forças da polícia comunista e de outras organizações terroristas e para assumirem poderes judiciais nos tribunais do povo, e assim poderem sentenciar pessoas inocentes, numa orgia de vingança. Foram recebidos de braços abertos pela KGB soviética, que controlava os países da Europa Oriental. Em toda parte, o proce-

dimento era padrão, era o mesmo. Na vanguarda, havia um general americano, soviético ou francês, mas em cada caso um representante judeu lhe vinha nos calcanhares.

Na verdade, a Europa não caiu sob a ocupação russa, britânica ou americana, mas sim sob a ocupação judaica. Tudo que pertencera à Europa, de direito ou erradamente, estava agora desintegrado. Os vingadores continuavam fazendo (porém, com maior crueldade) as mesmíssimas coisas que tinham taxado de crimes contra Hitler. Esta não era uma ocupação feita pelas forças da democracia ou do bolchevismo, mas das de um nacionalismo judaico vitorioso, fremente de ódio. Ocultos em posições-chave entre as forças ocupantes, eles puderam castigar todos, fossem inocentes ou culpados. Aos seus olhos havia só um crime: o de ter-se oposto, ou o de estarem em situação de se oporem ao nacionalismo judaico.

Ser judeu na Europa tornou-se um privilégio ainda maior do que qualquer um jamais gozado até por príncipes reinantes na Idade Média. As estações ferroviárias eram guardadas por polícia especial judia e uma carteira de identidade de judeus só podia ser usada pela polícia judaica. Eles recebiam os seus cartões de racionamento de víveres sem entrarem em filas. Durante algum tempo, logo depois da guerra, só judeus recebiam passes de viagem, assim garantindo para si mesmos o movimento livre e o monopólio irrestrito do mercado negro. Nos campos de refugiados, eles eram os principais provedores da U.N.R.R.A., bem como os beneficiários privilegiados desse serviço de assistência. Dessa forma, eles tiravam as melhores rações dos poloneses, ucranianos e tchecos, seus ex-prisioneiros nos campos de concentração. Ao mesmo tempo, nas estradas, policiais militares viravam latas e derramavam leite, para privar as crianças alemãs e os pacientes dos hospitais da sua dieta. Nas cidades alemãs, as famílias das classes trabalhadoras eram expulsas dos seus lares às dezenas de milhares, e assim os melhores conjuntos habitacionais ficaram vazios. As vítimas tinham de deixar tudo para trás: mobília, equipamento e utensílios de cozinha, roupas de corpo e até roupas de cama e mesa, assim forçando o povo alemão a compensar com uma quantidade três vezes maior na forma de Wiedergutmachung (indenizações) o valor verdadeiro dos bens confiscados pelos judeus. Guardas sionistas uniformizados eram postados nos portões do acampamento e, a princípio, por algum tempo, nem mesmo a Polícia Militar do vitorioso exército americano podia entrar nos acampamentos judeus. O nacionalismo judaico vitorioso obteve direitos semelhantes no Leste, na Eslováquia, em algumas partes da Romênia, na Hungria e na Boêmia. Eles tomaram posse dos apartamentos e da mobília dos gentios, ocuparam posições-chave nas repartições governamentais e em cargos editoriais da imprensa nacional. Paralelamente, ex-jornalistas judeus voltaram para a Alemanha e tomaram conta completamente dos jornais das zonas ocupadas, e começaram a instigar a vingança contra a nação alemã no seu próprio solo.

"É de nós que emana todo o terror envolvente..." — diziam os Protocolos, há muitos anos passados. E agora, apoiados pelos exércitos soviéticos, americanos e ingleses, o mais medonho terror desceu sobre a Europa, muitas vezes sem que os americanos ou os ingleses tomassem conhecimento do fato. O hitlerismo e a guerra tinham terminado, mas sem que nenhuma paz nem lei, nem ordem ou democracia fosse restaurada.

O judeu do Ocidente e do Oriente partiram, de mãos dadas, para liqüidar as camadas superiores do Cristianismo que tinham conseguido escapar para o Ocidente, fugindo do bolchevismo. Eles eram considerados pessoas que não mereciam confian-

ça. Os cossacos de Vlassov, por exemplo, queriam lutar contra o bolchevismo. Mas quem quer que resista ao bolchevismo está na verdade lutando contra um setor do reino mundial judaico. Esses cossacos sabiam muito bem quem eram os comissários das fazendas coletivas (kolkhoz) perante quem os camponeses russos tinham de ajoelhar-se. Em 1940 eles tinham visto o KGB "russo" entrar na Letônia, Estônia e Lituânia e assim sabiam que os judeus, quase exclusivamente, tinham organizado a deportação de dezenas de milhares de pessoas infelizes desses pequenos países bálticos. Essas pessoas eram perigosas porque elas tinham testemunhado certas coisas. E essas testemunhas precisavam ser mortas!

Como se pode explicar o fim que tiveram os cossacos de Vlassov, senão pelo nacionalismo judaico operando por trás do poder visível? De que outra forma poderia tal desumanidade ser explicada, quando a democracia britânica deixou a polícia militar atacar milhares de cossacos desarmados?

"Eu estava de visita a Vlassov" — escreve László Gaál, um jornalista húngaro — "quando um tenente usando um uniforme alemão e cuja testa estava banhada em sangue, entrou de repente no pequeno chalé e falou diretamente ao general, que estava entre os seus três oficiais:

"Tudo está perdido, general! Nós vamos ser entregues aos bolchevistas!"

Você, que está lendo este livro, não viu o acampamento da P.O.W., com sua cerca de arame farpado bem alta, de quase cinco metros de altura, e suas barracas de madeira. Vocês jamais ouviram aquele grito de desespero quando a polícia militar, com cintos brancos e capacete branco chegava para chacinar os cossacos. Eles jogavam bombas de gás lacrimogêneo em cada quarto. Apressadamente, os cossacos transformavam suas camisas em cordas, para se enforcarem antes que a polícia militar tivesse tempo de arrombar a porta. Os cossacos barricavam as portas, depois quebravam as vidraças e lutavam por cada pedaço de vidro, para poderem cortar as próprias veias. Velhos amigos tentavam cortar a garganta um do outro. Os que não conseguiam morrer assim, rasgavam suas camisas, oferecendo o peito nu e gritando: "Atirem aqui, pois eu não vou voltar para a Rússia soviética" (Pittsburghi Magyarság, 2 de julho de 1954).

A gritaria dos mesmos carrascos era ouvida por toda a Europa, desde o Canal da Mancha até o Mar Negro. Não era o nazismo que tinha de ser liquidado agora, mas sim os líderes das nações cristãs, independente de credo político ou partido.

Aqueles que prendiam "criminosos de guerra" aos milhares e torturavam tanto inocentes quanto culpados nas suas celas eram, quase exclusivamente, judeus. Os comandantes, capitães e agentes secretos que estavam nas cadeias à cata de "criminosos de guerra" em Salzburgo e em outros lugares, bem como no famigerado Campo Marcus, eram, quase sem nenhuma exceção, judeus vestindo uniforme americano. Conta um refugiado iugoslavo que estivera no campo em Klagenfurt, que o seu comandante britânico, que caçava "criminosos de guerra" e os obrigava, à força, a voltarem à ditadura comunista, colocou orgulhosamente um letreiro sobre sua escrivaninha, exibindo a inscrição: "EU SOU JUDEU!"

Os judeus levavam patriotas para a forca e para o túmulo comum. Eles entregaram mais de 100.000 valorosos soldados do Exército Croata aos adeptos de Tito e Mojse Pijade, que os executaram sumariamente.

As cavernas e trincheiras abandonadas de Slovênia eram usadas como sepulturas comuns. Vlassov é uma figura simbólica nessa colossal tragédia, com o massacre de milhões de pessoas. Ele teria sido a última pessoa capaz de reunir um exército

de vários milhões de homens sob sua bandeira contra a ditadura stalinista. Portanto, naturalmente, essa personalidade simbólica foi entregue pelas democracias ocidentais ao regime de terror bolchevista. Ao judeu Laurente Beria coube a agradável tarefa de organizar a execução pública de Vlassov em Moscou. E porque tudo isso aconteceu com a aprovação dos americanos, um ferimento incurável foi aberto na alma da Europa.

Tudo que aconteceu na Europa Oriental pode, talvez, ser explicado pela crueldade dos bolchevistas, embora saibamos muito bem que os agentes do nacionalismo judaico foram os seus verdadeiros instigadores. No fim da guerra, as baixas do Reich Alemão subiam a 8.300.000 mortos; 3.300.000 soldados alemães foram mortos em ação; mais de 2.500.000 destes tombaram na luta contra o bolchevismo. 1.200.000 civis, entre os quais muitas mulheres e crianças, foram mortos nos ataques aéreos. Mais de 1.400.000 homens morreram ou foram assassinados na prisão pelos aliados ocidentais e orientais, a maioria nos campos soviéticos do P.O.W. 2.400.000 alemães orientais foram chacinados pelas forças soviéticas de ocupação que invadiram a Prússia Oriental, ou mortos numa guerra aérea cegamente estendida para massacrar a população civil. A todas essas coisas, podem os hipócritas retrucar: "Bem... afinal de contas, é a isso que se chama guerra total e sem quartel!" Mas ninguém pode justificar, referindo-se à "guerra total", o que aconteceu na Tchecoslováquia no dia do armistício. Quando as últimas unidades da Wehrmacht deixaram Praga, judeus comunistas, chefiados por Slansky (Salzman na realidade), voltaram de Moscou para a capital tcheca, onde começaram a reunir os vingativos ex-prisioneiros dos campos de concentração de Hitler — os sectários "libertadores".

"Os comunistas tchecos fizeram todo o uso hábil daqueles infelizes judeus" — escreveu o jornal judeu Világ, em 15 de março de 1953 — "que saíram dos campos de extermínio semimortos. Eles encarregaram esses judeus do expatriamento de alemães e húngaros. A idéia não era nova, já que Laurenti Beria já fizera a mesma coisa usando judeus ucranianos e poloneses para capturar os "anti-semitas" ucranianos e poloneses, isto é, aqueles que podiam ser suspeitos de terem colaborado com os nazistas".

E porque eles acreditavam que essa suposição podia ser estendida para incluir quase qualquer pessoa, deram início a uma campanha de vingança sem precedentes na história da humanidade.

Quando Edward Benes, o grande humanitarista, o homem chamado de "bel espirit" e mestre da maçonaria, entrou em Praga, num domingo, 13 de maio de 1945, cidadãos alemães foram queimados vivos em sua homenagem, na Praça São Venceslau (Documento n. 15 relativo à expulsão dos alemães sudetos). Muitos alemães foram pendurados pelos pés dos grandes cartazes publicitários da Praça São Venceslau, e então, quando o grande humanitarista se aproximou, seus corpos, encharcados de gasolina, foram incendiados, transformando-se em tochas vivas.

Seiscentos mil alemães sudetos foram mortos durante os massacres nos infernos terrenos que eram os campos de morte da Tchecoslováquia. O Jornal Branco sudeto registra esses horrores sem precedentes na história da humanidade. Mulheres tchecas armadas e judias não cessavam de malhar o ventre de mães grávidas com cassetetes, até que acontecia o aborto, e num único acampamento dez mulheres alemães morriam assim, todo dia (Documento n. 6). Em outro acampamento, os presos eram forçados a lamber os miolos estourados dos seus colegas de prisão que tinham sido mortos a pancadas. Prisioneiros alemães eram forçados a lamber fezes infecciosas

dos seus colegas de prisão que sofriam de desinteria (Documento n. 17). Os médicos tchecos e judeus recusavam-se a prestar qualquer serviço médico a mulheres alemãs violentadas pelos russos. Centenas de milhares morreram assim ou buscaram a salvação no suicídio, como, por exemplo, em Brno, onde num só dia 275 mulheres se suicidaram.

Naturalmente, a imprensa ocidental "humanitária", a rede radiofônica americana e os comentaristas da B.B.C. tiveram o máximo cuidado de nunca mencionarem esses fatos, embora eles próprios fossem os principais responsáveis por essa campanha de vingança à qual eles instigaram os membros dos seus próprios países. Assim, eles foram culpados do envenenamento da alma da Cristandade pelo ódio que eles instilaram.

Mas a Tchecoslováquia não foi o primeiro país onde aconteceram coisas horríveis como as citadas acima. Anna Rabinovich Pauker voltou para a Romênia em agosto de 1944, e sob as ordens dos judeus orientais, que chegaram com ela, começaram também lá os massacres.

Segundo fontes fidedignas de emigrantes búlgaros, 30.000 membros de classes profissionais foram assassinados na trilha dos exércitos soviéticos invasores por "proletários" búlgaros, chefiados por aqueles "ladinos" cujos antepassados tinham sido expulsos da Espanha pelo rei Fernando, o Católico. De igual maneira, em Belgrado e no sul da Hungria o nome de Mojse Pijade está ligado com "expurgos" sangrentos, cujas vítimas foram servos cultos, colonos alemães prósperos e os camponeses mais inteligentes da Hungria. Quando, em outubro de 1944, os exércitos alemães e húngaros deixaram os territórios da Iugoslávia e o sul da Hungria, foi desencadeada uma onda de massacres em massa sem precedentes sobre a população desprotegida. Trinta mil húngaros, na maioria camponeses e pequenos proprietários, morreram nessa carnificina, sob o regime selvagem de terror dos sectários de Mojse Pijade. Comparados com ela, os assassinatos da floresta de Katyn foram um modesto esforço amador. Segundo provas documentais, húngaros, alemães e croatas morreram lentamente, sob tortura. Além dos 30.000 húngaros, quase 200.000 alemães morreram nos campos de extermínio dos "libertadores", onde pó de vidro moído era misturado com a comida das crianças e onde foram executados prisioneiros com requintes de carrascos chineses, a fim de que seus lugares como líderes civis e oficiais da polícia pudessem ser ocupados pelos vingativos representantes de Jeová.

Nessa era clássica de genocídio, o caso da Hungria é fora de série. Essa infeliz nação, mesmo depois de estar desmembrada após o Tratado de Trianon de 1920 , tinha fornecido lares seguros e pacíficos a 560.000 judeus. A Hungria não se vingou dos judeus, nem mesmo depois da primeira ditadura comunista de Béla Kun, em 1919-1920, apesar do fato de que os judeus, quase exclusivamente, detinham os cargos de comissários e de líderes desse regime comunista.

Durante o período entre as duas Guerras Mundiais, 1.100.000 acres de terras eram de propriedade de judeus, de um total de 9.000.000 de acres de terras cultiváveis. Uma minoria judaica de seis por cento era proprietária de cinqüenta por cento de imóveis em Budapeste, de trinta por cento da renda total do país e de vinte e cinco por cento das propriedades húngaras totais. Depois da ocupação alemã, quando as autoridades governamentais fizeram uma lista de propriedades e de bens judeus, acumulados em menos de cem anos, foi calculado que eles possuíam o equivalente a noventa vagões de ouro, prata e jóias, enquanto que a reserva total de ouro do Banco

Nacional Húngaro caberia facilmente em apenas doze vagões. Mais tarde, as autoridades americanas devolveram toda essa riqueza acumulada aos judeus.

Já em 1943, a Hungria era o último refúgio dos judeus na Europa. Apesar disso, quando a guerra terminou e o país foi dominado pelas hordas de Stalin, o vingativo espírito do Velho Testamento infligiu horrores ao inocente povo húngaro, sem precedentes na história da humanidade. Sob a proteção das baionetas soviéticas, os emigrantes moscovitas voltaram, sendo todos eles judeus, sem nenhuma exceção. Logo atrás deles, seguiam muitos milhares de jovens macabeus, libertados incólumes das divisões de trabalho forçado do regime fascista. Em breve, eles se tornaram coronéis terroristas e oficiais da polícia secreta, bem como secretários do partido e chefes de polícia das cidades provinciais. Dos guetos de Budapeste, 200.000 judeus foram libertados, quase sem nenhuma perda — judeus que os nazistas húngaros não quiseram entregar aos alemães.

Um milhão de mulheres húngaras foram violentadas pelas tropas russas bolchevistas, geralmente chefiadas por comandantes judeus. Seiscentos mil prisioneiros de guerra, bem como 230.000 civis, foram arrastados para os campos de extermínio na União Soviética. Segundo a estimativa mais modesta, 500.000 pessoas foram assassinadas pelos judeus nas celas do número 60 da Avenida Andrássy (hoje Népköztársaság) em Budapeste, em campos de concentração ou nas ruas. Todas as características da guerra biológica de classe podem ser distinguidas nessa campanha de vingança. As classes médias húngaras, os intelectuais e os líderes nacionais tinham de ser chacinados para que seus lugares pudessem ser ocupados por outra classe média, a dos judeus! E, além do mais, todos os que presidiram os julgamentos, na qualidade de juízes, eram quase todos judeus.

Na Europa Ocidental, um "americano" nascido na Hungria, o coronel Martin Himmler, dirigiu a campanha de vingança contra 300.000 hungaros que escaparam dos bolchevistas. Esse homem era comunista? Ou seria um democrata americano? Em todo caso, no seu número de 30 de abril de 1954, o Új Kelet (Novo Oriente), um jornal sionista de Tel-Aviv, fez a grande revelação: ele não era nenhuma das duas coisas: era um judeu!

Nos comentários da reportagem que passou em revista o trabalho e a carreira de Martin Himmler, ele é altamente elogiado como alguém que se destacou na "vingança do derramamento de sangue de judeus inocentes!"

As pessoas se perguntam até hoje por que o cardeal Mindszenty era também um "assassino nazista húngaro" que durante a guerra salvou e protegeu cristãos perseguidos. O cardeal József Mindszenty não foi vítima do terror comunista, e sim da vingança racial, porque ele exigiu uma anistia para dezenas de milhares de húngaros torturados durante os grandes massacres e terríveis extermínios dirigidos contra os cristãos.

József Mindszenty, na sua anterior qualidade de bispo de Veszprém fez veemente oposição ao governo fascista húngaro da época. Ele salvou judeus que os alemães queriam deportar, dando-lhes passes de salvo-conduto papal. Depois que o governo de Szálasi subiu ao poder, ele protestou contra a continuação da luta. No fim, o governo húngaro foi obrigado a interná-lo em Sopronkőhida, como inimigo dos alemães, e como o maior protetor dos judeus.

Pouco depois, as coisas se inverteram. Os exércitos dos bárbaros soviéticos ocuparam a Hungria. József Mindszenty foi libertado do cativeiro, em Sopronkőhida, e,

como arcebispo da Hungria, tornou-se rapidamente uma das figuras constitucionais mais destacadas.

Quaisquer que tivessem sido os seus pontos de vista políticos, ele sentiu que, como católico e como expoente líder do Cristianismo, era seu dever proteger os húngaros contra a perseguição judaica. Na sua carta, escrita a Ferenc Nagy (o Primeiro Ministro) depois de 1945, ele observou claramente que só se poderia erradicar o "anti-semitismo" com êxito se os "criminosos de guerra" tivessem anistia geral e se a campanha de vingança contra a nação húngara fosse suspensa.

A partir desse momento, József Mindszenty, o cardeal da Hungria, que queria deter a campanha de vingança contra o povo húngaro, tornou-se um "anti-semita". Peter Fuerst, um escritor sionista, fez acusações de assassinatos contra ele.

Segundo Fuerst, todo mundo em Budapeste sabia que o cardeal Mindszenty era um "anti-semita". O livreto "anti-semita" impresso e editado por ele, estava em poder do Centro Judeu em Budapeste. Durante os julgamentos de Mindszenty era conhecido no Ocidente como "pró-semita". Bertha Gaster, correspondente do London News Chronicle, ficou conhecendo o cardeal Mindszenty. Durante uma das suas entrevistas. Gaster ficou surpresa ao ouvir o cardeal usar palavras severas com relação à conduta dos judeus húngaros. No fim da entrevista, a Srta. Gaster levantou-se, agradeceu-lhe pelas declarações que ele fizera, mas, ao mesmo tempo, lhe contou que ela própria era judia, e membro ativo da Comunidade Judaica Londrina. O "Clarim Judaico" de fevereiro de 1949 declarou que József Mindszenty era, realmente, um homem notoriamente "anti-semita", porque ele exigia anistia para os "criminosos de guerra".

Ao mesmo tempo, o jornal Crônica Judaica escrevia, no seu número de 4 de fevereiro de 1949:

"As organizações judaicas húngaras tomaram conhecimento, com grande surpresa, de que organizações judaicas ocidentais ficaram ao lado de Mindszenty, um arqui-inimigo dos judeus húngaros e do Leste da Europa".

Foi bastante rotular o "pró-semita" Mindszenty, que salvou as vidas de muitos milhares de judeus, de "anti-semita", para que tivesse início imediatamente contra ele a mais sinistra campanha de vingança. O ódio dos judeus orientais foi colhido pelos judeus ocidentais, de modo que muito breve, havia uma campanha em andamento, tanto do Ocidente como do Oriente, contra um alto sacerdote cristão cujo crime fora o de ter permanecido humano e de levantar sua voz contra a perseguição do seu próprio povo.

Foi Mátyás Rákosi-Roth, o ditador comunista, quem iniciou o movimento contra ele, enquanto que "ideologicamente" essa campanha foi dirigida por József Révai, Ministro de Educação, cujo verdadeiro nome era Mozes Kahana. Entre os seus próprios sacerdotes que o traíram o primeiro foi István Balogh, aliás, Izrael Bloch. Os que apresentaram provas falsas foram Iván Boldizsár, aliás Bettelheim, um chefe de imprensa; Reissman, chefe do departamento de publicidade, e Gera, aliás Grünsweig, chefe de propaganda. Hanna e László Sulner, que prepararam manuscritos falsificados de Mindszenty também eram judeus.

O coronel Kaftanov, o carrasco soviético, foi trazido especialmente de Moscou. Benjamin Peter-Auspitz, o inquisidor-chefe, o rebaixou ao máximo; o judeu Kárpáti-Krausz, um campeão de luta livre, torturou o cardeal; Imre Zipszer, o supervisor judeu de prisões, ficou sentado ao lado o tempo todo, mesmo durante as audiências no tribunal; e finalmente, Balassa-Blaustein e Emil Weil lhe deram drogas para dopá-lo.

E assim, o primaz da Hungria e o protetor dos judeus tornou-se vítima dos judeus, porque ele queria impedir uma campanha de vingança contra o seu país.

Por volta dessa época, mesmo um comunista notório como László Rajk, cuja primeira esposa era de origem judaica, foi vítima desse mesmo "nazismo" tribal. Ele usou linguagem abusiva sobre a descendência judaica de Ernö Gerö-Singer, Comissário Comunista Chefe na Guerra Civil Espanhola, e desse momento em diante ele foi considerado "anti-semita". Não adiantou nada ele ter ajudado a assassinar a melhor parte da elite ideológica húngara, quando ele era Ministro do Interior. Durante uma conferência festiva, ele disse francamente a Mátyás Rákosi-Roth que "o comunismo não se difundiria, porque havia um número demasiado grande de judeus entre os seus líderes". Daquele momento em diante, ele estava condenado à morte. Terminou a sua vida ignominiosa na forca de Rákosi.

O grande patriota húngaro László Endre, que terminou sua vida na forca do "nazismo" tribal, escreveu toda a verdade na sua carta de adeus, de 21 de março de 1946, o dia do seu martírio.

"O conteúdo dos Protocolos dos Sábios do Sião é verdadeiro... Os meios para alcançar a hegemonia mundial estão em poder deles agora, e eles destruirão tudo que possa impedi-los de construir o novo Estado Mundial. Portanto, tudo que está agora acontecendo não tem nenhuma relação com a administração da justiça, mas se trata apenas de prevenção e de vingança. Isso compreende a destruição não apenas daqueles que fizeram alguma coisa de errado, mas também dos que poderiam ou podem ter feito alguma coisa".

Todos esses casos relatados até agora referem-se apenas a países derrotados. Mas vejamos se a situação era melhor nos países que venceram a guerra sacrificando preciosas vidas e derramando o sangue dos seus filhos e arriscando-lhes a própria existência.

Nem a Alemanha nem seus aliados foram as primeiras vítimas da vingança de Jeová, mas também a vitoriosa França, onde, após a partida das tropas alemãs, teve início o fatal expurgo. O banho de sangue da Comuna de Paris de 1871 não foi nada, comparado com o que aconteceu na vitoriosa França durante o verão de 1944. Vinte mil vidas francesas foram ceifadas durante o regime de terror da grande Revolução Francesa; dezoito mil franceses morreram nas barricadas da Comuna de Paris. Mas agora, cento e quinze mil cidadãos franceses perecem em circunstâncias ainda mais horríveis do que as de antes. Durante a grande Revolução Francesa, houve pelo menos algum simulacro de julgamentos pelos tribunais. Mas em 1944, os franceses foram fuzilados como coelhos. As vítimas da Grande Revolução Francesa, dos Dantons e de outros, foram pelo menos capazes de subir a escada para a guilhotina com as feições serenas e com o corpo firme. Mas em 1944, cinqüenta por cento dessas vítimas francesas já estavam meio mortas de esgotamento pela tortura, antes de serem executadas. Seus corpos foram dilacerados, suas unhas arrancadas por meio de pinças, e suas carnes queimadas com pontas de cigarro em brasa. Por trás do General de Gaulle, um judeu polonês chamado Thomas, um dos líderes da Brigada Vermelha Espanhola, foi o principal perpetrador de tais monstruosidades. Ele organizava tropas de assalto formadas por criminosos tirados das cadeias, juntamente com ex-prisioneiros de campos de concentração, para semear a vingança.

"Todo o massacre foi causado pela propaganda dos judeus da B.B.C." — escreveu o jornal alemão Der Weg — que soltaram os demônios sanguissedentos da vingança".

Os ''colaboradores nazistas'' não foram as vítimas básicas desses massacres, mas sim os camponeses de grandes fazendas e a elite intelectual francesa.

Na Bélgica e nos Países Baixos, prosseguiu a mesma retaliação, embora com mais consideração para preservar algum tipo de semelhança com a formalidade legal. A acusação de ''colaboração'' foi alegada contra 480.591 pessoas, das quais 1.208 foram condenadas à morte. Todos os que se ofereceram como voluntários para trabalhar na Alemanha foram condenados.

Os motivos básicos dessa campanha de vingança não foram induzidos pela terrível contemplação das ruínas, mas também pela consciência culpada do mundo judeu. Os verdadeiros criminosos de guerra tinham o pressentimento de que um dia eles poderiam ser intimados a prestar contas pelo que tinham feito, planejando a guerra e também pelo seu barbarismo. Eles tinham de apresentar um criminoso de guerra maior ainda. Para justificar sua vingança, eles precisavam encontrar alguma coisa aparentemente mais horrível do que os 300.000 cadáveres de Dresden ou de Bromberg, que pudesse ser usado para tapear a opinião pública. Por outro lado, os massacres de 1945 não podiam ser justificados por nenhuma outra coisa que não fosse pela ampliação, várias centenas de vezes, das crueldades praticadas pelos alemães. Não uma simples vingança, já que essa tinha de ser justificada, mas atitude de pós-guerra do próprio mundo judeu, que deixou chocados muitos dos membros da comunidade judaica.

Süssmanovich, um judeu soviético, comandante de Budapeste em 1945, chamou a escritora Gizella Molináry ao seu gabinete e lhe disse:

''Por que me importunar com suas queixas de que você foi ignorada e abandonada pelos seus ex-amigos judeus? Espie da minha janela e veja o que está acontecendo lá em baixo na rua! Os judeus não levam em conta as súplicas dos seus irmãos que imploram pelas suas vidas em países distantes. Tem algum deles intenção de lutar para salvá-los? Nas ruínas de lojas queimadas e destruídas, nas soleiras das portas e até nos túmulos, a pequena balança e um letreiro grande parecem dizer: ''Vende-se e compra-se ouro''. Aqui, o soldado joga fora o seu rifle e o escritor a sua caneta, pois todos estão sentados em túmulos comprando e vendendo ouro. Por que você olha dessa maneira para mim? Porque eu sei dessas coisas? Claro que sei! Eu próprio sou judeu e estou cheio de amargura, raiva e remorso''. (A Sombra dos Julgamentos de Mindszenty, por Aladár Kovách, página 131).

Portanto, era preciso usar uma técnica especial de terror para encobrir todas essas coisas. Em Nuremberg, um grande número de túmulos de judeus davam mostras de que, embora eles morassem perto do crematório, eles jamais tomaram conhecimento da sua existência. No entanto, os comentaristas de rádio e os ''juízes'' insultavam os alemães assim: ''Todos vocês sabiam disso! Vocês todos são assassinos!'' Se quem quer que fosse, mesmo um bispo ou um cardeal, tentava levantar a voz de protesto e dizer a verdade, era logo silenciado com a palavra ameaçadora: ''Nazista''. Talvez ele fosse também ameaçado de ser entregue aos russos. Dessa forma, não apenas o povo alemão, mas toda a Europa culta estava intimidada. E assim, chegou-se a um ponto em que ninguém se atrevia a dizer a verdade ou declarar os fatos básicos, com medo de parecer que defendia assassinatos e atrocidades.

Essa campanha de propaganda mentirosa provocou um estado de coisas tal que a mentira parecia ser verdade, a vingança era chamada de administração de justiça e uma declaração honesta e verídica virava uma verdadeira declaração de crimes de guerra. Essa propaganda tentou convencer as massas de gentios mal informadas

de que os judeus eram as únicas vítimas dessa guerra, e de que nenhum outro país sofreu nenhuma perda, fosse ela qual fosse. Ela silenciava a respeito das sepulturas comuns cavadas para dez milhões de gentios vitimados e não dizia nada absolutamente sobre os húngaros, romenos búlgaros e franceses massacrados. Ao mesmo tempo, a história dos sofrimentos dos judeus era exagerada ao máximo. Em assim fazendo, os privilégios de que gozavam os judeus na U.N.R.R.A. e na I.R.O., bem como o fato de que as autoridades de ocupação recebiam a parte de leão das rações alimentícias e de que elas retinham o monopólio do mercado negro ficava tudo justificado. Assim, eles tentavam justificar o ultraje de entregar a elite da Europa Central aos soviéticos, isto é, aquelas pessoas que eles mesmos não tinham assassinado.

Agora, raiara uma nova era, na qual o mundo judeu podia escapar de qualquer patifaria praticada por ele, por maior que fosse, e em que toda a Europa Cristã se tornou um feliz campo de caça para a vingança dos judeus. Bastava falar húngaro nas ruas de Munique para ser logo preso e entregue ao carrasco comunista pela Polícia Militar, que os carrascos judeus chamavam prontamente. Assim, foi criado um clima no qual as autoridades militares aliadas não só se tornaram incapazes de conter os excessos de vingança dos judeus, mas também no qual a própria existência deles era posta em risco se eles mostrassem alguma relutância em se oferecerem como instrumentos dos objetivos judaicos.

O que, na verdade, aconteceu na Europa entre 1945 e 1950 nada mais foi do que uma incrível materialização das profecias dos Protocolos "falsificados".

Dessa maneira, os aliados ocidentais vitoriosos perderam a sua independência. E à sombra da Carta Magna, da Declaração de Independência e do Código Napoleão, tiveram início os julgamentos de Nuremberg.

Capítulo 10

A Nova Purim e Nuremberg

Quem conhece aqueles velhos ensinamentos sobre os quais a doutrina judaica de vingança é baseada? Quem conhece o verdadeiro significado da festa do Purim? Quem já viu essa festa? Quem viu os judeus se embriagando nas suas sinagogas? Pois, embora eles em outras épocas fossem abstêmios, atualmente o ofício religioso deles é o de se embriagarem. Quem entre todos os gentios que lêem a Bíblia, sabe que a Purim ainda hoje é celebrada pelos judeus como uma festa de júbilo para comemorar uma das maiores chacinas da história do mundo?

Quase 2.500 anos se passaram desde a primeira Purim, mas os descendentes de Mordecai e de Ester ainda fazem seus bolos enfeitados com o leão de Judá. Os homens da comunidade judaica ainda se embriagam no décimo-quarto dia do mês Adar, permanecendo em êxtase promovido pelo sentimento de vingança. E quando nas sinagogas é lido o livro da rainha Ester, cajados Haman são tirados dos bolsos do caftan; pois os judeus ortodoxos têm de bater com eles, simbolicamente, no banco da sinagoga toda vez que o nome do primeiro ministro do rei Assuero é lido no texto. Também nas sinagogas do Leste, judeus bêbedos que tomaram uma quantidade ilimitada de vinhos e de bebidas alcoólicas são vistos andando tropegamente nesse dia. Em Belz e em Sadagora, dançarinas executam suas danças sensuais e luxuriosas. Essa festa é para o gozo; é para comemorar uma chacina e uma grande vingança.

Vejamos o que ensinam aos judeus no Livro de Ester. O que aconteceu na primeira Purim?

O livro nos conta que Assuero, o rei persa, brigou com sua esposa, que era também de descendência persa, e resolveu arranjar outra mulher. A nova rainha que ele escolheu pertencia à comunidade judaica, que fora levada em cativeiro por Nabucodonosor. Mas Ester não revelou nem sua origem nem sua nacionalidade ao rei e à casa real. Mordecai, o tio dela, proibiu-a de fazê-lo. E, assim, Mordecai lançou a pedra fundamental de uma nova escola política. Ele marcou para as futuras gerações a política de selecionar mulheres judias para a câmara real e assim influenciar os reis, imperadores, presidentes e outros estadistas, a fim de alcançar um alto nível

nas aspirações do nacionalismo judaico. Embora essas mulheres judias repudiassem a ordem de Moisés, no entanto elas obedeciam, pelo bem do seu país.

Nessa época, o filho de Hammedatha, o Agagita, fora guindado pelo rei Assuero ao cargo de Primeiro Ministro do império. O motivo não é registrado pela Bíblia, mas Haman era o "inimigo dos judeus" e os acusava perante o rei, como segue:

"Existe um certo povo espalhado pelo estrangeiro e disperso em todas as províncias do reino; e as leis deles são diferentes das de todos os outros povos; eles nem obedecem às leis do rei..." (Ester, III, 8).

Segundo o Livro de Ester, o rei ordenou, no seu edital, que no décimo-terceiro dia do mês de Adar os judeus deveriam ser mortos. Mas o velho Mordecai descobriu esse plano do rei e mandou uma mensagem à sua sobrinha para procurar o rei e "suplicar-lhe, e pedir que ele poupasse o seu povo". E foi então que a rainha convidou o rei e Haman para um banquete.

"E disse-lhe o rei também neste segundo dia, depois de se ter aquecido com o vinho: que é que me pedes, para que se te conceda? E que queres que se faça? Ainda que peças a metade do meu reino, a terás." (Ester, VII, 2).

Do livro de Ester fica bem claro que quando a rainha começou a acusar Haman, "o que odiava", o rei já estava dopado de vinho. Furioso, Assuero(*) saiu do banquete e foi para os jardins do palácio, para esfriar um pouco; enquanto isso, Haman começou a implorar à rainha pela sua vida. A aplicação dos métodos de Nuremberg pode ser aqui reconhecida claramente: mentiras e calúnias! Quando Assuero voltou, a rainha acusou Haman de ter tentado violentá-la na ausência do rei. Então, o rei ordenou que enforcassem Haman imediatamente.

A tomada do poder foi feita antes mesmo que o corpo do Primeiro Ministro esfriasse. Por ordem da linda judia, o rei promoveu Mordecai ao cargo de Primeiro Ministro e ao mesmo tempo massacres sangrentos irromperam desde a Índia até a Etiópia, perpetrados por judeus que realmente não tinham sofrido mal algum. Afinal de contas, o plano de Haman continuara sendo apenas um plano, nunca tendo sido executado, e Haman o responsável pelo plano, foi enforcado. E então, como sempre que o poder caía nas mãos dos judeus, eles comemoraram sua vitória com massacres sangrentos. O marido da rainha judia o velho símbolo do estadista fantoche, graciosamente permitiu que os judeus "se vingassem dos seus inimigos".

Desde a primeira Purim, o nacionalismo de Moisés tem-se banhado de sangue, de maneira consistente, das vítimas abatidas para alcançar a eterna vingança.

(*) Um dos vários reis medas e persas mencionados no Velho Testamento, especificamente no Livro de Ester, geralmente identificado com Xerxes, rei da Pérsia e filho do primeiro Dario (por volta de 519-465 a.C.).

"E aos judeus parecia-lhes ter-lhes nascido uma nova luz, gosto, honra e alvoroço" (Ester, VIII, 16), diz o Velho Testamento.

O Livro de Ester faz um minucioso relato das vítimas dessa chacina em massa, que foi executada com um selvageria fora de série. Conta que todos os dez filhos de Haman foram mortos, embora o único pecado deles fosse o de que seu pai era "anti-semita". Na cidade de Shushan, os judeus mataram primeiro 500 homens, depois chacinaram mais 300, e finalmente nas províncias acabaram "...matando os seus inimigos e perseguidores; em tanto número, que chegaram os mortos a setenta e cinco mil homens..." (Ester, IX, 16), sem nenhum motivo plausível.

Para podermos avaliar de maneira adequada a enormidade desses massacres, não

devemos considerar esses números em relação à atual população da Terra. Os exércitos de Alexandre Magno que conquistaram a Índia tinham apenas 47.000 homens. A força total do exército persa em Maratona era de 5.000 homens, e Aníbal travou a batalha de Canas com apenas 20.000 soldados. Portanto, o número de 75.000 persas massacrados era, estatisticamente, um número tremendamente alto.

E conforme o livro:

"no dia treze do mês de Adar começou a matança em toda parte, e cessou no dia quatorze. O qual eles ordenaram que fosse solene, que se celebrasse por todos os séculos seguintes com banquetes, júbilos e festins" (Ester, IX, 17).

"Porque Aman, filho de Amadati, da raça de Agag, inimigo e adversário dos judeus, formou contra eles o mau projeto de os matar, e de os extinguir; (Ester, IX, 24).

"Mas Ester depois foi ter com o rei, suplicando-lhe que previna os desígnios de Aman com uma carta do rei e que faça cair sobre a sua cabeça o mal que ele tinha projetado contra os judeus. Com efeito, os pregaram numa cruz, a eles e a seus filhos" (Ester, IX, 25).

"...e desde aquele tempo estes dias se chamaram Purim, isto é, das sortes; porque o "pur", ou a sorte, foi lançada na urna. E todas as coisas, que passaram se contêm no volume de uma carta, isto é, deste livro" (Ester, IX, 26).

"E em memória dos que padeceram, e da mudança que depois houve, os judeus tomaram a seu cargo, e dos seus descendentes, e de todos os que quiseram agregar-se à sua religião, que a nenhum fosse lícito passar estes dois dias sem solenidade" (Ester, IX, 27).

"Estes são uns dias que nunca se apagarão da memória dos homens; e aos quais todas as províncias de geração em geração celebrarão por toda a Terra; e não há cidade alguma, onde os dias de Purim, isto é, das sortes, não sejam guardados pelos judeus, e por seus filhos que estão obrigados a estas cerimônias" (Ester, IX, 28).

Nenhum país tem guardado um dia santo melhor do que os judeus têm guardado a festa do Purim, durante mais de vinte e quatro séculos. Ano após ano, eles têm comemorado o aniversário da vingança e dos massacres. O frenesi provocado pelo sangue, pelo vinho e pelo júbilo triunfal da vingança satisfeita ecoava de cidade em cidade e de aldeia em aldeia. Na pequena sinagoga de aldeia, de teto de capim, bem como no imponente e grandioso templo metropolitano, o Purim tornou-se ao mesmo tempo um dia nacional religioso e festivo.

O autor deste livro, quando numa cidade provinciana da Hungria, presenciou casualmente soldados trajando caftan saindo em fileiras de quatro homens, ruidosamente, da sinagoga. Era a festa do Purim.

Os transeuntes comentaram, com indiferença: "Ah, os judeus estão comemorando o seu feriado".

O mesmo ódio eterno queima por trás da teoria de Marx e dos Iluminados. Isso transformou o Socialismo Marxista num credo de ódio. Os apóstolos desse ódio têm ficado nos bastidores das revoluções e dos levantes comunistas; eles chegaram ao poder com o bolchevismo. Talvez um dia a História dos modernos Hamans seja publicada. A história dos políticos, clérigos, estadistas, escritores e jornalistas que tiveram coragem suficiente para ver no ódio demonstrado durante a Purim, uma ameaça ao mundo cristão e um relato contando como eles foram perseguidos, como as suas famílias foram arruinadas e como seus filhos foram privados dos seus haveres, e, por último, como os "anti-semitas" foram enforcados.

O maior feriado judeu é a Purim, a festa do ódio. O maior feriado da Cristandade

é o nascimento de Cristo, o nascimento do amor. Em Nuremberg, a Purim foi revista com trajes de legalidade. A vingança foi enrolada em parágrafos legais. Um "título legal" novinho em folha foi criado para executar massacres em massa, ao passo que o verdadeiro objetivo por trás disso era muito mais ambicioso e mais sinistro. Era preciso anular a Lei Romana e também a lei, de modo geral. O objetivo era humilhar as nações vencedoras, intimidar a mente das gentes, e por meio da "nova lei", garantir a possibilidade política de alcançar o domínio mundial total.

Terá sido o ridículo processo de fornecer "criminosos de guerra" em Nuremberg um exemplo de democracia em ação? Terá havido, realmente, um tribunal imparcial dirigido pelos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e União Soviética, ou terá sido o processo apenas a espada de Jeová abatendo um povo derrotado? Terão sido as "novas leis", isto é, base dos vereditos, de caráter cristão? O que foi que prevaleceu, afinal de contas? A justiça ou a vingança?

As sentenças de Nuremberg foram pronunciadas para castigar crimes praticados contra a humanidade. Mas no banco sentavam-se os chacinadores em massa de Katyn, juntamente com os que foram responsáveis pelo bombardeio de Dresden. A propaganda de guerra dos aliados sempre protestava com extremo vigor contra o princípio da culpa coletiva. No entanto, esse princípio de culpa coletiva foi sancionado pelos tribunais de Nuremberg quando foi inventada a vergonhosa teoria das "organizações culpadas". As redes radiofônicas de toda parte faziam freqüentes conferências, nessa época, a respeito da "lei", no entanto em Nuremberg um dos princípios legais mais importantes foi jogado de lado, isto é, o de que ninguém pode ser juiz em causa própria. Bandeiras soviéticas e americanas foram exibidas juntas no tribunal, mas o princípio legal básico mais importante da Constituição Americana foi esquecido, isto é, "Nulla Poena Sine Lege", o que significa que ninguém pode ser condenado por atos que não eram puníveis por lei quando praticados. No tribunal, eram pronunciadas sentenças contra o barbarismo, enquanto que, ao mesmo tempo, nos porões dos prédios do tribunal os guardas da prisão de Robert Kempner, o Promotor Público, torturavam prisioneiros brutalmente. O princípio do jogo limpo foi observado apenas formalmente, uma vez que as sentenças eram baseadas em documentos incriminatórios e falsificados. Quaisquer crimes praticados contra a humanidade nos campos de concentração deviam ter sido levados à jurisdição de um tribunal internacional que consistisse de juízes fornecidos por partes neutras, e sob condições em que o tribunal pudesse julgar não apenas os atos bárbaros perpetrados pelas partes derrotadas, mas também aqueles praticados pelas nações vitoriosas. Se isso tivesse acontecido, os verdadeiros criminosos jamais poderiam ter fugido ao estigma negro lançado sobre eles. Mas, como os métodos de vingança judeu foi adotado, certas pessoas culpadas foram transformadas em mártires. Em todo caso, tais pessoas jamais teriam sido condenadas por um tribunal imparcial.

No tribunal de Nuremberg havia juízes americanos, russos, franceses e britânicos, mas um único poder vitorioso processava e julgava: Judá!

Agora, nós já sabemos o que realmente aconteceu por trás dos bastidores. Robert M. Kempner, judeu, é claro, e ex-chefe de campo de concentração na Alemanha, tinha estado trabalhando por trás do General Taylor, o Promotor Público Chefe. Morris Amchan ajudava Kempner. Nos prédios do tribunal em Nuremberg, excetuando os juízes e os acusados, dificilmente havia outras pessoas que não judeus. O pessoal da Ljubljanka e da KGB não era diferente do pessoal dos tribunais de Nurem-

berg, Dachau e outros lugares em que se julgaram "criminosos de guerra". Esse pessoal era composto, quase que exclusivamente, de judeus. A maioria das testemunhas era também composta de judeus, e sobre essas Murice Bardéche escreve que a única preocupação delas era a de não deixar transparecer o seu ódio demasiado abertamente e, pelo menos durante a audiência das testemunhas, tentar dar a impressão de objetividade. É uma feição característica dessa "administração de justiça" que o número de testemunhas chamadas a prestar depoimento foi de apenas 240, e no entanto 300.000 queixas foram aceitas apoiando acusações sem que tais provas fossem ouvidas sob juramento. É desnecessário dizer que a maioria desses depoimentos não eram verdadeiros.

Os presos acusados eram submetidos a exatamente o mesmo tipo de tortura que nas prisões soviéticas. Julius Streicher foi chicoteado até ficar coberto de sangue e foi forçado a tomar água do mictório. Depois, judeus usando uniformes do exército americano cuspiram na sua boca e forçaram-no a beijar os pés de um negro. Na prisão de Schwabish Hall, os jovens oficiais de guarda de Adolf Hitler foram chicoteados até ficarem encharcados de sangue, depois foram forçados a ficarem deitados, enquanto seus algozes pisavam nos seus órgãos sexuais. Como nos julgamentos de Malmedy, os prisioneiros foram pendurados, divididos em grupos, e depois soltos até assinarem as confissões que lhes eram exigidas. Com base em tais "confissões", arrancadas à força de Sepp Dietrich e de Joachim Paiper, a Guarda Leibstandard foi condenada como "organização culpada".

Oswald Pohl, um general da S.S., foi malhado com selvageria durante os julgamentos do Gabinete do Procurador Geral da S. S. Seu rosto foi coberto de fezes, e ele foi espancado até assinar a desejada confissão, submetendo-se a falsas acusações. Esses judeus, trajando uniformes de soldados americanos, tinham igualmente torturado Weiss, líder da S. S., em Frankfurt-am-Main e em Dachau. Nos julgamentos de Malmedy carrascos judeus, trajando também uniformes americanos, arrancaram confissões de soldados rasos. McCarthy, o senador americano, quando examinou casos assim, fez a seguinte declaração à imprensa americana, em 20 de maio de 1949:

"Acho que o mundo esperava que nós apresentássemos provas de princípios legais americanos e de prática judicial usando-os quando julgássemos nossos inimigos derrotados. Em vez disso, foram usados métodos da Gestapo e da KGB. Eu tenho ouvido provas e ouvido depoimentos e visto provas documentais que revelam que as pessoas acusadas foram espancadas, maltratadas e torturadas fisicamente por métodos que só poderiam ter sido concebidos por cérebros doentes. Eles foram submetidos à simulacros de julgamentos e falsas execuções, disseram-lhes que suas famílias seriam privadas dos cartões de racionamento. Todas essas barbaridades foram praticadas com a aprovação do Promotor Público, a fim de formar o clima psicológico necessário à extorsão das confissões necessárias. Se os Estados Unidos consentirem que tais atos sejam praticados por algumas pessoas e se as deixarmos impunes, então o mundo inteiro pode nos criticar severamente, com plena razão, e duvidar para sempre dos nossos motivos e da nossa integridade moral".

Além das torturas, documentos falsificados também foram apresentados para condenar os acusados. Circunstâncias atenuantes não foram aceitas para serem levadas em consideração contra as provas incriminatórias. Isso é, em si mesmo, uma falsificação da verdade e da justiça. Um jornal chamado Madrid noticiou, referindo-se aos julgamentos de Nuremberg, que alguns comerciantes judeus americanos tinham transformado alguns campos de concentração em museus e que em troca de dinheiro organizaram caravanas de turistas americanos aos acampamentos de prisioneiros, e tam-

bém para jornalistas e outras pessoas convidadas para lhe mostrarem os lugares dos horrores. A entrada da "câmara de gás" foi reconstruída com a ajuda de figuras de cera. Estas figuras, representando horríveis formas humanas distorcidas foram usadas para provar que os campos de tortura tinham realmente existido. Se um campo de concentração não tinha câmara de gás — e na maioria dos campos não havia nenhuma — então, eles construíam uma improvisada com métodos hábeis de estúdio, como veremos mais adiante.

Não só a propaganda do Congresso Mundial Judaico e de outras organizações judaicas semelhantes usam truques em filmes, mas o Gabinete do Promotor Público, dirigido por Robert M. Kempner, ex-emigrante judeu-alemão, trabalhava com "provas" de valor semelhante. Num filme sobre Funk o Ministro da Economia, grandes pilhas de dentes de ouro, armações de óculos e pince-nez podiam ser vistas, o que era suficiente para se supor que tivessem sido tirados de judeus exterminados nesses campos. Hoje, sabe-se que os judeus americanos trouxeram esses filmes com eles ao chegarem a Frankfurt, alguns dias depois que a cidade foi ocupada, na esteira das tropas americanas. O famoso filme chamado "Todesmühle (Moinho da Morte), que foi exibido no tribunal, durante os julgamentos de Nuremberg, com a finalidade de virar a opinião pública contra os prisioneiros acusados, é também uma falsificação.

Os judeus mantiveram sua tática de ficarem atrás do pano, com os "gentios" à frente. Embora os juízes fossem presumivelmente cristãos, faltava-lhes completamente o espírito de Cristo. As provas mais incriminatórias — filmes falsificados, documentos, depoimentos escritos — foram forjadas pelos judeus atrás dos bastidores. Os juízes tinham medo dos Promotores Públicos. O General Taylor, o chefe executivo do Gabinete do Promotor Público, junto com Robert M. Kempner, organizou e dirigiu uma espécie de "serviço de contra-espionagem" para espionar e controlar opiniões expressas por juízes, que tinham vazado das discussões particulares. Sessenta por cento do pessoal do Gabinete do Promotor eram constituídos por pessoas que tiveram de deixar a Alemanha quando as leis raciais de Hitler entraram em vigor. Earl Carrol, um advogado americano, declarou que, segundo suas observações, nem dez por cento dos americanos que trabalharam nos tribunais de Nuremberg eram realmente americanos de nascimento.

Foi um juiz americano, Justice Wenersturm, quem revelou o verdadeiro fundo da campanha de vingança de Nuremberg. Ele foi presidente de um dos tribunais que julgaram os casos de certos generais alemães que tinham tido comandos no Sul do Oriente e que foram encarregados dos "crimes de guerra". Wenersturm desistiu da sua nomeação em Nuremberg e correu o risco de voltar para os Estados Unidos. Meia hora antes da sua partida, ele deu uma entrevista ao repórter do Chicago Tribune (um jornal de propriedade de não-judeus) sob a terminante condição de que não seria publicada antes que seu avião pousasse nos Estados Unidos. Suas declarações continham os seguintes pontos:

1. Os altos ideais prescritos pelo Tribunal Militar de Nuremberg jamais se tinham materializado, na prática, nos Tribunais de Nuremberg.

2. O fato de que só os vencedores estavam julgando os perdedores da guerra não promovia a verdadeira justiça.

3. Os membros do departamento do Promotor Público, em vez de tentarem formular e alcançar um novo princípio legal como diretriz, só se deixaram mover pela ambição pessoal e pela vingança.

4. A promotoria fez o máximo que pôde, de todas as maneiras, para impedir a

defesa ao preparar os casos, e para tornar impossível o fornecimento de provas.

5. A promotoria, chefiada pelo General Taylor, fez tudo que podia para impedir que a decisão unânime do Tribunal Militar fosse executada, isto é, pedir a Washington provas de posse do governo americano.

6. Noventa por cento do Tribunal de Nuremberg era composto por pessoas parciais, que apoiaram a causa da promotoria, fosse por motivos políticos ou raciais.

7. É evidente que a promotoria soube como preencher todos os cargos administrativos do Tribunal Militar com "americanos" cujos certificados de naturalização eram realmente muito recentes, e que, quer no serviço administrativo ou por suas traduções, etc., criaram um clima hostil para as pessoas acusadas.

8. O verdadeiro objetivo dos julgamentos de Nuremberg foi o de mostrar aos alemães os crimes do seu Führer, e essa finalidade foi, ao mesmo tempo, o pretexto sobre o qual os julgamentos foram ordenados. Mas o único fato mostrado aos alemães foi que eles tinham caído nas mãos de conquistadores brutais e empedernidos.

Se eu tivesse sabido com antecedência do que estava acontecendo em Nuremberg eu jamais teria ido lá." (Das Letze Wort über Nürnberg — A Última Palavra sobre Nuremberg — Edição de Der Weg, pág 57).

Quando alguém ouve a pergunta:

"Por que Justice Wenersturm não queria que suas declarações fosse publicadas antes que ele chegasse aos Estados Unidos?" responde mais ou menos como um jornalista inglês observou, astutamente:

"Justice Wenersturm sabia muito bem que os acidentes aéreos são até bem freqüentes na aviação civil americana".

Como se pode ver, nem mesmo as vidas americanas estão a salvo da vingança de Jeová. Basta concluirmos que Nuremberg não foi obra da mentalidade americana nem britânica, e sim típico do "nazismo" tribal. E uma demonstração insofismável do fato de que assim que a administração da justiça cai nas mãos dos judeus, jamais haverá justiça, simplesmente porque, segundo a moralidade dupla dos judeus, tudo lhes é permitido fazer.

Portanto, para os promotores públicos dos julgamentos de Nuremberg, os procedimentos eram governados apenas pelos Protocolos e não por nenhum outro código de leis.

O fato de que a vingança de Jeová se fez em Nuremberg é provado não apenas pela mentalidade exibida lá, mas também pelas estatísticas. Das 3.000 pessoas que trabalhavam no Tribunal de Nuremberg, 2.400 eram judeus. Esses números falam por si mesmos! Mas, por trás dos panos da tragédia de Nuremberg existe outro objetivo mais amplo que se pode subentender: o terrorismo contra o mundo inteiro, através das sentenças de Nuremberg. Elas foram passadas para silenciar toda e qualquer oposição, para rotular de "criminosos de guerra" todo aquele que ousar criticar o mundo judaico, e, à moda soviética, para punir com a morte todos aqueles que porventura tornarem-se testemunhas embaraçosas.

Além das finalidades que citamos acima, outro objetivo, mais profundo e maior ainda, foi completamente alcançado: a prevenção de qualquer reconciliação entre as nações não judaicas. A finalidade era despertar o ódio do povo alemão contra os Estados Unidos. O mundo judeu sabia que haveria época em que os Estados Unidos poderiam precisar desesperadamente das divisões germânicas contra o bolchevismo. Como a maior parte das sentenças era anunciada em nome dos Estados Unidos, portanto elas tinham de ser enunciadas de maneira tal que nenhuma nação estivesse

disposta a pegar em armas para apoiar os Estados Unidos.

O objetivo dos judeus foi atingido, e isso se prova pelo fato de que entre 1945 e 1951 a opinião, pública alemã colocava os Estados Unidos e a União Soviética no mesmo plano.

Não foram os Estados Unidos de Washington nem a Inglaterra da famosa Carta Magna, nem a França de Descartes quem executou essa vingança. Foi o espírito de Purim que esteve sentado no banco dos juízes, julgando em Nuremberg. "...e matou setenta e cinco mil inimigos..." — reza o Livro de Ester. O falso acusador de Haman, o fantasma da rainha Ester, voltara para subornar falsas testemunhas na Europa Cristã, para forjar falsos depoimentos, para apresentar filmes falsos, para torturar gente inocente nas masmorras das prisões e para falsificar a própria História.
A glorificação da traição e a recompensa dos traidores foi uma das horríveis conseqüências que afligirão o mundo atual. Nuremberg absolveu todos aqueles que tinham traído seus países e condenou todos os que tinham mantido fidelidade às suas nações. Portanto, desapareceu o hiato que havia entre patriotismo e traição. Qual o país que tem de ser traído? O de Hitler, é lógico, mas talvez também o país de George Washington. Os vereditos absolveram pessoas tais como Julius Rosenberg e os espiões atômicos, todos que tinham precedentes, em Nuremberg. Quando, apesar de tudo, os traidores era ocasionalmente judeus, as manifestações americanas mostravam que, do ponto de vista judaico, a traição praticada contra outros países era totalmente justificada. O Código Militar Britânico exigia lealdade incondicional do soldado britânico, enquanto que, ao mesmo tempo, os soldados alemães eram condenados à morte por terem obedecido ordens. Os traidores foram recompensados. E quando isso aconteceu, todas as tradições de lealdade que sustentava os países foi demolida.

O Tribunal de Nuremberg tornou-se não somente o símbolo da vingança, mas também o emblema da depravação moral. O próprio prédio do Tribunal de Nuremberg era um centro de atividades de mercado negro, numa Europa faminta devastada pela guerra. Mark Lautern traça um quadro chocante desse poço de iniqüidades que engolfou o Tribunal de Nuremberg. "Eles chegaram todos: os Solomons, os Schlossbergers e os Rabinoviches, que, como membros do quadro de pessoal do Promotor Público, nos intervalos entre duas sentenças de morte ou entre duas execuções; negociavam ativamente com cigarros americanos, louças chinesas valiosas, prata, ouro, peles e obras de arte".

O Sr. Salamonson era especializado em relógios; o Sr. Sterling preferia negociar com o contrabando de quadros de pintura; já o senhor Cohen mandava vir café ou cigarros americanos às toneladas.

"Mas não era apenas no mercado negro" — escreve Mark Lautern — "que transformava os arredores do Tribunal de Nuremberg no esgoto da Europa. Mais horrível ainda era a degradação moral que tinha origem ali. As orgias que os funcionários estrangeiros promoviam em apartamentos particulares e em hotéis muitas vezes provocava indignação no bairro inteiro. A quantidade de mulheres jovens empregadas no Tribunal crescia sem parar. Entre elas havia tanto alemãs como mulheres de países aliados, arrastadas para dentro do redemoinho de depravação e de corrupção. Prevaleciam nesses círculos o abuso do sexo e uma perversão revoltante, e um sem número de escândalos, apoiados por fartas provas, forneceram material durante anos para certos jornais e para certas revistas (Das Letzte Wort über Nürnberg, pág. 68).

Condenados à morte ou à prisão perpétua, os novos Hamans ficaram de pé dian-

te do povo da Rainha Ester; eles tiveram o privilégio de ouvirem os homens que os odiavam, os contrabandistas, os pervertidos e os algozes, cantando em coro uma marcha improvisada de Nuremberg, um arremedo da Viúva Alegre de Franz Lehár;

> Da geh ich in PX,
> Dort bin ich bis halb sechs!

A meia-noite de 16 de outubro de 1946, onze "criminosos de guerra" europeus partiram para a forca em Nuremberg. E então, aconteceu um milagre. No próprio limiar da morte, os vencidos marcaram uma vitória sobre os seus vencedores. Não parecia que eles estavam subindo a um cadafalso, mas sim a um pedestal da moralidade, que ainda poderia salvar a Europa. Joachim von Ribbentrop foi o primeiro a morrer, em silêncio. O general Wilhelm Keitel colocou-se depois dele sob a forca, com o uniforme bem arrumado, as botas brilhando. Antes de morrer, ele disse:

"Dois milhões de soldados alemães morreram pelo seu país. Agora, vou juntarme aos meus rapazes!"

Depois, foi a vez do Dr. Ernst Kaltenbrunner:

"Amei o meu país e o meu povo alemão de todo o meu coração! Boa sorte, Alemanha!"

Em silêncio, com uma expressão resoluta e com um imenso desprezo, o Dr. Alfred Rosenberg enfrentou o carrasco, sendo seguido para o túmulo pelo Dr. Hans Frank, Governador Geral dos territórios poloneses. Esses dois homens foram acusados da morte de judeus que, segundo se alegou, teriam perecido no Oriente.

O Dr. Wilhelm Frick, Ministro do Reich, foi a vítima seguinte:

"Alemanha para sempre!" — gritou ele, antes que o alçapão do cadafalso se abrisse.

Julius Streicher seguiu-o no cadafalso. Ele fazia parte daquele pequeno círculo que possuía o poder de visão. Fora capturado por um judeu de Nova Iorque chamado Blitt, que, com o posto de major, era especialista no extermínio de "anti-semitas". Talvez Streicher tivesse previsto que a forca esperaria aqueles líderes que ousaram defender a si mesmos e ao seu país. Contemplando os espectadores, com desprezo e com sarcasmo, anunciou toda a verdade sobre Nuremberg:

"Isto é a festa do Purim de 1946!"

O seguinte foi o Dr. Fritz Schaukel, com as palavras:

"Eu morro inocente. Respeito os soldados americanos e seus oficiais, mas não a justiça americana!"

Com a cabeça erguida, o general Alfred Jodl colocou-se embaixo da forca. O seguinte foi Arthur Seyss-Inquart:

"Eu creio que esta execução será o último ato da tragédia da Segunda Guerra Mundial" — disse ele.

Talvez tenha sido simbólico o fato de que até o carrasco militar, John C. Woods Short, fosse um judeu. Ele levou 143 minutos para enforcar os "criminosos de guerra".

"Um serviço tão bem feito" — disse ele — "merece um longo drinque!" Nesse ínterim, os repórteres de LIFE o fotografavam, corda em punho, para que essa famosa revista pudesse, num rasgo de mau gosto, publicar a fotografia na sua primeira página. Realmente, tudo isso pode merecer um drinque demorado e bom. Mas uma profecia de Julius Streicher pairava como um sinal de mau agouro sobre as cabeças dos juízes e dos carrascos. Eles o tinham ouvido gritar da forca:

"Lembrem-se! A vez de vocês não vai demorar! Vocês serão enforcados pelos bolchevistas!"

Hermann Göring, tendo tomado cianureto de potássio levado às ocultas para a sua cela meia hora antes da execução, já estava morto. Agentes britânicos, americanos e russos estavam procurando febrilmente o cadáver de Hitler nas ruínas do abrigo antiaéreo do Führer. Goebbels morreu, juntamente com sua família; primeiro, ele matou os seus filhos e depois suicidou-se. Bormann desapareceu. Himmler suicidou-se com cianureto quando caiu nas mãos dos inquisidores britânico-judeus. Robert Ley suicidou-se na prisão de Nuremberg.

Em Milão, depois de já ter sido fuzilado. Mussolini foi pendurado de cabeça para baixo, pelos pés. A última cena de Nuremberg mostrava aviões decolando para espalhar sobre a Alemanha as cinzas dos "criminosos de guerra". Esse feito simbolizava o medo provocado por uma consciência culpada, tanto por parte dos juízes como dos participantes, ao acordarem da orgia da Purim, depois de se embebedarem.

Na França, o velho e grisalho general Petain, já à beira do túmulo, foi condenado à prisão perpétua num forte, como agradecimento pelo fato de ele ter defendido outra fortaleza, Verdun, contra os alemães. Em seguida, Pierre Laval, o Primeiro Ministro francês, enfrentou corajosamente o pelotão de fuzilamento. Ele também tomara cianureto, mas durante duas horas os médicos lutaram desesperadamente para salvá-lo, para a morte. E no fim, ele acabou ficando diante do pelotão de fuzilamento, enquanto os juízes escalados para estarem presentes à execução se ocultavam atrás de um furgão, sem coragem para presenciar o ato vil do qual eles tinham sido responsáveis. Muito embora estivesse fisicamente muito enfraquecido, por causa do veneno tomado, Laval recusou o oferecimento de ser fuzilado sentado numa cadeira. Mesmo cambaleante, ele ainda conseguiu juntar forças para dizer.

"Um Primeiro Ministro francês morre de pé!"

Ele próprio deu ordem ao pelotão de fuzilamento para atirar, mas as balas não atingiram o alvo. Finalmente, tiveram de matar o Primeiro Ministro com um tiro de revólver na nuca.

Na Noruega, o Primeiro Ministro Quisling foi executado no pátio da prisão de Akershus, e os soldados do pelotão de fuzilamento ficaram profundamente impressionados com a maneira corajosa e digna com que um dos mais velhos inimigos do bolchevismo enfrentou os fuzis.

O líder húngaro Ferenc Szálasi foi executado juntamente com seus ministros. Miklós Horthy, ex-Chefe de Estado, só escapou de Nuremberg tornando-se uma das principais testemunhas da promotoria e negando que ele tinha algo a ver com as pseudas "leis judaicas", que ele mesmo sancionara. Ferenc Szálasi fez continência militar aos seus colegas, os membros do seu Gabinete, que já tinham sido executados na forca, quando ele estava passando para ser executado, e morreu com uma bravura tão grande, que o filme soviético da sua execução logo teve de ser banido de todos os cinemas, a tal ponto a sua conduta exigia respeito e a admiração do país inteiro. László Bárdossy, Béla Imrédy, Döme Sztójay e Jenö Szölössi, os quatro ex-Primeiros Ministros da Hungria, morreram com bravura semelhante na forca ou amarrados a um poste. Aqueles que fizeram leis retroativas contra eles ou que os julgaram pertenciam, quase sem nenhuma exceção, aos conquistadores do mundo. Não se podia dizer, contra László Bárdossy, que ele era um "anti-semita". Seu único crime foi que ele declarou guerra ao bolchevismo. Quando ele olhou para a densa multidão solta dos guetos e

viu os espectadores vingativos lotando o lugar da execução, gritou, como sua última oração:

"Oh, Deus! Livrai a Hungria desses bandidos!"

O marechal Antonescu, um dos maiores heróis romenos, foi executado na Romênia. Na Iugoslávia, o líder dos sectários patrióticos, Drazsa Mihajlovich, foi entregue aos carrascos de Mojse Pijade. O Dr. Joseph Tiso, sacerdote e Primeiro Ministro da Eslováquia independente, também morreu na forca, no dia 18 de abril de 1947. A vingança não parou nas pessoas dos líderes da igreja. Nem mesmo o Papa conseguiu arrancar o sacerdote das garras de Eduard Benes, um maçom, que disse, ferozmente:

"Tiso tem de ser enforcado!"

Em oito ou nove países, os chefes de Estado, primeiros ministros e líderes foram executados durante a nova Purim. Mas aos olhos dos povos deles eles não são criminosos de guerra, e sim símbolos do martírio do país. Eles foram seguidos por mártires anônimos, por soldados leais aos seus juramentos, por intelectuais, por jornalistas, por fazendeiros e por clérigos. Dessa forma, não só os "nazistas anti-semitas" e "fascistas" foram assassinados, mas também todos que representavam qualidade e que poderiam se tornar importunas testemunhas contra os praticantes de ultrajes. Por exemplo, Ferenc Orsós, professor universitário húngaro e autoridade européia em medicina forense, era um "criminoso de guerra" porque ele assinou o relatório sobre Katyn, confirmando que não foram os alemães, mas sim os russos que massacraram oficiais do exército polonês.

Talvez os americanos já estejam sentindo que se aproxima a hora em que a profecia de Streicher será cumprida:

"Lembrem-se! A sua vez virá em seguida! Vocês serão enforcados pelos bolchevistas!"

O maior serviço que pode ser prestado aos Estados Unidos é alguém ter a coragem de explicar que todos esses ultrajes e barbaridades não foram perpetrados por americanos, mas sim por judeus, e que Nuremberg representava apenas o terror da Purim, e não nenhuma lei nova. Afinal de contas, não só os vencidos e os colaboradores foram assassinados em Nuremberg. Um dos primeiros mártires das Finanças Judaicas foi o herói épico americano, o general Patton, comandante do exército americano que invadiu a Alemanha, o "cavaleiro das divisões blindadas". Descendente de pioneiros americanos, Patton encarava o nazismo como um mal diabólico. Em todo caso, os propagandistas, jornalistas e estadistas diziam isso, e ele ouvia. Ele chegou à Alemanha odiando-a. Achava que era preciso castigar os nazistas. Depois, uma vendedora de leite que morava perto do seu QG passou por ele casualmente, e durante uma conversa informal lhe contou as coisas que aconteceram por trás da "vila de comando", isto é, a casa dele. Contou que o leite destinado às cidades era derramado nas estradas pela polícia militar, por ordem dos auxiliares de Morgenthau, e lhe disse que já não eram os soldados nazistas e sim os soldados alemães comuns que eram confinados em campos de concentração pequenos, onde eles ficavam apinhados. Que os operários tinham sido expulsos das suas casas por pura vingança pelos ex-colegas de campo de concentração, e de como os médicos judeus nos hospitais recomendavam que um em cada quatro bebês devia ser morto com uma injeção, porque não havia leite bastante para todos.

E o general Patton, como o cavaleiro andante da Era Medieval, foi ver pessoalmente se o que a leiteira lhe contara era verdade ou mentira. Fardado de soldado, para ocultar seu alto posto, ele visitou todas as partes desse inferno terrestre: as pri-

sões, os campos de concentração e os campos de prisão, onde ele viu em pessoa que aqueles que estavam torturando alemães e que ensinavam a teoria da culpa coletiva e que estavam impondo castigos coletivos não eram americanos, mas sim judeus. Daquele momento em diante, os oficiais do exército americano receberam ordens severas para darem comida suficiente aos prisioneiros de guerra, já meio mortos de inanição, e que a Polícia Militar ficava proibida de derramar o leite dos bebês nas estradas. O general Patton não estava disposto a colocar em execução o plano Morgenthau, embora tivesse lutado pelos Estados Unidos e, também, ora, por Judá. Mas outro general mostrou-se muito disposto a servir o plano de Morgenthau: seu nome era Dwight Eisenhower.

Não era possível condenar o "cavaleiro das divisões blindadas" em Nuremberg. Portanto, Patton foi condenado à morte nos bastidores. Mas os homens que se sentaram para julgá-lo eram os mesmos que condenaram os líderes alemães em Nuremberg. Apesar de todo o sigilo em torno do assunto, hoje é notório que por ordem dos agentes da C.I.C., um carro "americano" bateu no carro de Patton. Em conseqüência disso, o general Patton ficou ferido. Foi logo colocado numa ambulância, mas a caminho do hospital a ambulância chocou-se com um caminhão grande e pesado americano, e Patton morreu no acidente. Naquele mesmo instante, desapareceu algo dos bolsos de Patton que os conquistadores do mundo tinham todos os motivos para temer.

"Eu tenho um livrinho negro!" — dissera o general, antes — "E quando eu voltar para os Estados Unidos, vou botar a boca no mundo; vou contar tudo".

Mas, ao se fecharem pela última vez, seus olhos devem ter visto a mesma coisa que viram Keitel, Jodl e Streicher, quando estavam sob a forca de Nuremberg.

No entanto, certas pessoas jamais foram levadas a julgamento em Nuremberg. Os componentes do Instituto de Pesquisas Judaicas de Frankfurt e o pessoal de imprensa do Welt Dienst (Serviço Mundial) nunca foram tocados, embora tivessem sido os primeiros a serem capturados por membros judeus da C.I.C. americana. Eles foram os primeiros a serem levados para Nuremberg e a serem ameaçados pelo carrasco, antes de liquidarem os ministros do Reich. Mas essas pessoas retorquiram simplesmente aos seus inquisitores:

Nota: C.I.C. significa Departamento de Contra-Espionagem.

"Muito bem, então! Estamos prontos a sermos julgados pelo Tribunal de Nuremberg. Mas com a ajuda dos nossos documentos secretos, provaremos que o mundo judeu é o único praticante dos crimes de guerra. E ao mesmo tempo, seremos obrigados a revelar que o Serviço Mundial não era uma organização nazista, de forma alguma. Os membros de vinte e três países contribuíram para formar suas fileiras. Entre eles estavam um ex-presidente americano, oficiais do Estado Maior Sueco, vários membros mais ilustres da aristocracia inglesa e um Ministro de Gabinete da União da África do Sul".

Os líderes dessas organizações alemães, embora odiados pelos conquistadores do mundo, jamais foram indiciados. Foram libertados apressadamente e qualquer um que tenha lido as sentenças de Nuremberg verá que nem o Instituto de Pesquisas Judaicas de Frankfurt nem o Serviço Mundial são mencionados entre as "Organizações Culpadas".

Teria sido muito desagradável para os conquistadores do mundo, se os líderes desses grupos tivessem apresentado sua "defesa" no tribunal.

Um jornal inglês de nome Union, na sua edição de 19 de janeiro de 1952, escreve que ele acabara de receber notícias da Alemanha que pareciam mostrar um péssimo gosto por parte das autoridades da Zona Americana de Ocupação. A primeira sinagoga fora inaugurada no Palácio do Tribunal de Nuremberg, no mesmo lugar onde Goering e os outros líderes nacional-socialistas foram condenados à morte. Se não houvesse outras provas para convencer a opinião pública alemã de que seus líderes foram assassinados por tramas do mundo judeu, essa dedicação da sinagoga seria suficiente.

E assim, o tribunal de Nuremberg permanecerá para sempre como um símbolo da nova Purim, pois aqui, em 1952, uma nova sinagoga foi fundada para a glória de Jeová e como sinal do fato de que Judá e não os aliados foram os juízes em Nuremberg.

Capítulo XI

Onde Foram Parar Seis Milhões de Judeus?

Na Segunda Guerra Mundial, o mundo judeu, que declarou ser um partido beligerante, sofreu perdas de números desconhecidos em baixas fatais. Outros países choram os seus mortos, erguem monumentos a eles e festejam em sua memória. A maioria dos judeus fez bons negócios com os seus mortos e usaram seus cadáveres para servirem como uma escada rumo ao domínio do mundo. Olhou esses mortos como um investimento político e como um meio de alcançar o poder. Ao passo que sobre os túmulos e os monumentos de guerra dos heróis de outros povos florescem doces flores de recordação, ao redor dos túmulos dos mortos de Jeová, os alto-falantes de propaganda estão gritando a todo volume, ainda hoje. Os sobreviventes de outros países levam flores aos túmulos das suas mães. Mas ao redor dos túmulos das mães judias, só se ouvem gritos profanos, como: ''Eu também quero parte da U.N.R.R.A. Minha mãe também foi morta pelos nazistas''.

Para os sobreviventes, os túmulos de Auschwitz e de Bergen-Belsen não representavam nenhum símbolo de eterno protesto contra o barbarismo. Hollywood fez um ótimo negócio com eles, e os gentios ficavam de pé entre os túmulos judeus, consternados. E assim, os judeus também se muniram de câmaras cinematográficas, alto-falantes e todo tipo de aparelhos fotográficos. Ao saberem dos campos de concentração, os cristãos ficavam chocados e diziam: ''Alguma barbaridade vergonhosa foi praticada!'' Mas os cabeçalhos do nacionalismo judaico berravam; ''Uma sensação mundial! Os sobreviventes ganharam a piedade do mundo, bem como o direito de se vingarem, de terem emigração rápida e, naturalmente, de dominarem o mundo!''

Tudo isso não tem paralelo na história do mundo.

Compaixão, choque e indignação foram as reações do mundo cristão. Mas os sobreviventes judeus disseram:

''Nós exigimos privilégios! Minha mãe, minha irmã e meu pai foram todos vítimas dos nazistas''. Os mártires repousavam nos seus túmulos comuns, enquanto que o milionário de Nova Iorque e o pequeno vendeiro de Brooklyn estavam continuando a negociar com a auréola de martírio no rosto e apresentando uma expressão de

tristeza que não podia ter sido melhor do que se eles próprios tivessem estado no campo de Bergen-Belsen.

Outros países também têm tido seus mortos e seus mártires, talvez em número muito maior do que os judeus. Seis milhões de pessoas foram mortas de fome na Ucrânia, vítimas dos planos de sonegação de alimentos dos judeus do Kremlin, mas o mundo jamais concedeu privilégios aos ucranianos. Ninguém jamais deu rações dobradas de víveres aos dependentes das vítimas enterradas na valas comuns da Floresta de Katyn. Nem os sobreviventes da marcha de morte de Brno jamais receberam qualquer compensação. E também nenhum dos praticantes dos massacres de Bromberg, Praga ou Iugoslávia jamais foi enforcado em Nuremberg.

"Seis milhões de mártires!" — anunciaram os jornais judeus, os juízes de Nuremberg, os filmes e as cadeias de rádio.

Seis milhões! gritaram os alemães, consternados, já que não sabiam nada dos campos de concentração, até o dia do armistício, e sobre cujas cabeças a peste do castigo coletivo pendia ameaçadoramente.

Mas as vítimas foram, realmente, em número de seis milhões?

Quando perguntaram ao general Taylor, o Promotor Público Chefe em Nuremberg, onde ele arranjara esse número de seis milhões, ele simplesmente respondeu que o número era baseado na confissão do General Ohllendorf, da S.S. Durante os interrogatórios de Nuremberg, Ohllendorf teria dito que esse era o número de judeus mortos. Mais tarde, ficou-se sabendo que os judeus americanos tinham arrancado essa "confissão" de Ohllendorf sob tortura. Oswald Pohl e Berger, ambos líderes de grupos da S.S., também foram torturados de forma semelhante. Depoimentos falsos também foram usados para apoiar esse número estranhamente tão alto de "mártires" judeus. Esse número é também dado pelo Dr. Wilhelm Hoettl, uma pessoa um tanto estranha, a serviço do C.I.C. americano, autor de vários livros escritos sob o pseudônimo de Walter Hagen. Ele apareceu em Nuremberg como testemunha da promotoria americana. Se abrimos o jornal Der Weg (terceiro número de 1954, página 203), ficaremos sabendo que o seu depoimento é a única "prova" com respeito à suposição de que seis milhões de judeus foram assassinados. Ele também estava fazendo espionagem para os soviéticos, trabalhando com dois emigrantes judeus de Viena, Perger e Verber, como oficiais dos E.U.A., durante os interrogatórios preliminares dos julgamentos de Nuremberg.

Geralmente, supõe-se que a intenção de exterminar os judeus possa ser provada referindo-se às palavras de Hitler, durante um dos seus discursos de pré-guerra:

"Se os judeus desencadearem essa guerra, os tratados de paz não encontrarão mais judeus na Europa".

Mas a pergunta ainda permanece: como ele pretendia resolver a questão dos judeus?

Em 1939, Sven Hedin apresentou a Göering um plano para expatriar os judeus da Europa.

"O plano é muito interessante e prático" — disse Göering. "E eu terei prazer em dar-lhe o meu apoio. Se ele se tornar prático, eu estarei com prazer à sua disposição". (Sven Hedin: Ohne Auftrag in Berlin).

"O outro plano, publicado em forma de planfeto pelo partido, era o de estabelecer os judeus em Madagáscar. Era preciso arranjar um país para uma nação sem país. A Palestina não tinha capacidade para receber e para alimentar a grande quantidade de judeus da Europa, e o renascimento de Israel, prosseguia o panfleto, seria uma

fonte de eternos conflitos, incidentes e guerras no Mundo Árabe. E realmente, tudo isso vem acontecendo atualmente.

O New York Times apresentou as provas mais confiáveis com relação à política de Hitler, quando, depois da guerra, publicou estatísticas relativas à população judaica mundial, e admitiu que Hitler deixara 400.000 judeus emigrarem do Reich. Tivesse ele tido a intenção de exterminar os judeus, esses emigrantes jamais teriam tido permissão para saírem da Alemanha.

O Congresso Judaico Mundial confessa na sua publicação Unidade em Dispersão (página 377) que: "a maioria dos judeus alemães conseguiu deixar a Alemanha antes do estouro da guerra..."

O judaísmo mundial sabia e previa claramente que a Segunda Guerra Mundial, principalmente no caso de uma derrota bolchevista, ceifaria uma grande quantidade de vidas judias, mas não fez absolutamente nada para acelerar a emigração, enquanto havia tempo mais do que suficiente para isso. O judaísmo mundial precisava de vítimas a fim de estar em condições de fazer chantagem com o mundo com essa história de que houve seis milhões de mártires judeus. Os judeus acharam evidente que ali estava uma oportunidade rara de obter uma excelente arma psicológica para silenciar o "anti-semitismo" e para conquistar poder mundial. Depois dos acontecimentos de Kristallnacht (noite de cristal) na Alemanha, quarenta e oito países, liderados pelos Estados Unidos, França e Grã-Bretanha, fizeram uma conferência, cujo único assunto era como salvar os judeus ameaçados na Alemanha. Embora tivesse ficado bem claro para todos que em caso de guerra a situação dos judeus europeus seria precária, a conferência terminou sem que tivessem havido resultados positivos. A Grã-Bretanha não tinha condições de receber judeus alemães. Embora os Estados Unidos estivessem dispostos a receber os judeus alemães, certas forças judaicas, trabalhando por trás dos bastidores, sabotaram essa solução. Eles sabiam muito bem que isso significaria o fim da propaganda antinazista. Pode parecer paradoxal, mas o caráter anti-semita do Socialismo Nacional Alemão veio a calhar para o mundo judeu. O Mundo Judaico queria uma Segunda Guerra Mundial, apesar de saber que isso custaria certo número de vidas judias.

Depois do estouro da guerra, todos esses planos de expatriação tornaram-se impraticáveis. Mas será que os alemães queriam mesmo exterminar os judeus que estavam nas suas mãos? É difícil acreditar nisto. Após a ocupação da Polônia, fotografias de guetos poloneses foram publicadas pela revista alemã Signal. Que esses judeus estivessem vivendo separados, por motivos de segurança, é totalmente compreensível em tempo de guerra. Mas, se os alemães tivessem tido a intenção de exterminá-los, de forma nenhuma essas fotografias teriam sido publicadas pelas agências oficiais de propaganda alemãs, mostrando-os trabalhando em várias tarefas, tais como empacotamento, e fazendo outros serviços leves para o exército alemão, e assim ganhando salários normais. A Signal publicou também uma reprodução das notas bancárias especiais introduzidas nos guetos, para impedir a especulação. A administração interna dos guetos estava nas mãos de conselhos judaicos eleitos por eles próprios. Pode ser questão de opinião saber se esse arranjo era certo ou errado. Talvez o gueto seja uma entidade social humilhante, mas não é bárbara. Não é uma organização para a destruição de uma raça. Vamos nos lembrar de que os Estados Unidos internaram cidadãos alemães e japoneses, ao passo que a Inglaterra colocou os fascistas Mosley em muitos outros campos de concentração. Esse número de Signal era fácil de ser obtido em toda a Europa, naquela época.

Naquele tempo, a "consciência mundial" não levantou nenhuma objeção contra os guetos.

O que se queria dizer quando se falava em solução para a questão judaica? No livro Nuremberg na Terra Prometida, por Maurice Bardéche, é feita esta pergunta, quando se discutem os julgamentos de Nuremberg:

"Pelos documentos dos julgamentos, fica claro que a solução da questão dos judeus, conforme provada pelo líder do Socialismo Nacional, significa apenas concentrá-los todos num único lugar, separados dos alemães, e que esse lugar seria conhecido como reserva judaica.

"Isso seria um tipo especial de gueto europeu, e essa intenção pode ser reconhecida por vários decretos executivos ministeriais e por ordens interministeriais emanadas das mais altas autoridades do Reich. Não há nada mais além disso! Os que foram acusados em Nuremberg puderam afirmar, repetidamente, com a consciência limpa, que eles jamais tinham tido conhecimento de execuções em massa em Auschwitz ou em Treblinka durante toda a guerra, e que tinham ouvido falar nelas pela primeira vez pelo Promotor Público".

Então, como foi que os campos de concentração alemães vieram a existir?

Segundo informes do München Illustrierte, em 1958, foi dada uma resposta muito interessante a essa pergunta nos julgamentos de Nuremberg. Raymond H. Geist, judeu e Primeiro Secretário da Embaixada Americana em Berlim, quando o Socialismo Nacional subiu ao poder, em 1933, prestou um depoimento, sob juramento. Declarou que durante os primeiros dias que se seguiram à subida ao poder, as vítimas da Gestapo tinham atingido um número de várias centenas de milhares.

Mas Hermann Göering, o principal acusado nos julgamentos de Nuremberg, quando interrogado a respeito disso, respondeu ao juiz americano;

"No começo, houve, naturalmente, certos abusos de poder; algumas vezes, certas pessoas inocentes sofreram, mas em termos de amplitude, tanto de ações efetuadas quanto de movimento global, esse impulso alemão para a independência constitui a menos sangrenta e a mais disciplinada revolução da História".

A princípio, só líderes comunistas foram mandados para os campos de concentração. Depois de saber que Thälman, o líder do Partido Comunista Alemão, fôra brutalmente espancado, em "prisão protetora", Göering deu ordem para que Thälman fosse levado à sua presença e lhe disse:

"Meu caro Thälman! Se você tivesse se apossado do poder, você não teria sido espancado, mas, por outro lado, não tenho dúvidas de que teria ordenado minha pronta execução".

"Naturalmente!" — retorquiu o líder comunista.

Esse incidente prova melhor do que nada que no início não havia judeus nos campos de concentração alemães e que os próprios líderes do Partido Socialista Nacional impediram os maus tratos contra os internos.

O verdadeiro objetivo era o estabelecimento de um território especial para os judeus no Oriente. Esse era o projeto ao qual se fez referência, e os jornais e revistas contendo propaganda de guerra alemã publicaram fotografias ilustrando isso. Havia os modernos guetos, e em cada um a população judaica de todo um bairro trabalhava e vivia. Os alemães estavam convencidos de que venceriam a guerra, e então eles queriam expatriar os judeus da Europa. Portanto, os guetos orientais não representavam a terra natal permanente dos judeus, mas sim apenas uma reserva temporária. Mas até que ponto isso estava certo ou errado? Talvez os britânicos possam dar

a melhor decisão a respeito, pois, durante a Guerra dos Boers, colocaram em campos de concentração todas as mulheres e crianças, de modo que morreram mais mulheres do que homens.

No entanto, em nenhuma circunstância poderiam os britânicos serem acusados de exterminar os Boers. Eles se limitaram a colocar certas medidas de segurança em execução. É ainda mais compreensível que os alemães desejassem executar tais medidas de segurança, pois os judeus jamais negaram que eles não tinham escrúpulos em resistirem a eles, seja por meio de guerrilhas ou por atos de sabotagem. Além do mais, havia amplas bases para essas medidas, sob a lei internacional, já que os próprios judeus declararam que eram um grupo beligerante.

Será que os alemães algum dia tiveram intenção de exterminar os judeus orientais? Existem provas indiretas de que os alemães jamais tiveram tal intenção. Durante os ataques aéreos e os "bombardeios de saturação" de bairros residenciais, igrejas, hospitais e colônias de operários, pessoas irresponsáveis no seio da população desgastada pela guerra muitas vezes davam a ordem de que todos os operários judeus do Reich deveriam ser considerados como reféns. O homem comum da rua, à sua maneira simples e decente, argumentava que se os judeus ocidentais tinham ordenado ataques áereos contra mulheres e crianças inocentes, então essa barbaridade tornou justificável mandar as mulheres e as crianças judias para perecerem também sob as "cortinas" de bombas. Mas o partido e os líderes jamais cederam a essas exigências, embora a execução dessa política de ação teria exigido apenas dar aviso, através do rádio, de que os internos dos campos de concentração seriam transferidos para bairros residenciais e que alvos não militares seriam bombardeados com maior freqüência, de forma que eles pereceriam primeiro no bombardeio de saturamento.

Nos países do Leste, isto é, Polônia, Ucrânia e Lituânia, os judeus sofreram as suas maiores perdas. Mas até 1943, ninguém sabia nada dos assim chamados assassinatos em massa. Essas perdas foram sofridas nas guerrilhas ucranianas, quando os alemães foram forçados a fazerem reféns. Entre esses reféns havia um grande número de judeus, já que se sabe que geralmente os judeus ficam ao lado dos guerrilheiros. A grande pergunta é saber se um exército no campo de batalha tem o direito de fazer reféns durante a temível e massacrante guerra contra os guerrilheiros. Do ponto de vista do humanitarismo, isto é muito duvidoso. Em todo caso, no decorrer dos julgamentos de Nuremberg várias testemunhas depuseram que uma ordem escrita e assinada pelo general Eisenhower foi encontrada nos Montes Harz. Essa ordem mandava que para cada soldado americano morto, vinte reféns alemães fossem abatidos. É também digno de nota o fato de que durante a Guerra da Coréia os americanos eram obrigados a adotar "métodos alemães" contra os guerrilheiros. Aldeias inteiras foram varridas da face da Terra, só porque se desconfiava que houvesse guerrilheiros escondidos lá. Na página vinte e cinco da revista Colliers, de 26 de agosto de 1950, várias fotografias foram publicadas mostrando guerrilheiros e reféns capturados. A legenda em baixo da foto dizia: "Os acontecimentos da guerra mostram que na Ásia uma vida humana vale muito pouco. Sul-coreanos suspeitos de traição eram colocados em caminhões, que iriam levá-los para o lugar de execução. (Em alguns casos, suas costas eram quebradas antes que eles fossem fuzilados)".

Nessas fotografias, os guerrilheiros coreanos são vigiados por soldados americanos. E assim, pode ser visto que Eisenhower, bem como McArthur, achavam justificável fazer reféns. E no entanto, membros das forças de segurança alemã foram condenados à morte por terem obedecido a ordens exatamente da mesma natureza.

É extremamente interessante comparar acontecimentos atuais com os da Segunda Guerra Mundial. Podemos ler quase diariamente, em qualquer jornal, como os britânicos estão matando Mau Maus sem o mínimo resquício de sentimentalismo. (Nota: este livro foi primeiramente editado em 1958). Num dia, morrem 130, e no dia seguinte 34 membros da Mau Mau são executados. Mas hoje em dia, a "consciência mundial" simplesmente não dá importância a tais horrores, reconhecendo, com indiferença, que a Grã-Bretanha tem de usar essas medidas drásticas para garantir a ordem. Mas não há nenhuma dúvida de que os rebeldes dos guetos de Varsóvia eram pelo menos tão cruéis e tão fanáticos quanto os terríveis Mau Maus, e de que os judeus se tinham declarado um partido beligerante e que tinham agido como tal por toda a Europa. Mas as cadeias radiofônicas ocidentais e soviéticas jamais perdiam uma oportunidade de instigar o fanatismo do judeu europeu. Os locutores judeus de várias estações radiofônicas, gritando para o espaço, protegidos nos abrigos anti-aéreos, atraíam, na verdade, o destino sofrido pelos judeus nas mãos dos alemães.

As vidas humanas perdidas na guerra de guerrilhas não provam nenhuma intenção de exterminar os judeus. Os campos estavam sob constante supervisão de autoridades sanitárias e eram regularmente inspecionados até a época da invasão da Europa, em junho de 1944. Era calculado um espaço mínimo de quatro metros cúbicos para cada prisioneiro do campo de concentração. O campo de Belsen, perto de Bremen, acomodava 25.000 prisioneiros. Esse campo era na verdade um substituto para uma prisão. Os prisioneiros recebiam cuidados médicos regulares. Os que estavam muito doentes eram transferidos para hospitais. Os casos menos graves eram tratados no campo. Prisioneiros de origem estrangeira também podiam receber encomendas postais, como qualquer alemão. O gabinete do Promotor Público fazia investigações em cada caso, e os que eram julgados inocentes eram mandados de volta para seus países. Mas os que eram considerados culpados eram condenados à morte pelos tribunais militares e eram executados. Em 1944, a média de mortes naturais era de 200 mensais. Mas quando os bombardeios de saturação paralisaram os transportes e o sistema de comunicação do Reich, o sistema de racionamento tornou-se mais rígido e mais caótico, e em conseqüência as epidemias começaram a aparecer. O comportamento dos guardas do campo tornou-se mais severo, e a taxa de mortalidade aumentou. Mas, apesar de todas as desvantagens, Belsen não era um campo de extermínio. Por que, então, ele foi mostrado como um lugar de terror no filme de propaganda preparado pelos judeus americanos? Que tipo de propaganda de terror seria essa? Quem é responsável se, em conseqüência direta de bombardeios aliados, houve fome geral? Foram os alemães ou os aliados? Quais deles causaram o maior número de baixas fatais nos campos?

Shem, o jornal subterrâneo dos nacionalistas judeus na França, em 8 de julho de 1944 publicou um notável artigo, descrevendo condições nos campos de concentração da Alemanha Oriental. Nós devemos considerar tais relatórios como fontes fidedignas de informações, pois eles foram feitos por judeus, e foram baseados em experiências diretas. Tratam de maneira minuciosa de condições nos campos de Byslowitz, Chrszno, Kattowitz-Birkenau-Wadowitz, Meisso, Lager Oberlagenbielau, Waldenburg e Theresienstadt. Pode parecer que a vida num campo de concentração era dura para um prisioneiro, enquanto que em outro ela parecia ser mais tolerável e num terceiro poderia haver condições de vida até bastante boas. Em geral, os prisioneiros de todos os campos de concentração recebiam um tratamento bastante razoável. As mulheres tinham de fazer trabalho caseiro leve. Os homens trabalhavam na

construção de estradas e em construção, mas os operários habilidosos eram usados nas suas próprias profissões. Não existe uma palavra sequer, no relatório desse jornal judeu, sobre extermínio ou maus tratos dos prisioneiros. E também não existe uma única palavra, nessas narrativas, sobre a câmara de gás, campos de extermínio ou infanticídios. Pelo contrário! Shem narra que as crianças entre dois e cinco anos de idade eram mandadas para vários jardins da infância em Berlim, para gozarem dos cuidados da Cruz Vermelha Alemã e do Ministério do Bem-Estar Público.

Então, como foi que o mundo se deixou enganar por essa história fictícia de extermínio de seis milhões de judeus? Onde é que foram realmente fotografadas as cenas de câmaras de gás e de cadáveres mostrados no filme Todesmühle (Moinho da Morte)?

No fim de 1945, novos prisioneiros apareceram no campo de concentração de Dachau. Mas já não havia mais judeus, e sim alguns alemães derrotados — os "criminosos de guerra". Em seguida, eles receberam ordem de construir vários outros prédios auxiliares, com a maior rapidez possível. Mas, antes de mais nada, tiveram de destruir as belezas horticulturais dos acampamentos, pois seria um tanto difícil o público americano, acostumado a ir ao cinema, acreditar que os judeus estivessem sofrendo no meio de lindos jardins e canteiros de flores, principalmente quando eles iam ao cinema esperando ver cenas de horror. Assim, os operários receberam ordem de cavar um poço de sangue com um tubo para drenar o sangue, porque era preciso fazer crer que o sangue judeu estava jorrando em abundância ali. Os chuveiros, vestiários e salas de recepção tiveram de ser reconstruídos, para que dessem a impressão de uma câmara de gás. Para conseguir essa aparência, foi feita uma estrutura separada de concreto, com aberturas semelhantes a escotilhas, e ela ainda pode ser vista, em vários lugares, até hoje, visando provar que o letal "gás da morte" era introduzido por essas pequenas aberturas. Os operários cativos também receberam ordem de fazerem "um pátio especial de execução, visando mostrar onde as vítimas eram fuziladas na nuca".

Philip Auerbach, que se tornou Sub-Secretário do governo bávaro, bem como chefe e líder ativo dos judeus alemães, libertados dos campos de concentração, teve a brilhante idéia de que deveria haver, também, uma "árvore para enforcamentos" no campo. Um grande abeto, que havia no parque, foi embelezado e enfeitado, e além disso, para grande sorte de Auerbach, essa árvore tinha um galho forte projetando-se horizontalmente. Assim a extremidade desse galho foi cortada e o toco que ficou foi esfregado com cordas muito tempo, até que pareceu muito bem polido e capaz de fornecer prova de que todo dia centenas de judeus executados tinham sido pendurados naquela árvore.

Os judeus transformaram esse campo numa câmara de horrores, e uma placa comemorativa foi inaugurada. A inscrição que existe nela diz que 238.000 pessoas foram cremadas ali. Mas o crematório tinha só dois fornos. A fim de queimar os alegados 238.000 corpos, essas fornalhas teriam de ter funcionado durante três anos, sem parar nunca, e nesse caso 530 toneladas de cinzas humanas teriam sido recuperadas.

Com base em informações recebidas de um polonês subornado, em 1949, um oficial judeu americano da C.I.C. iniciou escavações em grande escala na horta de legumes do campo. Mas, apesar de todos os incansáveis esforços e despesas, nenhuma cinza de corpos judeus foi encontrada. Mas não admira! Já que os dois fornos do crematório tinham sido construídos depois da guerra, para as filmagens de Todesmühle.

O cardeal Faulhaber, o arcebispo alemão, informou os americanos que, durante os ataques aéreos contra Munique, em setembro de 1944, trinta mil pessoas foram mortas. O próprio arcebispo exigiu às autoridades alemãs da época que cremassem os cadáveres dessas vítimas no crematório de Dachau. Mas, infelizmente, esse plano não pôde ser executado. O crematório, tendo só um forno, não tinha capacidade para conter os corpos das vítimas, e tampouco podia caber os cadáveres dos judeus, conforme se alegou. Os únicos cadáveres cremados foram os dos prisioneiros do campo de concentração que morreram de morte natural.

Para concluir a história de Auerbach, ele foi condenado em 1952 e sentenciado a muitos anos de prisão por ter falsificado documentos visando mostrar que ele tinha pago vultosas quantias a judeus imaginários, como indenização.

As outras "provas" foram forjadas de maneira semelhante. Judeus trajando uniformes dos Estados Unidos mostraram ao prefeito de uma grande cidade alemã um fotografia e lhe disseram: "Veja aqui. Dizem que foi você quem mandou matar quase 20.000 judeus cujos corpos podem ser vistos nesta fotografia!" A fotografia mostrava uma cena macabra, isto é, restos e pedaços distorcidos de corpos humanos. Mas o prefeito retorquiu, de maneira lacônica: "Esses cadáveres não são de judeus. São corpos dos habitantes desta cidade, mortos nos ataques aéreos. Eles são todos alemães. A propósito, eu posso provar que eu próprio ordenei que fizessem este retrato quando eu era Chefe de Polícia.

Atualmente, milhares e milhares de provas semelhantes podem ser produzidas, mostrando os fantásticos métodos e truques usados para espalhar a história fictícia de que seis milhões de judeus foram exterminados, forjada por propagandistas judeus, produtores de filmes, oficiais e carrascos da C.I.C.

Bem, o que realmente aconteceu com aqueles seis milhões de judeus, sendo que está até planejada a construção de um monumento a esse fato em Manhattan?

Em 12 de junho de 1946, o Baseler Nachrichten publicou a notícia de uma entrevista coletiva realizada em Genebra por destacados membros do Congresso Mundial Judeu, na qual o Dr. M. Perlzweig, o delegado de Nova Iorque, fez a seguinte declaração: "O preço da queda do Socialismo Nacional e do Fascismo é o fato de que sete milhões de judeus perderam suas vidas graças ao cruel "anti-semitismo". O número de judeus que sobrevive hoje na Europa é de um milhão e meio".

Mas no seu número seguinte, o Baseler Nachrichten foi forçado a abrir espaço para o relatório de um correspondente americano, desafiando a autenticidade dessa cifra de propaganda nos termos mais fortes possíveis. Esse relatório observa, antes de mais nada, que se esse número fosse certo, as perdas de vidas judias na guerra teriam sido maiores do que as da Grã-Bretanha, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, França, Bélgica, Holanda e Dinamarca, TODOS JUNTOS.

O fato mais notável, em tudo isso, é que, em 1933, o número total de judeus europeus, excetuando os que se achavam na União Soviética, era de 5.600.000. Esse número era bem conhecido pelo Congresso dos Judeus Americanos, de estatísticas publicadas no New York Times em 11 de janeiro de 1945. Desses 5.600.000, um milhão deve ser deduzido, relativo à quantidade de judeus remanescentes do leste da Polônia além da linha Molotov-Ribbentrop, aos quais nada aconteceu, até 21 de junho de 1941, quando estourou a guerra entre Alemanha e Rússia. Segundo estatística do Baseler Nachrichten, cinco milhões de judeus estavam morando na Europa, fora os da Rússia Soviética. Mas desses cinco milhões, é preciso deduzir os judeus

que viviam em países neutros, já que nada lhes aconteceu. Pelos dados estatísticos do Almanaque Mundial de 1942, o número de judeus que viviam em Gibraltar, nas Ilhas Britânicas, em Portugal, Espanha, Suíça, Irlanda e Turquia era de 420.000.

Portanto, a quantidade de judeus que estavam ao alcance do Socialismo Nacional Alemão jamais poderia ser mais de 4.500.000. A mesma fonte neutra de informações, o Baseler Nachrichten, referindo-se a dados estatísticos disponíveis sobre os judeus, estabelece que entre 1933 e 1945 1.500.00 judeus emigraram para a Grã-Bretanha, Suécia, Espanha, Portugal, Austrália, China, Índia e Palestina, sem falar nos Estados Unidos, para onde oitenta por cento dos imigrantes chegando com os alemães, australianos, poloneses ou tchecos, eram constituídos por judeus. Segundo o relatório do Baseler Nachrichten, meio milhão de judeus fugiram para a Sibéria antes que os exércitos alemães desfechassem o seu ataque contra a Rússia Soviética. Portanto o número de judeus que ficaram na esfera de influência de Hitler não poderia ter sido mais de 2.500.000. Mas em 1946, novamente excetuando a Rússia, havia ainda 1.559.600 judeus vivendo na Europa!

''Mas hoje, uma coisa é certa: a suposição de que as perdas de vidas de judeus foram entre cinco e seis milhões (uma suposição adotada pela Comissão Palestina) é completamente absurda. O número máximo que se pode imaginar é de que tenha sido entre 1 e 1,5 milhão de vítimas, já que não havia mais judeus ao alcance de Hitler e de Himmler, e podemos calcular, com base em todos os raciocínios razoáveis, que as verdadeiras perdas de vidas judias estiveram abaixo desse número''.

As autoridades de ocupação americana na Alemanha efetuaram uma investigação de pós-guerra para determinar o número de pessoas que haviam perecido nos campos de concentração. Segundo o relatório conclusivo, publicado em 1951, morreram 1,2 milhão de pessoas nesses campos durante todo o período de existência dos mesmos. Esse número inclui judeus, ciganos, ucranianos e indivíduos de todas as nacionalidades, isto é, todos prisioneiros que faleceram de morte natural nos campos de concentração. Portanto, mesmo pela estimativa mais elevada, a quantidade de judeus que pereceram não pode ser superior a 500.000 ou 600.000 pessoas. Em comparação com isso, os países cristãos sofreram perdas imensamente maiores. Vamos considerar a pequena nação húngara, cuja população total é aproximadamente a mesma do mundo judeu. As perdas de vidas húngaras, inclusive as vítimas dos ataques aéreos e dos que morreram gelados nos campos de morte da Sibéria, chegaram pelo menos a um milhão. E o que dizer das perdas de vidas alemãs? Três milhões e seiscentos mil soldados alemães morreram em ação na guerra que os judeus forçaram a Alemanha a travar. Um milhão e duzentos mil civis foram mortos nos bombardeios de saturação, enquanto que dois milhões e quatrocentos mil alemães orientais, juntamente com seiscentos mil alemães sudetos e duzentas mil outras pessoas de origem alemã foram massacradas no fim da guerra. Um milhão e quatrocentos mil alemães pereceram ou foram assassinados nas cadeias, campos P.O.W. e campos de concentração dos Aliados e da União Soviética

Foi por isso que os verdadeiros criminosos de guerra tiveram de inventar uma lenda de martírio dos judeus para contrabalançar toda essa horrível carnificina demonstrada pelos fatos e pelos números acima citados. E toda essa propaganda gigantesca foi ajudada por todas as organizações oficiais judaicas, todos os jornais judeus, como o New York Times, etc., mas tendo todos os judeus, quer fossem estadistas destacados ou pequenos operadores do câmbio negro, ficado na sombra, agindo na surdina. No seu número de 1 de maio de 1946, o New York Times publicou a sua famosa

estatística, segundo a qual o número de vítimas judaicas tinha sido de seis milhões. No Die Neue Zeitung de 4 de fevereiro de 1946, um órgão semi-oficial das forças de ocupação americanas, a Comissão de Distribuição Conjunta publicou sua estatística, segundo a qual o número de judeus que pereceram na Segunda Guerra Mundial foi de 5.012.000. Ambas essas estatísticas são obras-primas de magia e resultado de uma coleção de falsidades. Tudo indica que os que compilaram esses falsos dados pensavam que o resto do mundo fosse ignorante e imbecil.

Churchill disse que existem duas espécies de mentiras: a mentira descarada e as estatísticas. Mas as mentiras a que estamos nos referindo representam uma combinação das duas. É evidente que, para alcançar esse resultado visado, os judeus simplesmente aumentaram o número de judeus que viviam na Europa em 1939.

Mas a principal questão a abordar é se o número de sobreviventes foi citado corretamente pelos judeus. Os vários jornais judeus escritos em húngaro e editados em diferentes partes do mundo não se cansam de frisar que seiscentos mil judeus pereceram na Hungria. Contrastando com isso, a estatística do New York Times fixa em duzentos mil o número de judeus que morreram na Hungria, enquanto que o Departamento Central de Estatística de Budapeste, que em 1946 era o único órgão que controlava os judeus e os democratas populares, declara que as perdas dos judeus foram de cento e vinte mil pessoas. Mas até mesmo os números do Departamento de Estatística Húngara foram obtidos apenas por comparação dos dados legais de certidões de óbito com as declarações dos judeus que voltaram para a Hungria. Vale notar que na seção relativa à Hungria, uma linha pontilhada sem nenhum algarismo junto aparece defronte à lista de pessoas húngaras desaparecidas. Pode-se deduzir disso, que não ficou nenhum judeu desaparecido na Áustria nem na Alemanha. Mas a verdade é que 35.000 judeus húngaros jamais voltaram à Hungria dominada pelos soviéticos. Portanto, se esse dado é para ser levado em conta, as perdas de judeus húngaros não seriam de 120.000, mas apenas 85.000. O New York Times observa que 25.000 judeus húngaros que chegaram à Rússia como membros de divisões de mão-de-obra e foram capturados lá mais tarde, não são levados em conta na lista de judeus húngaros perdidos. Mais tarde, todos eles voltaram para a Hungria, cheios de saúde. Assim, como estimativa razoável das perdas de judeus húngaros estaria em torno de 60.000 pessoas.

Fraudes de estatística semelhantes podem ser assinaladas referentes também a judeus franceses. O Promotor Público que representava aquela parte do indiciamento relativo à França durante os julgamentos de Nuremberg declarou que 120.000 judeus foram deportados por motivos raciais. O New York Times declarou que de 320.000 judeus franceses havia 180.000 sobreviventes apenas. Assim, 140.000 tinham perecido. Mas como? O leitor pode perguntar quando, segundo o próprio Promotor Público Francês, havia apenas 120.000 deportados. Além do mais, grande número desses deportados também sobreviveu. O livro A Sua França, por Bradley, nos dá conta das atrocidades praticadas contra o povo francês pelos judeus libertados de campos de concentração.

Mas fraudes maiores e ainda mais berrantes podem ser vistas na estatística relativa aos maiores aglomerados de judeus, isto é, na Polônia e na Rússia. Segundo as histórias inventadas pela Comissão de Distribuição Conjunta e o New York Times, de três milhões, duzentos e cinqüenta mil, restaram apenas oito mil sobreviventes. A fraude mais flagrante é que, segundo o jornal "Poland", não foram deixados judeus poloneses (desaparecidos) na Alemanha Ocidental nem na Áustria. Pelo con-

trário eles enxameiam lá aos milhares, nos mercados negros! Mas infelizmente, uma surpresa muito desagradável veio estragar a crença de âmbito mundial de que havia apenas cinqüenta mil sobreviventes dos judeus poloneses. De repente, cento e cinqüenta mil judeus poloneses chegaram ao Ocidente, fugidos dos Pogroms poloneses. Eles foram levados rapidamente para a Palestina e para os Estados Unidos. A emigração deles foi feita em tempo recorde.

Aqui está outro ponto digno de nota. Na estatística da Comissão de Distribuição Conjunta, a Rússia Soviética nem sequer é mencionada. Qual é a posição dos judeus da Rússia? A Comissão dá apenas a seguinte informação: "Outros países e o Continente" — "Perdas: 139.000 pessoas". Mas o New York Times corrige esses algarismos e diz que, incluindo a população judaica da Estônia, Letônia e Lituânia, de 3.550.000 judeus apenas 2.665.000 sobreviveram. Isso significa que 885.000 judeus bálticos e russos pereceram.

Não há dúvida de que nesses países os judeus sofreram consideráveis perdas e não apenas na guerra de guerrilhas. As tropas alemãs do Leste não cometeram atrocidades contra os judeus. A população ucraniana matou alguns milhares de judeus, mas eles mataram esses judeus não como judeus, e sim como opressores e algozes bolchevistas. Em Odessa, as tropas romenas ensaiaram um massacre como represália a uma tentativa de ataque aos seus quartéis-generais. Mas as tropas alemãs impediram essa violência.

Conforme o jornal Der Weg provou, os supostos "inquisidores" foram mandados para a Europa já no distante ano de 1945. Esses "inquisidores" consistiam de até cem por cento de judeus americanos e de judeus alemães que tinham emigrado para escapar de Hitler. Eles iniciaram suas inquisições em 1945 e quando seus registros estavam em forma de resumo, parecia que doze milhões de judeus tinham sido mortos pelos alemães nas câmaras de gás. Esse resultado foi, evidentemente, alto demais, mesmo para o judeu Walter Lippman, que avisou os judeus que trabalhavam no New York Herald Tribune que, usando números tão evidentemente falsos, eles estavam prejudicando apenas a si mesmos. Como resultado desse artigo destacado, o número de judeus "assassinados" pelos alemães baixou de repente para apenas seis milhões.

Sempre se pode fazer a pergunta sobre se teria sido fisicamente possível matar tantos judeus quantos a propaganda alega que foram mortos. Os alemães tiveram tempo suficiente para isso? Será que eles possuíam instalações adequadas e suficientes para isso? E então, por que foi necessário construir crematórios tão rapidamente para cenas de filmes de propaganda? Será possível que os judeus fizeram esses crematórios adicionais para fazer crer que seus números estatísticos eram verdadeiros? Seria necessário para os alemães matarem sistematicamente os judeus, quando eles estavam sempre com escassez de mão-se-obra e poderiam ter usado os judeus para finalidades muito melhores na produção de guerra?

O suposto "extermínio" não teria começado antes da primeira metade de 1944. Poder-se-á acreditar que durante esse curto espaço de tempo, isto é, do início de 1944 até o fim da guerra, os alemães tenham matado seis, cinco ou mesmo apenas três milhões de judeus, conforme asseguram várias "fontes"? Afinal de contas, atualmente é um fato bem sabido que a população alemã não sabia nada da existência dos campos de concentração de judeus. Portanto, é inimaginável que os alemães pudessem ter executado massacres das proporções dos praticados pelos seus inimigos nas praças públicas de Praga. Havia apenas pequenas unidades de guarda, em serviço, nos campos de concentração, e até mesmo elas foram substituídas mais tarde pela polí-

cia dos campos, muitas vezes também parcialmente constituída por judeus, que mantinham a ordem e zelavam pelos prisioneiros. Dificilmente se pode conceber que houvesse um número tão grande de judeus nos campos de concentração, pois nesse caso eles seriam tão numerosos quanto as forças armadas germânicas. Numa época em que os alemães enfrentavam todo tipo de dificuldades e problemas relativos ao transporte de munição, víveres e gasolina, seria provável que eles tivessem deixado de transportar coisas vitais às suas esperanças de vitória e à sua própria sobrevivência, para transportarem apenas judeus? Seria razoável supor-se que o massacre em massas de tantos judeus pudesse ser mantido em absoluto sigilo? Por que a rádio russa ficou em silêncio sobre isso? E por que os propagandistas do Ocidente não disseram nada sobre esses pseudos extermínios? Uma vez que eles conheciam os segredos mais íntimos do Estado-maior alemão e do Partido Socialista Nacionalista por meio de espiões e de traidores, certamente teriam sabido desses "extermínios". Por que eles só começaram a falar nessas atrocidades quase no fim da guerra?

A verdade sobre o extermínio de seis milhões de judeus tem, portanto, de estar atrás da Cortina de Ferro, e por trás dos luxuosos bastidores da política americana de 1945.

Como seria possível multidões tão grandes de judeus aparecerem na Tchecoslováquia, na Polônia, na Hungria e na Bulgária, no outono de 1945 e na primavera de 1946, que a população desses países pensava estar sofrendo uma segunda ocupação?

E, ao que parece, uma testemunha judaica legítima dá a resposta certa a muitas dessas perguntas. Ele é Louis Levine, presidente do Conselho Americano Judeu para o Socorro Russo, que fez uma viagem, depois da guerra, a toda a União Soviética e que depois apresentou um relatório completo sobre a situação dos judeus naquele país.

"No início da guerra" — disse Levine, em Chicago, em 30 de outubro de 1946 — "os judeus estavam entre os primeiros a serem evacuados das regiões ocidentais ameaçadas pelos exércitos invasores de Hitler, e foram remetidos, sãos e salvos, para trás dos Montes Urais e para outros pontos seguros da União Soviética. Eles se misturaram com o povo, já como bolchevistas dominantes, para assumirem o poder nos países por trás da Cortina de Ferro".

O que foi feito do resto deles? Onde estão os outros judeus "mortos"? O crescimento incrivelmente rápido da população judaica dos Estados Unidos, Canadá e América do Sul dá uma resposta esclarecedora a esta pergunta. Já nos referimos aos judeus emigrados para a Europa, em 1945, em número de meio milhão. Acontece, também, que já sabemos que quarenta e um mil judeus, com a ajuda de parentes influentes e de depoimentos sob juramento, conseguiram emigrar da Europa diretamente para os Estados Unidos, antes que a Lei de Pessoas Deslocadas (Displaced Persons Act) fosse aprovada. Também já mencionamos que antes e durante a Segunda Guerra Mundial, de vinte e sete a cinqüenta por cento e até, em algumas vezes, oitenta por cento dos imigrantes para os Estados Unidos, consistiam de judeus. Durante os cinco anos que se seguiram ao fim da guerra, outra onda de imigrações judaicas desabou sobre os Estados Unidos. Eles chegaram lá ou como DPs (pessoas desaparecidas) ou como imigrantes comuns, vindos da Inglaterra e da França, ou talvez como passageiros de luxo vindos de trás da Cortina de Ferro. Chegavam usando distintivos de organizações tais como Conferência Católica de Guerra ou Serviço da Igreja Mundial. Alguns vinham com seus documentos em ordem, outros com passaportes falsificados. Os judeus, sozinhos, tinham uma quota de DPs maior do que todos os outros países

juntos. Mas nem isso satisfez Herbert H. Lehman, o senador de Nova Iorque, que declarou que a Lei de Pessoas Deslocadas era "anti-semita". Mas acontece que as autoridades de imigração dos portos de Nova Iorque e Boston e as autoridades dos Consulados Americanos estavam longe de serem "anti-semitas"; é que eles eram judeus, na sua grande maioria.

Segundo a estatística mais recente, o número total de judeus é cerca de quinze milhões. Mas, se assim for, então é absolutamente impossível que seis milhões ou mesmo um milhão de judeus tenham sido "destruídos". O número de judeus americanos tem diminuído desde a guerra. Antes da guerra, as sinagogas judaicas tinham apenas 4.081.242 membros ativos. Os ateus, agnósticos convertidos e comunistas que se consideravam judeus por motivos políticos mas não religiosos não estão incluídos nesse número, que, em todo caso, tem de ser considerado como não confiável, uma vez que foi elaborado com a única finalidade de favorecer os interesses dos judeus. Mas nós podemos provar o tremendo aumento no número de judeus americanos a partir dos números contidos nas estatísticas lingüísticas, em todo caso, são mais confiáveis do que os relacionados com credo e religião. Segundo eles, 2.270.000 pessoas falavam ídiche só em Nova Iorque, e a estatística de 1950 do Congresso Mundial Judeu nos conta que o número total de judeus no mundo chega apenas a 11.473.353. Mas, apesar desse dado estatístico, parece ser fora de dúvida que a população judia dos Estados Unidos atingiu a cifra de sete milhões. No entanto, é provável que o Dr. Cecil Roth, historiador judeu professor da Universidade de Oxford, tenha chegado à conclusão mais exata. Esse corajoso historiador e líder judeu fez uma conferência na Sinagoga B'nai B'rith Jehuda, em Kansas City, no dia 18 de março de 1952, na qual ele declarou que dois terços da população judia do mundo viviam nos Estados Unidos. Segundo Cecil Roth, o total da população mundial judaica, inclusive membros secretos, é de dez milhões. (Edmondson: Eu Deponho, pág. 57).

Os "mortos" judeus, conforme demonstrado pelos falsos números das estatísticas forjadas de Nuremberg, estão, de fato, vivos, ou atrás da Cortina de Ferro soviética ou por trás das cortinas luxuosas da política de Roosevelt. Assim, essas estatísticas fraudulentas multiplicam por dez o verdadeiro número de judeus que pereceram na Segunda Guerra Mundial. As Nações Unidas jamais ousaram fazer uma pesquisa imparcial sobre o assunto das alegadas seis milhões de vítimas judaicas, e a Alemanha, embora estivesse vivendo sob ocupação militar, não teve oportunidade de publicar a estatística oficial em mãos alemãs referentes aos campos de concentração para que os verdadeiros fatos pudessem vir à luz. No entanto, as listas contendo os nomes dos internos de vários campos de concentração, juntamente com todas as outras provas, estão lá, nos arquivos do Governo Federal Alemão. Por que os alemães não ousam publicá-las? Porque se o fizessem, os conquistadores do mundo fariam imediatamente malograr a fantástica recuperação financeira da Alemanha.

Esse número de propaganda era necessário para grangear a simpatia do mundo. Elevando o número de mártires, a conquista do mundo se tornaria mais fácil e os povos não judeus poderiam ficar mais à mercê do terror.

Se o mundo judeu tivesse declarado a pura verdade, e dado os números corretos das vítimas judaicas, isso teria garantido para eles uma vitória moral nesse debate. Mas, com suas mentiras, o resultado disso foi que jogaram por água abaixo o seu lado moral e afastou a simpatia do mundo. Centenas de milhares de pessoas foram torturadas, numa orgia de vingança, pelo mau trato infligido aos judeus. No entanto, o número de judeus vitimados hoje na Europa é muito maior do que o número de már-

tires judeus no regime de Hitler. Dia virá em que a História decidirá quem foram os verdadeiros carrascos dos judeus e quem os tratou mais barbaramente.

Em 6 de abril de 1951, em Aufbau, o jornal judeu de Nova Iorque, o seguinte apelo foi publicado em alemão, sob o título "Israel está procurando testemunhas": "O Ministro da Justiça de Israel em Jerusalém está procurando testemunhas nos casos de várias pessoas sob investigação por terem praticado graves crimes contra a humanidade e contra a nação judaica durante a Segunda Guerra Mundial. Quase todos eles são acusados de crimes cometidos contra prisioneiros de campos de concentração (judeus)". E os seguintes nomes foram citados: Andre Banek, Mordechai Goldstein, Ria Regina Hanzova, Jacob Honnigmann, Pinkus Pshetitzky, Moses Puesitz, Dr. Joshua Sternberg e Trenk Elsa. Dessas oito pessoas, sete são judeus.

"Como pode ter sido possível?" pode perguntar o homem do povo, que só tem sido informado das alegadas atrocidades da S.S. Como poderiam judeus cometer atrocidades contra judeus nos campos de concentração? Isso não seria outra história imaginária inventada pelos nazistas?"

O Hungarian Daily Journal (Magyar Jövö), um jornal comunista de Nova Iorque, em 27 de abril de 1951 publicou novamente um artigo escrito por Sándor Grossman, publicado pela primeira vez no jornal sionista Hatikva, editado em Buenos Aires, que dizia:

"A atenção da imprensa mundial está voltada para reportagens publicadas em jornais israelenses. Segundo essas reportagens, o tribunal de Tel-Aviv está realizando longas sessões para fazer luz sobre as atividades de certos membros da Polícia KZ (KZ - campo de concentração). Foi assim que se soube que um médico judeu de Chedera tinha tratado pessoas deportadas com grande crueldade. Ele matou judeus por meio de injeções mortíferas. Recusou-se a prestar serviço médico em muitos casos, alegando: Você vai morrer de qualquer maneira, como um cão!" prestando depoimento, algumas testemunhas relatavam coisas ainda piores de outro médico. Um terceiro ex-membro da Polícia KZ espancou e torturou os seus irmãos judeus e causou a morte de muitos deles.

"Essas últimas acusações, feitas contra ex-membros da Polícia KZ, trouxeram à luz muitos atos de violência, que podem ser taxados de horríveis e de incrivelmente cruéis. É o crime de uma década de liderança judaica oficial deixar que uma classe social maléfica se desenvolva. Pois seus membros ultrapassaram tudo que se possa imaginar em termos de atos inescrupulosos, que superam em muito as horríveis aberrações mentais dos patifes fascistas e deixar que eles satisfizessem seus instintos baixos, torturando e aleijando os seus próprios irmãos e irmãs de raça. Não precisamos ir longe, seja na Hungria ou em qualquer outro dos países fascistas, para encontrar os principais culpados: os educadores da Polícia KZ e seus predecessores. Esses homens estavam sempre bem na vanguarda das comunidades religiosas judaicas e escritórios das organizações sociais judaicas".

Não é nenhum "anti-semita" parcial quem está escrevendo isto, mas sim um nacionalista judeu, nas colunas de um jornal judeu. E embora não tenhamos a lista completa de casos semelhantes, valerá a pena assimilar um ou dois deles aqui.

Na página quatro do número de dezembro de 1946 do jornal social-democrático Népszava, de Budapeste, apareceu o seguinte artigo (seu título era: Nelly do Chicote"): "Ela sempre tinha o máximo cuidado de ocultar o seu nome e a sua origem e mandava matar todos que podiam revelar sua identidade. Segundo o indiciamento, "Nelly do Chicote" era uma comandante de bloco, e foi nesse posto que cometeu

suas atrocidades. No auge do inverno, ela ordenava às mulheres que fizessem fila, nuas, diante do banheiro, e fazia-as esperar várias horas, tanto antes como depois do banho. Expondo as mulheres sob seu controle ao intenso frio, ela conseguia matar muitas delas. Maltratou uma das deportadas — uma moça chamada Magda Löwi, que não estava no seu bloco e portanto não estava sob suas ordens — chicoteando-a meia hora sem parar, até que a moça mal pôde ser reconhecida, e tendo todo o seu corpo ficado cheio de ferimentos. Muitas vezes, "Nelly do Chicote" derramava líquidos ferventes sobre as infelizes prisioneiras, e assim estas sofriam fortíssimas queimaduras. Em vez de distribuir os alimentos à sua unidade, ela os roubava, e assim o número de pessoas que morreram de inanição foi várias vezes superior ao de qualquer outra das barracas. Ela deixou de distribuir as provisões mais necessárias durante o severo inverno de 1945, vendendo-as e embolsando o dinheiro".

A Sra. Mor Klein foi condenada à morte pelo tribunal popular e assim foi o único verdadeiro criminoso de guerra a pagar pelos seus crimes.

Em 1947, outro jornal de Budapeste, Világ (O Mundo) fez outra narrativa semelhante, sob o título: "Ela chicoteou os seus companheiros em Auschwitz". O jornal narra que "Tigresa Klara" foi presa num dos luxuosos restaurantes da cidade. A narrativa prossegue: "Essa mulher sádica era comandante dos Barracões números A/7 no campo de Auschwitz. Segundo o depoimento de várias testemunhas, essa mulher, que tinha vinte e cinco anos de idade, andava pelo campo de concentração com um chicote numa das mãos e um cacete na outra. Ela chicoteava implacavelmente as mulheres deportadas, e pelas mínimas faltas ordenava que ficassem ajoelhadas durante várias horas, até que desmaiassem de esgotamento. Ou então, mandava colocar uma pilha de tijolos sobre suas costas ou sobre seus peitos.

Como ficou provado em Nuremberg, os guardas da S.S. foram designados para os campos de concentração por volta do fim de 1943 e na primeira metade de 1944. Nos campos, afora os auxiliares diretos do comandante, só ficaram a Polícia Judaica da KZ e os comandantes de blocos.

Se algum dia a verdade vier à tona, o mundo ficará sabendo quem foram os verdadeiros algozes dos judeus e o que aconteceu aos seis milhões de judeus "errantes".

Capítulo XII

Perseguição Econômica e Espiritual

Seis milhões de fantasmas, uma fantástica lenda de judeus assassinados, serviram como um grande investimento de capital para os conquistadores do mundo. Não queremos inocentar ninguém, e reconhecemos perfeitamente que mesmo que os judeus que pereceram na Segunda Guerra Mundial tivessem sido de apenas 600.000, isso constituiria um crime tão enorme, como se o número de chacinados tivesse sido de seis milhões. Mas, então, o assassinato, em Praga, dos alemães sudetos, o massacre dos romenos da Moldávia, dos gregos e dos húngaros, foram também crimes enormes.

Esses crimes tornaram-se realmente sinistros quando uma história fictícia de propaganda, multiplicando o verdadeiro número de vítimas judaicas por dez, foi usada não apenas para levar a cabo a vingança do Velho Testamento, mas também para servir de pretexto para um renovado terror mundial. Mas, para que esse terror se tornasse firmemente estabelecido, não era suficiente apenas matar fisicamente em Nuremberg, porque o espírito também tinha de ser assassinado. Não apenas o espírito do "nazismo" germânico, mas o espírito da Cristandade. Na "espiritual Nuremberg", os verdadeiros acusados não foram Goering, Rosenberg e os outros líderes nazistas, mas sim a pessoa do próprio Senhor Jesus Cristo.

Em 1946, foi realizada uma conferência judaica na Suíça, e na sua agenda, entre outras coisas, estava uma proposta para emendar o Novo Testamento nas partes em que se apresenta uma imagem desfavorável do judaísmo, e foi sugerido que todos os exemplares disponíveis do Novo Testamento fossem confiscados. (Maurice Bardéche: Nuremberg ou A Terra Prometida). Ao mesmo tempo, judeus de Amsterdam queriam encenar um rejulgamento de Cristo, ante o tribunal de Jerusalém, a fim de "reabilitarem" Cristo. É mais ou menos por volta dessa mesma época, uma nova atração estava sendo preparada em Hollywood. A imprensa mundial noticiou que um novo filme de Cristo estava sendo feito, tendo o Charlie Chaplin de pernas tortas no papel principal. Enquanto isso, os rabinos estavam exigindo que o canto das canções cristãs nos colégios dos Estados Unidos fosse proibido porque lhes feria a sensibilidade. An-

na Rosenberg, a Sub-Secretária Assistente de Guerra, não quis permitir que fossem colocados crucifixos sobre os túmulos dos soldados mortos em ação durante a Guerra da Coréia, quando havia soldados judeus enterrados nesses cemitérios.

Knut Hamsun, um dos maiores escritores europeus dos nossos tempos, surdo e meio cego, foi uma vítima típica do terror espiritual. Embora com oitenta e cinco anos de idade, esse homem, famoso e amplamente respeitado, foi reduzido ao silêncio: foi preso num hospício para loucos furiosos. Knut Hamsun estava ao lado não tanto do nazismo mas sim da ideologia germânica, pois ele próprio tinha antepassados alemães da mais pura estirpe. Mas para os judeus, o simples fato de que um intelectual mundialmente famoso apoiava as concepções do Socialismo Nacional Alemão, era insuportável. Em todo caso, não foi possível apresentar Knut Hamsun ao mundo como um homem sem instrução, ignorante, um ibecil. De maneira semelhante, outro grande gênio alemão, Sven Hedin, não podia ser confundido com um soldado da S.S. ou com um gaiato. Por isso, Knut Hamsun, com seus cabelos brancos e com seus oitenta e cinco anos de idade, foi arrastado perante um tribunal "norueguês", acusado de "traição". Ele foi condenado a trinta anos de prisão, juntamente com sua esposa, apenas para marcá-lo. Aqueles que não são servos dos conquistadores do mundo devem ser considerados culpados. E eles são culpados porque atrás deles avulta a sombra de seis milhões de mártires judeus! Mas o grande escritor, sem se deixar abater, falando em nome da elite cristã européia perseguida e enforcada, declarou, em tom de desafio:

"Posso esperar outra ocasião e outro tribunal. Talvez chegue um dia, amanhã ou talvez daqui a cem anos, mas eu posso esperar. Tenho tempo suficiente. Não faz diferença se eu estiver vivo ou morto. Mas eu posso esperar, e esperarei".

E quando, já meio cego, ele ainda tentou escrever para ganhar o seu pão de cada dia, foi trancado num hospício.

"Eu posso esperar!" — ecoa sua voz, do alto da imortalidade, vibrando com a fé inquebrantável de uma Europa dividida em pedaços.

Muito semelhante à tragédia de Knut Hamsun, é a de Ervin Guido Kolbenhayer, um dos maiores escritores alemães, o autor da História de Paracelso. Ele foi arrancado da sua casa, e um emigrante judeu presidiu ao tribunal "alemão" que o condenou. Ele foi proibido de usar seu talento de escritor, como se um escritor pudesse ser proibido, em nome da liberdade e da democracia, de cumprir a sua missão divina usando o talento que Deus lhe deu. Sim, ele também enfrentou o espírito de perseguição e de aniquilação de Morgenthau. Kolbenhayer também declarou a verdade:

"Todos que tentam defender-se ou executar a si mesmos são considerados culpados".

É um fato bem conhecido, hoje em dia que as listas negras elaboradas contra os intelectuais foram levadas para a Alemanha muito antes do que as listas referentes aos membros da SS. citados como criminosos de guerra. Aqueles conquistadores de guerra que voltaram dos Estados Unidos e que eram, na maioria, comunistas fanáticos, compilaram e levaram essas listas com eles, quando chegaram na qualidade de autoridades em diversão teatral ou como jornalistas trabalhando em ligação com o exército dos E.U.A. Embora usassem uniformes americanos, eles não representavam os Estados Unidos de Washington, uma vez que se via neles representado o espírito intolerante e vingativo do chauvinismo judeu. Essa turba, constituída de intelectuais fanáticos judeus, foi um calamitoso presente da terra da liberdade, e repudiava todas as doutrinas judaicas anteriores referentes a humanidade, filantropia e progresso,

isto é, todos aqueles princípios afivelados no rosto como uma máscara, ao passo que, anteriormente, os judeus usavam como disfarce a capa da democracia. Essas pessoas tinham um único objetivo: destruir toda e qualquer concorrência por parte das classes sociais intelectuais e profissões intelectuais, e eliminar a intolerável superioridade das perspectivas cristãs.

Dizia-se que nos campos de batalha, bem como a nível de propaganda, estava sendo travada uma luta pela liberdade da humanidade e do espírito humano. No entanto, agora, as listas negras, a censura, a cassação de profissionais, o abafamento da verdade e as ameaças terroristas foram trazidos dos Estados Unidos de Roosevelt para o continente europeu, onde se instalaram no centro da cultura humana.

O terror espiritual, levado a efeito sob o escudo da bandeira americana, desonrou os Estados Unidos e desacreditou para sempre os slogans de liberdade americana, já que até hoje os Estados Unidos não fizeram nenhuma justificação oficial por terem permitido essa perseguição.

Na lista negra estavam os nomes de Sauerbruch, o maior gênio médico da Europa do atual século, e Wilhelm Furtwängler, o maior maestro do mundo ocidental. Essas listas negras de judeus continham nomes tais como Richard Strauss, Luise Ulrich, Emil Jannigs, Herbert von Karajan, Clemens Krauss, Julius Patzak, Walter Gieseking, Vasa Prihoda, um violinista de fama mundial Paul Linke, Werner Krauss e centenas de outros. Fredl Weiss, o famoso humorista, que sempre fazia piadas à custa de Hitler, também foi levado a julgamento. Esse terror judeu não hesitou em rotular um gênio intelectual como Gerhardt Hauptmann como "suspeito", porque ele ousou escrever algumas linhas tristes sobre as ruínas de Dresden. Leo Slezak foi rotulado de "nazista", e Max Schmeling foi apontado como um líder de campo de concentração. Até mesmo algumas pessoas mortas foram incluídas na lista, tais como Heinrich George, que morreu num campo de trabalho forçado soviético, e Paul Linke, o grande compositor, que já estava morto muito antes que a "libertação de Hollywood" acontecesse.

Gerhart Eisler era o líder dessa quadrilha de massacre espiritual. Ele era uma figura típica de chauvinismo judaico, na verdade um comunista, que a Sra. Eleanor Roosevelt fez entrar ilegalmente nos Estados Unidos, e de onde mais tarde ele penetrou ilegalmente também na Zona Oriental da Alemanha. Com ele voltaram, também, muitos funcionários da imprensa e do teatro trajando uniformes americanos. Os emigrantes foram trabalhar no Aufbau, um jornal judaico de Nova Iorque, juntamente com uma quadrilha de gente que escrevia, composta de assassinos de paletó e gravata, que se estabeleceu na Alemanha Ocidental. Eles não ficaram satisfeitos apenas com o extermínio da elite do Socialismo Nacional Alemão. Queriam responsabilizar coletivamente toda a vida espiritual da Alemanha. Simultaneamente, o comunismo começou a se espalhar. A receita é das mais velhas: um uniforme democrático americano para exibir, com o bolchevismo campeando à solta nos bastidores. É o judeu oriental disfarçado com máscara ocidental. Segundo os arquivos da Comissão McCarthy de Investigações, o chefe executivo de imprensa, na época, era Cedic Henni Belfrage, agente do Serviço de Contra-Espionagem de Nova Iorque. Ele era, naturalmente, um cripto-comunista. James Aaronson, outro comunista, ensinou aos jornalistas alemães o que eles precisavam fazer para construir a democracia alemã. Esse homem estava executando um programa de imprensa para o General Eisenhower, que, com a experiência política de um soldado, assinava tudo que o maravilhoso Aaronson ou mais tarde, Kagan, colocava diante dele, sem fazer perguntas.

Mas não foi apenas no estrangulamento da vida espiritual européia que essa con-

quista mundial espiritual se tornou patente. Do lado positivo, seguiu-se o que foi chamado de reeducação. As autoridades de imprensa judaica encheram as bibliotecas das "Casas Americanas" na Alemanha com obras comunistas, escritas, naturalmente, por judeus, para a reeducação do povo nazista alemão. A publicação de jornais ficou dependente da obtenção de uma licença. Mas no início, somente imigrantes vítimas de perseguição racial tiveram permissão para publicar jornais diários. O judeu ocidental, que estabelecera tantos contatos com o judeu bolchevista do oriente (conforme já mostramos antes), agora tentava, enrolado na bandeira americana "reeducar" o povo alemão, isto é, torná-lo comunista. Os conquistadores do mundo sentiram que a democracia americana não lhes oferecia segurança suficiente. A submetralhadora, com seu terror aberto, seria mais satisfatória para encobrir os crimes que eles tinham praticado contra a humanidade. O mundo judaico tentou formar um estado de coisas excepcional, no qual um judeu pudesse fazer tudo que quisesse. Realmente, esse processo começou com os julgamentos de Nuremberg, onde não foram os "crimes de guerra" que foram castigados, mas onde os atos praticados contra os judeus foram vingados. Em Nuremberg, os judeus declararam abertamente que os judeus se consideravam os únicos vencedores da Segunda Guerra Mundial. Essa perspectiva tornou-se patente nos códigos, jurisdição e processamento dos assim chamados tribunais do povo nos vários países sujeitos às leis bolchevistas. O Código e o Processamento Criminal da Hungria foram escritos por um advogado judeu, István Ries, Ministro da Justiça, e pelo seu sub-secretário, Zoltán Pfeiffer que era casado com uma judia, e segundo essas leis até as coisas mais insignificantes feitas contra judeus constituíram crimes contra o Estado e contra o povo. O Código do Povo, e a Lei de Processamento Criminal declara que todos os membros de qualquer unidade das Forças Armadas serão responsáveis, se um dos seus membros fizer alguma coisa contra os judeus. Dessa forma, centenas e milhares de pessoas inocentes foram presas ou enforcadas. Certo homem foi levado a julgamento sob a "séria acusação" de que ele teria rido quando um judeu foi deportado. Ele foi condenado a dois anos de prisão. Segundo o Código, "se uma pessoa não impedia" que alguém agredisse um judeu, ou se praticasse uma agressão contra um judeu, em ambos os casos o castigo era a morte.

O estabelecimento de direitos especiais e de privilégios para os judeus é especialmente patente na Áustria e na Alemanha. Com referência a isso, as medidas mais severas foram instituídas contra os alemães. Dentre pelo menos sessenta milhões de vítimas da Segunda Guerra Mundial, somente os judeus receberam indenizações pessoais. As propriedades dos judeus, embora já indenizadas e compradas à vista pelo regime de Hitler, tiveram de ser resgatadas novamente pelos alemães depois da Segunda Guerra Mundial. Nenhuma das doze milhões de pessoas expatriadas e expulsas pela Convenção de Potsdam recebeu indenizações; nem nenhum cidadão dos países que foram devastados, violentados e pilhados pelos bolchevistas russos, para não falar nos intelectuais que se tornaram sem pátria. Milhões de pessoas foram roubadas nas suas propriedades, nas suas terras e nas suas casas. Milhões de pessoas foram expulsas de sua terra natal, tendo recebido permissão para levar com elas, apenas, cinqüenta quilos de bagagem. Mas ninguém, nem a Organização das Nações Unidas nem a Liga dos Direitos Humanos sequer sugeriu que essas vítimas deveriam receber indenizações. Os árabes que foram expulsos dos seus lares, em Israel, também jamais receberam nenhuma indenização. Também nenhuma indenização receberam os prisioneiros de guerra que, contra todas as convenções, foram mantidos em cativeiro

ou trabalhando como escravos durante oito, dez ou mais anos, após a guerra. Em contraste com isso, a I.G. Farben Industrie foi fechada e o herdeiro dos Krupps foi castigado por haver em suas folhas de pagamento, com salários normais, os assim chamados "operários deslocados", entre eles alguns judeus, que eles tiveram de empregar na fábrica por ordem do governo alemão.

Mas os judeus receberam compensações plenas, não só por meio da indenização múltipla de perdas realmente sofridas, mas também pelo saque sistemático do povo derrotado. A lenda dos seis milhões de judeus mortos deu a Shylock os direitos ao seu pedaço de carne humana, mas esse não era para ser cortado repetidas vezes do corpo das finanças nacionais dos países derrotados. Os judeus libertados dos campos de concentração tinham ocupado as casas dos alemães já no distante ano de 1945. Eles saquearam e estragaram o conteúdo desses apartamentos-modelo nos lindos conjuntos dos trabalhadores alemães. Depois com base na Lei de Indenizações de Guerra, eles extorquiram do povo alemão empobrecido várias vezes o preço dos seus próprios apartamentos. Eles receberam as concessões em dinheiro do I.R.O., da U.N.R.R.A., dos países derrotados e das nações vitoriosas, que foram pagos aos perseguidos. A maior parte dos custos da guerra israelense contra os árabes foi paga mediante a venda de ações da U.N.R.R.A. e I.R.O. no mercado negro. Assim, eles lesaram aqueles ucranianos não judeus, refugiados russos e poloneses que, como eles próprios, eram também pessoas deslocadas.

Mas, com tudo isso, eles não chegaram ao fim; ainda iriam fazer mais chantagem com o mundo. O governo de Israel obrigou o governo da Alemanha Ocidental a se responsabilizar pelo pagamento de três e meio bilhões de marcos a Israel, como indenizações, embora Israel não existesse como país durante a Segunda Guerra Mundial. A Comissão Israelense de Indenizações de Guerra exigiu, de maneira inflexível, a indenização de propriedades judaicas confiscadas antes e durante a guerra. Talvez nem mesmo os próprios alemães saibam quantas vezes essas propriedades foram indenizadas.

Schäffer, ex-Ministro das Finanças do Governo Federal da Alemanha Ocidental, disse recentemente, numa reunião pública durante a primeira parte de 1958, que os judeus tinham entrado com uma nova reclamação de indenizações da ordem de vinte e sete bilhões de marcos alemães feita contra a Alemanha Ocidental. Se a Alemanha pagasse essa enorme quantia — prosseguiu ele — isso arruinaria o seu sistema monetário e o resultado seria a falência. Nesse caso, a Alemanha Ocidental cairia na armadilha soviética.

Mas talvez seja esse o verdadeiro objetivo dos conquistadores do mundo!

Mas Schäffer não disse nada que levasse a uma revelação. Ele disse que, ao que parecia, de quarenta a cinqüenta por cento das indenizações de guerra que estavam sendo pagas cobriam apenas taxas e honorários legais; quase metade das indenizações iam para os bolsos dos advogados. Toda essa questão chegou ao auge em ligação com os 41.000 marcos dinamarqueses de indenizações pagos a Sarah Katz. Um dos seus advogados, um tal Greve, recebeu 9.069 marcos dinamarqueses, desse total, como honorários. A encrenca começou em virtude do fato de que o tal Greve era apenas um dos advogados do caso, mas também o presidente da "Comissão de Indenizações de Guerra" do Parlamento de Bonn. Ele pertencia ao Partido Social Democrata Cristão (S.D.P.). Jacob Diel, um democrata cristão, iniciou investigações sobre as atividades de Greve, e assim veio-se a saber que esse valoroso patriota marxista até aquela época recebera 30.000 marcos dinamarqueses em honorários, em ligação com inde-

nizações de guerra pagas à judeus, que tramitaram pelo seu departamento. Por todo o mundo, e principalmente nos Estados Unidos, certos advogados se organizaram em quadrilhas, formando os seus próprios "kolkhozes", com a finalidade de arrancar dinheiro do governo da Alemanha Ocidental. Esses advogados e seus prepostos tinham o apoio das organizações mundiais judaicas e assim estavam em condições de inspirar terror e exercer pressão sobre as autoridades do governo alemão.

O resto desse escândalo revela simplesmente que os judeus podiam reclamar indenizações mediante a simples assinatura de um depoimento escrito, e assim, graças a muitos depoimentos falsificados, o governo da Alemanha Ocidental vem sendo roubado em bilhões de marcos.

Quando um jornalista perguntou a uma das principais autoridades da Comissão de Indenizações que tipo de ferimento, doença ou privação uma pessoa deveria ter sofrido para receber, por exemplo, uma indenização de 10.000 marcos dinamarqueses, a autoridade respondeu:

"Incluindo distúrbios circulatórios do sangue, nós pagamos por cada possível doença, até quando as pessoas doentes nem sequer foram perseguidas".

Jakob Diel, o democrata cristão, descobriu, durante as investigações, que estavam sendo pagas indenizações até aos comunistas e criminosos profissionais que tinham sido mandados para a prisão por crimes comuns.

Agora, será difícil evitar esse escândalo, pois Jakob Diel também frisou que o Partido Social Democrata da Alemanha quer esgotar o dinheiro destinado a cobrir o treinamento e o equipamento das divisões com que a Alemanha Ocidental se comprometeu a contribuir para a Organização do Tratado do Atlântico Norte.

E assim, o plano dos judeus se torna cada vez mais claro e compreensível: fazer chantagem com a Alemanha Ocidental, com falsos depoimentos, e por meio de honorários advocatícios muito elevados, roubar aos alemães os fundos que deveriam servir para o rearmamento de novas divisões. E assim, o trabalhador alemão se tornará um eterno pagador de dívidas e de impostos para o mundo judaico; a unificação da Alemanha será evitada, e o caminho estará pavimentado para a inflação e para o bolchevismo.

Naturalmente, o mundo judeu não perdeu tempo em rotular Jakob Diel de "anti-semita", por ter desmascarado a maior chantagem de todos os tempos.

A chantagem de "indenizações de guerra" não é o único tipo de extorsão praticado; existem muitos outros.

O jornal alemão Der Weg, editado na Argentina, no seu sexto número de 1954, fornece pormenores estatísticos chocantes relativos aos terríveis roubos praticados em detrimento do governo alemão. Até maio de 1945, os Aliados destruíram bens e propriedades avaliadas em 320 bilhões de marcos alemães, e a população alemã sofreu uma perda de 15 bilhões de marcos resultante de saques. A pretexto de erradicação do nazismo, vários bens foram confiscados, somando cerca de 108,5 bilhões de marcos, enquanto que, por meio de muitas formas indiretas de confisco, bem como através das atividades de uma empresa de exportação alemã, bem como da J.E.I.A., e depois pela tomada da frota comercial alemã, mais prejuízos foram causados a região, no valor de 1,381 bilhão de marcos. Além do mais, como resultado da reforma monetária, o povo alemão sofreu uma perda de 198 bilhões de marcos. As "notas bancárias de uma perda de 46 bilhões de marcos, que os contribuintes de impostos alemães tiveram de bancar. As perdas dos cidadãos alemães nos territórios desanexados atingiram a cifra de 457 bilhões de marcos; o desmantelamento das fá-

bricas alemãs representou um prejuízo de 10 bilhões de marcos alemães, enquanto que a cruel destruição das florestas alemãs pelos franceses resultou num prejuízo de 14 bilhões de marcos alemães. O preço artificial fixado pelo carvão de pedra redundou num prejuízo de mais 84 bilhões de marcos alemães. Porém, o dano mais característico infligido foi o roubo de patentes. Invenções alemãs caíram quase que exclusivamente nas mãos dos judeus, e empresas judaicas americanas tiveram um lucro de 78,5 bilhões de marcos alemães pela exploração de especificações de patentes alemãs, cujos arquivos enchiam dois mil vagões de trem. O montante de salários devidos a prisioneiros de guerra é calculado em 11,5 bilhões de marcos alemães, enquanto que os alemães arcaram com despesas de transporte de 72 bilhões de marcos alemães. Durante o período da ocupação, nasceram 305.000 crianças "mestiças", cuja manutenção, até agora, já custou aos que pagam impostos na Alemanha a quantia de 135 bilhões de marcos alemães. As propriedades alemãs no além-mar, confiscadas, representam um prejuízo de 18 bilhões de marcos alemães, e embora os alemães já tenham pago aos judeus, várias vezes, os bens confiscados por eles, os Estados Unidos, por influência dos judeus, recentemente se recusaram a devolver propriedades alemãs tomadas durante a guerra. E em assim agindo, os Estados Unidos repudiaram os seus tão decantados princípios da "inviolabilidade" da propriedade privada. Os alemães tiveram de pagar, também, mais de 15 bilhões de marcos alemães sobre velhas dívidas oriundas dos tratados de Versalhes, e foram debitadas em 8,6 bilhões de marcos alemães por conta do Plano Marshall. A Alemanha Ocidental já pagou aos judeus, até hoje (1958), 9,5 bilhões de marcos alemães, como "indenizações".

Os grandes capitalistas judeus americanos embolsam, anualmente, um lucro de 2 a 3 bilhões de dólares provenientes somente de patentes alemãs. Mais de 100.000 judeus (em certa época, eles eram meio milhão) recebiam mensalmente 300 marcos alemães por terem ficado nos campos de concentração de Hitler. Conforme provaram as investigações contra Auerbach, essa indenização foi paga em muitos milhares de marcos a judeus que na verdade nem sequer existiam.

Essa chantagem e esse saque dos países, sob uma capa de legalidade, irão continuar enquanto o parasita Estado de Israel precisar de dinheiro, e enquanto os países não judeus se recusarem a restaurar a lei internacional, conforme era feito em 1945 e antes dessa época.

Mas não foi só com relação as leis referentes à propriedade privada que os judeus criaram perigosos precedentes. Os judeus querem estabelecer, em todos os níveis, um estado de coisas privilegiado e supranacional para os judeus. Isso tornou-se patente nas assim chamadas atividades de "bem-estar social", depois da Segunda Guerra Mundial. A U.N.R.R.A. sustentou quase exclusivamente comunistas e judeus, e qualquer um que ousasse levantar a palavra contra essa discriminação era silenciado ou chamado de "nazista". A U.N.R.R.A. não se preocupava com o bem-estar dos gentios, que também tinham estado nos campos de concentração, a exemplo dos judeus. A.I.R.O. geralmente despachava a emigração de pessoas sem importância, dependendo do que elas pensavam sobre os judeus. O regulamento da I.R.O. foi feito para atender a perguntas como: "Ele ajudou a perseguir os judeus?" — "Ele sabotou o trabalho do seu próprio governo?" — "Algum dia ele fez alguma declaração anti-semita?" — "Alguma vez ele escreveu algum artigo anti-semita?". A triagem dos emigrantes era feita, na maior parte, por conselheiros judeus ou então pelos funcionários do consulado judeu. Eles fizeram tudo que puderam para manter o mais baixo possível o número de pessoas não judias que queriam emigrar para os Estados Unidos. O trabalho

do I.R.O. foi a manifestação de colaboração perfeita entre os judeus ocidentais e orientais. Mais tarde, descobriu-se que vários funcionários que trabalhavam como executivos no I.R.O. eram, na verdade, agentes secretos da KGB. O I.R.O. que, em nome da "humanidade", entregava aos soviéticos vários refugiados contra os quais não havia nenhuma acusação, fosse qual fosse,mas cujo único "crime" era pertencer a uma elite intelectual que era preciso exterminar.

Os judeus estabeleceram um estado de coisas muito perigoso com relação aos direitos civis e às leis de naturalização, principalmente desde que Israel passou a existir como nação independente. Nos países derrotados, como Alemanha, Hungria, Tchecoslováquia e Romênia, os judeus rcebiam prontamente cidadania plena, sem satisfazerem nenhuma condição legal. Muitos jamais pertenceram a esses países, e não tinham absolutamente nenhum direito legal de solicitarem naturalização. Nos países de trás da Cortina de Ferro, somente judeus receberam licença para emigrarem para Israel. Esses mesmos países foram forçados a receberem de volta esses emigrantes judeus, se decidissem voltar, seja para evitar o serviço militar, seja porque eles não estavam satisfeitos com as condições de vida em Israel. Existe uma tentativa bem clara, nas Leis da Imigração Americanas, bem como nas leis e regulamentos de vários outros países, para estabelecer uma cidadania mundial supranacional para os judeus.

Precedentes perigosos também foram criados pelo tribunal de Nuremberg. Maurice Bardèche observa que o conceito de ter um país nativo já foi afastado. Todos, ou mais corretamente todo judeu é um cidadão do mundo. O emigrante judeu de Zhitomir é tanto um cidadão do seu país quanto você o é. Ele tem direitos iguais sobre as suas terras. Os seus empregados rurais têm de respeitar os direitos dos negros nas suas terras, e você tem de dar lugar a ele na sua mesa. Ele pode chegar a ocupar um lugar no conselho da sua cidade, para que você se acostume com a "consciência mundial". É bem provável que os filhos dele venham a ser o seu senhor, e eles poderão julgar os seus filhos. Eles governarão a sua cidade e venderão a você, novamente, as suas próprias terras, pois a "consciência mundial" lhes dá o direito de fazerem isso.

Pode parecer piada, mas não é! O Dr. Levy, um médico judeu, queria fixar residência em Offenbach, embora ele jamais tivesse sido cidadão alemão. Quando as autoridades civis se recusaram a nomeá-lo para o cargo de chefe de um posto de serviço médico da saúde pública, os pseudos jornais "democráticos"ameaçaram o Conselho Municipal com a intervenção das forças de ocupação. Nos Estados Unidos, informações imaginárias dadas por um único judeu são suficientes para impedir a imigração de uma pessoa. Se o judeu diz que o imigrante em perspectiva é um "anti-semita", então o Promotor Geral dos EUA pode declarar que esse imigrante é uma pessoa indesejável, que "colocaria em risco a segurança nacional". E isso significa que os Estados Unidos dependem da opinião dos judeus quanto a quem deverá ser aceito ou não como cidadão do país.

Mas os países ocidentais, embora às vezes talvez não o percebam, têm adotado, na verdade, o sistema soviético, pela criação de privilégios para os judeus como parte de suas respectivas constituições. Como já frisamos antes, nenhum cidadão soviético pode ser chamado pelo adjetivo "judeu". Isso seria castigado com a morte ou com a deportação. Immanuel Birnbaum mencionou esse assunto com grande satisfação no jornal Aufbau, em 17 de março de 1950, e seu artigo enfatizava que essa lei está em vigor ainda hoje. Na União Soviética, onde se diz que ninguém tem privilégios os comunistas têm leis que garantem que os judeus podem exercer seus poderes e proteger a si mesmos de serem apontados como judeus. "O sigilo é característica

do nosso poder'' — dizem os Protocolos dos Sábios do Sião. Portanto, a origem de Malenkov pode ser discutida, mas não a de Kaganovich!

Com a ajuda da ONU, uma nova lei internacional foi feita para preservar a condição supranacional dos judeus. Essa nova lei imortaliza Nuremberg. É chamada de ''Convenção Genocida'', isto é, a lei relativa ao extermínio sistemático de grupos raciais e nacionais. Parece que a época é bem oportuna para introduzir essa Lei, quando milhões de pessoas, mesmo de nações inteiras, estão desaparecendo nos campos de trabalho forçado da União Soviética. Mas a lei do genocídio não é feita para castigar esses crimes especificamente.

A Lei qualifica de homicídio racial provocar o extermínio total ou parcial de um país, ou de um grupo étnico, racial ou religioso, ou mesmo ter a intenção de fazer tal coisa. Mas essa convenção também regulamenta a violentação física ou espiritual de, ou insulto a membros de qualquer dos grupos mencionados linhas acima, o que constitui homicídio racial. Naturalmente, era muito natural que a ONU tivesse esquecido de aplicar essa nova lei em relação ao levante húngaro e à luta pela liberdade, em 23 de outubro de 1956.

Com essa convenção de genocídio, toda liberdade ficou suprida, inclusive a liberdade de expressão e o direito às reuniões públicas. Se alguém reclamar do terrorismo do líder comunista judeu ou não tiver uma boa opinião acerca do governo mundial ou sobre as atividades públicas de Mendes France, Frankfurter ou Morgenthau, ele pode ser prontamente condenado, sob a convenção de genocídio, por violação espiritual, ou por insulto ao respectivo grupo étnico ou racial. Isso é qualificado de homicídio racial e é punível com cinco anos de prisão em qualquer parte do mundo. Isso, naturalmente, supõe que se trata da proteção de judeus em questão, pois naturalmente, os chineses, ingleses ou árabes podem ser violentados ou insultados ''espiritualmente'' sem qualquer castigo para o ofensor. Essa lei oferece ilimitadas possibilidades para o terrorismo. A cidade de Cincinnati (Ohio, EUA) adotou Munique como sua cidade irmã. Os judeus americanos protestaram imediatamente contra isso, declarando que Munique era uma das sedes do hitlerismo. Assim, a ação benéfica das organizações assistenciais de Cincinnati não passariam de uma ''violação do judaísmo''. Portanto, segundo a convenção de genocídio, Cincinnati tem de ser varrida da face da Terra, como Sodoma e Gomorra, ou talvez como Dresden e Hiroshima.

Com base na convenção de genocídio, Assuero e Shylock podem ser banidos da literatura, e a história de Dickens sobre Oliver Twist, tanto em forma de livro como em forma de filme, tem de ser proibida, já que incita ao homicídio contra os ''agiotas'' e ''espiritualmente'' insulta a sensibilidade dos nacionalistas judeus. Auerbach, o comissário judeu, com quem o povo alemão teve de sofrer muito, e quando, ao ser desmascarado, fugiu pela porta do suicídio para escapar dos crimes cometidos, mandou riscar a história de Assuero dos livros escolares, por ser ''anti-semita''. O motivo alegado foi: ''Após Auschwitz, essa insuportável lenda bíblica judaica não pode ser tolerada''. Só se podia dizer as crianças não judias o que a censura judaica passa por adequada.

No entanto, a convenção de genocídio, embora apoiada por Felix Frankfurter e por Robert M. Kempner, o promotor público judeu em Nuremberg, sofreu severas críticas. Certas pessoas de visão da vida pública americana chamaram a atenção, em reuniões públicas, para o fato de que a convenção de genocídio não era apenas tirânica e traiçoeira, mas também constituía uma espécie de guerra permanente contra o povo americano. Mervin K. Hart observou que com a convenção de genocídio ou

sem ela os sionistas palestinos assassinaram todos os homens e mulheres da aldeia árabe de Dair Yassin e saíram-se dessa chacina sem nenhum castigo, graças ao fato de serem judeus. Ele frisou que assim que a convenção de genocídio fosse tornada efetiva, "a mínima referência a um simples membro de certa minoria racial ou religiosa seria um ato criminoso". James Finucane, um delegado do Conselho Nacional de Prevenção contra a Guerra, disse que: "Quebec, Yalta e Potsdam foram chacinas raciais sob a bandeira americana".

O fato de que a convenção de genocídio foi obra do grupo de Morgenthau é a melhor prova de que essa Lei de Homicídio Racial visava não ser nada mais do que um privilégio exclusivo dos judes, bem como um meio, aprovado pela ONU, de exercer o terrorismo mundial. "Uma guerra permanente contra o povo americano!" — foi como a qualificou Agnes Wather. Uma luta permanente contra a liberdade espiritual. Um privilégio, a sombra do qual árabes, franceses, alemães e romenos podem ser assassinados impunementes.

A convenção de genocídio — não aplicada, naturalmente, contra líderes de países de trás da Cortina de Ferro, que são dirigidos por judeus — tem de ser encarada como um sinistro fundo de acontecimento que mostram as tentativas judaicas de silenciar toda opinião contrária. É geralmente sabido, hoje em dia, que existem listas negras feitas pelos judeus expostas até mesmo nas pseudo editoras de não judeus. Assim, nenhum trabalho pode ser publicado por um autor "cujo nome não seja bom" do ponto de vista do nacionalismo judaico. Qualquer astro que tenha aparecido num filme ou numa peça teatral que não seja do agrado dos judeus, jamais aparecerá novamente em cena, por mais talento que tenha.

Veit Harlan, o diretor de "Jud Süss", foi absolvido por todos os tribunais. No entanto, as organizações judaicas ainda impedem que ele mostre filmes sociais que possam prejudicá-los. Muitas organizações judaicas protestaram contra a exibição do filme inglês "Oliver Twist". Ao mesmo tempo, os judeus acusaram certas organizações religiosas americanas de "anti-semitismo", porque elas queriam impedir a exibição do filme blásfemo de Ingrid Bergman e Rosellini a respeito de Cristo. Novamente, organizações judaicas protestaram porque uma editora americana editou os ensaios políticos de Dostoiévsky. Entre eles, acham-se algumas obras-primas que tratam do problema judaico. Gieseking foi expulso da "terra da liberdade" porque ele dava concertos durante a época de Hitler. Ernst Dohnányi, o compositor, não pode aparecer no Carnegie Hall durante vários anos, só porque os veteranos de guerra judeus o chamaram de "fascista". Heinrich Gulda, o pianista de fama mundial, foi mandado para a Ilha de Ellis por ter sido membro da juventude de Hitler quando tinha dez anos de idade!

Aqui é fácil reconhecer o terror espiritual mundial em toda a sua extensão. Consistente e persistente, ele remonta aos tempos do próprio Cristo. Escritores alemães cujas obras não eram nem "anti-semitas" nem nazistas, foram assim mesmo condenados em tribunais alemães. Foi suficiente que desconfiassem que eles tinham inclinações "anti-semitas", para serem castigados pela perda das suas atividades ou pelo confisco dos seus bens e propriedades, independente do fato de que politicamente eles eram pessoas inofensivas, tais como pintores, escritores ou atores. Lajos Dövényi Nagy, autor da novela Os Kaganovich, foi condenado à prisão na Hungria. Alfonz Luzsénszky, o tradutor do Talmude, ficou preso durante cinco anos. Lajos Méhely, um dos principais biólogos europeus, foi mandado para a prisão durante sete anos, até a idade de noventa e três anos. Aloysius Dolányi-Kovács, cujo crime foi ter elabo-

rado algumas estatísticas mostrando a distribuição da riqueza nacional na Hungria, foi também mandado para a prisão. Sentenças semelhantes a essa foram pronunciadas em países como a Romênia, a Tchecoslováquia e outros países de trás da Cortina de Ferro.

O recém-formado Estado de Israel ajudou muito na implantação do terror mundial no hemisfério ocidental. Cinco anos depois do término da guerra, o Parlamento de Israel aprovou uma resolução concedendo a Israel o direito de castigar ''criminosos de guerra'' e de exigir sua extradição de outros países. Isso é uma coisa que está totalmente fora dos limites de qualquer tipo de justiça legal. Israel reclama para si o direito de ser juiz dos pseudos ''crimes de guerra'' que, ao que consta, foram praticados antes da existência desse país. Aqui estamos nós diante de uma lei não só com efeito retroativo, mas também com um país beneficiando-se diretamente dela. Todo tipo de crítica ou apenas de atividade literária teórica pode ser processado. Israel tem o direito de extraditar e de enforcar intelectuais suecos, chineses ou argentinos.

A principal característica dessa lei é o fato de que ela, ao mesmo tempo em que tenta colocar todos os povos não judeus sob a lei judaica, tenta isentar todos os judeus dos efeitos das leis dos países não judaicos.

No livro O Judeu Internacional, de Henry Ford, podemos colher muitas informações relativas aos tribunais judaicos especiais em Nova Iorque, e realmente, até hoje sabemos de casos que poderiam apenas ser ouvidos por tribunais judaicos especiais. Em 1950, um tal Mayer Mittelman foi acusado, em Nova Iorque, de ter matado de pancadas um judeu compatriota seu, chamado Benjamin Krieger, num dos campos de concentração alemães, durante a guerra. Judeus de Nova Iorque providenciaram para que esse caso desagradável não fosse levado perante um tribunal americano. O Congresso Judaico Americano formou um tribunal especial para julgar esse caso de homicídio. O julgamento terminou com a absolvição do acusado, do qual se disse que não tinha praticado nenhum crime de morte.

Portanto, novamente encontramos uma moralidade dupla, aplicada pelo terror. O jornal argentino Der Weg publicou um artigo muito interessante escrito por Felix Schwartzenborn, sob o título: ''Tirania mundial, de 1955 em diante?'' que descreve os planos referentes à implantação do reino mundial judaico. A ONU é considerada como o supremo organizador desse terror mundial. A revista semanal Common Sense também confirma a existência de tais planos.

''Os planos para a implantação do domínio mundial pelos judeus estão bem adiantados e perto de serem efetivados'' — escreve essa revista. ''É provável que o futuro governo mundial seja o que é conhecido hoje como Organização das Nações Unidas''. O mundo está hoje dividido em dois hemisférios, cada um deles dominado por dois grandes grupos opostos. Um deles é governado pelos judeus moscovitas, sob o ''selo de Salomão'' (a estrela de cinco pontas), enquanto que o outro está sob a bandeira das Nações Unidas. Bernard M. Baruch foi comissionado para efetuar a unificação das forças econômicas dos E.U.A., o que, na verdade, significa colocar o poder americano e as fontes americanas nas mãos dos judeus de Wall Street. A internacionalização das matérias-primas, o exército europeu, o Parlamento Europeu de Strasburgo e o Plano Schuman (elaborado por David Lilienthal), visam todos arrastar o mundo não comunista para colocá-lo sob o terror econômico dos judeus. E agora, está faltando uma coisa: a fusão dos dois gigantescos blocos, regida pela estrela vermelha e azul e a bandeira branca da ONU, formando um ''super-país'', isto é, o Estado de todos os Estados. Assim que isso for feito, a bandeira americana e a bandeira verme-

lha serão substituídas pela estrela de seis pontas de Davi. Segundo os planos mais recentes, todas as bombas atômicas, as bombas de hidrogênio, exércitos, esquadras e forças aéreas terão de ser entregues à ONU, pois, segundo se alega, ''seria perigosos demais deixá-las nas mãos de uma única potência ou grupo de potências''. Finalmente, forças armadas da ONU e a força atômica da ONU, com centro operacional em Jerusalém, poderão suprimir com facilidade todos os ''levantes'' dos gentios. A ONU, governada pelos judeus, será a suprema potência do mundo, e com base na convenção de genocídio elaborada pelo polonês judeu Raphael, professor da Universidade de Yale, tudo o que possa ser chamado de ''anti-semita'' será passível de pena de morte ou de prisão.

Nos tempos atuais, a humanidade está vivendo sob uma ameaça como nunca houve outra igual, em nenhum tempo. Realmente, o terror mundial já começou a marchar, e a sombra sinistra da tirania mundial envolve o globo terrestre.

Os planos dos conquistadores do mundo são grandemente facilitados por um processo que é em parte natural e em parte artificial e que pode ser descrito como a redução das massas à simples condição de gado.

Capítulo XIII

Guerra Biológica de Classe Contra Todos os Países

Ortega y Gasset escreveu o seu livro. A Rebelião das Massas em 1929, e essa pode ser considerada uma obra básica referente à natureza e ao problema das massas da sociedade humana. Mas a importância das massas foi reconhecida muito antes que o sociólogo espanhol escrevesse o seu livro. Os Protocolos dos Sábios de Sião mencionam, já em 1897, que eles tinham "substituído o governante por uma caricatura de governo", isto é, "por um presidente, tirado da turba, de meio das nossas marionetes, dos nossos escravos".

"Nossas marionetes, nossos escravos!" Essa definição tem uma importância decisiva na avaliação do problema da conquista do poder mundial pelos judeus.

Sem dúvida nenhuma, o capitalismo, com o seu padrão de vida mais alto, suas condições sociais melhores, expectativa de vida mais longa, redução de taxa de mortalidade etc., tem aumentado muito a quantidade de indivíduos nas massas. Hegel, Malthus e Marx, todos três já tinham notado o aumento das massas e a ameaça de superpopulação do globo terrestre, o que nada mais é do que um fato biológico e estatístico. Nem os judeus nem o bolchevismo tem nada a ver com esse fenômeno biológico, que só pode ser olhado como um exemplo da fecundidade da vida. Mas então, primeiro Marx, depois os Protocolos, reconheceram a sinistra possibilidade de "fundir" grandes multidões para formar uma massa sem caráter individual. Transformar o povo numa turba semelhante a um rebanho de gado é a maneira mais segura não apenas para alcançar o poder mundial judaico, mas também para chegar ao poder, para qualquer grupo minoritário.

"Sem um despotismo absoluto, não pode haver nenhuma existência para a civilização..." — declaram os Protocolos, pois: "O que nós temos de conseguir é que devem haver, em todos os países do mundo, além de nós mesmos, somente as massas

do proletariado, alguns milionários dedicados aos nossos interesses, policiais e soldados''.

''A divisão da sociedade em massas e elite'' — escreve Ortega y Gasset — ''não é tanto uma diferenciação social quanto uma classificação em categorias, que não coincide, necessariamente, com as classes de mais alta ou de mais baixa condição social''. Falando com exatidão, cada classe social tem suas massas e sua elite''.

Não é difícil reconhecer esse esforço incessante rumo ao aumento das massas, à custa da elite, que tem estado em andamento por todo o século. Sem dúvida, para esse resultado, certos fatores hereditários e biológicos têm contribuído. Tais fatores são abordados pelo professor americano Lothropp Stoddard, no seu livro A Rebelião Contra a Civilização. Ele atribuiu a atual crise de humanidade à degeneração biológica das várias raças e ao aumento desproporcional da população mundial — principalmente dos ''espécimes mais baixos e mais inúteis''. Mas o mundo judeu fez o máximo que pôde para acelerar esse processo durante o século que se passou desde o manifesto marxista. Proletários tais como os que compunham as tropas de assalto de Béla Kun ou de Sidney Hillman, que jamais se importavam de levar em conta as verdadeiras aspirações dos seus líderes, tornaram-se tropas de assalto naturais das massas. A teoria da luta de classes, uma invenção destrutiva tipicamente judaica, tende, em si mesmo, a aumentar o número da turba. Ela mergulha e depois passa voando acima da cabeça da média das pessoas. A imprensa, e mais tarde o rádio e a televisão, reforçados pela mentalidade judaica da indústria cinematográfica hollywoodiana, também contribuíram para a produção de homens com mentes semelhantes à de robôs. Além do mais, o espírito mercenário jamais educará as massas nem lhes elevará o status mental. Pelo contrário, as descer ao baixo padrão intelectual da pessoa média, ele melhorará as condições para os comerciantes. Em países já conquistados pelo bolchevismo, a criação de massas incolores e destituídas de líderes, sob o controle único dos ''eleitos'', está sendo processada de acordo com planos cuidadosamente elaborados. A aristocracia russa, a classe média, a elite intelectual, os camponeses donos de terras e os trabalhadores que poderiam ser considerados como elite da classe operária, foram todos executados. Os camponeses independentes e donos de terras tiveram suas terras roubadas e foram deportados para a Sibéria. Fazendolas independentes e lavradores autônomos foram substituídos pelo sistema dos kolkhoz, e os proletários ''liberados'' foram engajados nas divisões de operários das fábricas, onde eles não tinham mais líder, mas sim apenas senhores e amos.

Os judeus que manobravam por trás de Stálin estavam sempre cientes de que o ''despotismo cruel'' dos Protocolos só pode ser exercido sobre as massas semelhantes a gado. A maior ameaça do bolchevismo é a sua criação de um povo com a mentalidade de gado. Um povo que pensa em termos dos níveis intelectuais mais baixos, que destrói toda iniciativa no indivíduo e que mata toda diferenciação de gosto de personalidade. Não resta nenhum povo russo, mas sim apenas massas, e em trinta anos a mesma afirmação se aplicará a todos os países que ficaram atrás da Cortina de Ferro. Haverá só massas, desde Vladivostok até Stettin. A cor da pele deles pode ser geralmente branca, algumas vezes amarela, mas sua característica distintiva será a qualidade negativa de pertencerem às massas. Será um polpa humana produzida em massa, homogênea e sem caráter individual, que tem sido produzida nas linhas de montagem dos campos e das provetas da propaganda de educação comunista. Essa é a juventude plasmada pelo comunismo e treinada para não ter nenhum pensamento nem idéia individual. Eles têm apenas slogans pré-fabricados, cunha-

dos pela propaganda. Trata-se de um rebanho de seres antropomorfos, cujos pastores, armados de metralhadoras, são os comissários judeus. Não se podem mais ver os reluzentes bilhões de gotinhas d'água individuais, mas sim apenas as águas turvas e lamacentas de inundações.

O assim chamado homem civilizado do mundo ocidental ainda não se conscientizou do significado e da importância dessas massas antropomorfas que perderam todo conhecimento do mundo externo, das belezas da vida e do valor da personalidade. A Cortina de Ferro fechou-os hermeticamente, afastando-os dos pensamentos e dos ideais vivos. Eles têm menos conhecimento sobre o mundo lá de fora do que tinham os povos da Idade Média. Eles nada sabem sobre a História, a cultura ou sobre a vida atual do Ocidente. Vivem num mundo distorcido, projetado e produzido para eles por Ilja Ehrenburg e por David Zaslavsky.

Mas, infelizmente, os orgulhosos cidadãos do Ocidente estão apenas um pouco melhor do que eles nesse particular. Os seus conhecimentos, visão geral e idéias políticas são também, de igual forma, produzidos em massa, controlados e dirigidos pelos seus monopólios judaicos de diversão. A personalidade do homem ocidental atrofiou-se e seus heróis nacionais já estão esquecidos. O lugar desses heróis foi tomado por aquela figura extremamente ridícula de democracia ocidental, o "homem da rua", isto é, por seres humanos apenas meio instruídos, ignorantes, que são incapazes de pensarem por si próprios. Hoje, essas pessoas declaram suas opiniões à imprensa, respondem a perguntas da pesquisas Gallup e representam a opinião pública e a "consciência mundial" em cujo nome o escândalo de Nuremberg foi encenado e o massacre de Katyn foi guardado em absoluto sigilo. O que é que esse indivíduo de "espírito aguçado", esse leitor constante de histórias em quadrinhos, sabe sobre e que os "Estadistas Maiores" estão fazendo nos bastidores dos partidos políticos, sobre os planos dos "iniciados", a respeito das decisões das lojas maçônicas e sobre as mentiras da imprensa? Ele simplesmente repete tudo que os jornalistas e donos de jornais judeus galicianos malham no seu cérebro. E tanto os colunistas dos órgãos democráticos e republicanos, naturalmente, somente difundem as opiniões que favorecem os conquistadores do mundo.

Assim, pode-se prontamente compreender como são os pseudos estadistas que parecem dirigir o mundo, e que são, por outro lado, simples marionetes dos poderes que agem por baixo do pano, e que são, por outro lado, escravos da turba. Os políticos de há muito deixaram de agir de acordo com as regras do bom senso, mas são obrigados a confiarem no gosto e na disposição de espírito das massas. Eles só pensam em termos de massa e se deixam ser arrastados pelas massas. O estadista do passado, depois de traçar um programa habilidoso, submetía-o aos seus eleitores, na esperança de convencê-los a agirem da maneira acertada, isto é, a adotarem as suas propostas. O político dos nossos tempos primeiro tenta descobrir a tendência geral da opinião pública, para só então ajudar os seus pontos de vista a essa opinião. Mas, quando os judeus, que têm em seu poder todos os modernos meios de propaganda, transformaram as massas em um tambor de ressonância, os estadistas que dependiam das massas tornaram-se vítimas fáceis da vontade do judaísmo.

O político melhor sucedido, nos nossos tempos de "paz", é aquele que é capaz de arrastar as maiores multidões às urnas, para apoiar com votos a política que ele anunciou anteriormente pelo rádio e pela televisão.

Nem mesmo a própria guerra serve mais como um último recurso na busca de ideais mais elevados, ela tem só uma finalidade, que é a do extermínio de grandes

massas de pessoas. A bomba atômica, a bomba de hidrogênio e a bomba de nêutrons não são mais armas de guerra entre nações, e sim entre massas. Um assassinato mórbido ou um escândalo social relacionado com um astro cinematográfico merecem manchetes dos jornais, mas 300.000 mortos em Dresden ou 70.000 em Hiroshima podem ser ignorados ou talvez citados num minúsculo artigo de quatro ou cinco linhas.

Já dissemos que o mundo judeu, a fim de aumentar o volume de massas indigentes, vale-se da natural ansiedade de vingança do ser humano. Depois da última guerra, muitas pessoas pensaram que o aumento do volume de massas indigentes foi obra do bolchevismo, e assim Yalta e Potsdam são debitados à conta de Stalin. No entanto, depois de certo tempo, veio à luz o fato de que sob o triunvirato de Stalin, Truman e Attlee, o judaísmo mundial, na forma do Plano Morgenthau e do Plano Gomberg, estava esperando ao lado, o tempo todo, seja disfarçado de democrata ou de bolchevista. A finalidade de ambos era o extermínio da elite e a redução do volume das massas carentes e semelhantes a gado.

O Tratado de Potsdam deixou sem pátria de doze a dezesseis milhões de pessoas. Os camponeses donos de terras do leste da Europa e os artesãos habilidosos de Sudetenland foram reduzidos a uma massa proletária indigente, lançada para além das fronteiras com cinqüenta quilos de bagagem por pessoa. Os professores universitários nazistas foram forçados a virarem varredores de rua e os garis nazistas foram despojados dos seus empregos. Os saxões da Transilvânia foram arrastados para a Sibéria, enquanto que os colonos alemães do sul da Hungria e do norte da Iugoslávia, de cultura elevada, foram mandados para os campos de extermínio de Tito, onde misturavam vidro em pó na comida deles para matá-los. Dezesseis milhões de pessoas foram arrancadas dos seus lares e transformadas numa turba faminta, sem raízes e sem pátria. Eles foram tocados como gado rumo à Alemanha Oriental, em nome da humanidade.

Antes, Beria já havia liquidado os intelectuais poloneses e os líderes nacionais na floresta de Katyn. Onze mil funcionários, na maioria médicos, professores universitários e pintores, e mais um milhão de poloneses foram levados para a Sibéria. Quem foi responsável por tudo isso? Segundo os registros oficiais da Comissão de Investigação do Congresso, Padre Braun narrou, com relação às suas aventuras na Rússia (Relatórios de Investigações, pág. 197), que ele tinha visto a polícia secreta em ação entre 1936 e 1937, nos tempos dos camaradas Jeshov, Jagoda e, mais recentemente, Beria (todos os três judeus). Eles foram chefes da polícia secreta, um depois do outro. Ele também tinha visto os russos (judeus) assassinarem seus próprios compatriotas, a sangue frio. Em vista do fato de que os prisioneiros eram assassinados aos milhares nos campos de concentração da União Soviética, e de que essas atrocidades eram consideradas como simples rotina de trabalho, não dignas de serem mencionadas, pode-se entender que o extermínio de poloneses influentes, tais como médicos, escritores, professores universitários, professores de curso secundário e servidores civis, foi também considerado como coisa sem importância. O relatório acrescenta que isso fazia apenas parte do plano geral deles, que era o extermínio sistemático de grupos raciais e nacionais.

Terão sido Jeshov, Jagoda (Herschel) e Beria os únicos culpados que vagam pelos túmulos das vítimas das florestas de Katyn? Goriczki, uma testemunha polonesa que escapou da execução em massa, contou à Comissão Americana que estava investigando o massacre dos prisioneiros poloneses em Katyn: "... quando os grupos estavam prontos para marcharem, dois oficiais da polícia política, o coronel Urbanovitz,

e um judeu moscovita, o comissário Sirotky, estavam de pé ao meu lado. Eu ouvi Sirotky dizer a Urbanovitz: "sim, eles são felizes e sorridentes agora, mas se soubessem o que os espera..." (Relatórios de Investigações, página 176).

Portanto, parece que os judeus não apenas organizaram e executaram os massacres das florestas de Katyn, mas que por meio de Robert Kempner, o promotor público americano de Nuremberg, eles tentaram ocultar a verdade do resto do mundo.

E assim, em alguns dias, ou talvez em poucas horas, eles exterminaram a elite da nação polonesa, e com ela a maior parte da classe intelectual.

A colorida e livre elite húngara, de características tão individuais, também foi aniquilada de maneira semelhante em 1945, com a ajuda da Lei do Tribunal do Povo, quando a lista de "criminosos de guerra" foi entregue aos americanos.

E assim, a guerra de classe biológica, baseada nos mandamentos do Talmude, vai seguindo em frente, de forma inexorável. Para o extermínio físico dos prisioneiros da elite cristã existem prisões soviéticas, bem como os campos dos cavadores de ouro do Círculo Ártico, onde, segundo prisioneiros de guerra que voltaram recentemente, cinco milhões de pessoas são obrigadas ao trabalho escravo. O judaísmo mundial, cuja força total é de cerca de 15 milhões de pessoas, está claramente ciente de que pode tornar-se a única classe governante de todas as nações, uma vez que consiga exterminar as camadas sociais cuja voz, em virtude das suas faculdades intelectuais e integridade de caráter, devem ser os líderes dos seus respectivos países. Com essa finalidade em vista, as massas ignorantes, os intelectuais "cor-de-rosa" e outras pessoas subornáveis são convidados a servirem às finalidades dos conquistadores do mundo até o ponto extremo de traírem a própria raça e o seu próprio país. As condições que prevalecem por trás da Cortina de Ferro mostram mais claramente do que nada que os quinze milhões de judeus poderiam em breve tornar-se um classe média supranacional, governando países e continentes inteiros. Uma classe governante que já não precisa fazer trabalhos inferiores nem subalternos. A próxima geração deles poderá ocupar, com toda segurança, as posições mais destacadas de todos os países. Sem dúvida, eles querem repetir o que conseguiram fazer na União Soviética, onde os judeus saíram das camadas inferiores para ocuparem o cume da escada social.

E para alcançar essa aspiração basta executar o mandamento talmúdico:

"Matai o que os países não judeus têm de melhor!"

Gunnar D. Kümlien escreveu um artigo muito interessante sobre a guerra biológica de classe no Rheinischer Merkur de 4 de outubro de 1957. Esse jornal estava intimamente ligado ao ex-chanceler Adenauer. Nesse artigo, ele registra uma conversa que teve em Moscou, recentemente, com um intelectual russo que acabara de ser libertado de um campo de concentração onde impera o trabalho escravo. Ele só pôde falar sob o maior sigilo com esse homem intimado e assustado, porque eram os quarenta anos da "revolução" bolchevista que eles estavam comentando.

"Aquele setor da sociedade que manteve uma independência ideológica" — disse o russo, — "não conta mais, hoje em dia. Sua força, há vinte anos passados, era de cerca de vinte por cento da população. Ainda era de dez por cento, há dez anos passados. Supondo que ela tivesse sido reduzida em um por cento ao ano, você pode imaginar quanto resta dela".

Um repórter sueco que fez um recente relatório sobre os padrões de vida na União Soviética, fez uma descrição chocante das massas proletárias, amontoadas em cortiços. O partido as mantém em tal estado de pobreza, e em condições de vida tão baixas, que a vida inteira dessa gente consiste numa incessante luta para se manter vi-

va e assim não lhes resta nenhum tempo para tratar de problemas políticos ou para terem pensamentos próprios, por mínimo que fossem.

Se a luta biológica de classes fosse aplicada aos líderes espirituais dos judeus, estes a rotulariam de "anti-semita" imediatamente. No entanto, o massacre a sangue frio, sistemático, da elite do povo russo e dos países por trás da Cortina de Ferro não é anti-russa, anti-húngara, nem anti-chinesa! No entanto, as conseqüências dessa luta biológica de classe permaneceriam com características fixas mesmo depois da queda do bolchevismo.

Pois o extermínio sistemático da elite compreende muitas conseqüências alarmantes. Em virtude do fato de que a maior parte dos indivíduos cultos, os operários mais capazes, os agricultores mais inteligentes e os comerciantes e artesãos mais habilidosos foram chacinados nos países por trás da Cortina de Ferro, a qualidade da produção em todos os ramos de negócio também afundou na mesma proporção. Não existe nenhum gosto ou "acabamento" aplicados aos diversos bens manufaturados. A habilidade ornamental tornou-se um luxo; pernas de cadeiras não são mais aplainadas nem recebem polimento para alisar, e os bens de consumo mais comuns sumiram do mercado. Os "novos intelectuais", produzidos em massa através de cursos programados, não passam de escravos das massas, e assim são incapazes de dirigirem o comércio, as finanças ou a agricultura. O nível das ciências é reduzido ao mínimo, o médico torna-se um mero curandeiro, e o cientista comum tem pouco mais conhecimento do que um capataz. No solo da Ucrânia, as terras mais férteis do mundo, a taxa de rendimento de trigo por hectare é a mais baixa de todos os tempos (800 lb por acre); os mundialmente famosos vinhedos de Tokaj estão em ruínas e as plantas secaram e o padrão do cultivo de frutas regrediu 100 anos. Os trigais do Bánát (no sul da Hungria e no norte da Iugoslávia) foram, em tempos idos, em virtude da dedicação e da habilidade dos colonos alemães os melhores do mundo, mas hoje estão cobertos de ervas daninhas, e as casas de Sudetenland estão em ruínas. A população da região está sempre morrendo de fome. As informes botas de feltro e os blusões acolchoados são os únicos artigos de vestuário disponíveis para as massas escravizadas. Quem quer que possa olhar para diante poderá visualizar um futuro medonho: a civilização soterrada nas areias do deserto ou dominada pela selva. Em decorrência do extermínio da elite, essa ameaça paira sobre a civilização de todos os países cristãos, bem como sobre a cultura de todas as raças.

O grande patriota húngaro martirizado, László Endre, profetizou, da sua prisão: "A Europa proletarizada enfrentará os judeus com instintos tão brutalizados e tão degradados, que os meios mais bárbaros necessários para a supressão da mais selvagem revolta de escravos, terão de ser usados para manter o povo no cativeiro".

Não mais haverá revoluções nem guerras de independência, mas somente levantes de escravos. Que futuro negro!

Nesta altura do nosso livro, alguém poderá observar que quando esse estágio tiver sido atingido, então muito provavelmente o poder e os privilégios dos conquistadores do mundo também terão chegado ao fim. Talvez até cheguem! Mas os conquistadores do mundo não gostam de olhar para o futuro. Do alto dos seus tronos de dominadores, eles contemplam o mundo envilecido e seus escravos, a turba trabalhando para eles.

Capítulo XIV

Os Judeus Tem a Bomba Atômica

Em 6 de agosto de 1945, Harry Truman, o presidente dos Estados Unidos, surpreendeu o mundo inteiro com o seguinte comunicado:

"Há vinte horas atrás, um bombardeiro da Força Aérea Americana lançou uma única bomba sobre Hiroshima. O efeito dessa bomba foi maior de que 20.000 toneladas de trinitrotolueno (TNT). Era uma bomba atômica".

Dois anos depois, o rabino Korff, de trinta e um anos de idade, um dos líderes da organização terrorista Stern, chefiou uma marcha de 600 rabinos fanáticos a Washington, onde, como porta-voz do grupo, ele exigiu que, em virtude dos acontecimentos da Palestina, os Estados Unidos deveriam lançar outra bomba atômica, dessa vez contra Londres(!). O rabino Korff ameaçou abertamente o sucessor de Washington com o poder do mundo judaico (Os Judeus Têm a Bomba Atômica, página 3, editado por Gerald K. Smith).

Dois anos mais tarde, o presidente Truman fez outro comunicado. Em 23 de setembro, ele declarou:

"Nós temos provas de que durante as últimas semanas uma explosão atômica foi feita na União Soviética".

Não muito tempo depois desse comunicado, chegou da Inglaterra um informe de que as autoridades tinham prendido Klaus Fuchs, um físico atômico judeu e amigo íntimo de Einstein. Os judeus tinham entregue à União Soviética o segredo da bomba atômica!

A fórmula da bomba atômica caiu nas mãos dos judeus nos primeiros estágios da sua invenção, logo depois do início das pesquisas. Na época da sua chegada aos Estados Unidos, Einstein estava de posse de informações completas relativas tanto aos resultados obtidos pelo professor Otto Hahn, com sua teoria de fissão atômica, como dos alcançados até aquela data pelo Instituto Kaiser Wilhelm. Ele aconselhou o presidente Roosevelt a levar as experiências avante com o objetivo final de produzir a bomba atômica para os Estados Unidos. Desde essa época, os judeus nunca mais cessaram de enxamear ao redor dos segredos do átomo. Entre eles, estava Lise Meit-

ner, uma cientista judia. Foi ela quem entregou os resultados das experiências do professor Otto Hahn aos Estados Unidos por intermédio de um físico atômico dinamarquês, também um judeu. Leo Szilárd, o outro judeu de Budapeste, também apareceu em cena, e desde então o maior segredo da nossa era tem sido cercado por uma estranha e misteriosa equipe de protegidos de Einstein. De repente, o judeu alemão Robert Oppenheimer, formado pela Universidade de Göttingen, entrou para essa equipe de judeus. Ele era comunista e tinha ligação com os comunistas, porque ele via a realização mais verdadeira, mais cruel e mais fanática dos interesses judaicos no comunismo do que no sistema democrático. Acima de tudo, Robert Oppenheimer era judeu. Ele é um dos mais característicos e veneráveis representantes do chauvinismo judaico conquistador do mundo. Enquanto o professor Otto Hahn hesitava entre fazer a bomba atômica para Hitler ou sabotá-la, ou se devia apresentá-la ao seu próprio clã e nação, Robert Oppenheimer usou todos os seus conhecimentos, sua imaginação criativa e sua elevada inteligência na corrida para inventar a bomba atômica primeiro que os outros. Ele trabalhava dia e noite, sem descanso. Ficou magro e pálido; seu peso baixou para quarenta e cinco quilos. Ele alcançou os mais fantásticos resultados científicos, com a única finalidade de acabar com os alemães, os inimigos dos judeus.

com a única finalidade de acabar com os alemães, os inimigos dos judeus.

Naturalmente, foi logo assediado pelos presidentes de vários bancos judeus e de várias casas bancárias judaicas, que viram na produção da bomba atômica não apenas um lucro fantástico, mas também uma missão nacional. L. Strauss, um dos diretores da Kuhn, Loeb & Co., fora tempos antes o conselheiro financeiro de David Lilienthal. Assim, J. Robert Oppenheimer foi colocado à frente das pesquisas e experiências atômicas, apoiado por vultosos fundos financeiros. Einstein colocou Klaus Fuchs a par dos segredos experimentais e de produção da bomba atômica. Os trabalhos e escritórios que estavam tomando parte na produção, em breve se tornaram sufocados por tantos judeus, vindos de vários países. Refugiados que não eram dignos de confiança, imigrantes de passado e personalidade nebulosos, judeus alemães, ucranianos, poloneses e húngaros tomaram conta não só das posições-chave, mas também dos pequenos cargos. Julius Rosenberg, David Greenglass e gente dessa laia preencheram todos os cargos em Los Álamos.

Sem dúvida, existem muitos bons motivos para isso. Existem sempre bons matemáticos entre os judeus. Além do mais, as pesquisas atômicas se coadunavam com a mentalidade judaica. A fissão atômica é uma ciência tipicamente judia. Ela é capaz apenas de destruir, sem construir nada.

Tudo mais que se seguiu foi apenas a conseqüência natural do chauvinismo judaico. Se um judeu consegue ocupar uma posição-chave, ele imediatamente tenta empregar também tantos judeus quantos possível. É realmente isso que acontece durante a judaização de qualquer instituição, departamento da sociedade ou profissão. Os judeus que conseguem se estabelecer, ajudam mais judeus a se estabelecerem também, já que aos olhos deles só a própria raça deles pode merecer confiança para a continuidade da luta pela realização das aspirações nacionais judaicas. E assim, formou-se um grupo fanático de judeus chauvinistas ao redor de Robert Oppenheimer. Segundo fontes de informações americanas, só os operários dos laboratórios de Los Álamos eram não-judeus. Mais tarde, os nomes de Julius Rosenberg, Martin Sobell, Harry Gold e David Greenglass tornaram-se conhecidos durante os julgamentos

dos mais famosos espiões atômicos. O professor Pontecorvo, o professor húngaro Jánosi, inventor da bomba de hidrogênio, e Edward Teller, pertenciam todos a essa mesma seita atômica.

A espiral da serpente simbólica fechou-se fortemente ao redor da produção da bomba atômica. O grande segredo dos Estados Unidos, guardado, produzido e administrado por judeus, era considerado por esses como sua propriedade nacional. E assim, os judeus consideravam perfeitamente natural partilhar esse segredo com a União Soviética. As relações entre os judeus orientais e ocidentais foram renovadas também no campo atômico. Muito embora os membros ou os pais e avós dos componentes da seita atômica tivessem emigrado há muito tempo para escapar dos massacres russos, eles consideravam a Rússia bolchevista como muito mais confiável do que os Estados Unidos. Os bolchevistas lutaram fanaticamente contra Hitler. Mas nos Estados Unidos havia gente na linha de Lindbergh, Taft e da linha isolacionista. Portanto, eles acharam que deviam entregar a bomba atômica à União Soviética, que, segundo eles acreditavam, era mais cruel e mais resoluta do que os Estados Unidos.

Havia só um fato de importância secundária: que existiam comunistas entre os cientistas atômicos americanos. Eles estavam de olho mais nos judeus soviéticos, homens cruéis, fanáticos e vingativos, e só confiavam neles. Os judeus orientais sabiam muito bem desse fato. David Zaslavszky e Ilja Ehrenburg se referiam constantemente, no Pravda, a Albert Einstein como sendo um dos seis melhores amigos da União Soviética nos Estados Unidos, e como sendo amigo pessoal de Stalin. E para se tornarem mais dignos da confiança dos judeus americanos, eles nomearam Solomon Abrahamovich Rebach, um dos principais organizadores da polícia secreta bolchevista, para o cargo de Alto Comissário da pesquisa atômica soviética, e o camarada Abrahamovich ainda mantém esse cargo até hoje. Do outro lado do Atlântico, os representantes de Kuhn, Loeb, os banqueiros internacionais, representaram um papel muito importante na produção da bomba atômica. Os mesmos grandes capitalistas ocidentais que financiaram a Revolução bolchevista em 1917 e que tinham tido relações tão estreitas com Trotsky (Bronstein), dessa vez nem se deram ao trabalho de ocultar seus sentimentos para com os judeus orientais. O próprio Albert Einstein jamais negou que, como democrata fiel, ele era um entusiasta da União Soviética. John Rankin, deputado americano, acusou publicamente Einstein de ter ligação com os bolchevistas. Portanto, não devemos nos surpreender com o depoimento do major George Racey Jordan, da Força Aérea Americana, no qual ele declarou que já em 1943 mãos misteriosas iniciaram e mantiveram uma constante entrega de matérias-primas aos russos, bem como equipamento e segredos necessários à produção da guerra. Durante as investigações do caso de espionagem do radar e da bomba atômica, isto é, nas horas mais críticas da Segunda Guerra Mundial, que estavam intimamente ligadas à espionagem atômica, constatou-se que vinte e seis dos cinqüenta e sete arquivos mais secretos dos Estados Unidos, que haviam desaparecido do U.S. Signal Corps de Monmouth, foram recuperados na Alemanha Oriental. Todos esses ''cientistas'' que tiveram suas atividades suspensas em conseqüência dessas investigações, pertenciam, sem nenhuma exceção, à raça dos conquistadores do mundo.

Com o tempo, tornou-se evidente, nos julgamentos do tribunal de Nova Iorque, que a espionagem atômica era menos um trabalho dos comunistas do que dos judeus. Os acusados confessaram que tinham entregue segredos atômicos aos soviéticos já desde o distante ano de 1943. Eles entregaram essas informações de graça, sem receberem nenhuma recompensa por elas. Foram levados a fazê-lo apenas pelo zelo

do seu chauvinismo judaico. A característica mais notável do caso dos espiões atômicos foi que nenhum dos acusados exigiu nenhum dinheiro da União Soviética em troca de seus serviços. Em certa época, Julius Rosenberg recebeu apenas quinhentos dólares como custeio de despesas feitas. Completamente obcecados pelo chauvinismo judaico mais fanático, eles estavam perfeitamente convencidos de que trair os Estados Unidos e assim ajudar a União Soviética era o mais sagrado dever dos judeus.

Todos os acusados nos julgamentos de espionagem atômica eram judeus, sem nenhuma exceção. E veremos que por trás deles estava todo o mundo judaico. Durante os julgamentos, os Estados Unidos tiveram de evitar darem mesmo a mínima aparência de tendência anti-semitismo, para não serem declarados falidos ou para não terem uma crise econômica. Assim, o caso contra Julius e Ethel Rosenberg teve de ser dirigido por um juiz judeu — o nome dele era Irving Kaufmann — que todo o mundo judaico considerava um oportunista, destruidor e traidor da raça judaica. Sypol, o promotor público de Nova Iorque, também era judeu. Finalmente, além do acusado, um judeu chamado Bloch era o advogado de defesa.

Por trás do segredo do átomo acha-se entronizada uma das personalidades mais misteriosas e mais poderosas do mundo judeu, na pessoa de Bernard Baruch, o banqueiro "filântropo", que, nas circunstâncias mais suspeitas acumulou uma considerável fortuna pessoal durante as duas guerras mundiais. Na imaginação do povo americano, talvez com muito fundamento, Bernard Baruch aparece como o "presidente não-oficial dos Estados Unidos", e até mesmo Churchill teve de visitar Baruch primeiro, antes de ir a Washington para falar com o presidente oficial dos Estados Unidos. Quando Roosevelt foi eleito presidente, o poder e a influência de Baruch aumentaram de forma considerável. Enquanto os soldados dos Estados Unidos estavam morrendo na frente de batalha, durante a Segunda Guerra Mundial, Bernard Baruch, que controlava 351 dos mais importantes ramos da indústria dos Estados Unidos e dois terços das matérias-primas de todo o mundo, fez todos os esforços que pôde no sentido de tirar a autoridade sobre a bomba atômica do presidente e do exército dos Estados Unidos. Nesse caso, o mundo judaico quase tirou a máscrara. Quando não pela palavra, pelo menos por atos e pela propaganda, os judeus declararam que eles consideravam a bomba atômica como propriedade nacional judaica e que ela era o instrumento que eles esperavam usar para alcançar o poder supranacional. Como diversos escritores americanos e outros entendidos no assunto admitem, o congresso americano cometeu alta traição quando, sob o chicote de Baruch, aprovou a lei que tirou o controle sobre a bomba atômica e sobre o seu segredo de produção das mãos do presidente do País e do exército, criando a Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos. O presidente Truman, sem se aperceber das conseqüências que deveriam advir disso, assinou a lei.

Essa comissão é mais poderosa do que o presidente dos Estados Unidos. Ela pode agir com independência de qualquer governo da face da Terra, mesmo do governo dos Estados Unidos. Segundo declarações dos círculos oficiais das autoridades americanas, essa comissão tinha mais poder, sozinha, do que Hitler, Roosevelt e Stalin juntos.

Depois que tudo fora cuidadosamente planejado e preparado, os membros da Comissão de Energia Atômica foram nomeados. Dos primeiros cinco componentes dessa comissão, três, ou talvez até mesmo quatro eram judeus. Eles eram: David E. Lilienthal, judeu; Lewis L. Strauss, judeu; Robert F. Bacher, judeu; William Wymack (?) e Sumner T. Pike (?). É digno de nota o fato de que, embora certas modificações

tenham tido lugar nos Estados Unidos, nas partes em que as investigações da comissão McCarthy aconteceram nos Estados Unidos, chamou a atenção da opinião pública americana, sobre muitos pontos, a estrutura da Comissão de Energia Atômica não pôde ser alterada. Em conseqüência do caso Oppenheimer, David E. Lilienthal foi destituído do cargo de diretor da A.E.C., mas Lewis L. Strauss passou a ocupar o lugar dele. Naquela época, o professor Pontecorvo, um judeu italiano, tornou-se chefe das pesquisas atômicas da União Soviética. Sob sua direção, trabalham os cientistas atômicos alemães que foram seqüestrados, enquanto que sobre todos eles reina o controle supremo de Solomon Abrahamovich Rebach, o comissário chefe da energia atômica, e também chefe da polícia secreta comunista.

A bomba atômica caiu inteiramente nas mãos dos judeus. E assim aconteceu a maior tragédia da História, e a mais terrível ameaça de todos os tempos paira agora sobre a humanidade. A bomba atômica, mesmo nas mãos de estadistas democratas devidamente eleitos, representa uma arma perigosíssima. Mas a marcha do rabino Korff e dos seus 600 companheiros sobre Washington deu ao mundo inteiro um lembrete desse perigo em que a bomba atômica poderia transformar-se nas mãos de um grupo nacionalista tribal fanático. Usando a bomba atômica, não apenas a civilização poderia ser destruída, mas com ela a liberdade de todos os habitantes do mundo poderia ser perdida para sempre. A bomba atômica nas mãos dos judeus é uma permanente ameaça para a democracia, para a independência de todas as nações do mundo e para todo e qualquer movimento espiritual ou político desfavorável aos conquistadores do mundo. Todos os países que ousarem desobedecer ao mundo judaico ou que possam achar que a taxa de juros fixada por Kuhn, Loeb é alta demais, poderão ser simplesmente varridos da face da Terra. Nas mãos dos judeus, a bomba atômica representa o terror e uma horrível ameaça, mesmo que ela jamais seja lançada sobre ninguém. A psicose atômica, o medo de ser destruído pela radiação de uma explosão atômica, podem ser explorados em prejuízo de nações inteiras. "Renunciem à sua liberdade e à sua independência, abandonem a sua fé cristã, pois nós estamos segurando a bomba atômica acima das suas cabeças, como a espada de Dâmocles!" Na época da explosão da primeira bomba de hidrogênio, os judeus conseguiram criar a impressão de que se os Estados Unidos iniciassem uma guerra contra a metade do seu reinado mundial, todo o universo provavelmente também voaria pelos ares.

Não se trata apenas de uma possibilidade política, mas sim da materialização da Revelação de São João, relativamente ao poder da besta "sobre todas as raças, e idiomas e países" (Revelações, XIII, 7) e prevendo o extermínio de dois terços da humanidade. Nem mesmo os Sábios do Sião, os autores dos Protocolos, ousaram vislumbrar uma visão tão horrenda há cinqüenta ou sessenta anos passados:

"É de nós que emana todo o terror envolvente..."

A bomba atômica é o horrível agente desse terror que tudo destrói, e ao mesmo tempo é a mais horripilante prova de que as aspirações de domínio mundial e de conquista de todo o mundo, realmente existem. De1934 a 1948, a propaganda judaica constantemente proclama que a democracia norte-americana, juntamente com a liberdade da humanidade, poderiam coexistir em completa boa vizinhança e harmonia e compreensão com a tirania da União Soviética. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o programa global deles consistia do poder mundial dividido entre os judeus orientais e os judeus ocidentais. Na verdade, é a partilha do poder mundial entre eles! É o domínio do ouro, no Ocidente, e da metralhadora, no Oriente. O supremo objetivo é a prevenção da guerra e de um ajuste de contas com o bolchevismo.

Como já frisamos antes foi por esse motivo que Morgenthau organizou a "Sociedade para Prevenção da Terceira Guerra Mundial".

Marcel de Briançon, o escritor francês, vê esse ponto claramente, quando escreve:

"Esses dois conceitos de poder, aparentemente antagônicos, contraditórios e irreconciliáveis, na verdade se complementam, e dizem a si mesmos: "Se os soviéticos derrotarem os Estados Unidos, o poder mundial será estabelecido sob a forma do Estado Mundial Comunista, pela organização de um mundo soviético. Se o contrário acontecer e os Estados Unidos derrotarem a União Soviética, um novo Estado mundial pluto-democrático será inevitavelmente estabelecido, em seguida à vitória americana. Afinal de contas, pouco importa se os judeus retiverem o poder político mundial pela nossa única posse de capital privado concentrado, ou se nós exercermos o mesmo poder político mundial mediante nossas posições-chave no capitalismo estatal. Para nós, é indiferente qual dessas correntes políticas saia vencedora, pois em ambos os casos os únicos vitoriosos, no fim, seremos nós. Nessas circunstâncias, existirá alguma necessidade de uma guerra entre as duas potências?"

Mais tarde, porém, quando o mundo judaico compreendeu que afinal de contas seria possível uma guerra, e quando a opinião pública americana começou lentamente à compreender que a coexistência, lado a lado, do bolchevismo e da liberdade era impossível, Klaus Fuchs foi de repente preso por ter entregue todos os pormenores do segredo atômico à União Soviética. De repente, dois nomes surgiram do anonimato: os de J. Robert Oppenheimer e de Julius Rosenberg. Ambos, como veremos mais adiante, podem ser considerados como as figuras simbólicas do nacionalismo judaico conquistador do mundo.

Enquanto era preciso destruir o Socialismo Nacional Alemão, J. Robert Oppenheimer trabalhou com o masoquismo de um asceta e com a inspiração de um gênio para produzir a bomba atômica. Ele era um judeu ocidental em toda a extensão da palavra, mas mesmo assim, ele só confiava na crueldade, na sede de sangue e no fanatismo dos seus irmãos orientais, e em nada mais! Segundo as acusações feitas contra ele, entre 1940 e 1942 ele apoiou atividades bolchevistas anti-americanas nos E.U.A. com vultosas quantias de dinheiro. Ele casou-se com uma comunista. Seu irmão e sua cunhada também eram comunistas. O marido da sua primeira mulher, uma comunista, era também um bolchevista fanático, e foi morto durante a Guerra Civil Espanhola. Oppenheimer tinha empregado comunistas em Los Álamos, durante a Segunda Guerra Mundial.

Naquela época, ele dedicou todos os seus conhecimentos e todo o seu talento para solver o problema da produção da bomba atômica. Ele não teve remorsos, nem problemas de consciência, pois ele só sabia que os nazistas seriam massacrados pela bomba atômica. Mas, quando a derrota do nazismo já era uma realidade, quando a bomba de hidrogênio devia ter sido inventada e produzida para conter a verdadeira tirania, a do sistema soviético, de repente o grande irmão do Ocidente deixou de colaborar e recusou-se a fazer qualquer coisa contra os conquistadores orientais do mundo. Ele, melhor do qualquer outra pessoa, sabia muito bem que os tiranos e chacinadores bolchevistas, embora pudessem ser mil vezes piores do que Hitler eram, no entanto, seus irmãos. Com ele, eles podiam recitar em uníssono: "Nós somos todos uma só nação! A mesma tribo! A mesma raça! Nós não somos judeus russos, portugueses ou americanos, mas somos judeus e nada mais do que judeus!".

K. D. Nicholson, o gerente da Comissão de Energia Atômica, escreveu:

"Oppenheimer, na qualidade de presidente da Comisão Geral Conselheira da Co-

missão de Energia Atômica, em 1949 se opôs de forma terminante à invenção da bomba de hidrogênio e fez todos os esforços que pôde para convencer ou outros também a darem andamento lento ao projeto, mesmo depois que o presidente Truman deu instruções taxativas para prosseguir com as experiências". (American Hungarian Voice, 19 de abril de 1954, página 7).

Dessa vez a bomba de hidrogênio deveria ter sido jogada contra a metade oriental do reino mundial judaico. E os judeus ocidentais não queriam a destruição da metade oriental do seu reino. Ele, o maior matemático da época, o mago da física, com o seu cérebro diabólico, percebeu claramente que as condições mais favoráveis para a conquista do mundo consistiam da divisão do globo terrestre em dois hemisférios, ambos possuindo a bomba atômica, e ambos em condições de se ameaçarem mutuamente, constantemente.

As outras figuras simbólicas desse nacionalismo de conquista mundial era o casal Rosenberg. Eles foram pessoas tipicamente minúsculas, sem importância, que talvez não tenham ajudado tanto a União Soviética como muitos observadores acharam. Eles entregaram o segredo da bomba atômica por pura convicção racial, isto é, fazendo isso como parte do seu dever para com a União Soviética, e, de forma muito característica, conforme declararam em defesa própria, que os Estados Unidos eram aliados da União Soviética.

Mas as chamas sulfúricas do "nazismo" supranacional se inflamaram com um calor muito intenso e violento, quando o casal Rosenberg estava para ir para a cadeira elétrica. Segundo a lei, os Rosenberg eram espiões; eram traidores dos Estados Unidos. No entanto, noventa e nove por cento do mundo judaico ficaram firmes ao lado deles, defendendo-os, de forma solidária. Os milhões de judeus do mundo judaico, os capitalistas e os proletários, tanto os que moravam nas luxuosas mansões de Sea Gate como os que habitavam nos cortiços do Bronx, os judeus do West End de Londres, bem como de todas as capitais do mundo, uniram-se solidariamente em passeatas, para forçar o "nazi-fascista-hitlerista" Eisenhower a perdoar a vida do casal criminoso, usando para isso as suas prerrogativas de presidente da República. Aos olhos dos cidadãos americanos patriotas e honestos, toda essa campanha, com seus piquetes, parecia um comício comunista. "Se Ilse Koch, a assassina de judeus, pôde ser perdoada" — diziam os letreiros que os que tomaram parte da passeata levavam — "por que os Rosenberg têm de morrer?" — "Os professores Einstein e Urey exigem o perdão!" — "Destacados líderes de Israel estão pedindo o indulto!" — podia ser lido em outros cartazes.

Em cinco continentes, capitalistas e comunistas, intelectuais de alta cultura e simples talmudistas juntaram suas forças para salvar os espiões comunistas. A nação inteira de conquistadores totalitários do mundo uniram-se para apoiar os dois traidores. Em Londres, os judeus amigos de Rosenberg ajoelharam-se, deitaram-se nas ruas, e pediram perdão aos gritos, num protesto que engarrafou o trânsito numa extensão de quilômetros. Em Moscou, em Budapeste e em Bucareste, e em outras capitais de todo o mundo, foram escritas histórias comoventes na imprensa de cada país sobre a carreira dos dois traidores. Na Praça União, em Nova Iorque, os policiais irlandeses mal puderam conter a situação provocada pela judias fanáticas que desmaiavam, ao saberem que o seu país adotivo, os Estados Unidos, tinham executados os dois traidores, de acordo com a sentença do tribunal.

"Foi interessante ouvir a rádio de Nova Iorque depois que as execuções foram feitas" — escreveu o American Hungarian Voice. "Havia locutores que quase solu-

çavam ao darem a notícia. Outras estações, após anunciarem a execução, tocaram música fúnebre. Na Praça União, as mulheres judias jogaram-se na rua asfaltada, gemendo e lamentando-se de forma histérica, e até alguns dos homens começaram a chorar, gritando: "Eles os mataram... eles os mataram!" (American Hungarian Voice, 29 de junho de 1953, página 8).

E finalmente, na Church Avenue, Brooklyn, o "nazismo" conquistador do mundo fez um comício que ficou famoso pelo seu fanatismo. Dezenas de milhares de pessoas confessaram e demonstraram sua solidariedade para com os dois criminosos, em nome do seu "nazismo" tribal, uma vez que, a exemplo dos judeus orientais, eles também consideraram os espiões executados como mártires da sua causa.

Na cerimônia do enterro, Emanuel Bloch, o advogado de defesa dos dois condenados executados, declarou:

"Eu responsabilizo como culpado pelo assassinato dos Rosenberg o presidente Eisenhower, o Promotor Público Geral Browell e Edgar Hoover, diretor do F.B.I. Foram eles que deram a ordem para que o botão da cadeira elétrica fosse apertado. Essas duas pessoas queridas, ternas e cultas foram vítimas de um assassinato frio e premeditado. Elas lutavam contra o despotismo. Os Estados Unidos estão gemendo, hoje em dia, sob a tirania de uma ditadura militar, disfarçada com roupas civis". (American Hungarian Voice, 19 de junho de 1953).

Dali em diante, o presidente Eisenhower, o último sucessor de Washington e um dos executores do Plano Morgenthau, podia ter certeza de que por causa desse fato, o seu nome também passaria a fazer parte da lista negra de "criminosos de guerra" e de "inimigos do povo". As forças de Nuremberg estavam agora de frente para a Casa Branca e lançando suas sombras contra esta. O "nazismo" supranacional declarara guerra contra os Estados Unidos e contra o seu fiel servo, o presidente Eisenhower. Talvez não apenas a voz de Emanuel Bloch devesse ser ouvida sobre os caixões dos Rosenberg, mas também o eco das palavras de Julius Streicher:

"...vocês serão enforcados pelos bolchevistas!"

Capítulo XV

Traição Contra os Estados Unidos

Ao finalmente traírem os Estados Unidos, os judeus tiraram definitivamente a máscara.

Talvez o mundo judaico ache que tem motivos para ter ressentimentos contra todos os países do mundo. Os Estados Unidos, no entanto, deram aos judeus tudo que um país pode oferecer: dinheiro, negócios, riqueza, segurança, uma vida pacífica, uma liberdade sem restrições, que foi transformada numa desenfreada onda de abusos sem nome, e até influência política. Os Estados Unidos lutaram em duas guerras, sacrificando os seus filhos em benefício de interesses comerciais, da sede de lucros e da influência política do nacionalismo judaico; pois foram exatamente essas mesmas forças que compeliram os americanos a entrarem nessas duas guerras. Os Estados Unidos derrotaram Hitler e também deram onze bilhões de dólares à União Soviética para ajudá-la a libertar os prisioneiros judeus dos campos de concentração. Os Estados Unidos arcaram com o ódio resultante dos julgamentos de Nuremberg e da permanente sede de vingança dos judeus.

Os judeus levaram menos de setenta anos para adquirir e para controlar a maior parte dos negócios e da vida financeira americana. O pequeno judeu indigente que fugira dos massacres russos passou a refestelar-se na vida mansa dos Estados Unidos, gozando de direitos civis e até de muitos privilégios. Quando Roosevelt era presidente, ele ocupava posições-chave na vida política. Tornou-se dono de um paraíso terrestre — de grande parte das riquezas da Flórida e da Califórnia. Para ele, a Terra Prometida não era a Palestina, mas sim os Estados Unidos. A Palestina , ou Israel, como é chamado hoje, foi restabelecido com a única finalidade de receber aqueles tipos de judeus indesejáveis, indigentes e mendigos que assustam os milionários de Nova Iorque, porque eles carregavam consigo por toda parte, os germes do "anti-semitismo".

Durante a administração de Roosevelt, os Estados Unidos tornaram-se uma terra de judeus. Assim, seria de esperar-se que os conquistadores do mundo permanecessem fiéis aos Estados Unidos, dentre todos os países, ao invés de se virarem contra

aquele país quando chegasse a hora de lutar contra o comunismo. Mas os judeus mostraram, também no caso dos Estados Unidos, que eles só se sentem seguros enquanto eles mandam; e que eles só serão fiéis a um país se os interesses desse país forem idênticos aos seus próprios.

Por desconhecerem a questão judaica, os Estados Unidos poderiam, realmente, ter tido o direito de esperar que o mundo judaico tomasse o seu partido na guerra fria que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. Mas o que aconteceu foi exatamente o contrário. Em alguma parte por trás das lojas B'nai B'rith, o destino dos Estados Unidos foi decidido pelo judaísmo mundial. Sem dúvida, os políticos americanos, embora nas mãos dos judeus, não queriam vencer a Segunda Guerra Mundial apenas para os judeus, com exclusão de todos os demais povos. Talvez, com exceção de Roosevelt, eles jamais acreditassem na possibilidade de um acordo duradouro com a União Soviética. O senador Truman, que foi o sucessor de Roosevelt na presidência de República, disse em 21 de junho de 1941, o dia em que estourou a guerra entre a Rússia e a Alemanha: "Se notarmos que a Alemanha vai vencer, ajudaremos a União Soviética, mas se acontecer o contrário, nós ajudaremos a Alemanha. Vamos deixá-los às voltas um com o outro, para que se enfraqueçam mutuamente o máximo possível".

Não interessa aos Estados Unidos a amizade com a União Soviética, como também não era interessante a guerra fria que se seguiu a 1945. Ambas as coisas serviam exclusivamente aos interesses do mundo judaico representarem um papel decisivo no desencadeamento de ambas as guerras mundiais. Mas não interessa aos judeus uma terceira guerra mundial para derrotar e liquidar a União Soviética e libertar os países escravizados. Muito pelo contrário. Em Yalta e em Potsdam o poder mundial foi dividido entre as duas potências.

Como nos dizem os Protocolos:

"É de nós que emana todo o terror envolvente...".

Segundo a já surrada frase, os Estados Unidos são "a terra da liberdade", e no estuário do rio Hudson a Estátua da Liberdade ergue bem alto a tocha simbólica. Mas na realidade, o "terror que assolará o mundo" já vem reinando sobre a Ilha de Ellis desde a época em que Roosevelt galgou a presidência da República. Felix Frankfurter, um dos juízes do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, disse que "os verdadeiros governantes de Washington são invisíveis e exercem o poder por trás do pano". O cidadão americano tem o direito de votar ou no Partido Republicano ou no Partido Democrata, mas os que ficam nos bastidores sabem muito bem que vença quem vencer as eleições, o poder permanecerá nas mãos deles. Qualquer pessoa que se atreva a rebelar-se, a protestar ou a emitir uma única palavra esclarecedora com relação a essa mão secreta será morto, ou então amordaçado, compelido ao suicídio ou então será difamado.

Gerald K. Smith, o corajoso líder da Cruzada Cristã Americana, fornece no seu livro um espantoso relato do terror provocado por essa mão secreta, bem como dos patriotas americanos que tombaram vítimas do "terror que assolará tudo" dos conquistadores do mundo. Daremos a seguir um resumido relato desse livro, Suicídio, contando como os poderes por debaixo do pano exterminaram os americanos que estavam atrapalhando o bolchevismo e que tentavam evitar uma segunda guerra mundial, e que, em conseqüência, se opunham às aspirações dos conquistadores do mundo.

A reputação de James Forrestal, Secretário da Guerra na administração de Truman, foi arruinada por Drew Pearson e por Walter Winchell (Lipsitz na realidade), os dois comentaristas de rádio, expoentes da "KGB" judaica e da Liga de Antidifa-

mação. Eles tornaram a situação de Forrestal insustentável, rotulando-o de "anti-semita", por se ter oposto à política externa dos Estados Unidos na questão da Palestina. Forrestal, depois de ter anunciado publicamente, em certa ocasião, que "esses judeus vão arruinar os Estados Unidos", foi detido num hospital, e mais tarde morreu misteriosamente, certa manhã, ao "cair" de uma janela do décimo-sexto andar de um prédio. Joseph Kennedy, o embaixador dos E.U.A., antes do estouro da Segunda Guerra Mundial, ele declarou: "Este país só entrará na guerra se passarem por cima do meu cadáver". O sucessor de Kennedy, John Winant, depois de ficar a par das circunstâncias que serviram para engodar os E.U.A. e fazê-los entrarem na Segunda Guerra Mundial, foi deixado com a ignominosa opção de ou silenciar ou de suicidar-se. Esse honesto diplomata americano preferiu o suicídio. Henry Wallace, que era membro de uma estranha seita oriental e acreditava que com a ajuda de certo soro mágico viveria 150 anos, tornou-se vice-presidente de Roosevelt. Mas, quando ele mostrou ser um homem difícil de manejar e se virou contra os poderes que havia por debaixo do pano, morreu de repente, ainda muito jovem. O general Patrick J. Harley disse em 1947, que "ainda existem vários milhares de comunistas no Departamento de Estado". Por esse motivo, ele foi silenciado pela misteriosa Mão Negra de Washington que o mandou para o exílio, desonrado. A esposa do generalíssimo Chiang Kai-Shek, a filha de Sun-Yat-Sen, viveu sob um terror mortal quando visitou os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, porque sabia que os agentes secretos da "Gestapo" dos conquistadores do mundo estavam planejando o seu assassinato. Veio a público que o discurso feito por Stettinius, Secretário de Estado, na inauguração das Nações Unidas, foi na verdade escrito por um astro cinematográfico comunista de Hollywood chamado Dalton Trumbo. Mort Kent matou-se, cortanto uma veia. Ele sabia quem roubou muitos arquivos secretos para a União Soviética. Sabia muito bem que faria pouca diferença se ele falasse ou ficasse em silêncio; seria assassinado, de qualquer maneira.

Whittaker Chambers, Louis Budenz e Tyler Kent ainda vivem, mas estão sempre correndo risco de vida. Budenz, que em tempos idos fora um dos principais membros do Partido Comunista e que desmascarou vários comunistas judeus, buscou asilo na Universidade Católica de Fordham. Se saísse detrás das paredes protetoras da universidade, ele não teria vida para vinte e quatro horas. O mesmo pode-se dizer do outro líder não judeu e ex-comunista, Chambers, que desmascarou Alger Hiss.

Tyler Kent, que decifrava os telegramas em código trocados entre Roosevelt e Churchill — alguns mandados antes que Churchill se tornasse Primeiro Ministro - e assim tornou-se uma das testemunhas mais importantes de como o mundo fora compelido à guerra, passou cinco anos na cadeia na Grã-Bretanha, na Ilha de Wight.

O general Vaugham, um cavalheiro afável, correto e idoso, estivera ocupando-se em tirar comunistas e judeus do Departamento de Estado, em número considerável. Ele assumiu uma posição firme contra David K. Niles, que era a "eminência parda" da Casa Branca durante a administração de Roosevelt e de Truman. Nos primeiros dias, Niles fora condenado em Boston a vários anos de prisão por crimes sexuais. Mais tarde, ele escreveu discursos para presidentes americanos. O general Vaughan tinha fortes objeções a deixar um tal tipo de caráter viver ao redor do presidente dos Estados Unidos. No entanto, ele foi silenciado, destituído do seu cargo, e socialmente arruinado sob o pretexto de "anti-semitismo".

O general Frederick Morgan, o chefe da U.N.R.R.A. na zona americana ocupada da Alemanha, era inglês de nascimento, que tomou a liberdade de declarar por es-

crito que os judeus que moravam na Alemanha recebiam bom fornecimento de dinheiro e de víveres, e assim não passavam nenhuma necessidade. A pedido de Herbert H. Lehman, senador por Nova Iorque e chefe da U.N.R.R.A. naquela época, o general Morgan foi removido do seu posto, apesar do fato de que a princípio o governo britânico não queria ceder à pressão do judaísmo americano.

O Sr. Earle, embaixador da Bulgária, foi também silenciado. Tinha-lhe sido entregue um memorando por von Papen, em Sófia, no qual o governo de Hitler fazia uma proposta para manter os Estados Unidos fora da guerra. Após entregar seu memorando a Roosevelt, Earle foi chamado novamente a Washington, depois convocado para o serviço militar e mandado para uma Ilha do Pacífico pelo resto da guerra. O povo americano, sob nenhuma hipótese, podia ficar sabendo que os odiados "nazistas" queriam a paz com os Estados Unidos.

O assassinato de Huey P. Long, senador da Lousiana, foi um caso sumamente misterioso. Long era um dos rivais de Roosevelt com as melhores possibilidades de ser eleito presidente dos E.U.A. Durante um discurso no senado, em 9 de agosto de 1953, ele alegou que a "Mão Negra" americana, chefiada pelos judeus, ordenara o seu assassinato durante uma reunião num hotel de Nova Iorque. Na época, o senado riu do velho lutador. Mas um mês depois, ele foi morto a tiros por um judeu chamado Karl Weiss.

Segundo o livro de Gerald K. Smith, boa quantidade dos homens que se opunham a Roosevelt morreram em circunstâncias igualmente misteriosas. Entre esses contavam-se o senador Cutting, de Novo México, o senador Shawl, de Minnesota, e John Simpson, presidente do Sindicato dos Fazendeiros do Estado de Oklahoma.

Fique em silêncio ou morra! — foi igualmente a ordem dada ao almirante Kimmel, que conhecia a verdadeira história de Pearl Harbour. E o almirante ficou em silêncio, por não querer arriscar sua vida.

O Dr. William Wirt, um professor universitário de Gary, Indiana, ao que parece em decorrência de um engano, recebeu um convite para uma reunião social muito fechada, onde ele ouviu a exposição de planos e de preparativos dos judeus e dos comunistas para se apossarem do poder nos Estados Unidos. Ele relatou o que ouvira à imprensa e em conseqüência disso foi chamado para uma das "Comissões de Atividades Antiamericanas" do senado, chefiada pelo senador O'Connor. A comissão rotulou Wirt de mentiroso. Wirt morreu não muito depois dessas audiências, nas circunstâncias mais suspeitas. Porém, no primeiro aniversário da morte de Wirt, o senador O'Connor visitou o túmulo da vítima e orou pedindo perdão.

Gerald K. Smith, o líder do movimento americano antijudaico, certa vez foi envenenado com arsênico, e foi só com muita dificuldade que os médicos lhe salvaram a vida. Esse mesmo Gerald K. Smith escreve que Gerhard Eisler, um judeu alemão comunista que emigrou para os Estados Unidos, e então depois de ter sido marcado como um importante espião de Stalin, fugiu das autoridades americanas para a Zona Soviética da Alemanha, ordenou o assassinato de vários milhares de cidadãos americanos. Westbrook Pegler, um dos publicistas americanos mais famosos, vivia temendo constantemente pela sua vida. Os jornais em que os artigos de Pegler foram publicados, revelando as atividades subversivas dos judeus comunistas, são constantemente ameaçados pelos judeus com o boicote e com o terror.

Hoje em dia, a história de Charles Lindbergh, o valoroso piloto que vôou sobre o Atlântico, é bem conhecida. Lindbergh era contrário à guerra, e durante um dos seus discursos, feito em Des Moines, Iowa, ele pronunciou a palavra "judeu" num

tom de voz não muito lisonjeiro. Imediatamente, foi desfechada contra ele uma campanha tão intensa para a sua destruição moral, que ainda hoje, nos círculos da Liga de Antidifamação, a menção do "tratamento Lindbergh" representa o massacre do caráter, da carreira e da posição social de uma pessoa. Esses círculos sabem muito bem que a eliminação de Lindbergh da vida pública foi obra dos judeus. Martin Dies também foi silenciado por métodos semelhantes aos do "tratamento Lindbergh", porque ele foi o primeiro a arrastar comunistas perante o senado, expondo-os à intensa luz da publicidade. Houve tentativas de rapto contra o filho dele, e sua esposa era ameaçada constantemente. Eleanor Roosevelt e seus amigos compareceram a reuniões da comissão do senado para zombar do presidente da mesma. A imprensa recebia instruções confidenciais para boicotar o trabalho da comissão. No entanto, embora Dies tenha sido silenciado, o trabalho da sua comissão foi feito pelo senador Joseph McCarthy, contra quem foi declarado um anátema do mundo judaico, e que também pode ser assassinado a qualquer hora. (Desde a publicação do livro de Gerald K. Smith, o senador McCarthy morreu nas circunstâncias mais misteriosas e mais suspeitas. Vários jornais americanos deram a entender abertamente que foi assassinado — nota do autor).

Foi esse o fim que teve o canadense M. P. Norman Jacques, um dos mais populares membros do Parlamento canadense. Antes da sua morte ele escreveu aos seus conhecidos que: "No meu próximo discurso no Parlamento, vou abrir os olhos dos que me ouvirem e pretendo revelar toda a conspiração nacionalista judaica". Mas antes que pudesse fazer seu discurso, ele morreu vítima de "parada cardíaca".

Gerald K. Smith observa que a morte de Franklin D. Roosevelt também é, em si mesmo, um grande mistério. Parece quase certo que Roosevelt não faleceu de morte natural. Segundo algumas versões, ele sofria por ter a consciência pesada por causa de Pearl Harbour, ou por causa da sua amizade forçada com os soviéticos, que resultou numa promessa de entregar aos russos cinco milhões de pessoas, compostas de alemães, italianos, húngaros, romenos e búlgaros. Segundo outra teoria, ele queria ser proclamado presidente da República Mundial, ao mesmo tempo em que estabelecia a O.N.U., mas foi forçado a reconhecer que o seu estado de saúde tornava-o inapto para tal cargo.

Hoje, temos só um único retrato mostrando o peresidente da República dos E.U.A. no seu caixão. Nessa fotografia, pode-se ver uma flor branca cobrindo um ferimento na cabeça de Roosevelt. E quando seu filho Jimmy Roosevelt chegou para o enterro, sua mãe e sua família não ousaram abrir o caixão, para que le pudesse ver o pai pela última vez.

Todos esses fatos e acontecimentos provam claramente que Felix Frankfurter tem razão. O verdadeiro poder, nos Estados Unidos, não está nas mãos do governo visível, mas sim de posse de indivíduos que estão por trás do pano. Eles são aqueles que representam o "nazismo" supranacional, cujos interesses foram tão bem servidos na Segunda Guerra Mundial, mas cujos interesses não seriam favorecidos por uma terceira guerra mundial, na qual a espada dos Estados Unidos rasgaria a Cortina de Ferro. O que aconteceria, se as prisões soviéticas fossem abertas, ou se os soldados americanos vissem as mesmas coisas, nos países libertados, que foram vistas depois de 1941 na União Soviética pelos guerreiros da Europa? O que aconteceria quando os prisioneiros políticos fossem libertados, juntamente com os escravos dos campos de concentração e de trabalhos forçados? Não contariam todos eles ao mundo inteiro quem eram os verdadeiros carcereiros, carrascos e usuários do regime soviético? Não

foi o próprio Lenin quem disse que o "anti-semitismo" é o caminho da contra revolução? Com a queda do bolchevismo, aconteceria o grande despertar das nações não judaicas. Os arquivos secretos seriam abertos, e então, ai dos conquistadores do mundo!

O judaísmo mundial mudou de tática depois de 1945, por ter visto claramente que é preciso evitar a todo custo uma guerra entre os E.U.A. e os soviéticos. Agora, a política é a de enfraquecer os Estados Unidos, para que estes não tenham forças para se defenderem no fim. E assim, o nacionalismo judaico, tendo estabelecido um poder político e financeiro sem paralelo na história da humanidade, por meio das corridas armamentistas, da inflação, do desemprego, das revoluções e das guerras mundiais, agora dá uma guinada violenta, repentinamente, e se torna "amante da paz". Ele dá início à maior campanha política da sua história com a ajuda da O.N.U., da UNESCO, do Conselho Europeu de Strasburgo e de vários parlamentos que estão sob a sua influência. Tendo a imprensa mundial nas mãos, ele trabalha com o único objetivo de isolar e de enfraquecer os Estados Unidos, de deixá-los sem aliados no dia em que soar a hora do ajuste de contas com a União Soviética. A finalidade de tudo é tornar a política dos Estados Unidos impopular com os outros povos,na hora em que os E.U.A. deveriam estar chamando para o seu lado os países cristãos e não cristãos, tais como os maometanos.

O que os judeus querem é o governo mundial, segundo os conceitos de Einstein, e o Estado judeu totalitário. E esse nacionalismo, depois de ter executado a mais sanguissedenta campanha de propaganda de guerra contra Hitler, agora faz meia volta. Agora, a mão secreta, agindo na surdina por trás do pano, está tomando providências para forçar os Estados Unidos a se ajoelharem, aumentando ao máximo as forças da União Soviética, e ao mesmo tempo aleijando as forças que consideram inevitável uma guerra contra o bolchevismo.

Essa tática tem tido um certo "mérito" em tempos idos. Mas na Europa, ela foi usada somente no fim das guerras perdidas. Ela é conhecida como sabotagem e como as campanhas de boatos que envenenam a mente: "Não lute mais, meu povo! Os russos também são humanos!" — dizia o cochicho nos ouvidos daqueles que estavam prontos para defenderem seus países contra o barbarismo soviético.

A política de Morgenthau também visa esmagar o poderio dos Estados Unidos por meios quase iguais a esses.

"Afinal de contas" — dizem os judeus triunfantes uns aos outros; os judeus que venceram Hitler — "basta ler o Livro do Profeta Isaías e se verá que não só os Protocolos nos prometeram o domínio sobre o mundo inteiro, mas também o próprio Profeta.

"E abrir-se-te-ão de contínuo as tuas portas; elas se não fecharão nem de dia nem de noite, a fim de que te seja trazida a fortaleza das nações, e te sejam conduzidos os seus reis" (Isaías, LX, 11).

"Porque a gente e o reino que te não servir, perecerá; e as gentes serão devastadas até ficarem numa solidão". (Isaías, LX, 12).

"Lá, do outro lado da Cortina de Ferro, 40.000 tanques soviéticos, 15.000 aviões de guerra e 175 divisões do exército soviético estão esperando, prontos para dominar a Europa e para concretizarem o nosso sonho do reinado mundial. Churchill disse, em 1949, que só a bomba atômica protegia os Estados Unidos e a Europa de um ataque soviético. Mas, como vocês sabem, a bomba atômica é nossa!"

"Aqueles que levam o segredo da bomba atômica para a União Soviética são nossos irmãos de sangue. É exatamente como se Einstein os tivesse selecionado pessoalmente e os houvesse mandado para executarem sua grande missão. Homens tais co-

mo Klaus Fuchs, cuja traição acelerou a produção da bomba atômica soviética em cerca de dois anos, e Bruno Pontecorvo, o judeu italiano, que levou segredos atômicos aos soviéticos em onze enormes caixas. Existem também muitos outros, tais como Harry Gold, David Greenglass, Julius Rosenberg, Emmanuel Bloch, William Perl, professor da Universidade de Columbia, Abraham Brothmann, Miriam Moskovich, Simson, o judeu que roubou plutônio, Jánosi, o judeu húngaro que queria proteger o império de Lazar Kaganovich com uma cortina de raios cósmicos, John Vág-Weiszfeld, que era cúmplice de Harry Gold. Por que não existe um único cristão entre eles? Porque os judeus não confiam nos não judeus! Nós temos o segredo, não negamos isso. Julius Rosenberg confessou francamente no Tribunal de Nova Iorque, que a "União Soviética é a nossa aliada, e portanto eu a considero com pleno direito de receber tais informações de nós...!"

Os Estados Unidos tinham armas secretas com as quais poderiam ter-se tornado a potência mundial líder contra o bolchevismo. Eram os maiores segredos militares da História, com cuja ajuda eles poderiam ter livrado o mundo da ameaça da escravidão. Era preciso roubar e vender esses segredos, para que um substituto para as potências conhecidas como Estados Unidos e Rússia permanecesse no mundo: a potência mundial do nacionalismo judaico, que mantém em xeque os Estados Unidos e a União Soviética. Mesmo que não servisse para mais nada, a traição contra os Estados Unidos prova, melhor do que qualquer outra coisa, que existe um gigantesco plano judaico para dividir o mundo em dois hemisférios, o oriental e o ocidental, e, portanto, para governar ambos, e que esse plano foi executado, até agora, com a mais cruel eficiência.

O radar e o foguete intercontinental também estavam entre os segredos militares em poder dos Estados Unidos, e essas duas armas poderiam ter oferecido a maior segurança aos E.U.A., mesmo depois da perda do segredo da bomba atômica. Mas hoje, o FBI já definiu: foi Julius Rosenberg quem chefiou também a cadeia de espiões do radar. Depois de investigações, feitas no instituto de pesquisas militares de Monmouth, ficou evidenciado que os culpados que traíram os segredos do radar, entregando-os aos soviéticos, eram quase exclusivamente judeus. O professor H. Coleman e Morton Sobell, um espião condenado a trinta anos de prisão, Hyman Gerben Yavis, Carl Greenbaum e a Senhorita Glassman podem ser citados, entre outros, com relação a isto.

A entrega da China aos comunistas é um dos capítulos mais horríveis na traição dos Estados Unidos. A China era um dos melhores mercados dos Estados Unidos. Era preciso forçá-la a entrar para a esfera de domínio comunista, custasse o que custasse. Caso contrário, na eventualidade de uma guerra, os 500 milhões de chineses, entre os quais as ambições subversivas judaicas jamais puderam encontrar terreno favorável, poderiam tornar-se um aliado formidável do lado dos E.U.A. Hoje, é fato sabido que Owen Lattimore, um professor universitário americano de duvidosa origem, o principal conselheiro de Roosevelt em assuntos chineses, estava trabalhando contra os Estados Unidos, a serviço da espionagem militar soviética. Durante sete anos, ele foi editor de Negócios do Pacífico, do qual a União Soviética recebeu informações de primeira mão com relação a China. Os investigadores do F.B.I. encontraram 1.700 arquivos muito confidenciais nos escritórios da Amerasia. O fato de que pessoas presas por estarem ligadas a esse caso eram todas judias, é muito importante. John Stewart Service, Larsen Mano, Andrew Roth, John Abt, Nathan Witt, Lee Pressmann, Philipp Jaffe, um ex-embaixador, e Maria Bachrach, todos tinham traído

os Estados Unidos, o país que lhes deu um lar, para servir ao nacionalismo judaico conquistador do mundo.

"O problema era como provar a queda da China, de modo a que não parecesse que essa tinha sido causada pelos E.U.A." — escreveu Owen Lattimore. "Em virtude da Amerasia, e em conseqüência da política do simpatizante do comunismo, 665 milhões de pessoas desapareceram atrás da Cortina de Ferro!" — conforme declaram, mais tarde, alguns jornais americanos. Os Estados Unidos perderam o seu maior mercado de exportação e um dos seus melhores parceiros comerciais. E toda a situação do Extremo Oriente ficou abalada nos seus alicerces. Aqueles que dividiram o mundo em hemisfério leste e oeste não podem negar a finalidade da sua ação: Divide et Impera! Dividir para conquistar! É preciso dividir os seus inimigos para vencê-los. Dominar os Estados Unidos e também a União Soviética.

Para alcançar esse objetivo, a mão oculta colocara os seus próprios homens em toda parte, confiando neles para servir não aos Estados Unidos, mas apenas as aspirações de poder dos judeus. Antes do estouro da Guerra da Coréia, um certo Lyman L. Lemnitzer, com o uniforme de major-general do exército dos E.U.A.,era o líder militar na Coréia do Sul, e sobre ele recai a responsabilidade de negligenciar suas defesas, conforme foi declarado no congresso americano. Mais tarde, Mark Clark, o general meio judeu, filho de Rebeca Ezekiel, tornou-se comandante-chefe na Coréia. Esse homem, quando estava comandando as tropas de ocupação na Áustria, entregou refugiados e pessoas deslocadas aos milhares aos soviéticos. Também não é nenhuma coincidência o fato de que, durante a Guerra da Coréia, um certo coronel A. C. Katzin foi o principal delegado das Nações Unidas, dando ordens ao general MacArthur, enquanto que outro judeu, chamado George Movahon, dirigia a seção coreana do Centro de Informações da ONU. Na época da crise de petróleo persa, um certo Michael J. Lee foi chefe da Divisão do Extremo Oriente do Departamento de Estado, e depois constatou-se que ele havia emigrado da Rússia Soviética para os Estados Unidos, em 1932, e que seu nome original era Efraim Zinoy Liebermann.

A exemplo do que ocorreu no Extremo Oriente, os expoentes do mundo judaico fizeram tudo para arruinar o prestígio e o bom nome dos Estados Unidos e para erradicar dos corações do povo da Europa os ideais que os apresentam como a terra da liberdade. Já nos referimos ao fato de que o Plano Morgenthau foi realmente concebido em Moscou. Harry Dexter White, um judeu russo, era Sub-Secretário do Departamento do Tesouro , e também delegado de Morgenthau na administração Roosevelt. Ele foi uma das figuras mais sinistras dos tempos modernos, sendo ao mesmo tempo líder das células comunistas e cadeias de espionagem que executavam suas atividades dentro do Departamento do Tesouro. Ele roubou e entregou à União Soviética as chapas de matrizes, material de papel e segredos de impressão dos assim chamados "Marcos Aliados", as notas bancárias destinadas à ocupação aliada da Alemanha, e assim causou um prejuízo financeiro de cerca de 225 milhões de dólares aos contribuintes americanos de impostos. Mas, além dos blocos originais e das fórmulas de impressão, houve outros documentos altamente confidenciais recebidos pelos soviéticos de Harry Dexter White. Na célula comunista sob suas ordens havia nomes tais como Frank Cohen, Harold Glasser, Victor Perle, Irving Kaplan, Solomon Adler, Abraham George, Silverman e Ludwig Ullman. O presidente Truman nomeou White para a presidência do Fundo Monetário Internacional, enquanto que Harold Glasser se tornou diretor financeiro da U.N.R.R.A. Deve-se também atribuir às atividades dessa cadeia de espionagem judaica o fato de que as reservas do ouro e as no-

tas de moedas estrangeiras de câmbio foram também entregues à União Soviética, no valor de 42 milhões de dólares.

É impossível citar aqui todas as centenas e milhares de judeus que estavam trabalhando ativamente nas mais importantes posições-chave das zonas de ocupação da Alemanha, secretamente impulsionando a causa soviética e fazendo o melhor que podiam pela Alemanha bolchevista, como propagandistas, agentes da C.I.C. ou da O.S.S., autoridades da imprensa ou do teatro, comandantes de cidades, peritos financeiros, etc. Os arquivos da Comissão de Investigações McCarthy nos contam, agora, mais a respeito dessas coisas do que o melhor filme policial, e são uma espantosa documentação histórica.

E como se tudo isso não bastasse, o nacionalismo judaico tirou das suas fileiras o traidor-mór, Alger Hiss, que entregou mais de 110 milhões de não judeus à quadrilha de Kaganovich, em Yalta. E a testemumha de defesa que apareceu para tentar salvá-lo, não foi outra senão Felix Frankfurter, Juiz do Supremo Tribunal dos E.U A. E o protetor de Alger Hiss, depois da condenação deste, não era outro senão o grande senador, o rei não coroado de Nova Iorque, Herbert H. Lehmann, sogro de Buttenweiser, que tentou ocultar no seu apartamento o maior traidor dos Estados Unidos.

Mas a maior característica da traição praticada contra os Estados Unidos não se refere à bomba atômica, à cadeia de espionagem do radar nem a outros escândalos de espionagem, mas sim ao papel ativo dos judeus americanos nos movimentos comunistas. Aqui, novamente, o velho ditado vem à baila, dizendo que "talvez nem todo judeu seja bolchevista, mas sem judeus não haveria bolchevismo nenhum!" A maior parte dos judeus dos Estados Unidos veio de países detrás da Cortina de Ferro. O maior número deles fugiu para os Estados Unidos a fim de escapar dos massacres populares contra os judeus na Rússia. Os Estados Unidos não são governados pelos tzares, mas sim por um regime pseudamente democrático. Aquele país deu tudo aos judeus, inclusive até o privilégio de tomarem parte da administração do país. Mas, apesar de toda essa generosidade, os judeus estiveram, e ainda continuam estando, ativamente à testa dos movimentos subversivos antiamericanos e comunistas.

O Partido Comunista foi plantado nos Estados Unidos e é chefiado pelo mesmo tipo de pessoas que eram líderes da Revolução Bolchevista Russa. Os membros do Politburo Americano, que é chamado popularmente de "Onze Grandes", são, sem levar em conta os negros, quase exclusivamente judeus: Eugen Dennies, Henry Winston, John Hates, Irving Pothias, Gilbert Green, Carl Winter e Gus Holl.

"Se um espião comunista ou um chefe de espionagem comunista é preso em algum lugar" — se vangloria a voz do "nazismo" do Velho Testamento — ele é sempre originário das nossas fileiras. Judith Coplon, a linda judia de Brooklyn, vendeu os arquivos mais confidenciais do Departamento de Estado a Gubichev, um espião soviético. E nós tomamos providências para que nada de muito sério lhe aconteça".

Uma vez mais, podemos perceber o reluzente elo da serpente nos Estados Unidos, o emblema do nacionalismo judaico, cuja rede cobre e alcança tudo. Ela controla os bancos, as propriedades de habitações, a vida familiar, o Estado, a imprensa, a sociedade e os sindicatos comerciais.

Quando a conspiração comunista da Califórnia foi descoberta, os mesmos personagens já notórios foram arrastados dos seus esconderijos subterrâneos pelo F.B.I. A raça desses traidores está estampada nas suas feições. O livro de Robert H. Willian. Conheça o Seu Inimigo, mostra uma série de fotografias de traidores americanos. Sob rostos característicos, aparecem nomes menos característicos. Alexander Bit-

telman apareceu nessa galeria de fotografias como um dos membros fundadores do Partido Comunista Americano, e os outros líderes que estão com ele são: Gerhard Eisler, Jack Stachel, Leon Josephson, Alex Trachtenberg e J. Peters (Goldberger). Os participantes da recente conspiração de Hollywood são: Dr. Sidney Weinbaum, Dr. Jacob Dubnov, Philip Bart, diretor do Daily Worker, Alex Trachtenberg, V. J. Jerome, líder da Comissão Cultural Bolchevista (cujo verdadeiro nome é Isaac Romaine), Simon, Gerson, Elizabeth G. Flynn, Alex Bittelman, Betty Gannet, Isadore Begun, Jacob Minden, Claudia Jones (negra), Israel Amter, W. Weinstone, George Charney, Fred Fine, Sid Steinberger, Louis Weinstock e Js. Jackson.

O Reader's Digest confirma que dos onze líderes de cúpula do Partido Comunista Americano, seis são judeus, dois são negros, e somente três são cidadãos nascidos nos Estados Unidos. Segundo a mesma publicação, os líderes bolchevistas mais importantes são: Jacob Stachel, John Gates (aliás, Gilbert Greenburg), Gus Hall (aliás, Arvo Mike Hallberg, filho de judeus lituanos), Irving Potiash, um judeu russo soviético, e Carl Winter (aliás, Philip Carl Weinberg).

Poderá tudo isso ser explicado como coisa casual? É uma coincidência muito estranha que os nomes dos que dirigem atividades subversivas nos Estados Unidos sejam os mesmos que aparecem na lista de líderes dos bolchevistas soviéticos e dos comunistas romenos e húngaros. Ou não é? Deve ser também outra coincidência o fato de que os primeiros cinco homens a serem afastados do exército dos Estados Unidos por atividades comunistas, isto é, Harry Specor, Phil Weiss, Irving Specor, Abraham Kotlechuk e Rheabel Mendelsohn também eram judeus. Poderia, realmente, ser um simples acaso que noventa por cento daquelas pessoas chamadas a deporem perante a Comissão McCarthy de Investigações por atividades antiamericanas e julgadas culpadas são também judias? E não pode ser um sentimento de culpa o fato de que, segundo os registros do congresso de 17 de maio de 1946, todos os membros judaicos do congresso tivessem votado pela cessação dos depoimentos na comissão que investigava atividades antiamericanas? Além disso, não foi o senador McCarthy que informou ao próprio Bernard Baruch que, como as redes de televisão americanas estavam em poder dos judeus, ele não teria oportunidade de desmascarar os traidores americanos por meio da televisão?

Outra prova irretorquível da exitência do "nazismo" judaico é o fato de que os que tomavam parte dos movimentos comunistas jamais vinham do "proletariado", isto é, das classes trabalhadoras ou do povo indigente, mas sim de judeus que ocupavam as mais altas camadas da sociedade. A publicação Estrelas Vermelhas Sobre Hollywood chama a atenção para o fato de que dentre os astros cinematográficos de Hollywood que ganham milhões de dólares, cem são bolchevistas, e todos eles são judeus. Os Estados Unidos deram a essas pessoas nome, riqueza e sucesso. E apesar de tudo isso, eles ainda são bolchevistas, ou, para dizer mais exatamente, achamos que são bolchevistas. Esses astros, liderados por Charlie Chaplin (aliás, Israel Thorstein), são, antes de mais nada e principalmente, judeus, que vêm no bolchevismo a consecução perfeita do poder mundial judaico, e que consideram o bolchevismo como uma garantia do reino totalitário judaico mundial, do qual eles próprios serão a elite intelectual.

Os 3.500 professores universitários americanos que tomaram parte em várias passeatas comunistas também pertenciam às tropas de choque desse nacionalismo do Velho Testamento. A esmagadora maioria deles são judeus. Os professores comunistas contra os quais foram tomadas medidas disciplinares, por causa das suas atividades comunistas, também pertencem aos pioneiros desse "nazismo" supranacional.

Entre eles estavam Abraham Biedermann, Cellis Lewis, Citron, Mark Friedländer, Isadore Rubin, Abraham Feingold, David Friedman, Louis Jaffe, e assim por diante. Os primeiros sabotadores presos no início da Guerra da Coréia foram: Max Schanalzer, Minton Silverman, Samuel Zakkman e Samuel Kerr. Nessa época, Nathan Ostroff vendeu aos comunistas chineses borracha no valor de dez milhões de libras esterlinas, para que os exércitos da China Comunista pudessem marchar com botas de borracha contra os soldados dos E.U.A. Os seguintes estavam entre os primeiros astros cinematográficos comunistas de Hollywood citados acima, que tiveram de depor perante a Comissão de Investigações: John Howard Lawson, Dalton Trumbo, Ring Lardner, Albert Malz, Alva Bessie, Herbert Bieberman e Samuel Ornitz, todos eles judeus.

O maior ato de traição do mundo judaico contra os Estados Unidos foi o que minou a antiga boa vontade e confiança dos outros povos para com os E.U.A., principalmente no Oriente Próximo e nos países maometanos. E pouco adianta aos americanos tentarem encontrar desculpas. Não se tratava de nenhum engano de diplomacia "inexperiente", porque fazia parte de uma trama mundial judaica deliberada.

A corrupção tornou-se dominante no Departamento de Estado, e mais tarde assumiu proporções astronômicas durante as atividades antiamericanas de Roosevelt. Segundo dados citados pelo Império Oculto, oitenta e seis por cento de pessoal que trabalhava no Departamento de Estado eram constituídos de judeus. E segundo a comissão McCarthy 5.000 homossexuais estavam trabalhando como Servidores Civis, naquela época. Essa corrupção e essa degradação mostraram sempre serem os melhores aliados do bolchevismo em toda parte.

Através das brechas na estrutura da administração, por meio de defeitos e de fraquezas de funcionários civis desonestos e corruptíveis, espiões comunistas, agentes e gangsters infiltraram-se no governo do país. Ao mesmo tempo, a propaganda comunista diz às massas mal informadas: "Olhem para eles! Esses homens são os seus senhores?" Mas isso não explica o ponto mais importante, isto é, que esses homens, ou a maioria deles, em todo caso, são judeus. Quando a democracia desce a um nível tão baixo que os judeus podem fazer o que bem entendem, então a corrupção não pode ser contida e o rápido progresso do bolchevismo está garantido.

Desde 1945, o programa do judaísmo mundial tem sido o de enfraquecer o máximo possível os Estados Unidos. Eles querem minar e corromper os Estados Unidos por meio de conspirações e de atos corruptos. A indústria de armamentos do país tem de ser desorganizada, para que o bolchevismo - a mais alta e mais segura forma do sistema comunista e do poder mundial judaico - possa alcançar uma vitória fácil.

É verdade que as organizações judaicas americanas fizeram uma declaração contra o comunismo em 1950, mas isso foi apenas um logro! Na verdade, os judeus americanos querem alcançar objetivos muito diferentes do que eles dizem. Uma das personalidades mais influentes entre os judeus americanos escreveu no principal artigo do B'nai B'rith Messenger de 1 de novembro de 1948:

"Minha alma se revolta quando eu ouço e tenho de suportar o fato de que o Fascismo e o Comunismo são conceitos de composição idêntica. Algumas pessoas falam de comunismo... e eu digo: isto é ideologia judaica!"

E toda vez que o mundo judeu tirou a máscara por um ou dois breves instantes, em várias ocasiões históricas, grande parte da mesma mensagem foi transmitida.

Em comemoração à revolução bolchevista, a mesma idéia foi expressa no jornal parisiense Peuple Juif, em 8 de fevereiro de 1919:

"A revolução mundial, que alguns de nós, judeus podemos viver para ver, é as-

sunto exclusivamente nosso e como tal deve continuar, e sua preparação deve estar em nossas mãos. Por meio dessa revolução mundial, o poder do mundo judeu será estabelecido sobre as nações do mundo''.

Zinovjev-Apfelbaum, o grande Irmão Oriental, anunciou a mesma coisa quando ele recebeu um empréstimo de onze bilhões de dólares do prefeito novaiorquino La Guardia:

''Nós exterminamos os capitalistas e os latifundiários na União Soviética, e faremos tudo que for preciso para fazer o mesmo com as classes cultas dos Estados Unidos e da Europa''.

E o judeu oriundo da Alemanha, que hoje poderia ser um imigrante nos Estados Unidos ou um governador na Alemanha ou talvez uma autoridade da imprensa americana, disse essencialmente a mesma coisa no seu jornal alemão, pouco depois da Primeira Guerra Mundial:

''Nós temos de continuar nossa luta, não apenas pela nossa própria existência, mas para alcançar o poder mundial para o mundo judaico como um todo; é para isso que nós temos trabalhado sem cessar durante os últimos 2.000 anos'' (Israelitische Wochenblatt, 5 de janeiro de 1926, Leipzig).

Todas as nações, inclusive os Estados Unidos, têm de desaparecer. Afinal de contas, este é um plano de âmbito mundial. Aquele grande líder do judaísmo, Adolph Crémieux, presidente da Aliança Israelita Universal, disse, há quase cem anos passados:

''Os países têm de desaparecer e as religiões têm de ser supridas. Só Israel não deve desaparecer, pois esse pequeno país é o povo eleito de Deus''.

Portanto, por que os americanos acreditam que entre os vários grupos raciais que imigraram para os Estados Unidos e ali se estabeleceram, o grupo que representa o mundo judaico é exatamente igual aos outros? Como pôde o povo americano imaginar que o mundo judaico permanecerá leal aos Estados Unidos, quando eles não foram leais ao Império Romano, à Espanha, a Portugal ou a nenhum outro país do mundo? Não há dúvida de que o sonho dourado dos judeus é se tornarem senhores dos Estados Unidos e tratar esse país da mesma forma como trataram as outras nações.

E por que os americanos acreditam que isso não é possível?

A proporção dos comunistas nos países conquistados pelo bolchevismo não era mais do que cinco por cento da população, no início da ''ação direta''. Na Rússia, ninguém jamais tinha ouvido falar em bolchevismo, antes de 1917, quando as autoridades imperiais russas permitiram que Lenin e sua quadrilha atravessassem a Alemanha e entrassem na Rússia, vindo da Suíça. Não havia um único bolchevista na Hungria, até 1919, isto é, até o regime de terror de Béla Kun, de curta duração. Os líderes do movimento foram mandados por Lenin e por sua quadrilha, operando com base na Rússia. Em 1945, quando Mátyás Rákosi-Roth e seu asseclas voltaram para a Hungria, havia apenas 140 membros do partido comunista no país, e assim mesmo operando às escondidas. No fim de 1945, durante as eleições húngaras, os comunistas conseguiram dezessete por cento da votação total. Naquela época, eles conseguiram apenas três ou quatro por cento dos votos na Áustria, embora nessa altura os comunistas, tanto na Áustria como na Hungria, já fossem apoiados pelas baionetas dos exércitos soviéticos. A situação na Romênia, Alemanha Oriental e na Bulgária era semelhante. No entanto, todos esses países estão hoje nas garras de ferro da ditadura bolchevista.

O Partido Bolchevista é de índole conspiratória por natureza; é uma seita fanáti-

ca. No começo, Churchill notou isso claramente e o disse. Esse fanatismo é capaz de vencer até a democracia mais perfeita. A liberdade é boa porque pode ser explorada e abusada! Quanto maior a liberdade, maior a ameaça de bolchevismo.

Segundo cálculos dos americanos, o número de membros do Partido Comunista nos E.U.A. é de apenas 60 ou 100 mil pessoas. Portanto — dizem os americanos — não pode haver bolchevismo nos Estados Unidos, onde os padrões de vida são os mais altos do mundo. Como podemos ver, a democracia americana funciona moderadamente bem, e uma minoria americana tão pequena não deveria ter nenhuma possibilidade, seja qual for, de subjugar um país poderoso de 160 milhões de habitantes (em 1988 são 300 milhões — nota do tradutor).

Edgar Hoover, diretor do F.B.I., diz que podem ser acrescentados uns 500.000 simpatizantes do comunismo aos 100.000 bolchevistas já existentes nos E.U.A.

Se assim for, o quadro geral do bolchevismo nos E.U.A. muda completamente e fica assim: nós temos 100.000 conspiradores, mais 500.000 simpatizantes do comunismo (entre os quais, muitos ocupando cargos importantes e posições-chave), mais cinco ou seis milhões de judeus, mais doze milhões de negros, mais corrupção, mais espionagem soviética, mais a imprensa nacional, as redes de rádio e de televisão (cem por cento das quais estão nas mãos de judeus), e, finalmente mais a onda sempre crescente de crimes, na qual a delinqüência juvenil representa um papel chocante.

Existem muitos cidadãos tementes a Deus, religiosos e civilizados entre os negros. Mas os negros americanos sentem que eles são pessoas menosprezadas, e os bolchevistas sempre têm recrutado as suas quinta-colunas de gente assim. Muitos judeus não são bolchevistas. Mas o judeu é sempre um nacionalista, e ele se transforma em bolchevista tão logo reconhece o caráter judaico do bolchevismo. Segundo Gerald K. Smith, já existem pelo menos quinhentos mil bolchevistas conscientes e fanáticos nas fileiras do judaísmo americano. E segundo um cálculo máximo, a Revolução Russa foi iniciada com apenas 500 judeus. Trabalhando com base nesses números, o Partido Comunista Americano, chefiado por judeus americanos, tomou a seguinte resolução, em 5 de fevereiro de 1951:

"... e nosso congresso fez anotar na sua agenda, como sua principal preocupação, a luta pela paz, a luta pelas classes trabalhadoras e pelas pessoas de cor, além de pedir a mobilização de todas as forças amantes da paz deste país".

A ala comunista do mundo judaico pretende, como pode ser visto pelo que foi dito antes, mobilizar a população negra dos Estados Unidos. Meio milhão de judeus pretendem assim realizar um medonho sonho judaico-americano. Eles planejam organizar e armar uma força terrorista negra de um milhão de homens, chefiada por comissários judeus americanos.

A ala comunista do mundo judaico coopera com aqueles judeus que defendem os direitos dos homens negros. O jornal húngaro Daily Journal, um jornal confessamente judaico-comunista, publicou um artigo muito humilhante no seu número de 14 de abril de 1950, sob o título: "os judeus lutaram pelos direitos dos negros e dos trabalhadores". O artigo nos fala a respeito de E. L. Rose, um judeu nascido na Polônia, que foi para os Estados Unidos depois da derrota de 1848 e da Revolução em Viena, e que fez vários discursos defendendo os negros, e assim se tornou o líder do movimento pela libertação dos negros de St. Louis. O judeu russo S. A. Bierfield é referido pela propaganda judaica comunista como um mártir da cooperação com os negros, por parte dos judeus, quando ele foi assassinado por bandidos na sua loja, juntamente com o seu empregado negro. O artigo que citamos acima também obser-

va que quando o panfleto "Mão de Obra e Capital", da autoria de Karl Marx, foi editado em ídiche em 1888, judeus entusiastas da Zona Leste começaram a organizar sindicatos entre os negros.

Em virtude à oposição aos negros religiosos, o grande sonho dos judeus comunistas americanos — a organização de uma grande força terrorista negra — até agora vem falhando, mas isso nos parecerá menos sonho e mais realidade se lermos os relatórios da Comissão Especial sobre Atividades Antiamericanas. Segundo esses relatórios, o Partido Comunista Americano tinha 1.160 organizações entre os trabalhadores em geral, fazendeiros e negros, inclusive grupos e departamentos políticos e até pseudo-religiosos.

John T. Flynn, o corajoso publicista americano, no seu livro A Estrada à Frente, cita uma fenomenal lista de organizações comunistas negras. Disso, ficamos sabendo que existem oitenta e oito grandes organizações negras trabalhando para o bolchevismo americano. Entre essas acham-se a Irmandade do Sangue Africano e muitos outros movimentos e seitas que ostentam os mais diversos títulos e que operam sob o pretexto de serem movimentos religiosos em defesa da paz.

Os americanos ainda não estão familiarizados com as táticas do judaísmo nacionalista. Mas a chegada de um crise econômica, um terceira guerra mundial, ou uma instabilidade decorrente de uma guerra perdida seriam suficientes para que os Estados Unidos virassem um inferno. Os demônios do bolchevismo também foram soltos na Rússia, em 1917, de maneira semelhante, no Império Austro-Húngaro em 1918, e em toda a Europa Oriental em 1945.

E se isso acontecer nos Estados Unidos, terá finalmente raiado o dia do reino mundial judaico. A velha promessa será realizada de acordo com as instruções escritas:

"É de nós que emana todo o terror envolvente...".

O exército negro marchará chefiado pelos onze principais membros do Politburo Americano, seis dos quais são judeus. Será uma força de onze milhões de fanáticos, mantidos sob uma férrea disciplina, a quem serão prometidas as mulheres brancas americanas. Será a mais gigantesca KGB do mundo, dirigida por 500.000 comissários, oficiais, agentes e polícia secreta da semente de Abraão, e assumirá o poder sobre os Estados Unidos. Mas os homens cruéis sairão dos guetos do Brooklyn, dos setores judaicos do Bronx e das massas desoladas de imigrantes poloneses orientais e entrarão em ação. Um exército negro sairá também do Harlem. Esses soldados negros estarão cheios de ódio e sua sede de sangue, agora disfarçada por um verniz de civilização, será aguçada pela propaganda judaica. Esses negros odeiam os homens brancos, mas não odiarão os judeus, que eles crêem serem os seus libertadores, embora na realidade eles sejam seus amos e senhores, e como tais serão protegidos pela força bruta dos negros.

O capital privado acumulado pelos judeus, individualmente, e por outros, será tomado pelo capitalismo estatal judaico, a fim de se apossar do controle total sobre a fabulosa riqueza dos Estados Unidos. Os judeus dominarão o Governo Federal e também os Governos Estatais, abolirão a democracia e o voto por cédulas eleitorais.

Sem dúvida, os judeus devem raciocinar assim:

"Os americanos dizem: "isto não é possível no nosso país!" Mas tem sido possível em toda parte, até agora. E se o povo americano tentasse resistir, nós levantaríamos uma forca em Capitol Hill, defronte à Casa Branca; e essa forca seria protegida pela feroz guarda do Rei Davi, por doze milhões de negros e por seis milhões de judeus. Esse poder terá a firmeza duma verdadeira rocha. Tente revoltar-se, gente de Was-

hington!... Tente rebelar-se contra nós, seus americanos que lutam contra a liberdade, e o seu destino será o mesmo dos guardas de Wrangel, que um dia também tentaram rebelar-se contra nós! Agora, a espada de Dâmocles está suspensa sobre a cabeça de vocês. A artilharia atômica os exterminará a todos, se vocês se atreverem a fazer guerra contra o nosso grande Rei Davi. Já devíamos ter construído cadafalsos, e vocês não devem esperar encontrar nem humanidade nem filantropia, assim que o poder total caia nas nossas mãos. Não; pois é de nós que emana todo o terror envolvente!

''Tentem imaginar o que aconteceu aos que lutavam pela liberdade e que defendiam várias cidades da Europa Oriental contra os exércitos bolchevistas. De um lado, pensem na luta de ruas que ainda estava acontecendo quando nós irrompemos dos guetos; pois nós, que todos pensavam que nunca havíamos lutado, tiramos nossa máscara no último instante. E quando os que lutavam pela liberdade olharam através das suas alças de mira para as cidades ocupadas pelas tropas bolchevistas, pudemos ver que meia hora depois, já existiam forcas lá. Elas haviam sido erguidas por nós, e nós saíamos dos guetos para enforcar os nossos inimigos nelas: os cristãos''.

E tal cena pode tornar-se uma realidade a qualquer momento, porque os judeus traíram os Estados Unidos. A pergunta, agora, é: será que os americanos irão acordar enquanto ainda há tempo para agir? Se eles acordarem a tempo, outra cena terrível pode tornar-se realidade, isto é, a realidade de Oscar Strauss, um grande financista e homem de negócios americano:

''Trata-se do meu povo. Estou dizendo-lhe, meu amigo, que se meu povo não mudar de modo de proceder e não se tornarem bons cidadãos, em breve, tempo virá em que os Estados Unidos vão ver massacres tão grandes, que comparados com eles os massacres da Europa seriam uma verdadeira ninharia!''

Uma coisa que Oscar Strauss não disse foi a maneira de resolver o problema judaico não é o massacre racial. A força bruta só promove o nacionalismo desarmado.

É preciso derrotar a conquista mundial judaica, mas por meios diferentes. Pois se ela não for contida imediatamente, é claro que as horas de liberdade dos americanos e do resto da humanidade estarão contadas e escoando-se rapidamente na ampulheta do tempo.

Capítulo XVI

A Realização dos Protocolos

Ao analisarmos a atual situação do mundo, nunca será demais frisar a importancia do fato de que ninguém parece estar disposto a encarar o fato de que o mundo judaico, que conseguiu desencadear duas guerras entre países cristãos, e que, conforme já observamos nos capítulos anteriores, foram os principais criminosos de guerra da Segunda Guerra Mundial, não acham do interesse dos judeus uma guerra contra os soviéticos ou contra o bolchevismo em geral. Isso não favoreceria os interesses dos judeus, porque uma vez que a ditadura do bolchevismo fosse derrotada, o mundo descobriria quem são os verdadeiros assassinos, carrascos, comissários e carcereiros dos países escravizados e quem são os que promovem a guerra biológica de classe.

Juntamente com o plano deles de poder mundial, a horrível aliança de uma consciência culpada é o fator de ligação entre os judeus ocidentais e orientais. Aqueles que não entendem por que o mundo judaico tudo faz para evitar que os Estados Unidos e a União Soviética deveriam ler as declarações do Dr. Goldman, líder americano do Congresso Judaico Mundial, segundo as quais "uma terceira guerra mundial significaria o total extermínio dos judeus". Pinkas Lubianker, o líder da delegação de Israel em Londres, disse essencialmente a mesma coisa. Solem Traitsman, rabino da Polônia comunista, deixou escapulir um segredo quando mandou a seguinte circular ao mundo judaico, em 1951, incitando os judeus a assinarem as petições de paz soviéticas:

"Para os judeus, o fim da paz significaria também o seu próprio fim. A terceira guerra mundial é uma nova arma nas mãos dos arqui-inimigos do mundo judaico. As petições de paz, quer sejam elas instituídas pela direita ou pela esquerda, devem ser assinadas, em qualquer circunstância, pela maior parte da humanidade, mas, acima de tudo, pelos judeus. Quanto ao povo judeu, para ele isso não é apenas uma questão de "Oriente contra Ocidente". Para o povo judeu, isso é uma questão de vida ou de morte!"

Os rabinos da França uniram-se aos movimentos de paz e fizeram declarações semelhantes a essa, e também não foi por acaso que em 1950, 160.000 judeus, em

Israel, assinaram petições comunistas de paz. A porcentagem daqueles que assinaram, disse o Daily Worker, é maior em Israel do que em qualquer outro país, menos a União Soviética!

Agora, já podemos compreender melhor por que era preciso presentear os soviéticos com a bomba atômica, por que a Cortina de Ferro ainda é mantida, bem como a finalidade dos falsos slogans de paz e os lemas da coexistência e por que a guerra fria ainda continua. E também se compreende por que não existe nenhuma comunidade ativa de defesa européia e nenhum exército europeu. Torna-se claro o motivo pelo qual os países são escravizados e divididos em dois, e por que metade da humanidade tolera a existência dos campos soviéticos de escravos.

A resposta é simples. O poder mundial sobre os dois hemisférios está nas mãos dos judeus.

Disseram que os Protocolos dos Sábios do Sião eram falsificações. Mas meio século depois, a Grande Visão se tornou um realidade. Nesse curto tempo, o mundo judaico executou os dois primeiros estágios da luta pelo poder mundial e já chegou bem perto da terceira etapa, mas ainda não tirou definitivamente sua máscara.

Mas o verdadeiro poder mundial está atualmente nas mãos dos conquistadores do mundo, e agora é apenas questão de tempo até que os judeus orientais e ocidentais se apertem as mãos, abertamente por cima das nações escravizadas e das massas barbarizadas.

Em 1904, Chaim Weissmann comentou o que segue, sobre o que Theodore Herzl fez pela união dos dois grupos de judeus, o oriental e o ocidental:

"Há quatro anos passados, o mundo judaico estava dividido em dois campos: um do Oriente e outro do Ocidente. E quando Herzl chegou e disse que precisávamos unir o judaísmo ocidental e o oriental, nós executamos ao pé da letra essa ordem. Hoje, a nossa união é o legado de Theodore Herzl ao povo judaico".

A obra de Theodore Herzl, Judenstaat, declara: "Wir sind ein Volk!" — "Nós somos um só povo!" E hoje, essa é a única identidade existente num mundo dividido em dois hemisférios.

"Nós somos um só povo, apesar de todas as divergências existentes entre a democracia americana e a soviética. Nós somos um só povo, e é contra os nossos interesses que o Ocidente liberte o Oriente, pois ao fazer isso e ao libertar as nações escravizadas, o Ocidente, inevitavelmente, privaria o mundo judaico da metade oriental do seu poder mundial!".

O grande programa dos Protocolos está quase cumprido, e isso é a melhor prova de que eles são verdadeiros. Há cinqüenta anos passados, a Liga das Nações e a O.N.U. não passavam de um sonho, mas os autores dos Protocolos visualizaram claramente o papel e a finalidade que essas organizações iriam ter.

Assim, para substituir a fracassada e extinta Liga das Nações, foi criada a O.N.U., com o seu palácio construído às margens do Lake Success, onde, sob as cores azul e branca do Sião, se reúnem os governos do mundo. Na Coréia, os soldados americanos morreram lutando sob as cores sionistas. Portanto, nessas circunstâncias, as Nações Unidas podem ser consideradas, com toda razão, como a mais perfeita e a mais realizada organização de poder do mundo judaico.

A formação do governo mundial judaico ainda não foi anunciada oficialmente. Mas Einstein, o profeta, juntamente com a Organização dos Federalistas Mundiais e com as Organizações Federalistas de vários países europeus, estão proclamando isso abertamente. (Veja o programa dos Federalistas Mundiais). Na parte do Estado de

Nova Iorque mais densamente povoada de judeus, o senador Herbert H. Lehman e o deputado Jacob Javits são eleitos sob esse programa.

O departamento mais importante das Nações Unidas é a UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization — Organização Científica, Cultural e Educacional das Nações Unidas). Ela é quase exclusivamente controlada pelos judeus. A UNESCO tenciona dirigir e controlar a educação de toda a juventude do mundo inteiro. Na verdade, isso também consta das instruções dos Protocolos:

"Temos de dirigir a educação dos povos não judeus de maneira tal, que toda vez em que eles encontrarem um assunto que exija iniciativa, eles torçam as mãos, desesperados, por não saberem o que fazer" (Protocolo V).

Portanto, a UNESCO é a organização principal, vislumbrada pelos autores dos Protocolos, que foi estabelecida em dado momento para produzir e treinar uma juventude mundial que consistisse exclusivamente de proletários ateus, que não tivessem lealdade nenhuma para com seus países e suas tradições nacionais, e que considerasse tudo que fosse contrário ao poder mundial pelos judeus como um "anti-semitismo" abjeto.

"No lugar dos governantes atuais, colocaremos um fantoche que será chamado de Super Administração de Governo", está profetizado no Protocolo V. "Suas mãos se estenderão em todas as direções como tentáculos, e sua organização será de dimensões tão colossais, que não pode falhar e subjugará todas as nações do mundo".

Atualmente, na O.N.U., o democrata ocidental, o judeu soviético oriental, o rabino de Nova Iorque e o comissário soviético sentam-se lado a lado, em total cooperação. Enquanto os soldados do mundo não judaico estão ocupados em derramar o sangue um do outro, está sendo travada uma guerra dentro da própria ONU, onde o famoso pronunciamento de Theodore Herzl influencia todas as declarações de paz das Nações Unidas:

"Nós somos um só povo. Nós somos todos o mesmo povo!" E tudo além disso é uma farsa, apenas um espetáculo de engodo. Na Comissão de Energia Atômica da ONU, judeus falam com judeus, disfarçados ou como democratas ou como bolchevistas, e discutem entre eles mesmos o problema mais grandioso do mundo. Embora o autor da Carta da Constituição da ONU, Leon Pavlovsky, seja um judeu americano, ele copiou a constituição soviética palavra por palavra ao redigir a Carta da ONU. Informações consideradas úteis aos países não judeus têm de ser examinadas pelo Centro de Informações dirigido por um judeu, Jacob Sappiro. Na Comissão de Energia Atômica, Bernard Baruch representa os Estados Unidos, e na Comissão Política, D. J. Mamilsky, um judeu soviético, representa a União Soviética. A Organização Internacional do Trabalho da ONU é dirigida por David A. Morse, cujo nome verdadeiro é Maskovich, um judeu russo. Embora o Secretário-Geral dessa poderosa organização mundial não seja judeu, Benjamin Cohen, Secretário-Geral Assistente, é judeu. É também muito importante o fato de que durante a Guerra da Coréia, Constantin Zinkovich, um judeu russo, era chefe do Serviço de Segurança da ONU. E isso significava, na verdade, que ele era o chefe do general MacArthur durante as operações coreanas.

De agora em diante, não será o Congresso americano que decidirá o destino dos Estados Unidos, mas sim uma organização desconhecida, controlada pelos judeus. E assim, os soldados têm de morrer em proveito dos judeus nas Nações Unidas, esses mesmos judeus podem sabotar aqueles que estão lutando contra o bolchevismo. E novamente, a ONU ditará as regras do jogo e dirá à França, à Grécia ou à Alemanha Ocidental quem esses países devem aceitar como cidadãos, se eles podem receber

empréstimos, e que tipo de regulamento de trabalho deve ser adotado. Abordaremos este ângulo da questão no próximo capítulo.

Vejamos, agora, até que ponto as instruções estabelecidas nos Protocolos já foram executadas tanto no Ocidente como no Oriente. Primeiro, trataremos do bolchevismo. Para comparação, é claro que seria mais exato considerar os Protocolos mais como a Bíblia do bolchevismo do que como obra de Lenin.

"Os povos sob nossa direção aniquilaram a aristocracia..." (diz o Protocolo III, escrito em 1897) "que era a sua única defesa e mãe adotiva, em favor dos nossos planos, o que está inseparavelmente ligado ao bem-estar do povo. Hoje em dia, com a destruição da aristocracia, o povo caiu nas garras de patifes cruéis, que móem o dinheiro e que colocaram uma canga férrea no pescoço dos trabalhadores.

Mas, na verdade, em apenas meio século, muito mais do que isso foi conseguido pelos judeus. Eles conseguiram destruir não apenas a aristocracia, não só a nível de nascimento, mas também a nível de habilidade pessoal, bem como a elite aristocrática, independentemente de pertencer ou não às classes trabalhadoras, camponeses donos de terras ou à "aristocracia" da classe média. A decapitação intelectual da Rússia foi completada em 1917, e ao invés de Dostoievsky e seus adeptos, gente como Ilja Ehrenburg representa atualmente a "elite intelectual" da União Soviética. Metade da elite da Europa foi executada, alguns sob o pretexto de libertação, e outros porque eles foram considerados culpados de crimes de guerra. Realmente, os povos caíram "nas garras dos canalhas".

Hoje, enquanto estas linhas estão sendo escritas, pode-se dar uma olhada no que está acontecendo por trás da Cortina de Ferro, na Rússia. Em primeiro lugar, os reis foram destronados e seus cetros e suas coroas lhes foram tirados; em seguida, a aristocracia foi destruída, depois a classe média dos vários países foi fuzilada e enterrada em valas comuns, no padrão dos assassinatos da floresta de Katyn, ou deportada para prestar trabalho escravo ou para os campos de extermínio, e agora é a vez de os líderes dos trabalhadores sofrerem o mesmo destino.

"O que nós temos de conseguir é que existam em todos os países do mundo, além de nós próprios, apenas as massas do proletariado, alguns milionários dedicados aos nossos interesses, polícia e soldados" (Protocolo VII).

Esse objetivo foi completamente alcançado na União Soviética, e sua realização nos outros países por trás da Cortina de Ferro já está sendo feita. O reino do mundo judaico assumiu aspecto material na forma do bolchevismo, no qual não se pode encontrar mais nada, além das massas escravizadas e dos comissários judaicos.

"Desta maneira... nós destruiremos, no seio dos povos não judeus, a importância da família e do seu valor educacional, e afastaremos a possibilidade de que as mentes individuais se desdobrem..." — diz o Protocolo X.

Os professores judeus nos colégios dos países por trás da Cortina de Ferro ensinam a inseminação artificial a crianças de treze anos de idade. Nos colégios populares, rapazes e garotas de quinze anos de idade dormem juntos. Na União Soviética a vida familiar está sendo destruída, mas não apenas por meio da deportação. Os trabalhadores ferroviários ou carteiros que nascem na Ucrânia são mandados trabalhar em Vladivostok, e vice-versa. Os movimentos da juventude soviética estão arrancando cruelmente as crianças do âmbito da vida familiar.

A seguinte citação de relatórios americanos autênticos prova que parte do programa dos Protocolos já foi realizada também nos Estados Unidos:

"Hoje em dia, a delinqüência juvenil está aumentando de forma alarmante nos

Estados Unidos. A polícia não mais consegue citar um único item do código criminal sem que os jovens americanos, rapazes e moças já estejam familiarizados com ele. O assassinato de pais, de irmãos e de irmãs, bem como todo tipo de crimes sexuais, roubos, assaltos a pessoas e a bancos, raptos comuns e contrabando de entorpecentes, já estão tornando-se acontecimentos comuns entre os adolescentes. O quadro geral espelhado pelas estatísticas é simplesmente apavorante'' (Hidverök, dezembro de 1955, página 939).

Em Der Weg, vol. VI, número 8 lemos que numa entrevista, Hoover, chefe do F.B.I., forneceu dados ainda mais chocantes. No ano de 1951 houve um total de 1.790.030 casos de crimes. A média diária de pessoas assassinadas ou agredidas foi de 301; de casas arrombadas, 1.190; de pessoas roubadas, 146; e de carros roubados, 468. Assim, a cada cinco minutos, acontecem um assassinato, um roubo ou um rapto. A característica mais preocupante da onda de crimes é que os adolescentes estão envolvidos nesses casos numa proporção alarmante. Quase diariamente, podem-se ler nos jornais casos de rapazes de quinze anos, armados de revólveres, praticando assaltos e roubos à mão armada. Segundo dados estatísticos, centenas de milhares de adolescentes usam armas de fogo. Hoje nos Estados Unidos, parece que uma atmosfera de crime foi criada de propósito, sendo inalada a cada vez que se respira. Isso começa com as crianças lendo habitualmente histórias de violência nas assim chamadas histórias em quadrinhos. Mais de cem dessas publicações de baixa categoria produzem cerca de quarenta milhões de exemplares. Noventa por cento das crianças dos seis aos onze anos de idade lêem essas histórias horríveis. Histórias policiais e de crimes inundam as bancas de jornais, em lotes de 100.000 ou mais. Seiscentos ''escritores'' trabalham em horário integral escrevendo e produzindo tais histórias. Talvez seja bom acrescentar que mais de noventa por cento desses ''escritores'' são judeus.

O ambiente criminoso artificialmente criado é ainda mais intensificado pela televisão, explica o artigo no Der Weg. No ano passado, segundo os roteiros, 16.932 mortes violentas puderam ser vistas nos aparelhos de televisão. Cerca de 9.652 pessoas foram mortas a tiros por revólveres, e 762 foram abatidas pelas rajadas de metralhadoras. Várias pesquisas feitas nos ginásios revelaram que cerca de metade dos estudantes de menos de dezoito anos de idade são viciados em drogas: maconha, heroína e morfina foram citadas entre os narcóticos que eles tomam.

Já que sabemos que os filmes, a televisão, o rádio e a imprensa americanos estão quase que exclusivamente nas mãos dos judeus, a onda de crimes mal pode ser considerada como coisa ocidental. Os autores dos Protocolos sabiam muito bem que a estabilidade do reino deles dependia de corromper as massas. O programa dos Protocolos foi executado:

''...os povos não judeus estão embrutecidos pelas bebidas alcóolicas; a sua juventude ficou imbecilizada'' (Protocolo I).

''No nosso programa, um terço dos nossos súditos manterão os outros sob observação, por causa de um senso de dever, sobre o princípio do serviço voluntário ao Estado. Então, não será vergonhoso espionar ou informar, mas sim um mérito...'' (Protocolo XVII). Hoje, nos escritórios, nas fábricas e nas oficinas dos países bolchevistas, vários milhares de informantes e de espiões do regime competem entre si na observação e na feitura de relatórios até mesmo sobre os assuntos mais corriqueiros. O Protocolo XII nos diz:

''Os povos não judeus são as ovelhas, e nós somos os lobos. E vocês sabem o que acontece quando os lobos agarram o rebanho...'' A letargia das massas e o terror in-

culcado nelas mostraram serem salvaguarda importantes para a sobrevivência do regime bolchevista.

''Nem um único anúncio irá ao público sem nosso controle'' — declara o Protocolo XII, e hoje toda censura nos países que estão atrás da Cortina de Ferro e principalmente na União Soviética, estão cem por cento nas mãos dos judeus.

''Quando estivermos no período do novo regime de transição para aquele da soberania plena, não poderemos permitir nenhuma revelação pela imprensa de nenhuma forma de desonestidade pública; é necessário que o novo regime dê a impressão de que deixa todos felizes e de que até a criminalidade desapareceu... Os casos de manifestação de criminalidade deverão ser sabidos apenas pelas suas vítimas e pelas suas ocasionais testemunhas... por ninguém mais'' (Protocolo XII). Hoje, atrás da Cortina de Ferro, as notícias policiais e os relatórios de crimes estão sumindo da imprensa. O comando secreto judaico nos Protocolos foi executado fielmente pelo ''novo regime'' cinqüenta anos mais tarde.

''Quando chegarmos ao nosso reinado, será indesejável, para nós, que haja outra religião além da nossa...'' consta que hoje em dia, na União Soviética, só a religião dos judeus goza de liberdade religiosa.

''... precisamos a todo custo impedir que haja contra nós coisas tais como complôs... Mataremos sem piedade todos aqueles que pegarem em armas contra nós para se oporem ao nosso plano de instaurar um reinado. Todo e qualquer tipo de nova instituição de qualquer coisa semelhante a uma sociedade secreta também será castigado com a morte...'' (Protocolo XV). Essa ordem judaica foi cumprida com severidade quase clássica pelo KGB, chefiado pelos judeus. Os expurgos e os massacres na União Soviética e nos países do Bloco provam que os judeus que estão no poder estão executando as instruções dos Protocolos com a máxima crueldade.

''Todo tipo de instituição nova ou qualquer coisa como uma sociedade secreta também serão castigados com a morte; aqueles deles que agora existem nós já os conhecemos, nos servem e nos têm servido, nós os mandaremos para o exílio, para continentes longe da Europa. Assim, agiremos com os não-judeus maçons que sabem demais'' (Protocolo XV). Isso explica por que a maçonaria foi liquidada na Europa Oriental após a implantação do comunismo, apesar do fato de que a maçonaria tinha preparado o caminho para o bolchevismo. Hoje, os maçons que havia atrás da Cortina de Ferro vivem numa terra muito distante: na verdade, ela se chama Sibéria! Os Protocolos VIII e X nos dizem:

''Por algum tempo, não haverá mais perigo em confiarmos cargos de responsabilidade na nossa nação a nossos irmãos judeus; nós os colocaremos nas mãos de pessoas... que em caso de desobediência... deverão enfrentrar acusações criminais''. ''...arranjaremos as eleições em favor de presidentes tais que tenham tido no seu passado alguma mácula secreta, muito grave, comprometedora, e assim eles serão nossos agentes muito dignos de confiança, pois terão medo de serem denunciados...'' (Protocolos X).

Esse sistema foi usado com uma exatidão medonha pelos bolchevistas nos países atrás da Cortina de Ferro, até que o poder deles estivesse perfeitamente estabelecido. Isso pode ser bem ilustrado por meio de exemplos na Hungria. Desde 1945, a pessoa que realmente tinha o poder na Hungria era um judeu moscovita chamado Mátyás Rákosi-Roth. O primeiro presidente da república foi Zoltán Tildy, um sacerdote calvinista beberrão cuja esposa, Elizabeth Gyenis-Grünfeld, é judia. O segundo presidente foi Arpád Szakasits, um espião da Gestapo, cuja esposa foi mandada para a

prisão por furtos em lojas. O terceiro presidente foi um cigano chamado Sándor Rónai-Roma, que tinha uma esposa judia. Mas o verdadeiro poder está sempre nas mãos da polícia secreta húngara (A.V.H.), chefiada por judeus.

"...não se pode permitir que por medo de um possível erro uma oportunidade de escapar seja dada a uma pessoa suspeita de um erro político..." — diz o Protocolo XVIII, que prossegue: "...nesses assuntos, seremos simplesmente impiedosos... Não há nenhuma possibilidade de desculpa para pessoas que se ocupam de assuntos dos quais ninguém, senão o governo, pode entender alguma coisa...".

E, realmente, na Europa Central a maioria dos presos políticos estão apodrecendo nas prisões soviéticas, nos campos de concentração dos países escravizados ou então em colônias de expatriação. Os criminosos "políticos" foram punidos mediante o golpe baixo de colocar leis em vigor com efeito retroativo. Segundo dados estatísticos da Federação Americana do Trabalho (A.F.L.), de quatorze a vinte milhões de escravos estão hoje construindo a estrutura do reinado mundial judaico nos campos de trabalho forçado dos soviéticos. Os Protocolos chegam até a dar uma receita de como os presos políticos devem ser tratados, a fim de impedir que o povo sinta pena ou simpatia por eles:

"A fim de destruir o prestígio do heroísmo por crimes políticos, nós os mandaremos a julgamento na categoria de roubo, homicídio, e todo tipo de crime abominável e sujo. A opinião pública, então, confundirá, na sua concepção, esse tipo de crime com a vergonha ligada a todos os outros tipos de crime, e o marcará com o mesmo desprezo" (Protocolo XIX).

Qualquer pessoa que observar atentamente os julgamentos políticos atrás da Cortina de Ferro verá logo que também nesse particular os líderes da União Soviética estão seguindo as instruções cinqüentenárias dos Protocolos. Assim, sob coação, o cardeal Mindszenty foi forçado a confessar que ele negociara com contrabando de câmbio, o bispo Lajos Ordass foi forçado a confessar o contrabando de dólares, e László Rajk, um ex-ministro comunista de negócios internos, teve de confessar que era culpado de furto. Todos aqueles que não gostam do domínio judaico revestido de bolchevismo, são inimigos do povo. Eles "praticam crimes" contra uma raça, isto é, contra a raça judaica.

Os autores dos Protocolos estão pensando não apenas no presente, mas também no futuro. Eles querem garantir o poder mundial para sempre, e a única maneira possível de conseguir fazer isso é apagar o passado histórico da mente da juventude de todas as nações. E então, essas pessoas jovens irão crescer para engrossar as fileiras das massas servis, privadas de qualquer tradição. "O classicismo, bem como toda forma de estudo da história antiga, na qual existem mais exemplos ruins do que bons, nós substituiremos pelo estudo do programa do futuro" — é o que se pode ler no Protocolo XVI. O marxismo e o leninismo também nos ensinam: "Apagaremos da memória do homem todos os fatos históricos dos séculos passados que possam ser desfavoráveis a nós. Acabaremos com todos os colégios e com toda a educação particular".

Todo esse programa tem sido executado atrás da Cortina de Ferro com extrema precisão, sendo as instruções citadas acima seguidas palavra por palavra. Os clássicos já não são mais ensinados nos colégios soviéticos. Os adolescentes têm de aprender as doutrinas de Marx e de Lenin, juntamente com minúcias dos vários planos qüinqüenais e de programas referentes ao futuro. Todo ensino particular foi eliminado. O Latim foi abolido e substituído pelo Russo. Manchar o passado e falsificar a História são duas coisas que estão sendo feitas de maneira sistemática. O domí-

nio mundial judaico, pulverizando e apodrecendo tudo, pode na Rússia ser visto na sua forma absoluta: o bolchevismo.

Recentemente, a propaganda judaica deu a entender que existe "anti-semitismo" por trás da Cortina de Ferro. Os julgamentos espetaculosos de alguns judeus comunistas aparentemente parecia confirmar este argumento, por exemplo, os casos de Slansky (Salzman), Anna Pauker (Rabinovich), Gábor Péter (Auspitz) e a execução de Beria.

"...nós temos sacrificado muito dos nossos compatriotas, mas para isso agora já lhes demos uma posição tal na Terra com a qual eles jamais poderiam ter sonhado. Comparativamente, o pequeno número de vítimas dos nossos compatriotas têm preservado nossa nacionalidade de destruição" (Protocolo XV).

Isso explica o pseudo "anti-semitismo" da União Soviética. Os cadáveres de Pauker, Beria e Slansky parecem serem degraus da escada que serve de escalada para o poder.

Que esperanças têm vocês para o futuro, homens do Ocidente, que vivem nas terras "livres", bombardeados, como vocês tem sido, por palavras ocas procedentes da boca de estadistas e de líderes governados pelos judeus? Será que vocês não conseguem ver que a sua tão decantada democracia não é, na realidade, democracia nenhuma, e sim judeocracia? No Oriente, é a violência, e no Ocidente é o ouro, juntamente com a influência política. Será que vocês têm alguma esperança de escaparem do destino dos seus irmãos e irmãs cristãs do Oriente, que vocês abandonaram? Talvez aqueles que estão prometendo dias melhores a vocês estejam realmente referindo-se a vocês, entre si mesmos, com as palavras dos Protocolos:

"Os povos não judeus são um rebanho de ovelhas, e nós somos os lobos".

Até que ponto o programa dos Protocolos já foi executado nos Estados Unidos, até o momento presente?

Quando Roosevelt rompeu relações diplomáticas com a Alemanha, por causa da "perseguição dos judeus", ficou claro que naquela época os Estados Unidos da América já estavam nas mãos do governo judaico secreto. A conferência de Quebec, bem como a adoção do Plano Morgenthau provaram que o poder sobre os Estados Unidos já havia passado quase completamente para as mãos dos judeus. Os bombardeios aéreos da Segunda Guerra Mundial, a campanha de vingança de Nuremberg e a aliança soviética, todos esses fatos refletiram uma América que já tinha pouco das tradições do passado.

"Os governantes, que nós escolheremos dentre o povo, obedecendo severamente a sua capacidade de obediência servil, não serão pessoas treinadas na arte de governar, e portanto se tornarão facilmente peões no nosso jogo, nas mãos dos homens eruditos e geniais, que serão seus conselheiros, especialistas criados e habituados, desde a infância, a gerirem os negócios do mundo inteiro" (Protocolo II).

F. D. Roosevelt foi um desses peões. Como já dissemos antes, a quantidade de judeus, entre os setenta e dois conselheiros presidenciais de Roosevelt, era de cinqüenta e dois.

"A fórmula da subversão gradual, e a desintegração destruidora cientificamente planejada, que foi aplicada no caso dos E.U.A., é prescrita pelos Protocolos:

"Esse mal é o único caminho para alcançarmos nossa finalidade, o bem. Portanto, não devemos hesitar em praticar o suborno, o logro e a traição, quando eles servirem para atingirmos nossos objetivos. No campo político, temos de saber nos apossarmos da propriedade alheia sem hesitação, se assim conseguirmos a submissão e

a soberania'' (Protocolo I).

Com referência a isso, a fim de não ofender os Estados Unidos, basta citar um artigo intitulado ''A Volta ao Paganismo'' que foi publicado no jornal católico americano The Wanderer, em 23 de julho de 1950.

''Os cidadãos deste país tiveram de presenciar durante todos estes últimos anos, a uma vergonhosa peça teatral na qual destacados membros de nosso governo, tanto dos negócios internos como do exterior, foram desmascarados como comunistas e como traidores. Outros foram considerados culpados de perjúrio, e alguns até de roubo, de chantagem e de falsificação. Segundo fontes fidedignas, existem pelo menos 5.000 homossexuais trabalhando na administração do País em Washington, e entre os chefes de departamentos administrativos não se encontra um único funcionário disposto a consertar as coisas e a limpar a sujeira que impera na nossa vida pública.

Os Protocolos descrevem esse estado de coisas de maneira razoavelmente exata:

''Se agora já conseguimos dominar a mente das comunidades não judaicas... Se agora já não há um único país onde existam para nós barreiras à penetração naquilo que os não judeus chamam imbecilmente de segredos de Estado; qual será, então, a nossa situação quando formos reconhecidos como os supremos senhores do universo na pessoa do nosso rei de toda a Terra? (Protocolo XII).

Os escândalos de espionagem americanos, a revelação do segredo da bomba atômica, a entrega de assuntos confidenciais do Departamento de Estado e o roubo de segredos militares, tudo isso mostra que o mundo judaico estava executando instruções dos Protocolos, já que, como já observamos, esses crimes foram praticados quase exclusivamente por judeus.

De maneira simultânea, com a corrupção das classes superiores americanas e da administrção do Estado, teve início a desmoralização das massas, através dos seus divertimentos. A ignorância das massas americanas com relação aos negócios publicos não é natural ao caráter americano. Esse resultado foi alcançado de forma artificial e corresponde aos mandamentos dos Protocolos:

''A fim de que as próprias massas não possam adivinhar o que as espera, além disso nós as distraímos com passatempos, jogos, diversões, paixões, palácios do povo... Em breve, começaremos, pela imprensa, a propor competições no campo da arte, dos esportes e outras de toda espécie... (Protocolos XIII).

Atualmente, os filmes americanos são produzidos por Louis B. Mayer, Jack Warner, Harry Warner, Nick Schenk, Joe Schenk, Goldwyn, Zukor e outros reis do cinema de nomes semelhantes. Existem mais de cem comunistas entre os principais astros do cinema. Oitenta e cinco por cento da imprensa são controlados pelos judeus. Esses mesmos elementos também falam às massas pelo rádio e pela televisão. E assim, hoje em dia é mais importante fabricar refrigeradores do que armas para defender o mundo ''livre''.

O povo está ficando cada vez menos acostumado a refletir e a formar opiniões próprias, e por isso ele logo começará a pensar no mesmo diapasão que nós, porque somente nós lhe estaremos oferecendo novas diretrizes para o pensamento... Naturalmente, por meio de pessoas tais que ninguém desconfiará de que elas são solidário conosco'' (Protocolo XIII).

Tudo isso já aconteceu. Atualmente, a imprensa, o rádio, o cinema e a televisão desviam a atenção pública dos problemas de vital importância nacional e internacional. A gigantesca rede da indústria de diversões representa não apenas o ''lado ensolarado da vida'', mas continua sendo, ao mesmo tempo, a mais possante arma

para as ambições destruidoras de uma certa raça.

A imprensa nunca diz nada contra esse estado de coisas. A própria ênfase da palavra "liberdade" muitas vezes nada mais é do que hipocrisia, ou talvez um pretexto para os judeus fazerem o que bem querem. Basta ler o artigo de Dorothy Thompson, no qual ela confessa que foi incapaz de encontrar um editor disposto a lhe dar espaço no seu jornal para uma série de artigos condenando o ódio criado artificialmente a fim de promover a guerra. A liberdade de imprensa ou já morreu ou então vem sendo transformada num monopólio, e só as coisas favoráveis aos interesses judaicos são publicados. Esse estado de coisas foi também prescrito pelos autores dos Protocolos:

"E se aparecer alguém disposto a escrever contra nós, esse alguém jamais encontrará ninguém que queira publicar o que ele escrever" (Protocolo XII).

Os jornais americanos que compreendem os assuntos judeus só conseguem continuar sendo publicados graças a donativos particulares. Sua circulação é pequena e sua influência insignificante. A verdade que eles defendem e pregam não pode alcançar o grande público.

"Nós temos nossos chefes na administração da lei, na manipulação das eleições, na imprensa, na liberdade individual, mas principalmente na educação e no treinamento de pessoas, como sendo as pedras angulares de uma vida livre" (Protocolo IX).

O famoso Felix Frankfurter é hoje um dos juízes do Supremo Tribunal Americano. No seu livro, O Judeu Internacional, Henry Ford levantou objeções, há muitos anos passados, contra a judaização da administração da justiça. Hoje, nos tribunais de justiça de Nova Iórque, os judeus constituem a maioria dos juízes. A justiça já deixou de estar de olhos vendados; ela está sempre alerta, pronta para reconhecer e para defender a raça conquistadora do mundo. Como em Nuremberg, o nacionalismo judaico continua administrando a espécie de justiça que favorece o nacionalismo judeu.

É um fato notório que a educação pública está nas mãos dos judeus. Várias organizações "educacionais", ligas e associações fornecem aos jovens idéias socialistas obscuras e ilusórias. A Liga Americana de Liberdade, sob a direção de Robert Filene, o notório multimilionário judeu de Boston, é a maior dessas organizações. Como Flynn escreve no seu livro, A Estrada Adiante, veio a público que cerca de sessenta ou setenta professores das Universidades de Chicago e de Harvard eram membros ativos do Partido Comunista. Um desses professores pertencia a quatorze organizações da frente bolchevista. Em vários colégios secundários os professores eram todos judeus. O resultado disso é que a geração seguinte está sendo criada com base em idéias bolchevistas que levam à depravação moral.

"Nós temos enganado, embrutecido e corrompido a juventude dos países não judeus, para isso criando-os com base nos princípios e teorias que nós sabemos muito bem que são falsos..." (Protocolo IX).

E o jogo sinistro que consumiu e lançou na pobreza e na escravidão o povo da Europa Oriental está sendo usado também nos Estados Unidos.

"Elevaremos os níveis salariais, o que, no entanto, não trará nenhuma vantagem aos trabalhadores, porque, ao mesmo tempo, provocaremos o aumento dos preços dos gêneros de primeira necessidade..." (Protocolo VI).

Muito embora a grande riqueza do solo tenha elevado os padrões de vida dos trabalhadores americanos a alturas fabulosas, o fim desse jogo econômico é quase o mesmo. No apogeu da produção de armamentos, os salários subiram, mas o preço de tu-

do também aumentou. O dólar perdeu metade do seu poder aquisitivo durante o enorme crescimento da indústria armamentista.

"O que nós temos de conseguir com isso é que em todos os países do mundo, além de nós próprios, existam apenas massas do proletariado, um pequeno número de milionários dedicados aos nossos interesses, polícia e soldados" (Protocolo VII).

Hoje em dia, o trabalhador americano ainda tem a sua casa própria, o seu carro e o seu refrigerador, e no entanto, mediante o uso da falsa luta entre o capital e a mão-de-obra, os judeus o estão impelindo de forma inexorável para o bolchevismo.

As religiões cristãs também se deixaram envolver num guerra de nervos. O princípio da "Religião de Livre Estado" enfraquece as religiões cristãs. Os rabinos judeus protestam contra o fato de serem cantadas canções cristãs nos colégios, na época do Natal.

Quando o nosso reino existir, será indesejável, para nós, que existam outra religião além da nossa... Portanto, devemos varrer da face da Terra todas as outras formas de crença" (Protocolo XIV).

A teoria do "Reino de Deus", a qual já abordamos na primeira parte deste livro, é uma forma muito efetiva de induzir um cristianismo ilusório, com uma distorção judaica e bolchevista. Além do mais, no fundo das várias seitas é encontrado o mesmo poder misterioso ao qual os Protocolos se referem como sendo Maçonaria.

"No entanto, nesse ínterim, até que o nosso reino chegue a existir... nós criaremos e multiplicaremos as lojas maçônicas em todos os países do mundo, absorvendo com elas todos aqueles que podem se tornar ou que já sejam influentes nas atividades públicas, pois nessas lojas encontraremos nossa principal agência de espionagem e meios de influência. Todas essas lojas serão controladas por uma administração central, que somente nós conheceremos mas que todos os outros desconhecerão completamente, e que será composta pelos nossos principais elementos eruditos e idosos" (Protocolo XV).

B'nai B'rith, a maior organização maçônica judaica, tem hoje 267 lojas, sob uma direção central. Só essa organização proporciona mais influência ao povo judeu do que todas as outras organizações similares juntas.

O Protocolo XV, entre outras coisas, nos diz:

"Nessas lojas nós daremos o nó que une todos os elementos revolucionários e liberais. Elas serão compostas apenas da nata da sociedade. Assim, ficaremos conhecendo todas as tramas mais secretas e poderemos agir como quisermos com relação a elas, no mesmo dia em que forem concebidas... É natural que somente nós, e ninguém mais chefiemos as atividades maçônicas, pois nós sabemos para onde estamos indo, nós conhecemos o objetivo final de toda forma de atividade, ao passo que os povos não judeus não têm conhecimento de nada, nem mesmo do efeito imediato da ação".

Há muito tempo que tudo isso já vem acontecendo nos Estados Unidos. Quem realmente governa a democracia americana e quem constitui um auxiliar muito obediente e poderoso na causa do "nazismo" judaico é a maçonaria. É uma S.S. invisível, recrutada dentre os líderes de todos os países e dentre os componentes de todas as classes sociais. Ela representou um papel preponderante na Revolução Francesa, na primeira ditadura húngara bolchevista de Béla Kun, no início dos movimentos antireligiosos e anticlericais e na elaboração dos tratados de Versalhes, depois da Primeira Guerra Mundial. Em conseqüência dessas coisas, tanto a maçonaria como os seus subsidiários, os Rotary Clubs, foram condenados pelo Papa.

Uma coisa é certa. A maçonaria é a própria negação da democracia. Quando a liderança é exercida por uma organização secreta e quando as leis são concebidas e elaboradas nas lojas maçônicas, antes de serem submetidas ao congresso, nem sequer se pode falar em expressão da vontade do povo. Quando um país é dirigido pela maçonaria, que é controlada pelos judeus, a sua democracia nada mais representa do que uma rápida descida rumo ao bolchevismo.

O grande patriota húngaro László Endre, uma alta autoridade na questão judaica na Europa, pouco antes do estouro da Segunda Guerra Mundial escreveu um livro interessante sobre Os Protocolos dos Sábios do Sião, cuja autenticidade ele estabelece pelo estudo e pesquisa aplicados. Portanto, será de admirar que em 1946 ele estivesse entre os primeiros a serem arrastados à forca na Budapeste bolchevista? Esse homem que foi submetido ao martírio pelos seus ideais escreveu uma carta de adeus durante a noite que precedeu a execução. Nessa carta, de 21 de março de 1946, ele declara:

''Os Protocolos dos Sábios do Sião são verdadeiros... Os meios de estabelecer um reinado mundial estão nas mãos deles, e eles destruirão tudo que possa constituir um obstáculo à sua intenção de formarem um Estado Mundial. Tudo que acontecer aqui será em nome da prevenção e da vingança. Pois a política judaica é a de exterminar não apenas aqueles que possam fazer alguma coisa contra o plano deles, mas também aqueles que talvez possam vir a fazer algo nesse sentido...''.

Os Protocolos dos Sábios de Sião são verdadeiros. O motivo para aceitar sua autenticidade não é porque o mártir húngaro pensou que eles fossem verdadeiros, mas porque tudo que foi escrito neles já se tornou realidade. Poderá haver maior prova de veracidade?

Capítulo XVII

As Posições-Chave do Poder Mundial Judaico

A civilização moderna é governada politicamente e controlada economicamente por homens em posições-chave. A influência exercida por meio dos homens em posições-chave é muitas vezes mais decisiva do que o governo de chefes de Estado ou as resoluções dos congressos de cada país. Os judeus já sabem como ocupar e conservar essas posições-chave para si próprios, e também como utilizá-las para se apossarem do poder político ou para a finalidade de governar por debaixo do pano.

As agências noticiosas do mundo inteiro estão praticamente nas mãos dos judeus. Portanto, dois bilhões de pessoas ouvem notícias que geralmente são favoráveis aos judeus e às aspirações do nacionalismo judaico. Os judeus controlam o cinema e a indústria cinematográfica não apenas nos Estados Unidos mas também em quase todos os países do mundo, inclusive a União Soviética. A indústria têxtil e o comércio de algodão estão também nas mãos dos judeus, em toda parte. O comércio e a produção de ouro estão associados em todo o mundo, com os seguintes nomes: Rothschild, Bleichroeder, Mendelsohn, Japhet, Seligman, Lazard, Strauss, Morgenthau e Schiff. Os Oppenheimers controlam quase toda a produção mundial de diamantes da África do Sul e quase todo o comércio mundial de diamantes. A política de influência hostil de um dos membros da família Oppenheimer é bem conhecida dos ministros do governo da África do Sul. Através da Diamond Trading Company, Sir Ernest Oppenheimer construiu um dos maiores monopólios do mundo, que tem até a sua própria polícia secreta. Esse monopólio é construído quase que exclusivamente de judeus, e mantém a Alemanha Ocidental sob boicote, afe os dias atuais. Em conseqüência disso, a demanda de diamantes da indústria alemã só pode ser suprida por intermédio do mercado negro ou com a ajuda de contrabandistas (Der Spiegel, Vol. XI, nº 35). Cem das maiores minas de diamantes, de ouro, de cobre e de urânio pertencem aos Oppenheimers. Sua fortuna pessoal é calculada em um bilhão de dólares. Embora Sir Ernest tenha falecido recentemente, a situação do monopólio dos Oppenheimers continua inalterada. Lord Melchett (aliás Alfred Mond) controla o níquel, enquanto que o comércio de trigo está nas mãos de Louis Dreyfus.

A Enciclopédia Judaica fornece uma pesquisa muito interessante mostrando como os judeus conquistaram influências nos vários países, por meio de transações de empréstimos. Os Sterns e os Golschmidts em Portugal, o Barão Hirsch na Turquia, os Rothschilds na França, os Strassberg na Romênia, Poljakov, Speyer e Cia. na Rússia, e Kuhn, Loeb & Cia., financiaram a construção das ferrovias dos Estados Unidos. A Enciclopédia Judaica também confirma que o comércio de mercúrio está nas mãos dos Rothschilds: Barnato Brothers e Wernek, Bett & Cia., controlam uma importante parte do comércio de diamantes; Levinson e Guggenheim, o comércio do cobre; e Graustein e Dreyfus, a indústria do papel.

Mas ainda mais interessante do que a Enciclopédia Judaica é um número do Edmondson Economic Service Bulletin, datado de 1939, do qual se pode ver que 440 das mais ricas famílias americanas, querendo com isso dizer antigos milionários judeus, possuem, juntos, vinte bilhões de dólares, enquanto que apenas um punhado de judeus americanos são donos de riquezas calculadas em 500 bilhões de dólares. Até mesmo uma companhia pequena e relativamente pouco conhecida como os Insull Brothers exerce controle sobre cinco bilhões de dólares.

A Síria é um exemplo típico da influência perniciosa dos conquistadores do mundo. Hativka, o jornal sionista escrito em húngaro, se gaba de que toda a vida econômica da Síria está sob o controle de 60.000 judeus sírios, que são uma minoria. Quase cem por cento dos professores universitários de Damasco são judeus. Segundo fontes sionistas, a minoria de 60.000 judeus sírios detém posições-chave na vida econômica do país e representa um papel preponderante na vida industrial, comercial e cultural da Síria.

Em conseqüência disso, a Síria, embora vivendo no reino da fantasia, está escorregando de maneira perigosa para perto de se tornar um satélite soviético.

O próprio Canal de Suez, cuja nacionalização quase lançou o mundo inteiro na terceira guerra mundial, foi controlado por quase 100 anos pelos interesses financeiros dos conquistadores do mundo. No início, Disraeli, o Primeiro Ministro judeu da Grã-Bretanha, adquiriu uma grande quantidade de ações do Canal, comprando-as do governo britânico. A casa bancária dos Rothschild, de Londres, teve um lucro de mais de 100.000 libras esterlinas apenas na primeira transação do crédito. Quando Gamal Abdel Nasser, o presidente egípcio, quis acabar com um dos maiores interesses comerciais do mundo judaico, Israel, a Grã-Bretanha e a França correram com esquadras, tanques e foguetes para protegê-lo.

Em capítulos anteriores, já citamos os Protocolos e destacamos parágrafos dando instruções sobre como estabelecer um governo acima de todos os governos. No Protocolo V está declarado que: "No lugar dos governantes atuais, colocaremos um fantoche que será chamado de Super Administração de Governo". Há ligação de instruções extremamente importantes do Protocolo com isso, o que nos diz que conquanto não seja possível colocar judeus nas posições mais elevadas, os cargos mais importantes podem ser preenchidos por pessoas de caráter duvidoso.

É preciso frisar que o mundo judaico, como um nacionalismo muito disciplinado, obedeceu essa ordem a risca. Seja na ditadura soviética ou na democracia americanan, os judeus em toda parte ocupam cargos por trás de uma frente de disfarce de pessoas não judaicas. Uma marionete judia está à frente como chefe de Estado, Primeiro Ministro, etc., mas ao seu lado há sempre um judeu. Eisenhower era o presidente, mas depois dele vinha Baruch, que tinha mais influência do que o presidente. De forma semelhante, Stalin era secundado por Kaganovich. É digno de nota o fato

de que tal plano foi executado não apenas em casos relativos aos cargos mais importantes como posições-chave, mas também, muitas vezes, com relação a cargos de menor importância. O comandante-chefe das forças de ocupação era um general americano ou soviético, mas o seu imediato era sempre um judeu. Em Nuremberg, juízes não judeus sentaram-se à mesa, mas quem mexia os pauzinhos nos bastidores era Robert. M. Kempner, ajudado por mais 2.400 judeus.

O primeiro presidente da antiga Liga das Nações era um judeu chamado Hymans. Mas ele foi rapidamente substituído por um não judeu. Ainda não havia chegado a hora de colocar judeus em posições-chave. No entanto, segundo relatórios do New York Times de 22 de agosto de 1922, Nahum Sokolow frisou, num discurso pronunciado no Congresso Sionista de Carlsbad, que o estabelecimento da Liga das Nações foi uma "idéia judaica".

Referindo-se à conferência de paz de Versalhes, no seu livro, o Dr. Dillon nos conta que a maior parte das personalidades mais importantes do congresso e daqueles que tinham os interesses mais característicos eram judeus que tinham vindo da Palestina, Rússia, Ucrânia, Grécia, Grã-Bretanha e dos Países Baixos. Mas os delegados judeus mandados dos Estados Unidos foram os mais importantes de todos. O leitor poderá surpreender-se, ao saber que a maioria dos delegados estava convencida de que a verdadeira influência por trás do povo anglo-saxão era judaica.

Aqui também os judeus estavam por trás de não judeus. Os delegados que recebiam a publicidade e que assinavam os tratados eram não judeus. Mas aqueles que atuavam como conselheiros e que representavam o verdadeiro poder eram judeus.

Hoje em dia, o mundo judaico está baseado no sistema de uma falsa frente não judaica. É uma espécie de mímica. "O sigilo é a principal característica do nosso poder". Se fosse possível fazer um mapa do poder mundial judaico, ele poderia basear-se nas posições-chave em poder deles. Poderíamos acrescentar que esse mapa jamais poderia ser perfeito e que ainda hoje está incompleto. Ele mostraria as posições-chave até agora ocupadas pelos judeus, ou por uma pequena quantidade deles, da qual ele dita a política mundial à frente não judaica.

As Nações Unidas (ONU) tornaram-se a organização mais poderosa do mundo judaico. É apenas o início, e um exemplo, do governo mundial supranacional, e no seu funcionalismo encontram-se judeus tanto orientais como ocidentais, "nazistas" capitalistas e bolchevistas. Acima do palácio de vidro das Nações Unidas em Manhattan a bandeira da ONU é exibida, e suas cores de um azul pálido e branca são impressionantemente idênticas as cores da bandeira de Israel. Mas não é só nas cores das duas bandeiras que reside a semelhança. Os povos representados por essas bandeiras também são semelhantes. As posições-chave mais importantes do mundo são ocupadas por homens da mesma raça. Tomando o ano de 1951 como a base para a nossa pesquisa, daremos agora uma lista de nomes. É quase tão sinistra quanto a lista dos líderes da Revolução Bolchevista Russa de 1917.

O SECRETARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS

Dr. H. S. Bloch, chefe do Departamento de Armamentos.
Antoine Goldet, diretor principal do Depto. de Assuntos Econômicos.
Ansgar Rosenberg, conselheiro especial do Depto. de Assuntos Econômicos.
David Weintraub, diretor do Depto. de Estabilidade Econômica e Desenvolvimento.
Karl Lachman, chefe do Depto. Fiscal.

Dr. Leon Steinig, diretor da Divisão de Entorpecentes.
Henry Langer, delegado-chefe do Depto. de Bem-Estar Social.
Dr. E. Schwell, delegado-chefe do Depto. de Direitos Humanos.
H. A. Wieschoff, chefe do Depto. Administrativo dos Territórios Não-Autônomos.
Benjamin Cohen, Secretário Geral Assistente do Depto. de Informações Públicas, e ao mesmo tempo Sub-Secretário Geral da ONU.
Dr. Ivan Korno, Delegado Secretário Geral do Depto. Jurídico.
Abraham H. Feller, chefe e Conselheiro Chefe do Depto. Jurídico.
J. Benoit-Levy, diretor da Divisão de Cinema e de Informações Visuais.
Marc Schreiber, conselheiro jurídico.
G. Sandberg, conselheiro jurídico do Depto. de Codificações de Leis Internacionais.
David Zablodowsky, chefe do Depto. de Publicações.
George Rabinovich, chefe do Depto. de Intérpretes.
Max Abramovitz, delegado-chefe do Depto. de Planejamento.
P. C. J. Kien, chefe do Depto. de Contabilidade.
Mercedes Bergman, funcionária do Depto. Pessoal.
Dr. A. Singer, chefe da Clínica de Saúde.
Paul Rodzianko, secretário da Junta de Apelação.

DEPTO. DE INFORMAÇÕES DA ONU

Jerzy Shapiro, chefe do Depto. Central de Informações em Genebra.
B. Leitgeber, chefe do Depto. Central de Informações de Nova Delhi.
Henri Fast, chefe do Depto. Central de Informações em Shanghai.
Dr. Julius Stawinski, chefe do Depto. Central de Informações em Varsóvia.

DEPTO. INTERNACIONAL DO TRABALHO (I.L.O.)

David A. Morse (Moscovitch), chefe do Depto. da I.L.O. em Genebra.
Três dos quatro chefes da I.L.O. são judeus. São eles: Altman (Polônia), David Zellerbach (E.U.A.), Finet (Bélgica).
V. Gabriel-Garces, correspondente e delegado equatoriano.
Jan Rosner, correspondente e delegado polonês.

ORGANIZAÇÕES DE ALIMENTOS E AGRICULTURA

André Mayer, primeiro Vice-Presidente.
A. P. Jacobsen, delegado dinamarquês.
M. M. Libman, chefe do Depto. de Fertilizantes Químicos.
E. de Vries, delegado holandês.
Gerda Kardos, chefe do Depto. de Fibras.
M. Ezekiel, chefe do Depto. de Análises Econômicas.
B. Kardos, chefe do Depto. de Utilidades Diversas.
M. A. Hubermann, chefe do Depto. Técnico de Florestas.
J. P. Kagan, a cargo do Depto. de Alojamentos e Equipamentos.
J. Mayer, chefe do Depto. de Alimentos.
F. Weisel, chefe do Depto. Administrativo.

ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA, EDUCACIONAL E CULTURAL (UNESCO)

Dos quatro membros da Comissão Executiva, Alfred Sommerfeld e Paul Carneiro são judeus.
J. Eisenhardt, presidente da Comissão de Reeducação.
Srta. Lauffman, chefe do Depto. Internacional de Entendimento e Educação.
Dr. O. Klineberg, chefe de departamento.
C. H. Weitz, chefe do Escritório Administrativo.
H. Kaplan, chefe do Depto. de Informações Públicas.
B. Abramski, chefe do Depto. de Alojamentos e Viagens.
S. Samuel Selsky, chefe do Depto. Pessoal.
B. Wermiel, chefe do Depto. Pessoal Administrativo.
Dr. A. Welsky, chefe do Depto. de Cooperação Científica.

BANCO INTERNACIONAL DE RECONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO

M. M. Mendels, secretário.
Leonhard B. Rist, Diretor Econômico.
Leopold Chmela, Presidente do Conselho Deliberativo.
E. Polask, membro da Diretoria de Governantes, Tchecoslováquia.
P. Mendès-France, membro da Diretoria de Governantes, França.
A. M. de Jong, membro da Diretoria de Governantes, Holanda.
D. Abramovich, membro da Diretoria de Governantes, Iugoslávia.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Josef Goldmann, da Diretoria de Governantes (Tchecoslováquia).
Louis Rasminsky, Diretor Executivo canadense.
W. Kaster, Vice-Diretor holandês.
E. M. Bernstein, chefe do Departamento de Inquéritos.
Joseph Gold, promotor-chefe.
Leo Levanthal, promotor-chefe.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE REFUGIADOS (I.R.O.)

Mayer Cohen, chefe do Depto. de Saúde e Bem-estar.
Pierre Jacobsen, diretor do Depto. de Repatriação.
R. J. Youdin, diretor da Divisão de Repatriação.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE

Z. Deutschmann, chefe do Depto. Técnico.
G. Mayer, chefe do Depto. de Traduções.
M. Siegel, chefe do Depto. Financeiro.
Dr. Z. Goodman, diretor gerente do Depto. de Cooperação.
A. Zarb, diretor do Depto. Jurídico.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE COMÉRCIO

Max Suetens, Presidente da Organização.

UNIÃO INTERNACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES

Gerry Gross, vice-diretor executivo.
H. B. Rantzen, presidente do Comitê Internacional de Telecomunicações.

ORGANIZAÇÃO DA AVIAÇÃO CIVIL

A. G. Berg, chefe da organização.

PROJETOS DIVERSOS

Coronel A. C. Katzin, representante da ONU na Coréia.
George Novshon, funcionário de informações da ONU na Coréia.
Ernest A. Gross, segundo delegado dos E.U.A. na ONU.
Isadore Lubin, chefe da Comissão Econômica e de Pessoal.
Julius Katz-Souchy, delegado permanente da Polônia.
Dr. Alex Bebler, delegado permanente da Iugoslávia.

As listas acima citadas mostram que as posições-chave mais importantes são todas ocupadas por judeus.

Agora, vamos fazer um minucioso exame do governo político de cúpula dos Estados Unidos. Entre 1945 e 1951, Harry Truman, um não judeu, estava na vanguarda, mas segundo as declarações no Chicago Tribune, o segundo escalão, ou governo secreto dos Estados Unidos, era constituído dos seguintes membros: Morgenthau, Herbert H. Lehmann e Felix Frankfurter. Ao mesmo tempo, quando Marshall era Secretário da Guerra, a Srta. Anna Rosenberg, uma judia de Budapeste, atuava como Secretária Auxiliar de Guerra. Durante a administração Truman, embora Dean Acheson fosse o Secretário de Estado, na verdade os Negócios Exteriores era uma pasta dirigida por Felix Frankfurter. Ao mesmo tempo, constava que Bernard Baruch era o verdadeiro presidente dos Estados Unidos.

Uma vez que, segundo o Império Oculto oitenta por cento dos funcionários do Departamento de Estado americano eram judeus, esse estado de coisas não nos surprende. Esse quadro triste é completado pelas posições-chave no Departamento de Imigração, juntamente com as dos capitais vultosos, da imprensa, da indústria cinematográfica, do rádio e da televisão, tudo nas mãos dos judeus. Neste ponto, podemos acrescentar que, segundo a mesma autoridade, os judeus controlavam pelo menos sessenta por cento da renda nacional dos E.U.A.

Em todo caso, é preciso creditar a Harry Truman o fato de que, durante sua administração, as investigações da Comissão McCarthy também puderam prosseguir sem impedimentos. Após a morte de Roosevelt, a Casa Branca, que Harry S. Truman passou a ocupar, parecia uma sinagoga. Quando Truman saiu do governo, restavam poucos membros judeus na Casa Branca. David K. Niles e Samuel Roseman foram expulsos de lá.

Durante a administração de Eisenhower, a situação não melhorou nada, pelo con-

trário, até piorou. As investigações McCarthy cessaram e os conquistadores do mundo expulsos por Truman foram substituídos por outros judeus. Um panfleto sob o título A Próxima e Verdadeira Ditadura Vermelha, um panfleto editado pelo jornal americano Common Sense, faz um espantoso relato do verdadeiro estado da administração Eisenhower. O principal conselheiro econômico de Eisenhower, por exemplo, é um jovem judeu chamado Arthur F. Burns, um dos auxiliares de Baruch, infiltrado na Casa Branca. O presidente da Comissão de Energia Atômica é L. Strauss; o especialista militar para assuntos do Extremo Oriente é o general Lyman Lemnitzer; o chefe do governo mundial secreto é James P. Warburg, o banqueiro; e um dos principais delegados americanos na ONU é Jacob Blaunstein. Isadore Lubin chefia as indenizações de guerra por parte da Alemanha. Se fôssemos enumerar todas as posições-chave ocupadas pelos conquistadores do mundo no tempo de Eisenhower, seria um nunca mais acabar. Mas a verdade é que, atualmente, a situação é ainda pior do que era nos tempos de Roosevelt.

Agora, vamos nos ocupar da União Soviética. Consta que a grande maioria dos judeus que participaram da Revolução de 1917 foi afastada, e que depois um grande movimento russo e pan-eslavo passou a dominar o país. Dizem que isso ficou evidente pelo menos no Politburo e nas posições mais importantes do governo.

Seria uma concepção completamente errônea dos assuntos soviéticos pensar que o assim chamado "moscovitismo" representa, sem dúvida, a mais perfeita forma de sistema judaico de domínio do mundo. A característica essencial desse sistema é que os trabalhadores mais civilizados, mais cultos e mais inteligentes de todos os países de trás da Cortina de Ferro têm de ser dirigidos por métodos russos, independente do fato de que esses métodos foram originalmente prescritos apenas para cidadãos soviéticos. Sem dúvida, Lazar Kaganovich foi o mais destacado expoente desse plano. Por outro lado, é perfeitamente possível que houvesse certos líderes comunistas nos vários países por trás da Cortina de Ferro que se recusaram a submeter-se ao Moscovitismo. Slansky (Salzman) e Anna Pauker eram judeus e comunistas. Portanto não foi o caráter judeu do moscovitismo de Kaganovich que provocou os protestos deles. No entanto, eles alegaram que o programa prescrito para usar no país não era adequado nem para o trabalhador tcheco, nem para o romeno, nem para o búlgaro. Eles queriam adotar os métodos aos quais os romenos, os tchecos, os búlgaros e os húngaros já estavam há muito tempo.

Tudo isso está hoje longe de querer dizer que a União Soviética virou um país "anti-semita". A conclusão de Louis Levine, em 1945, de que a União Soviética era um país governado por um milhão de judeus, ainda hoje é válida. Os judeus soviéticos acreditam firmemente que o tipo moscovita de comunismo representa a mais perfeita forma de domínio mundial judaico, e, portanto, eles exterminarão cruelmente até mesmo outros judeus que se recusem a partilhar dos seus pontos de vista.

Na União Soviética, Lazar Kaganovich foi um exemplo tão cabal de como os conquistadores do mundo governam por trás do "boneco" não judeu, como o foi Bernard Baruch nos "democráticos" E.U.A. O verdadeiro ditador está aqui, quer ele esteja atrás de Stalin, de Malenkov ou de Kruschev. Sua irmã mais jovem, Rosa Kaganovich, era a terceira esposa de Stalin, enquanto que seu filho Mikhail Kaganovich casou-se com Stevlana, a filha de Stalin.

O recente afastamento de Kaganovich não significa lá grande coisa. Ele afastou-se por algum tempo, mas um milhão de conquistadores nas posições-chave ainda continuam sendo os verdadeiros senhores da União Soviética.

É interessante recordar as relações de Molotov. Ele não é judeu, mas sua esposa, Karpovskaya, a filha mais jovem de Samuel Karp, o multimilionário americano e magnata do petróleo, é judia.

Dos nove membros do antigo Politburo, Kaganovich e Mikoyan eram judeus. Saburov muito provavelmente também pertencia aos conquistadores do mundo e Swernik era um membro reserva.

Como as democracias, um ponto característico do sistema soviético é que os líderes que são vistos não são os verdadeiros governantes. Assim, Vladimir Ashberg, um banqueiro judeu, representa um papel muito importante na União Soviética. Sua posição é semelhante à de Morgenthau durante a época de Roosevelt. Ele está em vários graus de relacionamento com todas as famílias importantes de banqueiros judeus, e é também membro do Congresso Mundial Judeu. E o principal financista da União Soviética.

Se examinarmos aqueles que retêm as posições-chave na União Soviética, a maior autoridade da ideologia marxista-leninista e editor do jornal Pela Paz Duradoura e a Democracia do Povo (editado pela Kominform) — é também judeu.

Também judeu é Pavel E. Yudin, uma das pessoas mais importantes da União Soviética, chefe do Departamento de História da Academia de Ciências da União Soviética, presidente auxiliar da editora de obras científicas populares, editor do jornal da Kominform, que publica a propaganda oficial soviética, um dos principais líderes dos "expurgos" atrás da Cortina de Ferro, conselheiro político do Exército Vermelho na Zona de Ocupação da Alemanha Ocidental e o atual ditador da Alemanha Oriental.

M. Z. Saburov, presidente da Comissão Estatal de Planejamento, é judeu.

A. I. Lavrentiev (nome verdadeiro: Lippmann), ministro auxiliar dos negócios exteriores, ex-embaixador na Tchecoslováquia, amigo íntimo de Alger Hiss, diretor da espionagem soviética em todo o mundo e chefe da rede de espionagem no estrangeiro, organizador dos distúrbios na Pérsia, é também judeu.

Eugene Varga-Weiszfeld, chefe do Instituto Econômico e Político da União Soviética, uma das mais importantes autoridades de destaque da vida econômica soviética, também é judeu.

Ilja Ehrenburg, chefe de propaganda, escritor dos principais artigos de destaque do Pravda, destacado publicista da ideologia soviética, diretor do "Movimento de Paz" do Kominform, é judeu. Leonid Menlkov embaixador soviético na Romênia, é judeu. Anatole Yakovlev, embaixador soviético nos E.U.A. durante as audiências do caso de traição Rosenberg, e agora um dos chefes da espionagem soviética, é judeu.

M. N. Svernik, ex-presidente da União Soviética, e agora chefe dos sindicatos comerciais russos, é judeu.

A. F. Gorkin, Secretário Geral do Soviete Supremo, é judeu.

David Zaslawsky, editor do Pravda, é judeu.

S. A. Losowsky, ex-chefe do Ministério do Exterior soviético, e agora diretor do Serviço de Informações e Notícias, é judeu.

O professor I. P. Trailin, Procurador Geral da União Soviética, ex-membro moscovita, membro da "Comissão de Processo de Criminosos de Guerra", e diretor da Escola de Direito de Moscou, é judeu.

Boris Stein, diretor da Escola de Serviço Diplomático do Ministério do Exterior, um dos delegados soviéticos na ONU, é judeu. O Ministério do Exterior soviético está tão cheio de judeus, que os russos se referem a ele, humoristicamente, como a "Sinagoga".

Franktine Schul, um dos maiores expoentes do Comunismo Mundial, que fala de-

zesseis línguas, é também judeu. Em 1950, ele foi líder dos terroristas vermelhos na Indochina, e atualmente é chefe do Grupo N. 3; nesse cargo, ele dirige o extermínio dos anticomunistas atrás da Cortina de Ferro.

S. V. Kraftenov, Ministro da Educação soviético, é também judeu.

O general K. Gorshenin, Ministro da Justiça, é judeu.

Jacob Malik, ex-delegado chefe soviético na ONU e no momento embaixador soviético em Londres, é judeu.

O major-general Boris Rasin, adido militar na Grã-Bretanha, é judeu.

Solomon Abrahamovich Reback, diretor auxiliar da Comissão Soviética de Energia Atômica e também chefe de segurança do departamento especial da KGB que controla os cientistas atômicos é judeu.

O coronel I. Vigdor, agente de contra-espionagem comissionado no serviço de segurança das Pesquisas Atômicas Soviéticas, é judeu.

O major Kahan, oficial da polícia secreta, em serviço na Comissão de Energia Atômica, é judeu.

A. Mikoyan, membro do Politburo e Ministro do Comércio, é um judeu armênio.

M. M. Brodin, chefe de imprensa, é judeu.

Peter Levitsky, vice-presidente do Conselho dos Estados Soviéticos, é judeu.

D. Manuilsky, ditador da Ucrânia, é judeu.

A. Kornejchuk, criador e presidente nominal da República Ucraniana, é judeu.

A. N. Jacobson, ditador da Estônia e delegado representativo da Estônia, é judeu.

N. Jakovliev, chefe da educação pública soviética, é judeu.

Yu. Masenko, perito especial em Assuntos Indianos e diretor do movimento comunista na Índia, é judeu.

G. I. Levinson, perito em assuntos chineses do Depto. Oriental da Academia de Ciências Soviéticas e um dos líderes comunistas da China, é judeu.

A. D. Danyalov, membro do Diretório do Soviete Supremo, é judeu.

F. T. Gusev, Vice-Ministro do Exterior, é judeu.

S. Y. Romin, Ministro da Habitação e da Construção de Estradas, é judeu.

D. I. Fumin, Ministro da Alimentação e das Matérias-Primas, é judeu.

Jacob Suritz, embaixador soviético no Brasil, é judeu.

O coronel Rudenko, promotor público chefe servindo de representante soviético nos julgamentos de Nuremberg, provavelmente também é judeu.

Isaac Zaltman, diretor da produção de tratores, é judeu.

I. G. Bosakov, diretor da indústria cinematográfica, e detentor de cargo ministerial, é judeu.

O professor Pontecorvo, diretor da produção da bomba de hidrogênio soviética, é judeu.

S. Z. Ginsburg, presidente do Banco Estatal Soviético, é judeu.

K. R. Herzberg, presidente do Banco Torg, é judeu.

A. G. Samuelenko, presidente do Banco Vnieshtorg, é judeu.

X. Yacob Simenov, presidente do Prombank, é judeu.

Devemos também ter em mente que os membros e líderes da Academia Soviética de Ciências são quase que exclusivamente judeus.

Em 1957, as mais chocantes revelações relativas à extensão da influência dos conquistadores do mundo na Rússia foram publicadas. Joseph Stálin, o mais poderoso e cruel ditador, elevou o poderio soviético até o nível dos dias atuais, e isso só foi conseguido com a ajuda dos judeus. Sua esposa era Rosa Kaganovich, e a família Ka-

ganovich exerceu uma terrível influência na União Soviética. Nós sabemos, com base em informações de testemunhas judias, que somente para os judeus a União Soviética é um paraíso, uma vez que eles desfrutam das posições-chave no governo, no exército, nas academias, nos departamentos de planejamento e nas gerências de fábricas. Segundo relatórios britânicos e americanos dignos da maior confiança, muitas vezes o ídiche era falado na casa de Stalin, na conversação quotidiana.

Mas Stalin, no início um grande amigo dos judeus e o segundo pai espiritual do bolchevismo, teve suas covicções abaladas pelos acontecimentos. Quem afirma isso é Emmanuel Birnbaum, um escritor judeu, e também um artigo do jornal Aufbau. A confiança de Stalin nos judeus ficou abalada quando os exércitos de Hitler alcançaram as linhas ferroviárias circulares das vizinhanças de Moscou, e então Stalin pôde ver que um pânico enorme tomou conta dos 500.000 judeus moscovitas, que fugiram abandonando à sua própria sorte "a grande e gloriosa Revolução Bolchevista" que fizera tanto por eles.

Com relação a isso, a revelação publicada pelo France Soir de 7 de junho de 1957 leva a marca de autenticidade. No citado artigo, o jornal lança uma grande luz sobre as cincunstâncias que cercaram a morte de Stalin, que foram descritas aos membros da imprensa polonesa, por Ponomarenko, embaixador soviético na Polônia.

Segundo contou o embaixador, em fevereiro de 1953 Stalin submeteu ao Conselho Presidencial soviético um decreto visando deportar todos os judeus da União Soviética, levando-os para a Rebública de Birobidjan. Muitos polacos, russos, georgianos, estonianos, letonianos, lituanos, húngaros e outros — mais do que o número total de judeus da União Soviética — tinham sido antes deportados por ordem de Stalin, mas nenhum dos líderes soviéticos jamais se opôs a essas deportações nem protestou.

Mas quando, conforme sabemos, Stalin quis tocar nos judeus, todos os líderes soviéticos imediatamente se voltaram contra ele, Kaganovich e Molotov, cuja esposa é judia, fizeram uma pronta intervenção, e Voroshilov, cuja esposa também é judia declarou que deixaria imediatamente o Partido Comunista se Stalin ousasse tocar nos judeus soviéticos.

Segundo narra Ponomarenko, Stalin teve uma crise de raiva, em decorrência da qual sofreu um colapso cardíaco e veio a falecer no ato.

A versão do embaixador soviético em Varsóvia é perfeitamente digna de crédito. Mas a morte de Stalin foi noticiada como tendo ocorrido no mês de MARÇO, e não de fevereiro de 1953. Se assim foi, então talvez sua morte não tenha sido instantânea, causada por um colapso cardíaco, mas sim por coisa bem diferente... talvez por uma punhalada, por um tiro de revólver, ou por meio de veneno. O braço vingativo dos judeus é comprido.

Mas essa história se torna ainda mais sinistra, se examinarmos o que aconteceu após a morte de Stalin.

O bem-informado semanário húngaro Caminho e Finalidade (Vol. IX, N. 8 pág. 10), publicou um artigo muito interessante, descrevendo Kruschev.

Esse jornal declara que a biografia de Kruschev foi publicada recentemente nos Estados Unidos. Foi escrita por um judeu, e nela ficamos sabendo que o sucessor de Stalin, a pessoa mais poderosa do Partido Comunista, é originário da Ucrânia, e é filho de um ferreiro cossaco. Quando era um rapaz, ele viveu na cidade ucraniana de Mariupol (Zhdanov), um porto no Mar de Azov, e ganhava um bom salário como torneiro. Morava com judeus e gostava tanto da companhia deles, que aprendeu a

falar ídiche. Essa família judia ortodoxa ficou gostando do rapaz, que estava prontamente a serviço dela aos sábados, quando ele geralmente acendia o fogo na cozinha, e também nos outros aposentos da casa, e que comia com grande apetite o peixe recheado e outros pratos especialmente gostosos da arte culinária judaica, que a sua bondosa senhoria tinha muito prazer em fazer. Naquela época, a vida não era lá muito boa para os judeus que viviam no império do Tzar. Naquele tempo, o caso Beilis estava sendo ouvido diante dos tribunais de Kiev. Beilis foi acusado de homicídio ritual, isto é, de ter morto um jovem cristão e de ter-lhe tirado o sangue. Esse caso enfureceu o povo contra os judeus, e uma organização "anti-semita" conhecida como as Centenas Negras aterrorizou os judeus que viviam na Rússia. A população, agitada, fez expurgos em várias partes do país. Em Mariupol também a situação estava um tanto perigosa. O chefe local das Centenas Negras, um açougueiro exímio, estava instigando a população no mercado para iniciar um massacre de expurgo, e parecia bem provável que os judeus de Mariupol não escapariam a um fim trágico. Para impedir o massacre, um professor judeu organizou apressadamente um bando de homens para dispersar a multidão que se juntara para o massacre dos judeus. Kruschev se apresentou como voluntário, e quando chegou a hora de agir ele se portou com bravura na luta. Voltou para o seio da família judia com a cabeça sangrando; nesse ínterim, a família começara a desconfiar de que ele também fizesse parte das Centenas Negras. Mas esse incidente afastou todas as suspeitas, e os judeus lavaram e limparam os ferimentos de Kruschev, que chegara mancando, enquanto que o sapateiro, o seu senhorio, anunciou, satisfeito: "Esse rapaz é de confiança, e sei que ele nunca nos fará mal!"

Sem dúvida, isso ele não fez, e os judeus lhe foram agradecidos pelo fato. O filho do sapateiro, que outro não era senão o próprio Kaganovich, ajudou Kruschev durante toda a vida deste, apoiando-o em todas as dificuldades. Foi ele quem levou Kruschev para o movimento bolchevista e exerceu sua influência em seu favor sempre que possível. Kaganovich levou-o da Ucrânia para Moscou e apresentou-o a Stalin. Portanto, já não há nenhuma dúvida de que as relações de Kruschev com os judeus são excelentes e de que ele provou ser um servo fiel das aspirações do poder mundial estabelecidas nos Protocolos dos Sábios do Sião.

Certos intelectuais ocidentais têm tentado arranjar todo tipo de provas para estabelecer a pseuda atitude "anti-semita" dos soviéticos. Eles citam provas tais como a liquidação de Beria, os julgamentos dos médicos judeus, o recente afastamento de Kaganovich, o caso Slansky e a execução tranqüila de Anna Pauker (Rabinovich).

Mas acretidar que o bolchevismo poderia ser capaz de uma transformação básica de tal monta seria entender mal a essência do sistema soviético.

No jornal judeu geralmente bem informado Aufbau, de Nova Iorque, o órgão da imprensa que representava os judeus que fugiram de Hitler, indo para os Estados Unidos, foi publicado um artigo muito interessante em 4 de maio de 1951, escrito por Jehojachim Alkalai, um judeu de Tel-Aviv. Numa época em que já se desconfiava de que Stalin era "anti-semita", ele nos informa que durante a invasão alemã da Rússia, os judeus que não tinham fugido das tropas invasoras de Hitler foram mandadas pelo governo soviético para a Ásia Central para serem fixados lá. Com isso, se garantiu que 500.000 judeus não só ficaram a salvo da perseguição alemã, mas também que ao mesmo tempo eles ganhassem excelentes cargos e posições nas Repúblicas do Kazaquistão, Uzbeguistão e outros estados centro-asiáticos membros da União Soviética. Esses cargos eram naqueles territórios onde deveriam ser construídos os grandes

centros de produção de armamentos e onde seriam realizadas pesquisas atômicas.

Esse artigo observa que com a reinstalação dos judeus o governo soviético alcançou vários objetivos importantes. Em primeiro lugar, os judeus foram removidos daquelas partes do império soviético onde a maioria da população era constituída de russos, que, segundo a experiência do passado, são inclinados ao "anti-semitismo". Além disso, os judeus foram preservados de qualquer suspeita, por parte de certa fração do Partido Bolchevista, de possuírem certas características "cosmopolitas" na sua ideologia, uma vez que entre os kazaquistanenses e uzbeguistanenses eles não tinham possibilidade alguma de exprimirem nenhuma das pseudas simpatias que se os acusava de possuírem. No entanto, o objetivo mais importante dessa reinstalação foi o de assegurar que a indústria de armamentos pesados soviética a ser estabelecida naquela região estivesse em mãos dignas da maior confiança.

"No momento, parece certo" — escreve Jehojachim Alkalai — "que em virtude da sua inteligência acima da média, bem como da sua vasta experiência, os cientistas, técnicos e peritos administrativos judeus são quase indispensáveis à União Soviética".

Esse artigo observa, também, que existem três ministros judeus no governo de Uzbeguistão e dois ministros auxiliares judeus no governo do Kazaquistão. "Uma longa lista de importantes posições-chave nos ministérios daqueles países é preenchida por judeus". Os judeus têm uma representação muito forte no departamento de planejamento de Estado chamado "Gosplan", que controla toda a economia do Estado. Entre os executivos de partido, segundo nos informa o mesmo jornal, estão muitos judeus, e eles são numerosos principalmente no "Agitprop" (o Ministério da Propaganda). Os judeus são também empregados como diretores, e destacados cientistas em organizações industriais e comerciais judaicas. Finalmente, esse bem informado artigo do Aufbau conclui declarando que a situação econômica e social dos judeus é muito melhor nas repúblicas soviéticas da Ásia Central do que em qualquer outra parte da União Soviética.

O que realmente aconteceu foi que a União Soviética transferiu com êxito a base do seu poder. Os melhores e os mais indispensáveis elementos do mundo judaico foram transferidos para as novas e mais vitalmente importantes regiões industriais. A indústria dos armamentos e a produção de urânio da União Soviética estão nas mãos de judeus e sob a administração deles. E assim, uma segunda e uma terceira Cortina de Ferro foram construídas para ocultar os conquistadores do mundo atrás dos Montes Urais. Em conseqüência disso, a Rússia Européia, que está totalmente infestada de "anti-semitismo", está quase destituída de cientistas judeus, gerentes de fábricas e desenhistas de planejamento estatal, que constituem a base indispensável do poderio soviético. Eles estão bem longe, nos novos centros vitais de produção da União Soviética que são de difícil acesso, mesmo para os mísseis balísticos intercontinentais americanos de longo alcance.

Também é digno de nota o fato de que segundo o relatório do Aufbau, em 1951, Lazar Kaganovich ainda estava controlando esse novo centro estratégico do poderio soviético. Ele foi eleito para o Politburo soviético pelo distrito de Tashkent da República do Uzbeguistão. Segundo o Aufbau, é também certo que essas altas autoridades judaicas, líderes da vida política, econômica e cultural soviética, foram mandados para aquelas regiões com uma missão definida.

Um gigantesco anel de posições-chave foi erguido atrás da segunda e terceira Cortina de Ferro, que governam toda a União Soviética. É nisso que se baseia todo o

futuro do sistema soviético. E no entanto, pela prisão, julgamento e absolvição de alguns médicos judeus poderia ser convenientemente anunciado ao mundo externo que "nós somos anti-semitas" ou "anti-sionistas". Embora Lazar Kaganovich tenha sido removido do cargo visível que ele ocupara antes na Rússia Européia, onde ele era bem conhecido, no entanto ele não foi enforcado nem aprisionado. O observador político atual bem poderia perguntar a si mesmo o que Kaganovich estava fazendo no novo centro de poder dos soviéticos, onde estão sendo produzidos a bomba de hidrogênio, os mísseis balísticos intercontinentais e os sputniks.

Em 1956, uma delegação do Partido Socialista Francês, chefiada pelo seu secretário-geral, Pierre Comin, visitou a União Soviética. Ao voltar para seu país, Pierre Lochak, o intérprete russo-francês, publicou o relato taquigrafado de todo o material das conversações que aconteceram durante as entrevistas entre Kruschev e Kaganovich de um lado, e a delegação francesa do outro. Durante essas francas trocas de opiniões, Lazar Kaganovich respondeu às observações francesas sobre humanitarismo:

"Não há mais lugar para humanitarismo, até que tenhamos garantido a vitória final da Revolução Soviética. O único dever da ditadura proletária é garantir e completar a vitória total da Revolução..."

Segundo Kaganovich, a vitória da Revolução não pode ser nada menos do que o absoluto domínio mundial. E Kruschev também prontamente acrescentou que o governo soviético é baseado, hoje em dia, na liderança judaica, e que era só em virtude de certas considerações que os judeus estavam ocultos atrás de uma falsa frente de não-judeus.

"Se os judeus ocupassem hoje em toda parte as primeiras posições na nossa república" — disse o sucessor de Stalin — "eles muito provavelmente não seriam muito populares com a população nativa russa". Se, por exemplo, nós nomeássemos um judeu para um alto cargo administrativo na Ucrânia e então ele se cercasse de pessoal judeu, isso sem dúvida provocaria inveja e animosidade da população local contra os judeus. Mas nós não somos anti-semitas. Se alguém olhar para o Sr. Kaganovich, verá logo que ele é judeu. E o Sr. Mitin aqui também é judeu. E a cara Lydia Faktor, nossa intérprete, é também judia. Eu também tenho um neto meio-judeu. Todos nós lutamos contra o anti-semitismo". (Süddeutsche Zeitung, 5 de julho de 1957).

É um corolário do sistema soviético que a fim de enganar o mundo ocidental, e principalmente os países que são contra Israel, é preciso criar ocasionalmente uma falsa aparência de "anti-semitismo". Mas o verdadeiro poder da União Soviética: a indústria pesada e a produção bélica com base na liderança judaica ainda existe hoje atrás da segunda e da terceira Cortina de Ferro. Além disso, a União Soviética ainda não esqueceu o pronunciamento dos veneráveis rabinos em 1951, que já citamos, isto é, que "uma terceira guerra mundial significaria a total destruição da população judaica do mundo". E se o mundo judaico perecesse, o bolchevismo pereceria com ele, Kruschev, Molotov e toda a cúpula soviética poderiam, naturalmente, acabar tornando-se empregados agrícolas. Mas é isso exatamente que a parte não judaica do movimento bolchevista não gostaria que acontecesse.

A imprensa ocidental gosta de espalhar várias histórias imaginárias sobre o "anti-semitismo" de Kruschev e dos sovietes em geral. O Rheinischer Merkur, o jornal Democrata Cristão da Alemanha Ocidental, que segundo consta é intimamente ligado ao chanceler Adenauer, publicou recentemente um longo artigo escrito por Stephen Pollak, um publicista judeu de Londres. Esse jornalista judeu honesto e bem infor-

mado queixa-se, no seu artigo, de que o sistema soviético estrangula a cultura judaica. Os teatros judeus estão fechados na União Soviética, e vários atores judeus foram executados. Uma das maiores queixas é a de que não existe um rabino-mór na União Soviética, e de que os seminários de treinamento de rabinos não dispõem das facilidades necessárias. Queixa-se amargamente de que o desenvolvimento da vida cultural entre os três e meio milhões de judeus soviéticos tornou-se impossível. Mas isso se aplica também a todas as outras nações da U.R.S.S. O bolchevismo conseguiu sufocar a própria cultura russa.

''Durante o Congresso Mundial Judaico em Londres'' — escreve Pollak — ''o Dr. Levenberg, o representante da agência judaica na Grã-Bretanha, disse coisas muito interessantes sobre a situação social e econômica dos judeus que vivem hoje na União Soviética. Enquanto que em 1933 havia 270.000 judeus trabalhando na agricultura, hoje toda a população judia da União Soviética trabalha nas cidades, como funcionários civis, médicos, cientistas, etc. Eles até se consideram detentores de algumas posições-chave das quais os russos ainda não conseguiram desalojá-los. Segundo estatísticas oficiais, ainda existem 25.000 cientistas judeus trabalhando na União Soviética''. (Rheinischer Merkur, nº 50, de 13 de dezembro de 1957).

Um fato muito importante é admitido aqui, embora esteja envolto no disfarce de uma queixa. Os fatos e números registrados por Louis Levine coincidem totalmente com as do Dr. Levenberg: a União Soviética é governada por cerca de três milhões de judeus que detêm cargos chaves administrativos, sendo 25.000 deles trabalhadores em projetos científicos da cúpula soviética, responsável pelas bombas atômicas e pelos foguetes espaciais.

A questão do pseudo ''anti-semitismo'' na União Soviética pode ser respondida sem prevenções citando-se as palavras do próprio Kruschev:

''O comunismo não pode ser ''anti-semita'', pelo simples fato de que o comunismo é contra toda e qualquer forma de discriminação racial. E se soubesse que qualquer membro do Partido Comunista é ''anti-semita'', nenhum de nós lhe apertaria a mão. Como poderia um comunista tornar-se um anti-semita, se o próprio Karl Marx era judeu? Meu próprio filho, que foi morto na guerra, casou-se com um mulher judia. Os judeus soviéticos têm tido todas as oportunidades para galgarem os melhores cargos e para terem a melhor instrução possível'' (Bridge Builders, Vol. X, nº 23).

Nesse particular, a situação polonesa é extremamente esclarecedora. A política da frente de disfarce não judaica é demonstrada aqui de forma insofismável. Os judeus evitaram muito cuidadosamente nomear um Primeiro Ministro judeu para a Polônia. Mas o arcebispo da Polônia, durante sua visita aos Estados Unidos, em 1946, declarou enfaticamente que a maioria do partido Comunista Polonês consistia de judeus que aterrorizaram cruelmente a Polônia. O Primeiro Ministro polonês nunca era um judeu. Atualmente, a frente de disfarce não judaica é constituída do polonês Gomulka, mas atrás dele estão os homens que realmente detêm o poder: Roman Zabrovsky, judeu, secretário geral do Partido Comunista; Hilary Minc, judeu, Ministro das Finanças; e Jacob Berman, judeu, Sub-Secretário do Ministério das Finanças. Judeus ocupam as posições-chave do governo polonês, das quais eles ditam o que querem ao infeliz povo polonês.

O destino da Hungria, principalmente depois da tentativa de levante para obter a independência, em 1956, é outro chocante exemplo da frente de disfarce não judaica. Em 1951, o presidente da Hungria era Sándor Rónai, um mestiço cigano por nascimento, embora sua esposa fosse judia. O presidente do Politburo húngaro era

também um não-judeu chamado István Dobi, um trabalhador ferroviário beberrão contumaz, sempre pronto a obedecer às ordens de Moscou, em troca de alguns drinques.

Até a primavera de 1956, Mátyás Rákosi-Roth foi o verdadeiro ditador judeu por trás do pano. Ele foi secretário do Partido Comunista. Outro judeu moscovita importante, chamado Ernö Gerö (Singer), mais tarde substituiu Rákosi nesse papel.

Com ligeiras modificações e substituições aqui e ali, os judeus foram os senhores da Hungria.

József Révai, aliás Moses Kahana, Ministro da Educação, o notório instigador dos julgamentos de Mindszenty, é judeu.

Mihály Farkas, Ministro da Defesa, cujo verdadeiro nome é Israel Wolff, outro judeu moscovita, foi antes um tipógrafo em Kassa.

Ernö Gerö, aliás Singer, representou um papel importante na Guerra Civil Espanhola, do lado comunista. Mais tarde, na Segunda Guerra Mundial, ele ajudou a organizar a traiçoeira organização conhecida como Freies Deutschland (Alemanha Livre) sob as ordens do general Paulus, e durante muito tempo, depois disso, foi representante especial de Stalin no Extremo Oriente. O discurso de Ernö Gerö pelo rádio, em 23 de outubro de 1956 ajudou muito a provocar a revolução húngara, e nesse discurso ele pediu aos soviéticos para continuarem ocupando a Hungria. Enfurecidos, os jovens operários húngaros e os estudantes universitários replicaram a isso com uma revolta espontânea.

Zoltán Vass, aliás Weinberger, Ministro das Finanças e diretor do monopólio de mineração de Komló, é também judeu. Sua esposa, que era uma das médicas no hospital judeu e que entregava os pacientes feridos e doentes aos carrascos soviéticos, era judia.

Gábor Péter, aliás Benjamin Auspitz, o famoso chefe da polícia secreta húngara, era também judeu, naturalmente. Depois de ter sido apenas um auxiliar de alfaiate numa pequena cidade, ele tornou-se chefe da polícia secreta comunista húngara e foi o responsável pelo assassinato e pela tortura de 30.000 pessoas. Mais tarde, ele caiu em desgraça e, segundo as parcas notícias disponíveis sobre o seu destino, foi condenado a nove anos e meio de prisão.

O Ministro dos Negócios Exteriores. Erik Mòlnár, era também judeu. Ele havia escrito um longo tratado "científico" concluindo que os húngaros, como um povo "asiático", deveria ser reinstalado nas estepes de Golodnia.

Iván Boldizsár, aliás Bettelheim, chefe de propaganda do regime comunista húngaro, também era judeu.

Os judeus apossaram-se das posições-chave de toda a rede da polícia secreta comunista húngara. Eles tornaram-se os comissários, os líderes do governo local e diretores das fábricas do povo.

As mudanças e modificações que aconteceram na Hungria entre a frente de disfarce não judaica e os que formaram no fundo não são difíceis de acompanhar. Em 1956, Rákosi foi substituído. Seu sucessor no cargo de secretário do Partido Comunista Húngaro, isto é, na ditadura, foi outro judeu, Ernö Gerö, que representava a mesma linha moscovita e pró-sionista que o seu predecessor. Quando começou o levante húngaro, em 23 de outubro de 1956, os jovens húngaros que durante os doze anos anteriores tinham sido educados na ideologia comunista, e que portanto não tinham nenhum conhecimento das aspirações judaicas ao poder mundial, queriam Imre Nagy para Primeiro Ministro.

Pouquíssimas pessoas sabem que Imre Nagy foi um judeu mestiço oriundo do oeste da Hungria, e que seu verdadeiro nome era Grósz. Sua mãe era húngara, mas seu pai era judeu. Sua esposa é judia. Ele viveu algum tempo em Moscou e foi estudante durante o regime de Stalin. Seu papel como chefe da rebelião húngara parece ter sido ineficaz e seu comportamento foi suspeito. Por maiores que tenham sido os crimes que ele praticou contra a União Soviética, ele jamais foi submetido a julgamento, até muito recentemente.

Tanto a luta húngara pela liberdade, bem como pela sua supressão, provaram que embora muitas coisas possam ter mudado no Comunismo, suas características judaicas e sionistas de domínio do mundo são permanentes e imutáveis. Após os ataques soviéticos, em 4 de novembro de 1956, as posições-chave húngaras foram novamente ocupadas pelos judeus, que agem agora como cruéis ditadores sobre o infeliz povo húngaro, privado da sua liberdade. Eles ditam ordens nas fábricas, nos centros de diversões e de todas as posições de mando da polícia secreta reorganizada.

A situação da Romênia também é interessante e merece um estudo mais acurado. Essa jovem nação da Europa Oriental durante séculos tem estado familiarizada com as aspirações de poder do mundo judaico e poderia ter sido uma das melhores aliadas da Hungria. Pouco antes da Segunda Guerra Mundial, um novo movimento ganhou apoio de todas as camadas do povo romeno; ficou conhecido como a Guarda de Ferro. Os velhos conceitos de socialismo foram adotados por essa seita fanaticamente chauvinista, que, infelizmente, muitas vezes se chocou tanto com os húngaros como com os seus vizinhos. Mas por trás de Carol, o rei romeno, sua amante, a Srta. Lupescu, aliás Maggie Wolf, a judia ruiva, forjou intrigas e persuadiu o rei a sufocar o movimento, o que ele realmente fez. É espantoso pensar que até a Alemanha de Hitler, na perseguição do seu "grande conceito político", interpretou mal e até ajudou a liquidar o movimento romeno, cujos líderes ficaram presos com os judeus, nos campos de concentração, até 1944. Foi preciso a traição do rei Miguel para despertar a liderança alemã para a importância da Guarda de Ferro, que depois foi organizada na forma de uma legião antibolchevista. O treinamento dessa legião foi completado e seu equipamento foi distribuído durante os últimos meses da guerra, e em 8 de maio de 1945, a legião da Guarda de Ferro romena constituiu a última resistência armada às divisões de resistência ao bolchevismo.

Depois da guerra, foi organizada uma falsa frente de gentios, com grande eficiência, na Romênia. George Groza tornou-se Primeiro Ministro, mas por trás dele erguia-se a judia Anna Pauker-Rabinovich, uma discípula muito fiel de Stalin. Kisinevszky, primeiro secretário do Partido Comunista Romeno, naturalmente era judeu. E também todos judeus eram Theohary Georgescu-Lebovich, Ministro do Interior; Maurice Roller, chefe da educação pública; Maurice Bercovici, chefe do comércio exterior; Max Salamon, chefe de propaganda; e Mondy Kerkovici e Rebeca Nathason, líderes dos negócios culturais romeno-soviéticos.

Com a subida ao poder de Georghiu Dej e com o afastamento de Anna Pauker-Rabinovich, a situação pode parecer ter mudado, mas isso apenas foi uma impressão superficial. O infeliz povo romeno até hoje está sendo submetido ao mesmo terror antes exercido por Anna Pauker-Rabinovich.

A Tchecoslováquia também apresenta outro exemplo da frente não-judaica. Ali, o Primeiro Ministro, camarada Gottwald, era meio-judeu. Mas por trás dele havia Slansky, primeiro secretário do Partido Comunista Tcheco, líder da guerra biológica de classe e um judeu típico. Slansky como o não-judeu húngaro László Rajk, foi exe-

cutado, embora sendo comunista, porque ele não queria aceitar o tipo moscovita de domínio judaico mundial. Ele queria garantir o poder apenas para os judeus ocidentais. Atualmente, um judeu chamado Dr. Kosta é o chefe do serviço de imprensa estrangeira desse país híbrido. O Dr. Eugen Loebl, secretário assistente do comércio exterior, é judeu. Ludwig Frejka, conselheiro econômico do presidente Gottwald, é também judeu. Vasely, chefe da polícia secreta tcheca, é a cópia tcheca de Gábor Péter; Bruno Kohler, comandante da milícia, juntamente com Lomsky, Bubona, Fuchs e Taussigov, são secretários distritais importantes; Bistricky e Goldstecker, são embaixadores tchecos; Truda J. Cakutrova é chefe da delegação tcheca perante a ONU; Jiu Hironek, chefe de departamento do Ministério das Informações, bem como Augenthaler e Gottlieb, duas importantes autoridades de alto escalão do Ministério dos Negócios Exteriores, são todos judeus.

O jornal húngaro meio comunista, Világ, escreveu, em 15 de março de 1953: "Com a ajuda da KGB, muitos judeus conseguiram ocupar posições de destaque no Partido Comunista Tcheco".

Com a execução de Slansky-Salzman, a influência judia parecia ter sido liquidada. Os trabalhadores tchecos anti-judaicos tiveram uma lição de que bolchevismo não é judaísmo. No entanto, o passado judaico ainda permaneceu retendo em suas garras o verdadeiro poder.

A Iugoslávia é outro exemplo do que ficou dito linhas atrás. O marechal Tito, cujo nome verdadeiro é Joseph Broz, é um não-judeu. Mas até a sua recente morte, um judeu, chamado Mojse Pijade, era quem possuía o verdadeiro poder naquele país. O nome de Mojse Pijade está ligado com a assassinato e com o extermínio pela fome de 200.000 membros da comunidade alemã e também com outros casos macabros de genocídio na Iugoslávia. Trinta mil húngaros tombaram para sempre, vítimas do extermínio racial sistemático e de grupos nacionais na Iugoslávia.

Wilhelm Grothewohl, Primeiro Ministro da Alemanha Oriental, é um não-judeu. Mas Gerhard Eisler, o judeu que há por trás dele, é o único possuidor do verdadeiro poder. Ele atua com a autoridade tanto do judaísmo oriental como do ocidental. É um fiel seguidor e protegido de Eleanor Roosevelt. Pavel E. Yudin, comissário soviético, que dirige o poder soviético na Alemanha, é judeu, naturalmente. A organização terrorista está nas mãos de uma judia sedenta de sangue, Hilda Benjamin.

Naturalmente, a lista acima está longe de estar completa. Mas nos dá algumas informações sobre a organização das falsas frentes não judaicas, isto é, sobre a verdadeira face do poder judaico disfarçado. Também sabemos que o número de judeus em posições-chave e nos principais cargos é realmente muito maior nos países escravizados por trás da Cortina de Ferro, do que as nossas listas mostram. Isso deve-se ao fato de que os judeus bolchevistas vivem em toda parte sob diferentes nomes falsos, e a maioria deles até mudou o sobrenome, a fim de não serem reconhecidos pelos seus antigos nomes do Velho Testamento. De todos os países de trás da Cortina de Ferro, a Polônia parece ser o que é mais dominado pelo poder judeu. O pronunciamento do cardeal Hlond, feito nos Estados Unidos, em 6 de julho de 1946, chama a atenção para esse fato. Ele declarou:

"A liderança judia no governo criou uma forma de governo que desagrada a maioria das pessoas. A pergunta importante é não quantos judeus fazem parte do governo, mas sim que tipo de cargos eles ocupam".

Geralmente, o primeiro secretário do Partido Comunista é o verdadeiro ditador nos países de trás da Cortina de Ferro. Ele tem sob suas ordens toda a máquina da

polícia política, o Partido Comunista e a administração soviética. Por esse motivo, é um sinal muito perigoso que em 1951, excetuada a Bulgária, a situação do primeiro secretário dos Partidos Comunistas de todos os países de trás da Cortina de Ferro era controlada por judeus. Isso é verdade até mesmo na Iugoslávia de Tito. Os judeus são também os chefes da polícia política secreta, ou, alternadamente, eles ocupam o cargo de Ministro do Interior. Além do mais, pareceria que os cargos ministeriais da propaganda, educação e defesa vão também sendo aos poucos ocupados por judeus. É também revelador o fato de que ao mesmo tempo os judeus estão desejosos de obter o cargo de Ministro da Defesa no mundo ocidental. Neste momento, Jules Moch é Ministro da Defesa da França, Emmanuel Shinwell da Grã-Bretanha, enquanto que nos E.U.A. Anna Rosenberg é Secretária Assistente do Ministério da Guerra. O Sr. Eisenhower ultimamente nomeou um judeu para Secretário Assistente da Guerra, na pessoa de McElroy.

O Sr. Bernard Baruch, o "estadista mais antigo dos Estados Unidos", que controlava as 351 indústrias mais importantes dos E.U.A. durante a Segunda Guerra Mundial, disse orgulhosamente:

"É indubitavelmente verdadeiro que talvez eu tenha tido mais poder do que qualquer outro homem na guerra!"

Eu tive mais poder do que qualquer outro homem! — diz Baruch, e esse poder é parte do poder mundial judaico.

É um fato político de fácil discernimento, no Mundo Ocidental, que quanto mais os judeus ocupam posições-chave num país democrático, tanto mais depressa esse país escorrega em direção ao bolchevismo. Por exemplo, atualmente toda a situação política da França pode ser explicada pela incomensurável judaização da vida política francesa. Enquanto nós escrevemos este livro, o Primeiro Ministro francês é Pierre Isaac Isídore Mendes- France, filho de David Mendele Cerf-Hirsch e Sarah Farburger Cohen. De maneira semelhante ao padrão de poder nos estados atrás da Cortina de Ferro, Robert Hirsch, como chefe da Sûreté francesa, controla o supremo poder policial na França. Jacques Duclos, o segundo mais importante comunista na França, também é judeu. Jules Moch, uma das personalidades mais influentes do Partido Social-Democrata Francês, que foi Ministro da Defesa durante muito tempo nos governos franceses de pós-guerra, e que assim foi um dos que sabotaram a integração das divisões alemãs no Exército Europeu — também vem das fileiras dos conquistadores do mundo para assumir as gloriosas tradições de uma herança napoleônica.

Paris continua sendo o centro da Diáspora — nos diz o Monde Juif, com orgulho. E a França, nesse ínterim, desce a todo vapor, numa vertigem, morro abaixo, na escalada da corrupção, seguindo o exemplo dos falecidos impérios romano e espanhol.

Desde a ocupação americana, a indústria pesada alemã tem sofrido a infiltração do assim chamado capital "americano", cuja pressão hoje em dia domina a Alemanha Ocidental. Em Berlim Ocidental, só o finado Ernst Reuter foi aceito como prefeito, depois de ter sido primeiro secretário do Partido Comunista Alemão e era naturalmente judeu. Enquanto isso, um judeu chamado Lipschitz é Ministro dos Negócios Interiores da Berlim Ocidental.

Já observamos que em 1951 todos os primeiros secretários do Partido Comunista nos países a leste da Cortina de Ferro eram judeus. Com o afastamento de Slansky-Salzman em praga; de Gábor Péter, na Hungria; de Anna Pauker-Rabinovich na Romênia; e de Beria na União Soviética, certas mudanças pareciam ter tido lugar nas posições-chave. A propaganda pelo rádio no Ocidente, também firmemente nas mãos

dos judeus, gosta de atribuir isso ao "anti-semitismo" na União Soviética e nos países escravizados. Mas esse anti-semitismo é simplesmente inexistente. Com os minuciosos dados fornecidos com relação à União Soviética e aos países subjugados atrás da Cortina de Ferro, nós provamos que lá também o poder está firmemente nas mãos dos judeus. O fato de que os cargos políticos são mudados nesses países, e de que em certas épocas são dadas tarefas aos comunistas não judeus, não significa absolutamente nada. Nem tem nenhum significado o fato de que um ou dois judeus são executados, já que os Protocolos dizem que um ou dois da sua própria raça podem ser sacrificados. É assim que se explica que tenham matado Beria, Slansky, Péter e Pauker, em vista do fato de que a população desses países que sofrem sob a tirania vão lentamente se conscientizando de que existe uma predominância judaica no poder bolchevista, e na sua ira se viraram contra os chefões do terror. Assim, Beria e alguns outros tiveram de ser sacrificados para criar a ilusão de que essas medidas eram contra os judeus. Todos aqueles que executaram esses homens também eram judeus. Ninguém conhecia os verdadeiros motivos desses atos melhor do que eles, e o mundo judaico ocidental também os compreendeu perfeitamente. Quando aqui e ali no mundo ocidental aparecem sinais de tendências antibolchevistas, é conveniente distrair a atenção para longe da característica judaica do poder bolchevista.

"Nós somos um só povo" — escreveu Theodore Herzl.

Até que a verdade disso seja reconhecida pelo mundo não judaico, toda conversa sobre divergência entre o mundo ocidental e o oriental não passará de pura mentira e estupidez. Não existem divergências, sejam elas quais forem! São os judeus que ocupam as posições-chave tanto do hemisfério leste quanto do hemisfério oeste, e eles jamais se atacarão nem farão nenhum mal uns aos outros pois sabem muito bem que isso só serviria para se destruírem mutuamente. Desta forma, eles destruiriam o poder mundial judaico. Essas considerações deram origem à idéia de coexistência, à sabotagem do rearmamento da Europa e aos movimentos patrióticos populares, à venda da bomba atômica e de todas aquelas descobertas e invenções que oferecem ao Oriente e ao Ocidente a possibilidade de viverem lado a lado.

E já que a situação é essa, toda conversa pelo rádio nos países ocidentais sobre "antibolchevismo" é uma mentira. E já que não pode ser declarado abertamente que o bolchevismo nada mais é do que a forma mais perfeita do poder mundial judaico, é inútil falar sobre o mundo livre ocidental e sobre a democracia ocidental. E, de forma semelhante, até que possa ser declarado livremente no Oriente que o mundo ocidental não é governado pelo "capitalismo imperialista", mas sim pelo terror silencioso da influência política e pela exploração cruel por parte do poder financeiro judaico, e da imprensa dos judeus, é desonesto falar sobre o sistema que prevalece nos países escravizados por trás da Cortina de Ferro como "Socialismo".

Nos tempos atuais, os judeus estão negociando com o nosso trigo, com os nossos diamantes, com nossas roupas, com nossa religião e com nossas orações. Eles controlam os Partidos Comunistas da China e da Índia, bem como os Partidos Republicanos do mundo livre ocidental, conforme ficou constatado quando eles planejaram a destruição do senador McCarthy. Eles comandam os exércitos da ONU contra os norte-coreanos, e eles estão por trás dos norte-coreanos, enfrentando as forças da ONU. No Vietnã, eles enfrentam os comunistas, e quando muitos milhares de "legionários" não judeus morriam heroicamente em Dien-Bien-Phu, eles mantinham os bolchevistas informados sobre os movimentos franceses do próprio Conselho Nacional da Defesa Francesa. Enquanto defendem a reunificação e a integração da Europa, eles tor-

nam essas coisas ao mesmo tempo, impossíveis. Eles falam da impossibilidade de garantirem a coexistência, embora saibam muito bem que essa coexistência na verdade, é perfeitamente possível. Os judeus ocidentais e orientais sempre se entenderam muito bem. Em 1917, durante a guerra da intervenção, os judeus ocidentais ajudaram os judeus orientais promovendo o progresso material soviético, e durante a Segunda Guerra Mundial essa ajuda foi feita por meio de empréstimos de onze bilhões de dólares, pela Lei de Empréstimos e Arrendamentos e pelo apoio dado em Yalta, Teerã e em Nuremberg. A conclusão é: os judeus ocidentais e orientais, vendendo uns aos outros o segredo da bomba atômica sobre os países não judeus, a fim de estabelecer o seu reino mundial.

O mundo ocidental sonha acordado. Os bolchevistas ''moderados'', os intelectuais cor-de-rosa e os pseudos antibolchevistas têm de aprender que a humanidade não pode ser classificada corretamente em grupos de bolchevistas, bolchevistas ''moderados'' e ''antibolchevistas''. A classificação correta é em dois grupos: o dos que vêem e que reconhecem o perigo do nacionalismo judaico, e o dos outros que o negam. Quem quer que seja ''pró-judaísmo'' ou que negue que as principais características do bolchevismo são judaicas, não pode ser, ao mesmo tempo, verdadeiro antibolchevista!

''Nós somos um só povo! — Nós somos o mesmo povo!'' — disse Theodore Herzl.

A frente de disfarce de não judeus é para o ''homem do povo'', para ''nossos servos e nossos escravos'' — para as massas. É um ilusão, como a soberania da Casa Branca ou a democracia, ou os direitos iguais. Mas no segundo escalão, por trás do pano, nas posições-chave, estão Bernard Baruch, Frankfurter, David Lilienthal, Strauss, Oppenheimer e o punho de ferro de Jeová, brandindo o poder que esmagará reinos e democracias, fazendo-os em pedaços. Para as massas do hemisfério oriental, o Kruschev não-judeu é bom; mas o segundo escalão é governado pela dinastia de Kaganovich, por Yudin, e pelas metralhadoras da KGB e pelos macabeus de capacetes de aço.

''Nós somos um só povo!'' Mas um povo que está sempre pronto a abandonar a nação que o hospedou, sempre que isso favorecer os seus interesses. Em certa ocasião, eles chegaram a abandonar até a própria União Soviética. Isso aconteceu quando os exércitos europeus estavam nas redondezas do sistema circular ferroviário dos arrabaldes de Moscou. Os judeus, tendo desapropriado, para seu próprio uso, todos os carros e veículos, e depois de carregá-los de tesouros do povo soviético, fugiram, deixando atrás de si os russos furiosos.

Mas agora, como resultado da sua grande vitória na guerra, eles podem dizer:

''Nós conquistamos o mundo. Nós controlamos a humanidade, das nossas posições-chave por trás dos bastidores''.

Capítulo XVIII

Os Poderes Secretos

Os conquistadores do mundo não seriam capazes de manter o seu poder por um momento sequer, sem suas tropas auxiliares, que eles comandam das suas posições-chave. É uma característica medonha dos dias atuais o fato de que certo setor das igrejas Cristãs seja controlado tanto por essas tropas auxiliares quanto o são as ditaduras bolchevistas e as lojas maçônicas. Os parlamentos e os governantes, bem como os meios de diversões públicas, tais como o rádio, a televisão e o teatro, que se dedicam a entorpecer sistematicamente a opinião pública, são organizados para representarem o papel de tropas auxiliares tanto quanto o congresso do partido das ditaduras bolchevistas. Mas por trás dos governos, dos comissários e das marionetes da oposição ergue-se o Diretor Diabólico — o Bezerro de Ouro — o "poder do dinheiro", arrancando o ouro do suor e do sangue dos 3 bilhões de habitantes da Terra.

Mas como foi que isso aconteceu? Será o mundo realmente governado por um poder sombrio e maligno?

Durante a Segunda Guerra Munaial, na frente de batalha russa, um oficial da Divisão Azul Espanhola encontrou um arquivo contendo registros de interesse ímpar perto do corpo de um oficial de polícia bolchevista chamado Guzmin. Esses registros, feitos em 1939 por Guzmin, continham uma declaração, feita por Rakovsky, na ocasião embaixador soviético em Paris, que foi incriminado na grande conspiração contra o general Tuhachevsky. Nos registros, cuja autenticidade parece ser fora de dúvida, o véu que obscurece o bolchevismo é levantado, e um dos maiores segredos do mundo é revelado. Eles foram ditados por uma testemunha verídica, um dos mais íntimos colaboradores de Lenin. É desnecessário dizer: Rakovsky era judeu.

Nos registros, Rakovsky confessa francamente que no fim da Primeira Guerra Mundial a situação do bolchevismo tornou-se bastante crítica, em virtude da amplitude e do progresso da contra-revolução russa. No fim de 1917, os bolchevistas tinham sido rechaçados até o território do principado de Moscou. Mas nesse momento, apareceu um poder mais alto, que, segundo Rakovsky, governa o mundo. Esse poder mais alto agiu do Ocidente e conteve o fluxo de suprimentos militares e econômicos para a contra-revolução, suprimento esse que até então fora firme e confiável.

Numa série de confissões confidenciais, Rakovsky também declara, nos registros, que a grande falência financeira de Wall Street, em 1929, foi obra de um misterioso grupo constituído de algumas pessoas dirigidas por um poder mais alto. Esse mesmo poder mundial colocou em ação o famoso New Deal de Roosevelt, mas por outro lado também apoiou o movimento de Hitler nas suas dificuldades financeiras iniciais, através da ajuda de Schacht, que era maçom.

"Esse poder mundial é maior e mais poderoso do que o próprio Komintern" — disse Rakovsky.

As reiteradas perguntas de Guzmin quanto a quem eram os detentores desse poder mundial, Rakovsky dava apenas várias resposta evasivas, tais como: "Eles", "aquela gente", etc. Ao que indica, ele não queria dizer a palavra judeu!

Ele disse que não sabia exatamente quem essas pessoas eram. Mas sabia que elas eram muito poderosas e que era só chamar que elas apareciam, no mundo inteiro. Elas não tinham forma visível e apareciam principalmente disfarçadas de interesses financeiros internacionais. Algumas vezes, há referências a elas como o "poder do dinheiro". Mas uma coisa era certa: esse poder mundial sem dúvida interviria, se uma força poderosa surgisse para destruir o comunismo. Trotsky, que era mais intimamente familiarizado com esses círculos, em certa ocasião disse a Rakovsky: "O homem que conseguiu romper o bloqueio que se fechava ao redor dos soviéticos é Walter Rathenau, o milionário membro do governo Weimar".

Esses registros também insinuam que esse poder mundial misterioso está materializado em algum tipo de organização maçônica. Mas é ainda mais interessante saber de Rakovsky que Karl Marx não foi o verdadeiro fundador da revolução comunista mundial. O verdadeiro pai dessa revolução foi Adam Weishaupt, fundador da ordem maçônica dos Iluminados. Esse Waishaupt, que veio da Alemanha, foi aluno de Moses Mendelsohn, o filósofo judeu.

Kuhn, Loeb & Cia., segundo estatística de 1935, controlava uma fortuna de quatro bilhões de dólares, e hoje, sem dúvida, controla muito mais.

A política mundial desse poder secreto é muito interessante. O ódio judaico contra a Rússia Tzarista era tão grande, que esse mesmo banco, Kuhn, Loeb & Cia., fez um empréstimo de 130 milhões de dólares aos japoneses, para financiar a guerra russo-japonesa. Anos mais tarde, quando parecia que os bolchevistas iam ser derrotados, no fim da Primeira Guerra Mundial, ele salvou também o bolchevismo. Sabia muito bem que a vitória da contra-revolução levaria à vingança do povo russo, torturado e enganado, e terminaria com a destruição dos judeus russos.

No entanto, o capítulo mais horrível dessa política diabólica foi quando, não apenas segundo Rakovsky, mas também segundo outras fontes alemãs fidedignas, esse mesmo poder mundial deu enormes quantias de dinheiro a Hitler e ao Socialismo Nacional Alemão, a fim da ajudar Hitler no seu movimento, para vencer as dificuldades iniciais. Eles sabiam que se Hitler conseguisse se apossar do poder na Alemanha, esta poderia ser forçada a entrar numa nova guerra. O verdadeiro objetivo foi não apenas o de destruir o Socialismo Nacional Alemão, mas algo muito maior: a execução da final e gloriosa aspiração, isto é, a destruição biológica e a escravização de todos os países não judeus.

Certas passagens das declarações de Rakovsky alcançam alturas impressionantes. Ele deve ter tido muito conhecimento da natureza desse poder secreto mundial, para ter profetizado, de uma cela de prisão, já no distante ano de 1938: "Hitler se aliará a Stalin, a fim de poder derrotar a Polônia, e Stalin se aliará a Hitler. Embora

ambos dessa forma ataquem um país católico importante para o Ocidente, no entanto o Ocidente só acusará um deles de agressor, e esse será a Alemanha de Hitler".

Registros do Grão Oriente referentes à reunião do Grande Conselho em 29 de maio de 1939, caíram nas mãos do serviço de contra-espionagem antes do estouro da última guerra. Disso, torna-se evidente que Groussier, o Grão-mestre, naquela época teve importantes confabulações com o embaixador de Roosevelt em Paris, Sr. Bullit, que foi informado do ponto de vista do Grão Oriente, segundo o qual todas as providências possíveis tinham de ser tomadas a fim de impedir que qualquer acordo sobre a questão polonesa pudesse ser feito entre Hitler e os poloneses, ou entre Hitler e as potências européias. Já em março de 1939, Chamberlain foi avisado de que, se ele continuasse com sua política de conciliação, os Estados Unidos retirariam todo o apoio moral e financeiro da Grã-Bretanha.

Os registros do Congresso Judaico, que foi efetuado em Paris muito antes da Segunda Guerra Mundial, foram publicados na Gazeta Católica de fevereiro de 1936. Nesse congresso, segundo consta, o poder mundial secreto mostrou toda a extenção da sua arrogância. Os que discursaram referiram-se orgulhosamente ao fato de que os líderes mais importantes de todos os países eram maçons e assim estavam mobilizados para a promoção das aspirações de Israel.

"Nós somos senhores da guerra e da paz!" — diz o confiante desafio dos conquistadores do mundo. "A França caiu nas nossas mãos; a Grã-Bretanha depende do nosso dinheiro e é nossa escrava. Muitos outros Estados e nações, inclusive os E.U.A., curvam-se ante o nosso poder e ante a nossa organização".

O fato de que esse poder mundial não somente existe é fortemente enfatizado, primeiro, pelas declarações de Rakovsky; segundo, pelo ex-rei Afonso XIII; terceiro, nos relatórios secretos encontrados pelos alemães depois da ocupação de Paris; em quarto pelo diário de Forrestal, e por último, pelos documentos particulares de um diplomata polonês.

O conde Jean Szembek, uma das mais destacadas autoridades do Ministério do Exterior polonês, publicou o seu diário na França, sob o título Journal 1933-1939. Nesse diário, ele registra suas conversações com o rei da Espanha, Afonso XIII, em 19 de fevereiro de 1939. "O rei espanhol formou uma opinião muito pessimista da situação mundial" — diz o diário. "O judaísmo mundial e a maçonaria representam um papel muito importante na tentativa de desencadear a guerra".

Em 6 de julho de 1939, Jerzy Potoczky, embaixador polonês nos E.U.A., voltou de Washington para Varsóvia para fazer relatório ao seu governo. Nesse relatório ele diz: "Há todo tipo de gente no Ocidente nos impelindo à guerra: os judeus, os grandes capitalistas e as fábricas de armamentos. Eles acham que estão entrando numa era de prosperidade. Eles nos consideram e nos manipulam como fazem com os negros, cujo único dever é trabalhar e suar, a fim de que eles obtenham lucros".

Os judeus e maçons encontraram aliados em círculos inesperados. Em 19 de março de 1939, o conde Szembek visitou o conde Ledochowsky, o diretor geral da Ordem dos Jesuítas, e registrou o seguinte: "Por acaso eu estava presente durante a entrevista do conde Ledochowsky com o cardeal Marmaggi sobre a chegada de uma delegação da Falange Espanhola. Na conversação que mantiveram, ambos condenaram severamente o Fascismo e o Hitlerismo e chegaram à conclusão de que a Falange era um movimento semelhante aos dois anteriores citados. Ledochowsky referiu-se a todos esses sistemas como "obra do diabo". Em 21 de abril de 1939, monsenhor Montini, o legado papal na Polônia naquela época, disse ao conde Szembek que, segundo

o ponto de vista oficial do Vaticano, se a Polônia decidisse ir à guerra, seria uma guerra justa e justificada.

Nas suas memórias, Szembek registra, também, que em 11 de agosto de 1939, o embaixador polonês no Vaticano lhe disse que "uma atitude inflexível deveria ser mantida para com a Alemanha, e que essa política é abertamente encorajada pelo Vaticano!"

E assim, encontramos até o próprio Vaticano engajado entre os satélites dos conquistadores do mundo, sem, ao que parece, parar para pensar no perigo inerente do bolchevismo.

Já falamos das posições-chave que estão nas mãos dos conquistadores do mundo. Mas o progresso político foi apenas uma conseqüência um tanto modesta daquele poder econômico mundial que o judaísmo mundial adquiriu no começo do século, a fim de dominar os países.

O aparecimento desse misterioso poder mundial foi referido pelos marxistas, pelos leninistas, e por outros socialistas sonhadores, como "imperialistas do dólar". Muito embora as bandeiras dos "imperialistas do dólar" tenham sido carregadas pelos americanos que morreram para defendê-las, assim mesmo por trás dessas bandeiras de uma nação nova e poderosa, politicamente ignorante, estavam os conquistadores do mundo, que, na verdade, estão marchando para conseguirem dominar todos os povos livres e independentes do mundo.

Daremos alguns exemplos para ilustrar isto. Speyer & Co., a grande casa bancária judaica, em 1903 deu ao México o seu primeiro empréstimo. Com essa transação eles conseguiram uma concessão para explorar petróleo no México. Rockefeller, Morgan, Jacob Schiff e os outros grandes financistas judeus seguiram o exemplo, e assim quase todas as jazidas de petróleo do México estão agora nas mãos dos judeus. Bernard Mannes Baruch, o National City Bank, sob gerência judaica, o Guggenheim, o magnata judeu do cobre, tornaram-se os verdadeiros senhores do México.

Em 1906, os mesmos conquistadores do mundo obtiveram monopólios sobre a renda nacional da Nicarágua da alfândega e sobre o imposto de consumo, e também sobre suas linhas ferroviárias e marítimas.

A casa bancária de Kuhn, Loeb & Cia. foi uma das fundadoras, bem como a principal fundadora da Panama Canal Co.

A maior parte da indústria de Cuba é controlada pelos Guggenheims.

A Bolívia foi transformada numa colônia de "imperialismo do dólar" por Speyer e Guggenheim, que exploravam as minas de zinco.

Desde 1935, trinta e cinco por cento do nitrato de potássio e noventa por cento da indústria do cobre do Chile estão nas mãos dos monopólios de Guggenheim e de Morgan.

No Peru, as minas de cobre estão nas mãos dos Seligmans e dos Goldschmidts.

Lord Melchett, sob o seu nome original de Mond, controla a indústria de níquel do Canadá. De um total de trinta bilhões de dólares, que representam o ativo nacional do Canadá, cerca de três bilhões estão nas mãos dos judeus.

O comércio exterior com a China foi organizado pelos Morgans e também pelo National City Bank, e, naturalmente, por Kuhn, Loeb. Mais tarde, a International Banking Corporation, chefiada por Edward Harriman, o rei das ferrovias, e Isaac Guggenheimer, iniciaram a "exploração" econômica da China. Schiff, Morgan, Kuhn, Loeb e Harriman fizeram fortunas com a construção de ferrovias naquele país.

Segundo Rakovsky, forças semelhantes salvaram o bolchevismo, e, com a finali-

dade última de destruir a Alemanha, apoiaram o movimento de Hitler, nos seus primórdios. Eles estavam também por trás do pacto com Stalin e da guerra aérea total, da expulsão de dezoito milhões de alemães de sua terra natal, por trás da escravização da Europa, e da supressão dos países asiáticos que lutavam pela sua independência. O poder mundial identifica-se com os julgamentos de Nuremberg, com a sórdida barganha de Yalta, enquanto que a morte do democrata Forrestal, bem como a do comunista Zhdanov foi devida ao fato de que esses homens queriam provocar um acerto de contas entre o mundo bolchevista e o capitalista. Ele exterminou muitos dos líderes dos povos europeus cristãos, sob o pretexto de "criminosos de guerra", e disso surgiu a recente teoria da coexistência para salvar a União Soviética. Rakovsky nos informa que esse poder "mais alto" revelou sua verdadeira identidade durante o julgamento dos espiões atômicos.

Por que Julius Rosenberg se recusou a revelar ao tribunal os nomes daqueles que lhe davam ordens, embora se ele o tivesse feito teria salvo a sua própria vida e a da sua esposa?

A resposta é simples! Esse judeu pequeno e sem importância era, juntamente com seus cúmplices, um agente desse poder "mais alto". Não foi por sua iniciativa que ele entregou segredos atômicos a Kaganovich e aos amigos deste. Certas pessoas lhe ordenaram que assim fizesse. Determinadas pessoas conseguiram convencê-lo de que se tratava de um dever sagrado, patriótico e religioso para ele — um pequeno judeu, mas leal — entregar ao Kremlin o segredo da bomba atômica, e em assim fazendo, evitar uma terceira guerra mundial, que levaria ao extermínio do povo judeu.

O que é certo, no entanto, é que esses judeus, Rosenberg e sua esposa Ethel, morreram como mártires, levando com eles para o túmulo um dos maiores segredos do século vinte. Os judeus que acompanharam o caixão dos dois até o cemitério, numa cerimônia fúnebre agitada por incidentes dramáticos de fanatismo, sabiam muito bem que esse casal sacrificara a vida pela sobrevivência do mundo judaico. E assim, os nomes dos verdadeiros culpados jamais foram revelados.

No seu número de 15 de junho de 1955, A Voz da Paz, um jornal francês, publicou um interessante artigo de autoria de um escritor esquerdista, que lançou, embora certamente sem nenhuma intenção, uma luz muito intensa sobre a natureza básica de "democracias" governadas a partir de posições-chave.

"O próprio Parlamento francês" — escreve ele — "é um tipo de sociedade fechada, na qual os representantes dos grandes grupos bancários se reúnem. Esses grupos são: (1) União dos Bancos Americanos, que é representada na política francesa por René Pleven, que iniciou sua carreira como secretário de Jean Monnet; (2) União Européia, à qual pertencem as casas bancárias dos Rothschilds. Esse grupo é representado politicamente por René Mayer, um ex-diretor das empresas Rothschild".

Nesse curto artigo é apresentado um quadro espantoso, mostrando que a França de São Luís está hoje sob a ditadura de vários grupos financeiros judeus ajudados por parlamentares democráticos corruptos, e que ao mesmo tempo ela serve como uma das principais bases da conspiração internacional que está estrangulando o mundo.

Talvez as revelações do artigo de Francis Quisney sobre esse poder mundial secreto sejam as mais notáveis depois da Segunda Guerra Mundial. Foram publicadas no jornal Der Weg, editado na Argentina, e tratavam da política mundial dos Rockefellers. Para resumir, o atual chefe da casa bancária "cristã" dos Rockefellers, Nelson Adrich Rockefeller, tem estado trabalhando há muito tempo em íntima ligação

com a casa bancária judia de Kuhn, Loeb & Co., de Nova Iorque. Durante a Segunda Guerra Mundial, Roosevelt nomeou Nelson Aldrich Rockefeller para o cargo de Coordenador da Defesa do Hemisfério, tendo como finalidade "controlar" os países e mercados sul-americanos.

Daria para escrever um livro, se contássemos com minúcias o papel fatal representado pelo chefe da casa bancária Rockefeller na bolchevização do mundo, quando sob a influência de Kuhn, Loeb & Cia., que financiou a Revolução Bolchevista e a bomba atômica. No Wall Street Journal de 13 de maio de 1948, Ray Cromley, um jornalista americano, confirmou que não apenas em Yalta mas muito antes daquela conferência, fora feito um acordo secreto entre Nelson A. Rochefeller de um lado, e Gromyko, o representante judeu do Kremlin do outro, para dividir o planeta em dois hemisférios. A linha de demarcação que divide o globo terrestre passa pelas fronteiras orientais da Finlândia, segue pela costa da Suécia, passa através da Alemanha dividida indo até as fronteiras orientais da Áustria, de onde segue os limites norte da Turquia e termina no Golfo Persa. Esse acordo secreto entre os conspiradores ocidentais e orientais levou em conta o fato de que os ricos campos petrolíferos da Arábia Saudita precisam ficar sob o controle dos Rockefellers dos magnatas judeus do petróleo que há por trás deles. Outra parte alarmante dessas revelações, devidamente apoiada por provas, é a de que o petróleo entregue pelas refinarias da Arábia Saudita de Rockefeller e Kuhn, Loeb & Cia., para a máquina de guerra comunista, possibilitou aos comunistas coreanos efetuarem o seu ataque contra a Coréia do Sul.

Em várias ocasiões, o bolchevismo foi salvo da destruição por uma conspiração secreta ocidental. O mesmo poder secreto no início salvou-o, exercendo pressão através dos sindicatos britânicos e banqueiros americanos, para acabar com a guerra de intervenção antibolchevista; mais tarde, esse poder ajudou Stalin na industrialização da União Soviética. Salvou a União Soviética novamente, quando, na época do pacto Ribbentrop-Stalin, Hitler foi escolhido como o inimigo comum. Salvou os soviéticos novamente, quando La Guardia entregou o cheque de onze e meio bilhões de dólares a Litvinov, e ainda outra vez quando a segunda frente de batalha foi estabelecida prematuramente pela invasão da Europa, sem esperar que os exércitos das ditaduras russa e alemã se matassem mutuamente num vasto derramamento de sangue".

Isso foi feito, embora Truman, que podemos considerar como o único presidente "anti-semita" dos E.U.A. desde Jefferson, dissera, na ocasião do estouro da guerra germano-soviética, em 1941:

"Deixemos que eles se matem mutuamente. Mais tarde, teremos de apoiar a parte mais fraca".

Truman ainda era apenas vice-presidente e Roosevelt já estava no fim da vida, quando a sugestão resolvendo a questão soviética duma vez por todas estava sendo seriamente considerada pelo mundo ocidental. Truman chegou a pensar em destruir o bolchevismo e Hitler ao mesmo tempo, numa investida oportuna. Essa era a última oportunidade para as democracias e para o mundo livre garantirem a verdadeira vitória.

Tiveram início as consultas em conjunto com os líderes militares do exército alemão vencido. Foi proposto que depois de uma capitulação formal, os alemães juntariam suas forças aos aliados ocidentais e todos cairiam sobre os exércitos soviéticos cansados. Todos que viviam na Europa durante aquela época febril sentiram que o mundo estava no limiar de um novo conflito que decidiria o destino da humanidade. Tudo indicava que embora o nazismo pudesse estar destruído, no entanto a Wehr-

macht vitoriosa marcharia novamente numa aliança com as forças americanas e britânicas, mais vitoriosas ainda.

Em março de 1945, os operadores das estações de rádio alemãs e húngaras e os Estados Maiores sabiam que a União Soviética estava prestes a entrar em colapso. Nos territórios da Hungria e da Alemanha Ocidental as mensagens cifradas que eram mandadas para Moscou pelos vários comandos soviéticos era interceptadas e decodificadas. Todas elas consistiam de apelos desesperados oriundos dos generais soviéticos "vitoriosos" pedindo ajuda: armas, munição e reforços.

Mas nessa época, quando as democracias tinham tudo para exterminar o bolchevismo com a ajuda do Socialismo Nacional Alemão, o misterioso poder mencionado nos registros de Rakovsky fez nova intervenção por intermédio da pessoa de um títere muito típico — o general Dwight Eisenhower, que, mais tarde, se tornou presidente dos Estados Unidos.

As notícias de negociações entre a Wehrmacht alemã e os britânicos não eram simples boatos. Rossovsky, o marechal de campo "vermelho" e recente comandante-chefe dos exércitos comunistas poloneses, revelou alguns pormenores notáveis sobre esse assunto. Ele disse que o marechal Zhukov tinha provas do fato de que em abril de 1945 os britânicos pretendiam concluir um acordo com a Wehrmacht alemã para uma arremetida contra os exércitos soviéticos, que tinham penetrado muito na Europa Ocidental. Enquanto isso, o Alto Comando soviético interceptou e decifrou as telecomunicações entre os quartéis-generais britânicos e alemães. A única condição era a de que o exército alemão capitularia em 22 de abril de 1945. Em seguida, aconteceria logo um ataque imediato, para forçar os exércitos soviéticos a recuarem, pelo menos até o rio Oder.

Acredita-se que um coronel do exército britânico tenha revelado esse plano a Eisenhower, que por sua vez disse prontamente aos britânicos que se estes ajudassem os alemães contra os bolchevistas, ele interromperia todo o fornecimento de material vital à Grã-Bretanha, que teria de arranjar-se com os seus próprios recursos.

E atualmente, o marechal Zhukov refere-se ao momento que foi talvez a última oportunidade de liberdade para a humanidade, dizendo: "A intervenção do meu bom amigo Eisenhower frustrou esse plano traiçoeiro" (Das Neue Zeitalter, de 28 de setembro de 1957).

E assim, o manso general de Roosevelt, o influente mestre da maçonaria americana, de quem o general MacArthur disse, de maneira mordaz: "Eisenhower não era oficial do meu Estado-Maior; era meu escriturário" — destruiu a última esperança da humanidade. A União Soviética não foi apenas salva, mas tornou-se uma das mais fortes potências do mundo. Depois disso, era muito natural que o favorito de Baruch e de Morgenthau e o executor do plano Morgenthau,se tornasse presidente dos Estados Unidos, enquanto os poderes por trás dos bastidores impediam a nomeação de Taft e de MacArthur para as eleições presidenciais. Assim que Eisenhower foi eleito para o cargo de presidente, as investigações da Comissão McCarthy foram suspensas. Os conquistadores do mundo voltaram para a Casa Branca, e em vista dos acontecimentos que se seguiram até uma criança pode compreender a atitude de indiferença para com a histórica rebelião húngara de 23 de outubro de 1956, bem como da omissão, não lhe dando nenhuma ajuda efetiva.

Graças a Eisenhower, a metade oriental do poder mundial judaico foi salva novamente. Através da irresponsabilidade desse soldado títere de carreira, os segredos dos foguetes também caíram nas mãos dos soviéticos. Ao saberem da aproximação

dos bolchevistas, os cientistas alemães evacuaram Penemünde, em 1945. Os tipos de foguetes V-1 e V-2 tinham sido feitos ali, e a V-9, equivalente ao sputnik soviético de 1958, também já estava pronta. Os cientistas alemães levaram com eles cinqüenta e quatro vagões de desenhos técnicos e de material científico que eles pretendiam entregar aos americanos. A C.I.C. americana, que nessa época consistia quase que exclusivamente de conquistadores do mundo, ordenou aos cientistas alemães que deixassem os cinqüenta e quatro vagões de material científico nas mãos dos soviéticos. Os próprios cientistas teriam acesso ao território ocupado pelas forças americanas, mas levando apenas 50 quilos de bagagem pessoal por pessoa. Poder-se-á perguntar se essas coisas eram do conhecimento de Eisenhower — o títere de Morgenthau. Isso pode ficar aberto a discussão. Mas permanece o fato de que os segredos dos foguetes, como os segredos da bomba atômica, caíram nas mãos dos soviéticos.

Portanto, à pergunta:" existe uma conspiração supranacional cobrindo todas as nações do mundo?" — nós só podemos dar uma resposta taxativa: "existe, sim!" Essa conspiração assumiu forma e já interferiu em várias crises que afetavam a humanidade. Ela atuou na Revolução Francesa, nos movimentos socialistas-comunistas do século dezenove e nos tratados de paz depois da Primeira Guerra Mundial. Suas características tornaram-se visíveis por um momento em 1917, quando a Rússia Tzarista foi destruída, e segundo os registros de Rakovsky citados acima, foi em virtude dessa conspiração que o bolchevismo foi salvo na época em que a contra-revolução russa estava prestes a ter êxito. Esse poder misterioso provocou o início da Segunda Guerra Mundial, destruiu a Europa cristã e exterminou a elite intelectual européia. Esse misterioso poder de conspirações entregou o segredo da bomba atômica aos soviéticos, e traiu os Estados Unidos.

Então, quem são os membros desse grupo conspirador? Não há dúvida nenhuma de que em primeiro lugar são os líderes do mundo judaico, fanáticos obcecados pelo "nazismo" conquistador do mundo do Velho Testamento, dirigido pelos banqueiros dos grandes grupos financeiros e interesses multinacionais e também pelos comissários chefes do bolchevismo, isto é, os senhores do Kremlin. Talvez nem todos eles possam ser incluídos, mas existem muitos entre eles lutando sob a liderança de Kaganovich pelo estabelecimento do reino mundial judaico.

Talvez mais perigosos do que esses líderes conspiradores sejam as tropas "auxiliares" que eles conseguiram arregimentar para a sua causa, quase meio século passado. Segundo as mais recentes estatísticas, existem mais de seis milhões de maçons do mundo, e quatro milhões deles só nos Estados Unidos. A maioria desses maçons talvez não seja comunista, mas assim mesmo eles estão promovendo os objetivos dos comunistas, mesmo sem terem essa intenção. Além disso, motivados por interesses materiais ou pela convicção, eles estão conscientemente servindo às aspirações judaicas, o objetivo final do comunismo, e através do comunismo, servem ao estabelecimento da ditadura totalitária judaica e à completa abolição da liberdade humana.

Para compreendermos as colossais dimensões e conseqüências dessa conspiração, temos de nos conscientizar de que a humanidade vive hoje no que poderíamos chamar de "era do limiar", e talvez já tenha passado da idade do ferro para a era atômica. Não é preciso ter muita imaginação para ver que o mundo está superpovoado e que o futuro de todo o globo terrestre — a vida e a manutenção da população global — depende de se aumentar em enormes proporções a produção através do uso eficientíssimo da energia atômica. Essa energia, que poderia ser uma fonte de mal, ou, por outro lado, uma grande bênção, é controlada por um grupo fechado dos pro-

fetas do "nazismo" supranacional. A maior parte da humanidade já está impotente contra esse grupo, o que significa que as experiências das explosões atômicas têm servido apenas para promover os seus próprios interesses, isto é, o interesse do lucro, independente do fato de que isso até já afetou os genes dos nossos filhos que estão para nascer, pela radiação atômica. O que acontecerá, se esse grupo assumir o controle exclusivo dessa energia fatal, sob o título "a energia atômica para fins pacíficos"? Não é nem um conceito utópico nem um pesadelo, mas, pelo contrário, altamente provável que essa energia possa a vir a ser o meio para o estabelecimento da ditadura mundial. Só os continentes que se submeterem de forma incondicional receberão combustíveis e energia elétrica. Os que não estão dispostos a servirem a esse grupo judaico e assim manterem sua posição perto do ápice da pirâmide social que goza do lado ensolarado da vida, mas que ousarem resistir a exploração geral, perecerão de forma miserável. Pois esse "nazismo" do Velho Testamento não conhece misericórdia nem humanitarismo.

Se o poder desse grupo não for erradicado sem demora, e se ele continuar gozando de monopólios econômicos, políticos e intelectuais, então em dez ou em vinte anos virá o terror totalitário mundial, e com ele a destruição da liberdade da humanidade, juntamente com a do livre espírito da humanidade de todos os ideais humanos, inclusive o conceito da nossa própria terra natal de orgulho nacional. No fim, restarão, de um lado, as massas de escravos, em número de quatro bilhões de pessoas escravizadas, sem laços raciais, nacionais nem religiosos, e do outro, quinze milhões de privilegiados, de eleitos, que cumpriram a profecia do Torah e se tornaram, realmente, os senhores de todas as nações.

Capítulo XIX

A Revolta Húngara pela Liberdade

Em outubro de 1956, estourou na Hungria a luta pela libertação nacional. Um país inteiro se levantou, não apenas contra o Oriente, mas simultaneamente contra o Ocidente. Os lutadores húngaros que defendiam a liberdade e que com galhardia e bravura se viraram contra a polícia secreta chamada de A.V.H., dirigida pelos judeus, com igual heroísmo recusaram-se a aceitar o livro de cheques corrupto do capitalismo ocidental.

Embora a Hungria ainda não tivesse conquistado a sua liberdade total, um novo mundo pôde ser vislumbrado pelos corações dos homens. Os milenares conceitos de Socialismo ganharam forma e se materializaram uma vez mais no coração e na imaginação das massas, conceitos esses que poderiam também ser considerados como parte de um novo mundo exemplar, contendo a ordem social mais moderna. Os escravos explorados das minas e fábricas do Estado capitalista soviético, os discípulos do instituto Marxista-Leninista, os profissionais das classes trabalhadoras, oriundas do Exército do Povo, e os pequenos camponeses, todos se levantaram unanimemente contra o bolchevismo, a forma mais desenvolvida de domínio mundial judaico.

Parece que os que defendiam a liberdade evitaram levantar o problema do domínio judaico. Os líderes de terroristas da polícia secreta, a A.V.H., foram exterminados, não como judeus, mas sim como assassinos comuns e como elementos anti-sociais, culpados de crimes contra o povo e contra a humanidade. Contudo, nas suas características essenciais, essa luta pela liberdade constituiu a primeira revolução verdadeira contra os conquistadores do mundo, pois os líderes do regime de terror da Hungria, ocupando posições chaves nas organizações terroristas da polícia e do exército, eram quase que exclusivamente judeus. O próprio caráter do terror era predominantemente judaico e só em pequeno grau era eslavo-bolchevista.

"É de nós que emana todo o terror envolvente..." — dizem os Protocolos. E tudo que foi profetizado e previsto pelos Protocolos com relação à polícia secreta judaica foi materializado e altamente desenvolvido na Hungria. O Departamento de Segurança do Estado, que era controlado unicamente pelos judeus, havia registrado to-

dos na Hungria nos seus arquivos policiais, pelo sistema de índice de cartão. Esses assim chamados "cartões classificatórios" forneciam minúcias sobre cada membro da população. Neles eram registrados o caráter, as peculiaridades, e tudo o mais, com meticuloso cuidado. Isso incluía até expressões ocasionais de seus pontos de vista e de suas idéias. Sabia-se que o pior registro do cartão de uma pessoa era o de "anti-semitismo". Sabemos do caso de uma caixeira que foi rotulada de "anti-semita" só porque ela não fazia muita questão de procurar a amizade das suas colegas, que assim "sentiram" que ela talvez não gostasse de judeus.

As autoridades de Segurança do Estado, A.V.H., empregaram 40.000 auxiliares para manterem esses arquivos atualizados, e os arquivos foram compilados por 400.000 espiões, com base em informes vindos de fábricas, oficinas, escritórios e de todas as atividades. Todos que foram intimados a comparecerem ao Departamento de Segurança do Estado foram tratados com a máxima crueldade e maldade.

Em 1945-46, a Sociedade Fraterna das Companhias de Trabalho Judaicas organizaram a polícia terrorista comunista em Budapeste. Essa organização era chefiada pelo Dr. Zoltan Klar, o ex-notório médico milionário judeu de Budapeste, que agora está em atividade nos Estados Unidos como "editor". Os vários grupos dessas sociedades visitavam regularmente as prisões e outros lugares de detenção, onde eles violentavam as mulheres presas, várias vezes por dia. Eles inventavam métodos tão bestiais de torturar as pessoas, que jamais se poderá sequer sonhar com torturas semelhantes nem mesmo nas torturas aplicadas pelos carrascos chineses. Presos condenados a sentenças longas eram forçados a fingir discussões, que terminavam em lutas sangrentas, durante seus passeios diários pelos pátios das prisões. É digno de nota o fato de que o atual Primeiro Ministro húngaro, János Kádár, também foi torturado quando, por um curto período de tempo, ele se atreveu a desafiar o sistema de Moscou. Todas as unhas dos dedos das suas mãos foram arrancadas, e segundo os registros que aparecem em vários jornais suíços, ele foi castrado.

Milhares de casos semelhantes a esse foram relatados pelos defensores da liberdade e também pelos que foram liberados de tais prisões e que foram para o Ocidente. Quando os defensores da liberdade conseguiram ocupar o prédio da polícia secreta, eles encontraram mais provas de um terror quase incrível para o mundo ocidental. Enormes salões e grandes cômodos eram enchidos com as conversas telefônicas mais banais gravadas em fitas e arquivadas. Cartas sem a mínima importância, recebidas do estrangeiro, tinham sido microfilmadas e arquivadas num gigantesco sistema de cartões. Na Praça Tisza Kálmán, em Budapeste, uma prisão secreta com 3.000 celas fora construída e equipada no lugar de uma estação ferroviária subterrânea, e sua existência só foi descoberta quando tiveram início as lutas pela liberdade. Tais prisões subterrâneas foram também encontradas em centros provincianos, juntamente com passagens subterrâneas que possibilitavam aos líderes comunistas fugirem em casos de emergência.

E assim, se levarmos em conta que na Hungria os líderes eram judeus, pode-se dizer, com toda razão, que na Hungria se materializaram os sonhos mais extremos do reino mundial judaico.

Esse reino mundial judaico tinha outros recursos à sua disposição, além do terror. A par da guerra biológica de classe, que destruiu fisicamente personalidades melhor dotadas da vida social húngara, havia também a guerra de classe política. Qualquer pessoa cujos avós tivessem sido pequenos proprietários de terras, até mesmo quantidades mínimas, ou cujos pais tivessem sido servidores civis antes de 1945, era

declarada "incompatível por classe". Um homem assim poderia possuir as mais altas qualificações como médico, professor universitário, advogado ou cientista, que nenhum desses títulos valia, depois que ele era qualificado como "incompatível por classe", pois dali em diante ele só poderia trabalhar como um trabalhador não qualificado. Os cargos que assim ficavam vagos eram preenchidos em parte por comunistas ignorantes e sem instrução nenhuma, e na maior parte por aqueles judeus que ocupavam posições-chave no regime. Ao mesmo tempo, 50.000 intelectuais foram deportados para as províncias, onde eles só conseguiam sobreviver nas condições mais miseráveis. Em 1953, havia cerca de 95.000 presos políticos fazendo trabalho escravo em campos de concentração, enquanto cerca de 25.000 estavam nas várias prisões. Além do mais, segundo os registros do regime comunista, 15.000 execuções "oficiais" aconteceram entre 1945 e 1956. Esse último número foi revelado quando os defensores da liberdade libertaram a Prisão Central, em 1 de novembro de 1956.

Esses números são espantosos. Ao todo, havia 40.000 exilados na Rússia Tzarista, e na Hungria, entre 1867 e 1939, o número total de pessoas mortas durante greves, tumultos e distúrbios de toda espécie, em conseqüência do uso legalizado da força pelos serviços armados, totalizou apenas dezessete.

É claro que o objetivo dessas atrocidades foi o de reduzir o povo húngaro a uma massa intimidada de escravos, segundo a fórmula dos Protocolos, e assim estabelecer o domínio judaico sobre elas. A nação húngara levantou-se em 23 de outubro de 1956 contra o domínio do reino mundial judaico, porque, apesar de tudo, ainda não fora possível reduzir esse povo a uma massa informe e sem o dom do pensamento.

Nas ruas cobertas de sangue de Budapeste, os dois aspectos dos conquistadores do mundo foram atacados ao mesmo tempo. O proletariado húngaro, juntamente com os estudantes universitários, de armas em punho, lutaram desesperadamente contra o terceiro estágio do plano de conquista judaico: contra a campanha de terror, com a sua organização de supressão. Mas o povo húngaro igualmente se opôs ao segundo estágio desse plano, que consistia na reintrodução do capitalismo liberal.

O programa não escrito do povo húngaro era: Socialismo sem terror! Liberdade nacional sem submissão econômica!

É lógico e evidente que um programa assim não podia ser tolerado pelo Oriente nem pelo Ocidente. A luta húngara pela liberdade tinha um caráter nacionalista. Por conseguinte, tanto se opunha a Moscou quanto ao terror alternativo e ao sistema de escravização da ONU.

A realidade da divisão do mundo em dois hemisférios ficou bem demonstrada quando o povo húngaro tentou libertar-se do Hemisfério Oriental, e quando o mundo árabe, liderado pelos nacionalistas egípcios, tentaram libertar-se do Hemisfério Ocidental. Parecia muito natural que Kaganovich, uma vez mais em evidência, começasse a mandar as divisões blindadas russas para a Hungria. Mas, por outro lado, não pareceu ser muito natural que Israel, aliado à Grã-Bretanha e à França, atacasse o Egito tão repentinamente.

Quase no mesmo dia, os acontecimentos provaram que a existência dos dois hemisférios era um fato concreto. E, naturalmente, os acordos de Yalta e de Potsdam também já estavam em vigor, juntamente com o Plano Gomberg. As linhas de demarcação traçadas nesses acordos não podem ser transgredidas nem pela Hungria, nem pelo Egito. Por outro lado, as divisões blindadas de Ben Gurion e de Kaganovich virão e apagarão toda forma de nacionalismo, com sua ânsia de liberdade e de independência.

O levante de liberdade húngaro teve início em 23 de outubro, e as forças de Israel atravessaram as fronteiras do Egito em 29 de outubro. Nesse mesmo dia, as rádios dos defensores da liberdade húngaros noticiaram que fortes unidades soviéticas tinham começado a invadir a Hungria, vindas do Leste.

O mundo ocidental traiu grosseiramente a Hungria e o Egito. Os judeus de Nova Iorque fizeram uma reunião especial nos primeiros dias da rebelião húngara e prontamente rotularam a guerra de independência húngara como um movimento "anti-semita", de modo que a ONU decidiu prontamente não ajudar os defensores da liberdade, mas sim dar cobertura às divisões blindadas soviéticas. Nesse ínterim, a França e a Grã-Bretanha, aliadas a Ben Gurion, apressaram-se a bombardear os "anti-semitas" de Port Said.

Mas a traição do mundo ocidental foi mais insidiosa e mais fatal do que a brutalidade aberta dos soviéticos. O mundo ocidental traiu os seus próprios interesses, e também os seus tão decantados princípios, para não falar em democracia e em humanitarismo, quando se tornou cada vez mais certo que por trás das palavras bombásticas pronunciadas durante a crise de Suez ocultava-se um interesse suspeito, isto é, o interesse do nacionalismo mundial judaico. É desnecessário dizer, que ninguém arrastou Ben Gurion perante o Tribunal de Nuremberg "por ter planejado uma guerra de agressão", pela qual os generais Jodl e Keitl foram executados. Enquanto isso, as Nações Unidas, com os seus 1.200 judeus, de um total de 1.800 funcionários, assistia impassível, enquanto os soviéticos praticavam atos do mais hediondo genocídio, bem no nariz deles.

Mas tudo isso era natural e seguia o plano geral, uma vez que o reino mundial judaico perfeito foi restaurado na Hungria, mesmo sem Mátyás Rákosi-Roth.

Certa parte da imprensa do mundo ocidental gosta muito de espalhar o boato de que o "governo" comunista húngaro formado depois da supressão do levante é realmente "anti-semita". Vamos examinar o que existe por trás dos cabeçalhos dos jornais. Aqui se pode ver um excelente exemplo da obra da frente não judaica". Aqui, o títere, János Kádár, cujo verdadeiro nome é Csernák, é na verdade, muito mais eslavo do que judeu.

Mas os dois Primeiros Ministros auxiliares, Antal Apró-Apfelbaum e Ferenc Münnich — são ambos judeus. Além do mais, Géza Révész. Ministro da Defesa; István Antos, Ministro das Finanças; Ferenc Nezvál, Ministro da Justiça; Sebestyén Bakonyi, Primeiro Ministro Auxiliar do Comércio Exterior; János Tausz, Ministro do Comércio Interno; Gyula Kállai (Campescu), Ministro da Educação, e seu ministro auxiliar, György Aczél, principal organizador da Campanha Anti-Religiosa e da perseguição contra as igrejas, são todos judeus.

Os conquistadores do mundo enxameiam na Comissão Central do Partido Comunista Húngaro, uma autoridade que é mais importante do que o próprio governo. Em 1958, os membros judaicos da Comissão Central eram: Antal Apró-Apfelbaum, György Aczél, Jenö Fock, László Foldes, István Friss, Imre Horváth, Gyula Kállai (Campescu), Károly Kis, Ferenc Munnich, Dezsö Nemes, presidente da Comissão Editorial do diário do partido comunista húngaro, Népszava, Ferenc Nesvál, Sándor Nógrádi, Lászlo Orbán e Kálmán Révai.

A mal-afamada polícia secreta, a A.V.H., com sua organização de terror, tortura e assassinato, foi estabelecida novamente, e, como antes, seus líderes quase que exclusivamente consistem de membros da fraternidade judaica.

Não nos sentimos culpados de preconceito, ao afirmarmos que a luta húngara

pela liberdade em 1956 foi de considerável importância histórica. Ela provou que toda forma de marxismo tinha completamente falhado em conquistar os trabalhadores e os legítimos socialistas, apesar do fato de que na promoção do reino mundial judaico os valores tinham sido nivelados por baixo durante mais de um século. O poder mundial exercido a partir de posições-chave também falhou, uma vez que tanto os trabalhadores como o proletariado miram suas forças, instintivamente, com as classes intelectuais, e a primeira ação deles foi a de acabar com essas posições-chave. Ficou evidente na Hungria que tanto os trabalhadores como o resto do país não queriam mais o pseudo sistema capitalista ocidental. A Hungria deseja que os meios de produção permaneçam em suas próprias mãos, e isso, não na forma do comunismo nacional, e sim na base de um novo sistema nacional e socialista livre do totalitarismo. Esse conceito devia dar assunto em que pensar ao mundo capitalista ocidental e também aos trabalhadores ocidentais. A única maneira de salvar a humanidade dos horrores de uma guerra atômica e da morte atômica é o mundo ocidental mostrar aos trabalhadores do Oriente aquela mesma forma de socialismo que nasceu durante a luta húngara pela liberdade de 1956, cuja verdadeira história ainda está por ser escrita. Tal socialismo poderia tomar a metralhadora dos grupos terroristas, esmagar o Bezerro de Ouro e liquidar o poder das Finanças Internacionais Judaicas.

Só uma sociedade socialista que tenha sido expurgada de todo ódio poderá salvar a humanidade. Até que o mundo esteja livre do ódio com que tem sido infectado pela mentalidade judaica durante 2.000 anos, o perigo da morte atômica ou da eterna escravidão estará conosco.

O primeiro passo a dar deveria ser a abolição de todas as formas infantis de "anti-semitismo". Devemos deixar claro que nós não somos "anti-semitas". Nós condenamos o anti-semitismo, em primeiro lugar, em bases raciais, pois os verdadeiros semitas, os habitantes das nações árabes, são nossos irmãos e aliados naturais de todas as forças nacionalistas na luta global.

Tampouco somos nós "anti-semitas" no significado hitlerista da palavra, isto é, em bases raciais, porque nós não ensinamos nem aceitamos a superioridade de nenhuma raça.

Também não somos "anti-semitas" no sentido religioso da palavra, pois somos suficientemente liberais para respeitar todas as religiões.

E finalmente, nós não somos absolutamente "anti-semitas" no sentido de odiar quaisquer características pessoais dos judeus. Não nos importamos nem com o formato do nariz do judeu nem com suas peculariedades sociais.

O que nós detestamos é o poder mundial judaico, com os seus 2.000 anos de conspirações e tramas "nazistas" para lançar toda a humanidade na escravidão, para explorá-la e para entregá-la à morte atômica. Portanto não devemos atacar as características pessoais, raciais ou nacionais dos judeus; mas, por outro lado, quer sejamos democratas, socialistas ou socialistas nacionais, nós devemos cumprir o nosso dever como seres humanos, resistindo, por todos os meios legais — e até, se preciso for, pela revolução — à sobrevivência a toda e qualquer forma de domínio mundial judaico. Temos todo o direito de nos erguermos contra um poder ilegal, para afastar aqueles que ocupam as posições-chave por trás da falsa frente de pessoas não judias.

Onde quer que esse domínio seja exercido, sua identidade deverá ser desmascarada sem piedade. Para essa finalidade, deveria ser fundada uma sociedade supranacional anti-judaica.

Tal organização definiria a tática a ser usada, segundo as características dos di-

versos países. Não tentaria prescrever aos vários países que forma de governo deveria ser adotada, nem aconselhá-los no tocante às suas diretrizes básicas. Talvez fique provado que as melhores armas nos Estados Unidos seriam as do voto, apoiadas por uma política de esclarecimento geral, juntamente com o boicote social e financeiro, se necessário fosse. Nos assim chamados países fascistas, seria necessário conquistar o poder central, e nos países socialistas, convencer os socialistas sinceros e honestos. Atrás da Cortina de Ferro, seria preciso organizar guerrilhas combativas e campanhas de guerrilhas contra os líderes judaicos do regime. Para isso, a metralhadora é uma arma justificável na luta que aqueles heróis que porfiaram pela liberdade húngara usaram com uma decisão tão exemplar. O terror é a resposta ao terrorismo, mas só deve ser usada contra o terrorismo.

Não é preciso suprimir a liberdade para manter a lei e a ordem. A única "liberdade" que tem de ser abolida é aquela tipo espúrio de tolerância que permite aos expoentes do "nazismo" tribal fazerem tudo que bem querem. Quando todas as "liberdades", até agora privilégio exclusivo do "povo eleito", permitindo-lhes espalharem o terror, a exploração e obterem lucro ilimitado, forem abolidas, então os judeus, privados dos seus privilégios e dos seus monopólios, terão de encarar a questão do seu próprio destino.

Até quando poderá continuar a atual tendência de acontecimentos? Durante quanto tempo os países ainda terão de ser arrastados de logro em logro? Até quando será possível manter o bolchevismo, e quando é que os Estados Unidos vão acordar? Os países serão forçados a continuarem vivendo na escravidão, a serem massacrados e enganados, e de vez em quando ainda terão de travar guerras sangrentas, promovidas por um nacionalismo exótico?

Muito embora a palavra conquista tenha sido usada de maneira impetuosa durante os últimos 2.000 anos, ela sempre tem se apoiado na força militar de outras nações. "Os judeus ocidentais equiparão um exército de vinte milhões de homens no Oriente..." — pressagiou o profeta húngaro. No entanto, as forças mais poderosas do mundo judaico, os exércitos vermelhos soviéticos, ficaram abaladas pelos sacrifícios do proletariado húngaro. Na cidade de Miskolc, no norte da Hungria, os oficiais das divisões blindadas russas que tiveram ordem de avançar contra os estudantes universitários, suicidaram-se na rua, dando um tiro na própria cabeça, para não terem de executar as ordens de assassinato. Com freqüência, soldados russos se entregavam como prisioneiros, dizendo que não matariam seus irmãos húngaros. Nos momentos mais críticos da revolução de Budapeste, muitas vezes acontecia que divisões interias de carros blindados passavam para o lado dos defensores da liberdade, e junto com eles atiravam contra os terroristas. Uma notícia de fonte fidedigna conta que uma enorme divisão de 400 unidades de tanques de guerra mandou emissários aos defensores da liberdade húngara, dizendo que estava disposta a usar os seus canhões T-54 contra os opressores dos húngaros, contanto que os húngaros se recusassem a negociar com os capitalistas ocidentais. Foi feito um acordo, mas já era tarde demais. Em 4 de novembro de 1956, as divisões blindadas russas tiveram ordem de atacar, e dessa vez a disciplina militar mostrou ser mais forte do que os sentimentos individuais dos soldados.

A confiança e a fé no maior exército dos judeus mundiais estava abalada. O mesmo aconteceu com a confiança dos soldados de outras nações subjugadas, que tomaram abertamente o partido do povo húngaro. O exército romeno não pôde ser mandado para a Hungria, porque os líderes judaicos romenos avisaram Moscou de que

suas unidades queriam passar para o lado dos húngaros.

"Quando chegar a hora" — disse um oficial russo de alta patente — "nós também viraremos as nossas armas contra os opressores judeus, conforme vocês fizeram. O erro de vocês foi apenas o de terem agido prematuramente!"

Os poderes por trás dos bastidores já não podem mais confiar no soldado russo. Mas será que eles podem confiar no soldado americano? Em que pese o fato de que a vida política americana ainda está muito ligada ao plano Morgenthau, no entanto o exército dos E.U.A. tem aprendido muito desde 1945. Ele viu o corpo esmagado do general Patton, os sofrimentos do povo alemão, derramou muito sangue na Coréia, e testemunhou como o judaísmo mundial afastou o general MacArthur, o vitorioso líder militar americano.

A revolução húngara de 1956 não foi o fim, mas sim apenas o começo. E a pergunta que esse começo criou para os conquistadores do mundo foi: até quando nós poderemos ir em frente?

Será possível continuarmos sendo conquistadores para sempre? Será possível continuar indefinidamente andando de carros blindados, como fizeram Rabinovich, Rákosi-Roth e gente dessa laia, protegidos, por enquanto, por guarda-costas mongóis, húngaros ou romenos? Poderemos ter certeza de que um dia os mongóis não se rebelarão também? Poderemos passear em iates de luxo na Flórida e nos sentar no cume da civilização, sem sermos presas e constantes temores de qualquer momento o nosso poder possa entrar em colapso? Até quando poderemos hipnotizar o mundo para fazê-lo crer que todo aquele que descobre nossas intenções não passa de um "anti-semita" cheio de ódio? E durante quanto tempo, ainda, deveremos manter acesa a chama do ódio entre os países para repetir os horrores de outra Auschwitz nos Estados Unidos?

Durante quanto tempo ainda conseguiremos mandar a elite dos países para a forca, e no entanto ainda chamá-los de "anti-semitas" quando eles se rebelam contra o nosso nacionalismo? Durante quanto tempo ainda poderemos continuar pregando o internacionalismo aos países, enquanto nós mesmos continuarmos a praticar o nacionalismo tribal mais extremo e mais radical? Até quando poderemos manter a balela de que se algum mal nos acontece, isso é "anti-semitismo", mas, se matamos alguém ou chacinamos países inteiros, isso é um ato de democracia americana ou então de libertação soviética? Quando nós destruímos, dizemos que estamos construindo; quando assassinamos, alegamos que é liberdade; quando nós aterrorizamos o mundo inteiro, isso é democracia; mas quando perdemos um membro da semente sagrada de Abraão, então o mundo inteiro tem o dever de chorar conosco! Se exploramos outros povos, como é próprio dos nossos princípios egoísticos, isso não é nacionalismo; mas se outros povos querem viver segundo os seus próprios princípios de vida independente, aí então dizemos que isso é barbarismo!

Até quando tudo isso irá continuar? Quando é que o mundo vai acordar? Até quando teremos de tolerar um estado de moralidade dupla, segundo o qual um judeu pode perpetrar praticamente qualquer crime contra uma pessoa qualquer? Quando é que o mundo irá acordar para a verdade de que por trás das guerras, das revoluções e dos cortiços imundos são os nossos planos que estão indo avante? Os elos da serpente simbólica já envolveram todo o globo terrestre e também a vida, a mentalidade e a moral das nações. Nivelou as massas por baixo e destruiu a individualidade, a fim de escravizar os povos. Então, quando é que os nossos escravos — as massas bárbaras — se sublevarão? Quando é que o mundo vai se conscientizar de que não

existe uma coisa como povo eleito, mas apenas opressores? Não seria melhor se nós mesmos acordássemos e pudéssemos encontrar um país que pudéssemos chamar de nosso? Não deveríamos continuar sendo opressores nesse país, mas sim apenas cidadãos livres; não estrangeiros odiados, e sim nativos da terra. Não valeria mais a pena sacrificar o Bezerro de Ouro e a metralhadora e encontrar um país nosso, por meio do suor e do trabalho dedicado? Não seria melhor termos lares seguros, no nosso próprio país, em vez de vivermos uma vida perigosa de opressores, banqueiros, ditadores ou de uma classe dominante, sempre perseguidos pelo fantasma das eternas trepidações e incertezas da nossa posição?

Os Sábios do Sião devem ter pensado em tudo isso antes, mas nenhum acordo é possível na vertigem de uma loucura chauvinista tão grande. Além do mais, isso é cada vez menos possível, quando se lida com um nacionalismo de vários milhares de anos de duração, que nos dias atuais não tem outra alternativa, senão a vitória ou a morte; ou o domínio do mundo ou a destruição!

Mas o povo cristão declara que ainda há outro caminho melhor. Para o mundo escravizado, estrangulado pelo aperto dos elos da serpente simbólica, existe o exemplo de Cristo com o seu chicote — Cristo, o maior de todos os "anti-semitas". Por trás do crucifixo do ódio dos saduceus Ele ergue bem alto o seu chicote, entre os vendilhões do templo. Esta é a contra-revolução cristã, que substituirá todos os valores que o judaísmo tirou da humanidade: o respeito pela autoridade pessoal, a restauração da independência dos países e da justiça para os pobres. Ela favorecerá todas as massas proletárias e fará os homens deixarem de olhar para as coisas materiais e contemplarem os astros.

Essa é a Resistência Cristã, este é o espírito da Quinta-Feira Santa erguendo-se contra o reino mundial dos judeus. Este é o Novo Testamento, cuja verdade talvez seja vitoriosamente reivindicada na última hora.

Pois São Pedro ergue-se uma vez mais ante as massas enganadas do povo, e, inspirado pelo Espírito Santo, grita em voz bem alta para os povos não judeus judaizados, que estão "sob a lei" dos judeus.

"Salvem-se desta geração depravada!" (Atos II, 40).

E a mensagem da Nova Era soa claramente contra a execução dos mandamentos dos Protocolos, com sua promessa de liberdade. Durante o século passado, outro slogan dizia: "Trabalhadores do mundo, uní-vos!". Mas hoje em dia, nessa civilização meio arruinada, o novo lema para um povo que desperta tem de ser:

"Povos antijudaicos do mundo, uní-vos, antes que seja tarde demais".

Epílogo

A luta pela liberdade travada pelos trabalhadores húngaros, camponeses e classes médias coloca todos os homens de boa vontade sob uma obrigação muito forte. Ela afeta não apenas os húngaros mas todos os países da Terra. Nós temos de juntar forças para quebrar o poder dos conquistadores do mundo, do contrário haverá uma terceira guerra mundial e os sobreviventes ou serão ignóbeis escravos do mundo judeu ou serão frangalhos humanos e imbecis degenerados pela radiação atômica e pelos efeitos do estrôncio.

Foi essa crença, e não o ódio, que me compeliu a escrever este livro. Nós não somos antiamericanos, porque nós gostamos dos fazendeiros americanos e os admiramos, como também somos admiradores dos trabalhadores e pioneiros americanos. Nós, os europeus, só não gostamos dos americanos de Morgenthau e de Baruch. De maneira semelhante, não somos inimigos do povo russo, mas somos inimigos mortais da União Soviética de Kaganovich e do bolchevismo judaico.

No futuro, se houver paz no mundo, não deverá haver nenhum "povo eleito", mas sim apenas nações livres, com direitos iguais. Esta é a única verdade, e no fim a verdade certamente prevalecerá.